Único

Pré-vestibular Redação

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

Autoria: Esther Pereira Silveira Rosado.

Diretor executivo: Nicolau Arbex Sarkis.

Gerência editorial: João Carlos Puglisi.

Coordenação de edição técnica: Marília L. dos Santos G. Ribeiro.

Edição técnica: Equipe de editores técnicos da Editora Poliedro.

Coordenação de produção editorial: Lívia Scherrer dos Santos.

Analista de produção editorial: Claudia Moreno Fernandes.

Coordenação de edição: Michelle Silva da Mata e Vivian Plascak Jorge.

Edição: Equipes de edição da Editora Poliedro.

Coordenação de revisão: Mariana Castelo Queiroz.

Revisão: Equipe de revisão da Editora Poliedro.

Coordenação de arte: Antonio Domingues e Kleber S. Portela.

Diagramação: Equipes de arte da Editora Poliedro.

Ilustrações: Equipes de ilustração da Editora Poliedro.

Coordenação de licenciamento: Ana Rute A. M. Perugini.

Licenciamento: Equipe de licenciamento da Editora Poliedro.

Projeto gráfico: Alexandre Moreira Lemes e Kleber S. Portela.

Projeto gráfico da capa: Bruno Torres e Varão Monteiro Junior.

Coordenador de PCP: Anderson Flávio Correia.

Impressão e acabamento: nywgraf Editora Gráfica Ltda.

Créditos: capa e frontispício Mopic/Shutterstock **5** Marcin Sadlowski/123rf.com • shho/Stockxchng • Giovanni Domenico Tiepolo/Wikimedia Commons **contracapa** bioraven/Shutterstock.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as obras de artes plásticas presentes nesta obra, sendo que sobre alguns nenhuma referência foi encontrada. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos faltantes, estes serão incluídos nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos nos arts. 28 e 29 da lei 9.610/98.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

São José dos Campos – SP
ISBN: 978-85-7901-043-9
Telefax: (12) 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br
www.sistemapoliedro.com.br

Copyright © 2015
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro

SUMÁRIO

1 Os tipos de texto 6

2 Modalidades de Redação 11

3 Definindo a narrativa 18

4 Os componentes narrativos 23

5 Foco narrativo 28

6 Os discursos narrativos 34

7 Planejando o texto narrativo 40

8 A verossimilhança narrativa 46

9 A narração e o uso dos clichês 50

10 A construção da personagem 53

11 A construção da espacialidade 57

12 A construção da temporalidade 61

13 Os dez pecados mortais da narração 64

14 A dissertação 67

15 As características da linguagem dissertativa 70

16 A divisão estrutural da dissertação: a tese, a argumentação e o fecho 73

17 Os tipos de tese: como iniciar uma dissertação 77

18 Os tipos de argumentação: os parágrafos mediais 82

19 Os tipos de fecho: como concluir uma dissertação 87

20 Dez pecados mortais da redação dissertativa I 90

21 A delimitação do tema: riqueza dissertativa 93

22 Coesão e coerência I: mecanismos de coesão 97

23 Coesão e coerência II: articulação sintático-semântica do texto 100

24 Coesão e coerência III: a macroestrutura do texto dissertativo 104

25 Os dez pecados mortais da redação dissertativa II 107

26 A redação subjetiva – Os temas subjetivos 110

27 A redação reflexiva – Os temas filosóficos 114

28 A carta 119

29 Elaborando um projeto de carta passo a passo 124

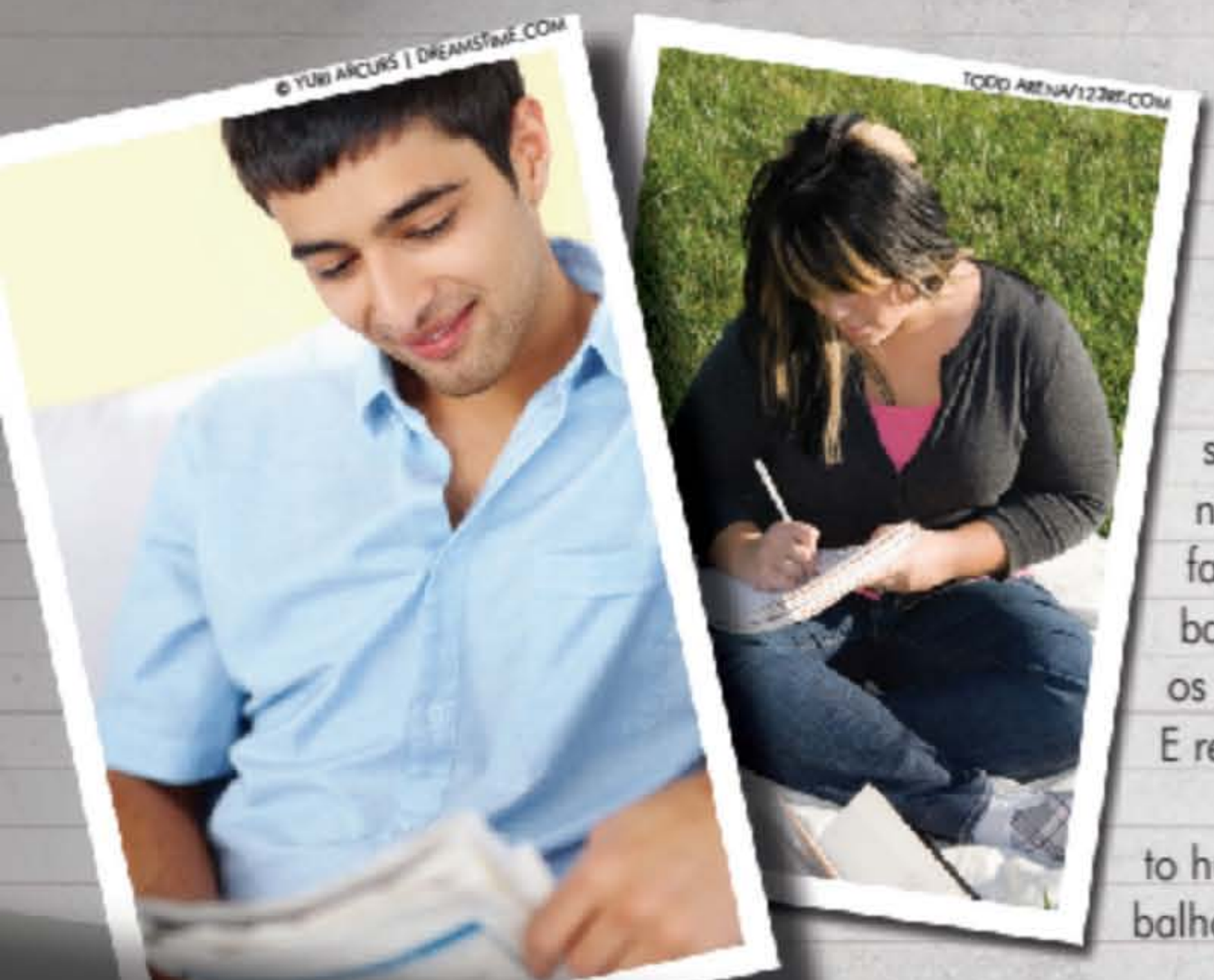
30 Variedades do gênero argumentativo 128

Temas complementares 133

Gabarito 142

1

Os tipos de texto



A primeira (e constante) pergunta que os alunos fazem aos professores de redação é a seguinte: como é que eu aprendo a escrever?

A resposta é a mesma, sempre: – Escrevendo; escrever se aprende escrevendo!

Isso quer dizer, em breves palavras: treino, perseverança e até uma boa dose de teimosia! Ninguém nasce sabendo escrever bem. E você pode aprender a fazer isso invejavelmente, desde que se disponha a trabalhar ideias, ler muito (jornais, livros e revistas), ouvir os outros, falar e, sobretudo, redigir os temas propostos. E religiosamente.

Na redação, como em outras áreas do conhecimento humano, noventa e nove por cento da produção é trabalho e transpiração, e o resto é inspiração.

O que é, afinal, um texto?

Podemos definir um texto para vestibular como **uma produção linguística escrita a partir de um contexto determinado e com intenção objetiva,** ou seja, em palavras mais simples, um texto escrito a partir de um determinado assunto (tema) e que possa ser entendido por um conjunto de corretores como manifestação do vestibulando sobre os fatos, circunstâncias, criaturas, acontecimentos, política, economia, restritos ao âmbito do Brasil ou do mundo.

É claro que existe no mundo uma gama enorme de textos não necessariamente escritos ou destinados ao vestibular: um *outdoor*, um quadro, uma fotografia.

As modalidades de redação

Neste capítulo, vamos nos dedicar a leituras de textos que exemplifiquem as modalidades da redação: uma **narração**, uma **carta**, uma **dissertação escolar**, um trecho de **artigo de jornal**. Enquanto estiverem sendo lidos, tente observar as características específicas de cada um deles, o jogo das palavras, a maneira como o autor as manipula para obter os resultados: fazer rir, contar um fato, negociar uma ideia, opinar sobre acontecimentos.

Texto 1 – Narração

História comum

...Caí na copa do chapéu de um homem que passava... Perdoe-me este começo; é um modo de ser épico. Entro em plena ação. Já o leitor sabe que caí, e caí na copa do chapéu de um homem que passava – resta dizer donde caí e por que caí. Quanto à minha qualidade de alfinete, não é preciso insistir nela. Sou um simples alfinete vilão, modesto, não alfinete de adorno, mas de uso, desses com que as mulheres do povo pregam os lenços de chita, e as damas de sociedade os fichus, ou as flores, ou isto, ou aquilo. Aparentemente vale pouco um alfinete; mas, na realidade, pode exceder ao próprio vestido. Não exemplifico; o papel é pouco, não há senão o espaço de contar a minha aventura.

Tinha-me comprado uma triste mucama. O dono do armarinho vendeu-me, com mais onze irmãos, uma dúzia, por não sei quantos réis; cousa de nada. Que destino! Uma triste mucama. Felicidade,— este é o seu nome,—pegou no papel em que estávamos pregados, e meteu-o no baú. Não sei quanto tempo ali estive; saí um dia de manhã para pregar o lenço de chita que a mucama trazia ao pescoço. Como o lenço era novo, não fiquei grandemente

desconsolado. E depois a mucama era asseada e estimada, vivia nos quartos das moças, era confidente dos seus namoros e arrufos; enfim, não era um destino principesco, mas também não era um destino ignóbil.

Entre o peito da Felicidade e o recanto de uma mesa velha, que ela tinha na alcova, gastei uns cinco ou seis dias. De noite, era despregado e metido numa caixinha de papelão, ao canto da mesa; de manhã, ia da caixinha ao lenço. Monótono, é verdade; mas a vida dos alfinetes, não é outra. Na véspera do dia em que se deu a minha aventura, ouvi falar de um baile no dia seguinte, em casa de um desembargador que fazia anos. As senhoras preparavam-se com esmero e afinco, cuidavam das rendas, sedas, luvas, flores, brilhantes, leques, sapatos; não se pensava em outra cousa senão no baile do desembargador. Bem quisera eu saber o que era um baile, e ir a ele mas uma tal ambição podia nascer na cabeça de um alfinete, que não saía do lenço de uma triste mucama? — Certamente que não. O remédio era ficar em casa.

— Felicidade, diziam as moças, à noite, no quarto, dá cá o vestido. Felicidade, aperta o vestido. Felicidade, onde estão as outras meias?

— Que meias, nhanhã?

— As que estavam na cadeira...

— Uê! nhanhã! Estão aqui mesmo.

E Felicidade ia de um lado para outro, solícita, obediente, meiga, sorrindo a todas, abotoando uma, puxando as saias de outra, compondo a cauda desta, concertando o diadema daquela, tudo com um amor de mãe, tão feliz como se fossem suas filhas. E eu vendo tudo. O que me metia inveja eram os outros alfinetes. Quando os via ir da boca da mucama, que os tirava da toilette, para o corpo das moças, dizia comigo, que era bem bom ser alfinete de damas, e damas bonitas que iam a festas.

— Meninas, são horas!

— Lá vou, mamãe! disseram todas.

E foram, uma a uma, primeiro a mais velha, depois a mais moça depois a do meio. Esta, por nome Clarinha, ficou arranjando uma rosa no peito, uma linda rosa; pregou-a e sorriu para a mucama.

— Hum! hum! resmungou esta. Seu Florêncio hoje fica de queixo caído . . .

Clarinha olhou para o espelho, e repetiu consigo a profecia da mucama. Digo isto, não só porque me pareceu vê-lo no sorriso da moça, como porque ela voltou-se pouco depois para a mucama, e respondeu sorrindo:

— Pode ser.

— Pode ser? Vai ficar mesmo.

— Clarinha, só se espera por você.

— Pronta, mamãe!

Tinha prendido a rosa, às pressas, e saiu.

Na sala estava a família, dous carros à porta; desceram enfim, e Felicidade com elas, até à porta da rua. Clarinha foi com a mãe no segundo carro; no primeiro foi o pai com as outras duas filhas. Clarinha calçava as luvas, a mãe dizia que era tarde, entraram, mas ao entrar caiu a rosa do peito da moça. Consternação desta; teima da mãe que era tarde, que não valia a pena gastar tempo em pregar a rosa outra vez. Mas Clarinha pedia que se demorasse um instante, um instante só, e diria à mucama que fosse buscar um alfinete.

— Não é preciso, sinhá aqui está um.

Um era eu. Que alegria a de Clarinha! Com que alvoroço me tomou entre os dedinhos, e me meteu entre os dentes, enquanto descalçava as luvas. Descalçou-as: pregou comigo a rosa, e o carro partiu. Lá me vou no peito de uma linda moça, prendendo uma bela rosa, com destino ao baile de um desembargador. Façam-me o favor de dizer se Bonaparte teve mais rápida ascensão. Não há dois minutos toda a minha prosperidade era o lenço pobre de uma pobre mucama. Agora, peito de moça bonita, vestido de seda, carro, baile, lacaio que abre a portinhola, cavalheiro que dá o braço à moça, que a leva escada acima; uma escada suada de tapetes, lavada de luzes, aromada de flores... Ah! enfim! eis-me no meu lugar.

Estamos na terceira valsa. O par de Clarinha é o Dr. Florêncio, um rapaz bonito, bigode negro, que a aperta muito e anda à roda como um louco. Acabada a valsa, fomos passear os três, ele murmurando-lhe coisas meigas, ela arfando de cansaço e comoção, e eu fixo, teso, orgulhoso. Seguimos para a janela. O Dr. Florêncio declarou que era tempo de autorizá-lo a pedi-la.

— Não se vexe; não é preciso que me diga nada; basta que me aperte a mão.

Clarinha apertou-lhe a mão; ele levou-a à boca e beijou-a; ela olhou assustada para dentro.

— Ninguém vê, continuou o Dr. Florêncio; amanhã mesmo escreverei a seu pai.

Conversaram ainda uns dez minutos, suspirando cousas deliciosas, com as mãos presas. O coração dela batia! Eu, que lhe ficava em cima, é que sentia as pancadas do pobre coração. Pudera! Noiva entre duas valsas. Afinal, como era mister voltar à sala, ele pediu-lhe um penhor, a rosa que trazia ao peito.

— Tome...

E despregando a rosa, deu-a ao namorado, atirando-me, com a maior indiferença, à rua...

Caí na copa do chapéu de um homem que passava e...

Machado de Assis. Contos. São Paulo: Ática, 1993. p. 89-90.

Texto 2 – Carta

Carta para Maria da Graça

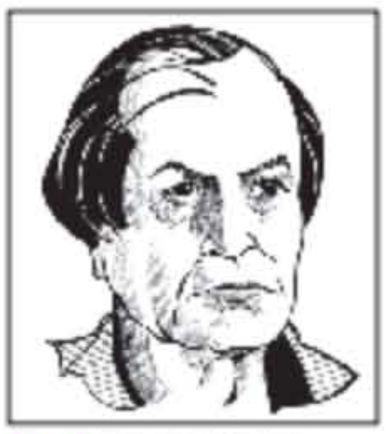


Fig. 1 Paulo Mendes Campos.

Quando ela chegou à idade avançada de 15 anos, eu lhe dei de presente o livro Alice no País das Maravilhas.

Este livro é doido, Maria. Isto é: o sentido dele está em ti.

Escuta: se não descobrires um sentido na loucura acabarás louca. Aprende, pois, logo de saída para a grande vida, a ler este livro como um simples manual do sentido evidente de todas as coisas, inclusive as loucuras. Aprende isso a teu modo, pois te dou apenas umas poucas chaves entre milhares que abrem as portas da realidade. A realidade, Maria, é louca.

Nem o Papa, ninguém no mundo, pode responder sem pestanejar à pergunta que Alice faz à gatinha: "Fala a verdade, Dinah, já comeste um morcego?".

Não te espantes quando o mundo amanhecer irreconhecível. Para melhor ou pior, isso acontece muitas vezes por ano. "Quem sou eu no mundo?" Essa indagação perplexa é o lugar-comum de cada história de gente. Quantas vezes mais decifrares essa charada, tão entranhada em ti mesma como os teus ossos, mais forte ficarás. Não importa qual seja a resposta; o importante é dar ou inventar uma resposta. Ainda que seja mentira.

A sozinhez (esquece essa palavra que inventei agora sem querer) é inevitável. Foi o que Alice falou no fundo do poço: "Estou tão cansada de estar aqui sozinha!" O importante é que ela conseguiu sair de lá, abrindo a porta. "A porta do poço!" Só as criaturas humanas, nem mesmo os grandes macacos e os cães amestrados conseguem abrir uma porta bem fechada e vice-versa, isto é, fechar uma porta bem aberta.

Somos todas tão bobas, Maria. Praticamos uma ação trivial, e temos a presunção petulante de esperar dela grandes consequências.

Quando Alice comeu o bolo, e não cresceu de tamanho, ficou no maior dos espantos. Apesar de ser isso o que acontece geralmente às pessoas que comem bolo.

Maria, há uma sabedoria social ou de bolso; nem toda sabedoria tem de ser séria ou profunda.

A gente vive errando em relação ao próximo e o jeito é pedir desculpas sete vezes por dia: "Oh, I beg your pardon!" Pois viver é falar de corda em casa de enforcado. Por isso te digo para a tua sabedoria de bolso: se gostas de gato; experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice: "Gostarias de gatos se fosses eu?".

Os homens vivem apostando corrida, Maria. Nos escritórios, nos negócios, na política, nacional e internacional, nos clubes, nos bares, nas artes, na literatura, até amigos, até irmãos, até marido e mulher, até namorados, todos vivem apostando corrida. São competições tão confusas, tão cheias de truques, tão desnecessárias, tão fingindo que não é, tão ridículas muitas vezes, por caminhos tão escondidos, que, quando os corredores chegam exaustos a um ponto, costumam perguntar: "A corrida terminou! Mas quem ganhou?". É bobice, Maria da Graça, disputar uma corrida se a gente não conseguirá saber quem venceu. Para o bolso: se tiveres de ir a algum lugar, não te preocupe a vaidade fatigante de ser a primeira a chegar. Se chegares sempre aonde quiseres, ganhaste.

Disse o ratinho: "Minha história é longa e triste!" Ouvirás isso milhares de vezes. Como ouvirás a terrível variante: "Minha vida daria um romance". Ora, como todas as vidas vividas até o fim são longas e tristes, e como todas as vidas dariam romances, pois um romance é só o jeito de contar uma vida, foge, polida mas energicamente, dos homens e das mulheres que suspiram e dizem: "Minha vida daria um romance!". Sobretudo aos homens. Uns chatos irremediáveis, Maria.

Os milagres sempre acontecem na vida de cada um e na vida de todos. Mas, ao contrário do que se pensa, os melhores e mais fundos milagres não acontecem de repente, mas devagar, muito devagar. Quero dizer o seguinte: a palavra depressão cairá de moda mais cedo ou mais tarde. Como talvez seja mais tarde, prepara-te para a visita do monstro, e não te desesperes ao triste pensamento de Alice: "Devo estar diminuindo de novo". Em algum lugar há cogumelos que nos fazem crescer novamente.

E escuta esta parábola perfeita: Alice tinha diminuído tanto de tamanho que tomou um camundongo por um hipopótamo. Isso acontece muito, Mariazinha. Mas não sejamos ingênuos, pois o contrário também acontece. E é um outro escritor inglês que nos fala mais ou menos assim: o camundongo que expulsamos ontem passou a ser hoje um terrível rinoceronte. É isso mesmo. A alma da gente é uma máquina complicada que produz durante a vida toda uma quantidade imensa de camundongos que parecem hipopótamos e de rinocerontes que parecem camundongos. O jeito é rir no caso da primeira confusão e ficar bem-disposto para enfrentar o rinoceronte que entrou em nosso domínio disfarçado de camundongo. Mas como tomar o pequeno por grande e o grande por pequeno é sempre meio cômico, nunca devemos perder o bom humor. Toda pessoa deve ter três caixas para guardar humor: uma caixa grande para o humor mais ou menos barato que a gente gasta na rua com os outros; uma caixa média para o humor que a gente precisa ter quando está sozinho para perdoares a ti mesma, para rires de ti mesma; por fim, uma caixinha preciosa, muito escondida, para as grandes ocasiões. Chamo de grandes ocasiões os momentos perigosos em que estamos cheios de sofrimento ou de vaidade, em que sofremos a tentação de achar que fracassamos ou triunfamos, em que nos sentimos umas drogas ou muito bacanas. Cuidado, Maria, com as grandes ocasiões.

Por fim, mais uma palavra de bolso: às vezes uma pessoa se abandona de tal forma ao sofrimento, com uma tal complacência, que tem medo de não poder sair de lá. A dor também tem o seu feitiço, e este se vira contra o enfeitiçado. Por isso Alice, depois de ter chorado um lago, pensava: "Agora serei castigada, afogando-me em minhas próprias lágrimas".

Conclusão: a própria dor tem a sua medida. É feio, é imodesto, é vão, é perigoso ultrapassar a fronteira de nossa dor, Maria da Graça.

Paulo Mendes Campos. "Para Maria da Graça". *In: O amor acaba*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. © by Joan A. Mendes Campos.

Texto 3 – Dissertação

A hora certa de decidir

O ser humano nem sempre sabe a hora de tomar decisões, de enfrentar controvérsias. Muitos já reconheceram a transitoriedade da vida, mas, ainda assim, a dúvida quanto ao tempo certo de duração de cada momento continua. A única certeza que o homem tem é que os segundos passam incansavelmente e chegará a hora drástica na qual não se poderá mais adiar as escolhas.

Por volta do século XVIII, poetas arcadistas transformaram a ideia do "carpe diem" barroco e utilizaram constantemente em suas obras para valorizar os momentos da vida. Ao reconhecer que a vida passa, eles incentivaram o homem a aproveitar cada instante do dia para cumprir com suas obrigações e desejos.

Contudo, resta a dúvida quanto ao tempo certo de cada coisa. O ser humano tem consciência de que precisa tomar atitudes, só não determina com precisão quando. É o que ocorre quanto à carreira.

Enquanto crianças, as pessoas sonham com certas profissões, mas, devido aos anos que as separam do futuro concreto, a insegurança da decisão não as consome. Porém, ao chegar na adolescência, quando é preciso optar por uma determinada carreira, os sonhos muitas vezes se desfazem e a realidade do futuro torna difícil um julgamento. É fácil dizer o que seguirá enquanto pode mudar de opinião sem prejuízos.

Acontece que, ao prestar vestibular, a possibilidade de mudança estreita-se e o jovem entende que, após aquela escolha, a burocracia das matrículas e os próprios exames para aprovação no curso constituirão-se em obstáculos para uma transição de carreira.

Dessa forma, a pressão própria de cada indivíduo, somada àquela que diz respeito à família, aos professores e aos amigos, faz com que ele tente decidir por algo definitivo, que o tornará feliz para sempre.

Neste momento, o jovem lembra que não sabe se poderá ser feliz para sempre naquela profissão, pois a vida é transitória e cada momento de satisfação dura por tempo indeterminado. Tentando fugir da angústia de ter que pôr em risco sua própria felicidade, ele adia a escolha até quando a sociedade o faz agir.

Se esse momento corresponde ao dia do vestibular, ao dia de matrícula em um curso específico ou de preparação, ou a qualquer outro acontecimento, não importa, pois nessa hora haverá um ser humano superando seus medos e decidindo sua vida.

Maria Cecília da Silva Martins.

Texto 4 – Artigo de jornal

Renovar o Enem

Exame enfrenta percalços por manter o gigantismo de teste único; saída é aplicar provas equivalentes, mas distintas, em tempo e locais variados

O açodamento com que o Ministério da Educação (MEC) se lançou na transformação do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) em principal porta de acesso às universidades federais está na raiz de seus sucessivos fiascos. Com um pouco mais de planejamento, seria possível evitar o grave prejuízo à imagem de um sistema que possui inegáveis méritos.

A formulação do Enem se baseia em técnicas modernas de avaliação. O mesmo tipo de prova é aplicada em exames reconhecidos como eficazes em diversos países. É o caso do SAT norte-americano (sigla que significa teste de avaliação escolar, em inglês) e também o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), adotado por membros da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

Essas provas são baseadas em questões classificadas por grau de dificuldade. O escore final de cada participante resulta de cálculos estatísticos que levam em conta o desempenho do candidato nas perguntas consideradas mais e menos difíceis. Dito de outro modo, a necessária isonomia entre os participantes fica garantida por essa ponderação. Não é obrigatório que todos os estudantes respondam um rol de perguntas de conteúdo idêntico, como no vestibular – basta que elas se equivalham em grau de dificuldade.

É consensual que essa técnica permite comparar de forma justa alunos que fizeram exames diversos, mesmo que em diferentes momentos e países.

Tanto é assim que o SAT americano conta com sete aplicações ao longo de um ano. No plano original do Ministério da Educação, o novo Enem deveria ter três edições anuais.

Boa parte dos percalços que a prova enfrenta vem da tentativa de conjugar esse modelo com o gigantismo do velho vestibular: um sistema de avaliação que, embora imaginado para permitir a compilação de múltiplas provas, tem de ser realizado em escala nacional como prova única.

O pesadelo logístico de fazer chegar um exame de conteúdo idêntico a mais de 3 milhões de estudantes, num país do tamanho do Brasil, carrega consigo o germe do fracasso. O método cria um prêmio alto demais para o vazamento, valorizando as muitas oportunidades de quebra de sigilo.

A saída não está em uma marcha à ré. Ao contrário, cabe persistir na lógica do Enem e apressar a constituição de um grande banco de questões codificadas.

Isso permitiria diversificar as provas, que poderiam ser organizadas de forma regionalizada – ou mesmo com a aplicação de vários exames numa mesma região. Também seria possível propor mais de um teste ao longo de um mesmo ano. Não seria um exame à prova de fraude, o que não existe, mas contribuiria para evitar problemas e superar o arcaísmo dos grandes vestibulares.

Folha de S.Paulo, 11 nov. 2010.

Comentários gerais

Cada um dos textos citados, como você pôde observar, possui uma peculiaridade, um jeito especial que o autor lhe imprime, um certo modo de escrever: o **primeiro** é uma narrativa em terceira pessoa e a história faz refletir pela grande carga lírica que nos é apresentada. As personagens mantêm diálogos e possuem características típicas quando enfocadas; dessa forma, o texto 1 concentra-se ao redor de acontecimentos ficcionados, transformados na realidade do que é narrado.

O **segundo** é uma **carta** e você percebeu que ela tem **cunho lírico** (sentimental, apaixonado), dirige-se à adolescente Maria da Graça e chama a atenção para algo de que todos nós já provamos: apostar "corrida", disputar lugares, estar no mundo correndo atrás de algo de que precisamos, sonhamos, queiramos como prioridade.

SAIBA MAIS

No vestibular, a carta pedida se dirige especificamente a uma pessoa conhecida (um presidente, um jogador de futebol, um deputado, um ministro, um astro de tevê) e deve carregar as marcas da **interlocução**, dirigindo-se àquela pessoa em particular, a fim de convencê-la sobre o ponto de vista do codificador (que é você!).

O **terceiro** texto poderia ser seu: foi escrito por uma aluna do Curso Poliedro, em atividade de classe, sobre o tema "Decisões". Trata-se de uma **dissertação**, gênero textual que apresenta: enfoques críticos, pontos de vista, exemplos, aproximações.

O quarto texto é um artigo escrito para o jornal *Folha de S.Paulo*, cuja temática apresenta problemas sociais: a baixa escolarização do jovem e a dificuldade de ingresso no mercado de trabalho.

Como você pode observar, existem muitas formas de escrever, fazer manifestar (ou não) os nossos pontos de vista, opiniões e argumentos. O vestibular não pedirá que você escreva um poema, uma epopeia, apenas testará sua competência informativa quando pedir uma dissertação ou carta, ou capacidade de ficcionar quando solicitar uma narrativa.

TEXTO COMPLEMENTAR

Quem pode escrever uma página, pode escrever dez.

E quem sabe fazer uma novela, deve saber fazer um livro, porque uma série de capítulos é uma série de novelas.

Portanto, qualquer pessoa que tenha mediana aptidão e leitura poderá escrever, se quiser, se souber aplicar-se, se a arte a interessar, se tiver o desejo de emitir o que vê e de descrever o que sente.

Cândida Figueiredo. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. Lisboa: Livraria Clássica, 1958. p. 9.

Proposta de Redação

NELSON GARRIDO

Catador de papel.

Escolha uma das propostas de redação, a seguir, para exercitar.

Tema 1

As imagens também são textos, pois transmitem informações que podemos decodificar. Faça a leitura da imagem do catador de papel: veja os detalhes, tente imaginar o que escreveria a respeito do que vê, que tipo de existência há do outro lado.

Olhe bem, observe cuidadosamente: o que você está vendo ali? Que história está guardada por detrás dessa pessoa?

E é exatamente sobre isso que agora você vai escrever. Use 35 linhas, no máximo, e, ao finalizar sua história, dê-lhe um bom título.

Tema 2

Leia, com atenção, o texto que segue. Nele, uma personagem se destaca. Quem é? Como é? Faça-a personagem principal da narrativa que você criará. Coloque-a em um determinado tempo e lugar (não necessariamente os mesmos do texto apresentado). Faça-a agir, dentro de uma história interessante. Escolha o foco narrativo (primeira ou terceira pessoa) e os tipos de discurso que desejar (direto, indireto ou indireto livre).

[...]
Na noite de estreia do circo
vai completa toda a família.
Vai completa, e só quando volta
se vê que incompleta da filha.
[...]

João Cabral de Mello Neto, versos de "O circo".

Modalidades de Redação

2

Narrar é a primeira manifestação do ser humano no mundo. Ainda na Pré-história, cenas de caças e animais eram representados nas paredes das cavernas por meio de desenhos rudimentares (arte rupestre). Com o passar do tempo, a narrativa aparece para contar, registrar, expor, encadear, historiar todos os feitos pelos mais diversos modos: histórias em quadrinhos, novelas de tevê, notícias de jornal, epopeias etc.

O ato de narrar inclui a oralidade, pois existem narrativas sob a forma de conversas informais (fuxicos, comentários etc.). Ainda é possível citar fábulas e lendas que são passadas de geração em geração. Estas últimas são simbólicas e, como os contos de fada e as histórias dos deuses gregos, por exemplo, acabam sendo um testemunho sempre presente da existência humana como seres modificadores.

Modalidades de redação

Em primeiro lugar, um esclarecimento: tudo o que se escreve pode ser chamado de redação. Desde bilhetes, cartas, letras de música, circulares, ofícios, mensagens dos telegramas, artigos de jornais, boletins de ocorrência, livros, histórias em quadrinhos.

Mas há, entre todos estes escritos, três modalidades redacionais. Apenas três; não há nenhuma outra classificação para isso: narrar, descrever e dissertar. E lá vem você perguntando sobre cartas no vestibular... Um quarto e inesperado modal? Não, não. A carta encaixa-se dentro do projeto dissertativo.

A narração

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinho, nos faits divers, na conversação.

Além disto, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas e, frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica,transcultural, a narrativa está aí como a vida.

Roland Barthes. *A câmara clara*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Levando em consideração que, em princípio, as narrativas eram feitas oralmente, a narração é a forma mais antiga que os homens – e os fuxiqueiros em geral – usaram para se comunicar.

Ela pode aparecer sob as formas mais inesperadas, inclusive em gestos, e, na escrita, aparece também em versos (pegue como primeiro exemplo as epopeias), na letra de uma música, nos romances, novelas, contos e crônicas e até nas histórias em quadrinhos.

Ao desenhar uma caçada nas paredes de uma caverna, nosso ancestral deixou ali um registro, um depoimento para o futuro. Obviamente, não sabia disso, mas talvez pressentisse que o seu gesto funcionaria como uma espécie de depoimento para a posteridade. Como se pudesse nos dizer: "Estive aqui e o que você vê é parte das histórias que um dia vivi."

Além disso, é preciso que se diga que toda a narrativa é ficção: ao retirar os fatos do cotidiano, ao passá-los para um papel ou computador, o homem recria o mundo vivido, acrescenta ou elimina cauteloso certos fatos, ilumina alguns mais escuros e menores, sublima ou castiga algumas personagens. Toda narrativa é reinvenção da realidade, toda a narrativa ressalta particularidades que interessam ao narrador: umas brincalhonas, outras irônicas, outras tão sérias ou metafóricas. Recordando Clarice Lispector, *narrar é lembrar-se do que nunca existiu.* Ou, pelo contrário, existiu demais dentro de nós.

Veja, nos textos a seguir, exemplos de variadas formas narrativas.

Texto 1

Eros e Psyche

Conta a lenda que dormia
Uma Princeza encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Elle tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princeza vem.

A Princeza Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Elle d'ella é ignorado,
Ella para elle é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –
Ella dormindo encantada,
Elle buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, elle vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em somno ella mora,
E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que elle mesmo era
A princeza que dormia.

Fernando Pessoa. *Mensagem – Poemas esotéricos*. p. 165-6.

Texto 2

A outra noite

Nunca entendera bem por que Deus, em sua infinita bondade e glória, expulsou Adão e Eva do Paraíso depois que eles comeram da Árvore da Sabedoria.

Também nunca entendera o que dissera aquele deus ao expulsá-los: Tu, Adão, ganharás a tua vida com o suor do seu rosto; e tu, Eva, parirás entre dores...

Parecia esquisito para um Deus tão amoroso...

Uma noite, no entanto, insurgira-se a serpente entre os seus miolos e soprara-lhe que Deus não tinha gostado nada de saber que Adão e Eva se instruíram e que, logo, poderiam discutir com ele sobre, sobre, sobre... guerras, pobres e ricos, oportunidades sociais.

Riu-se da ideia. E dormiu pensando que era feliz, que estava frio e tinha cobertas, roupas, comida e agasalho, família e emprego.

Não entendeu por que, na manhã seguinte, por mais que explicasse ao oficial de justiça que pagar os aluguéis – olha aqui os recibos! –, foi despejada e sua mudança colocada na calçada, debaixo de uma bruta chuva.

E tampouco entendeu por que, ao chegar tarde ao trabalho, o patrão vociferou, espumando de raiva, e mandou-a solenemente pro olho da rua.

<http://esther.rosado.zip.net/arch2006-07-02-2006-07-08.html>.

Texto 3 – Cartum narrativo

Um pouco de descrição

Não existe um texto de modalidade única; mas, especificamente, a descrição deve ser vista como modal auxiliar nas narrativas e dissertações. É muito comum, nas redações narrativas, a descrição obter destaque fundamental na caracterização de personagens, seres, ações, paisagens, estados de alma.

Para qualquer tipo de descrição, precisamos de alguns pressupostos e observar o mundo é um deles. Após isso, entram em nosso socorro os órgãos dos sentidos, sobretudo a visão, por meio da qual apreendemos o mundo com velocidade vertiginosa. Auxiliam-na o tato, o paladar, a audição e o olfato.

infante: criança, menino; filho dos reis de Portugal ou da Espanha, sem direito à sucessão no trono.

Observe agora as três crianças a seguir.

Fig. 1 Crianças – particularidades.

Se você fosse dizer, genericamente, de que seres se tratam, certamente usaria para designá-los um substantivo: crianças. No entanto, observando minuciosamente cada uma delas, encontrará particularidades específicas: esta é loura, aquela é morena e a outra é negra. Os olhos, bocas e narizes, bem como os cabelos ou postura são diferentes, dão a cada uma delas uma identidade precisa e particular, por meio da qual elas poderão ser reconhecidas.

É isso que a descrição pode fazer pelo seu texto: indicar minuciosamente os seres; mas também identificar cheiros e gostos, altura e largura, peso. Um grito, um tom de voz, a cor de olhos, a suavidade das mãos, um jeito de andar, tudo poderá ser indicado pela descrição.

E algo ainda não foi dito: descrevem-se também, em uma narração, **os estados ditos psicológicos**. Portanto, podemos descrever os sentimentos de uma personagem, demonstrando se ela está inquieta, triste, alegre ou ansiosa.

A descrição, como poderemos observar nos textos a seguir, exige um certo detalhamento, o que torna muito mais interessante o texto.

Texto 4

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, e onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

José de Alencar. *Iracema*. 24 ed. São Paulo: Ática, 1991.

Texto 5

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

Machado de Assis. "Capitu". *Dom Casmurro*. cap. XIII. São Paulo: Nobel, 2009.

Texto 6

Três meses e três dias depois do seu enterro o meu Jacinto nasceu.

Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a Sorte-Ruim, Jacinto medrou com a segurança, a rijeza, a seiva rica dum pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As Letras, a Tabuada, o Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de comando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fruta das merendas. Na idade em que se lê Balzac e Musset nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; – nem crepúsculos quentes o retiveram na solidão duma janela, padecendo dum desejo sem forma e sem nome. Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas – sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel – esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, à maneira das abelhas, com ligeireza, mobilidade e cantando. Rijo, rico, indiferente ao Estado e ao Governo do Homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as Ideias Gerais; e a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controvérsias, circulava dentro das Filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa dum tanque. O seu valor, genuíno, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desapreciado; e toda a opinião, ou mera facécia que lançasse, logo encontrava uma aragem de simpatia

graúna: ave passeriforme, icterídea (*Psomocolax oryzivorus*), de coloração geral preta com brilho violáceo e bico preto. Ave passeriforme, icterídea (Gnorimopsar chopi sulcirostris), de coloração geral preta com brilho azulado. Ambas as espécies, largamente distribuídas no Brasil e países limítrofes, são granívoras, e causam grandes estragos nos arrozais, por ocasião das colheitas;
jati: inseto himenóptero, meliponídeo (*Plebleia (Plebeia) mosquito*), escuro com desenhos amarelos, que nidifica em fendas de árvores, rochas etc., e cujo mel é escasso;
oiticica: árvore da família das rosáceas (*Licania rigida*), que habita o Nordeste, e de cuja semente se tira óleo secativo muito útil. 2. Árvore da família das moráceas (*Clarisia racemosa*), que se estende da Amazônia ao Nordeste e produz madeira de boa qualidade, sobretudo para fazer canoas.

e concordância que a erguia, a mantinha embalada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas coisas com docilidade e carinho – e não recordo que jamais lhe estalasse um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta pérfida emperrasse.

Eça de Queirós. *A cidade e as serras*. Apresentação: Caio Gagliarde. São Paulo: Hedra, 2006. p. 41-2.

Por fim, leia atentamente o texto a seguir e observe como o tato é ponto fundamental para compreender e descrever o mundo dos sentimentos humanos.

Texto 8

Uma Jaca no Escuro

REPRODUÇÃO

Fig. 2 Jaca.

Fomos a São Paulo num fim de semana desses: calor enorme, paramos já na volta, para comprar cocos, mas eu – ah meninice tão distante! – pus os olhos sobre uma jaca! E o dono do caminhão me convenceu em dois tempos, rara delicadeza de pessoa:

– Minha amiga, qual é mesmo a sua graça?

Há quanto eu não ouvia isso, dito assim, de maneira tão simpática?

Quando eu disse o meu nome, ele me olhou, olhou e concluiu:

– É bíblico... leve a jaca, são 3 reais, leve minha amiga...

Tive vontade de dizer que não, que em casa ninguém gosta, só eu, que o cheiro invade tudo, que as pessoas detestam e acabariam por me expulsar de casa. Mas os olhos dele eram respeitosos e bons e eu disse, num repente:

– Levo!

Trouxe a tal jaca, fruto tão antigo, talvez, quanto o primeiro homem sobre a face da terra. Meu filho menor torcia o nariz: credo! Meu marido preferiu o silêncio dos que sabem que é melhor calar diante de uma mulher e uma jaca... as duas tão inesperadas...

Chegamos com início de chuva e eu a coloquei sobre a mesa da sala de almoço, imaginando que na manhã seguinte minha secretária ficaria danada: trabalhando há dois anos comigo, seria a segunda jaca que ela... descascava. E a primeira, confesso aqui, não foi boa experiência: as mãos grudaram [...], meleca dos diabos e... aquele cheiro.

A casa dormiu, mas eu nem durmo, fico no computador, vejo filmes ou escuto música, leio, escrevo. E então desabou sobre a cidade uma chuva terrível, uma quase tempestade que me assustou: marido e filho dormiam placidamente e os raios despencavam sobre as casas.

De repente, lembrei-me de que, embora tenhamos luz de emergência à mão, eu havia deixado sobre a mesa da sala de almoço, bem perto da fruta comprada, uma vela e um isqueiro. O vento zunia nas árvores de lá fora. E a luz se apagou. Com medo de que meu filho ainda pequeno acordasse no escuro, entre raios e trovões como se dos primórdios, deslizei pelo corredor, tateando, as mãos na frente do corpo, mais cega do que na mais profunda de todas as escuridões. Alcancei a sala de almoço, não sem antes bater o ombro na porta: que tipo de cegueira é esta, momentânea, mas tão funda?

E de mãos estendidas sobre a mesa, alcancei com a ponta dos dedos a fruta agora misteriosa: uma jaca no escuro! Ah, nem sei o que me passou pela cabeça naquele momento! Uma jaca no escuro, senhoras e senhores, é uma coisa louca de se aprender como lição.

Fiquei ali, os dedos experimentadores, diante da experiência sem olhos para ver. De pé, a ponta dos dedos tateando, eu era uma mulher tentando entender o mundo e o mundo era, agora, aquela tempestade lavando o mundo, e esta jaca inesperada no escuro...

Senti o cheiro adocicado. E era como se uma jaca no escuro da noite jamais pudesse acontecer sem que trouxesse seu odor selvagem que meus antepassados um dia, nos quentes das profundezas da floresta, sentiram atônitos.

Fiquei ali, as pontas dos dedos sentindo os quase-espinhos ouriçados. Eu era, ainda que momentaneamente, cega entre os cegos. E estava inquieta, surpresa e maravilhada.

A música da tempestade continuava com seu chicote de águas contra os vidros. Sentei-me na cadeira, pensando em quanto era estranho ver com a ponta dos dedos. E ri, aflita e destemida, tal como um cego, certamente, também ri em seus vazios sem luz.

Não acendi a vela, não fui atrás de luminosidade.

Estive ali sentada e meu corpo, casa que me abriga, me abrigava mais uma vez. Estava tentando compreender o mundo das coisas que estão escondidas e que não vejo porque não quero, não pressinto porque não tenho a urgência: tenho olhos. E aquela jaca, assim no escuro, me mostrava que nem tudo o que existe eu compreendo, nem mesmo o que a ponta de meus dedos sente porque tudo e todas as coisas me seduzem, me levam e me ensinam que ainda há muitos meios de ler a vida.

Esther Rosado.

Palavra final sobre descrição

Não imagine que a descrição auxilie apenas os textos narrativos literários, como os que acabamos de ler. Ela pode ser encontrada em artigos científicos, jornalísticos ou, pasme, até em um laudo médico pericial. Aparece em artigos de história, geografia, matemática ou física. Auxilia qualquer redação técnica. Observe isso:

A colina central ficava circundada de uma ornamentação paisagística europeia, atravessada pelas impressionantes estruturas metálicas dos viadutos do Chá e da Santa Efigênia importadas direto da Alemanha, e cingida pela arquitetura neorrenascentista do Teatro Municipal, êmulo fáustico da Ópera de Paris, a assinalar uma súbita reformulação do panorama refletindo mudança radical na identidade da capital. Nos limites deste complexo paisagístico figuravam, ao norte, a Estação da Luz, totalmente importada da Inglaterra até os últimos tijolos e os menores parafusos, segundo os modelos da Estação de Paddington [...]

Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 116.

TEXTO COMPLEMENTAR

Crônica de d. João II

Foi El-Rei d. João homem de corpo, mais grande que pequeno, mui bem feito, e em todos seus membros mui proporcionado; teve o rosto mais comprido, que redondo, e de barba em boa conveniência povoado. Teve os cabelos da cabeça castanhos, e corredios; porém em idade de trinta e sete anos, na cabeça, e na barba era já mui cão, de que mostrava receber grande contentamento, pola muita autoridade que a sua Dignidade Real suas cãs acrescentavam: e os olhos de perfeita vista, e às vezes mostrava nos brancos deles umas veias, e mágoas de sangue, com que nas cousas de sanha, quando era dela tocado, lhe faziam o aspecto mui temeroso. E porém nas cousas de honra, prazer, e gasalhado, mui alegre, e de mui real, e excelente graça: o nariz teve um pouco comprido, e derribado algum tanto sem fealdade. Era em todo mui alvo, salvo no rosto que era corado em boa maneira. E até a idade de trinta anos foi mui enxuto de carnes, e depois foi nelas mais revolto. Foi príncipe de maravilhoso engenho, e subida agudeza, e mui místico para tôdalas cousas; e a confiança grande que disso tinha, muitas vezes lhe fazia confiar mais de seu saber, e creu conselhos de outrem menos do que devia. Foi de mui viva, esperta memória, e teve o juízo claro e profundo [...].

Fernão Lopes.

Após a leitura do trecho, é possível verificar a predominância da descrição de pessoa. Fernão Lopes se vale da descrição intensa para trazer diante dos seus olhos de leitor a figura de um rei: postura, cabelos, olhos, nariz, traços faciais, maneira de ser.

Em uma época em que não havia a fotografia, a descrição tem a força de um retrato; por meio dela, Fernão Lopes capta características, peculiaridades, interesses.

Mais: o que seria de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, ou da chamada Literatura de Viagens se não houvesse a saborosa descrição dos fatos, pessoas, terras, acontecimentos?

Pense sobre isso: a descrição é um tempero esplêndido no que se escreve. É o que dá sabor ao texto.

mui cão: encanecido, de cabelos brancos;
cãs: cabelos brancos na lateral da cabeça;
mágoas de sangue: manchas de sangue;
sanha: fúria, furor;
gasalhado: carinho.

Proposta de Redação

Unicamp 2010 (Adapt.).
Orientação geral: leia atentamente.
O tema geral da prova da primeira fase é **Gerações**.

Coletânea:
Articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. **O uso da coletânea é obrigatório.**

Atenção: sua redação **será anulada** se você desconsiderar a **coletânea** ou fugir ao **recorte temático** ou não atender ao **tipo de texto** da proposta escolhida.

Apresentação da coletânea

Em toda sociedade convivem gerações diversas, que se relacionam de formas distintas, exigindo de todos o exercício contínuo de lidar com a diferença.

1.

2. Para o sociólogo húngaro Karl Mannheim, a geração consiste em um grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveram os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilham a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo. Estes fatores dão origem a uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida. A interação de uma geração mais nova com as precedentes origina tensões potencializadoras de mudança social. O conceito que aqui está patente atribui à geração uma forte identidade histórica, visível quando nos referimos, por exemplo, à "geração do pós-guerra".

O conceito de "geração" impõe a consideração da complexidade dos fatores de estratificação social e da convergência sincrônica de todos eles; a geração não dilui os efeitos de classe, de gênero ou de raça na caracterização das posições sociais, mas conjuga-se com eles, numa relação que não é meramente aditiva nem complementar, antes se exerce na sua especificidade, ativando ou desativando parcialmente esses efeitos.

Manuel Jacinto Sarmento. "Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância". *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-78. maio/ago. 2005. <www.cedes.unicamp.br>. (Adapt.).

3. A partir do advento do computador, as empresas se reorganizaram rapidamente nos moldes exigidos por essa nova ferramenta de gestão. As organizações procuraram avidamente os "quadros técnicos" e os encontraram na quantidade demandada. Os primeiros quadros "bem formados" tiveram em geral carreiras fulminantes. Suas trajetórias pessoais foram tomadas como referência pelos executivos mais jovens. Aqueles "grandes executivos" foram considerados portadores de uma "visão de conjunto" dos problemas empresariais, que os colocava no campo superior da "administração estratégica", enquanto o principal atributo da nova geração passa a ser a contemporaneidade tecnológica. Os constrangimentos advindos do choque geracional encarregaram-se de fazer esses "jovens" encarnarem essa característica, dando a esse trunfo a maior rentabilidade possível. Assim, exacerbaram-se as diferenças entre os recém-chegados e os antigos ocupantes dos cargos. No plano simbólico, toda a ética construída nas carreiras autodidatas é posta em xeque no conflito que opõe a técnica dos novos executivos contra a lealdade dos antigos funcionários que, no mais das vezes, perdem até a capacidade de expressar o seu descontentamento, tamanha é a violência simbólica posta em marcha no processo, que não se trava simplesmente em cada ambiente organizacional isolado, mas se generaliza.

Roberto Grün. "Conflitos de geração e competição no mundo do trabalho". *Cadernos Pagu*. Campinas, vol. 13, p. 63-107, 1999. (Adapt.).

4. Ao longo da década de 1990, a renda das famílias brasileiras com filhos pequenos deteriorou-se com relação à das famílias de idosos. Ao mesmo tempo, há crescentes evidências de que os idosos aumentaram sua responsabilidade pela provisão econômica de seus filhos adultos e netos.

Ana Maria Goldani. *Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem-estar*. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil, p. 211. <www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/GoldaniAnaMariaCapitulo7.pdf>.

5. As relações intergeracionais permitem a transformação e a reconstrução da tradição no espaço dos grupos sociais. A transmissão dos saberes não é linear; ambas as gerações possuem sabedorias que podem ser desconhecidas para a outra geração, e a troca de saberes possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir, e assim, renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas. As gerações se renovam e se transformam reciprocamente, em um movimento constante de construção e desconstrução.

Maria Clotilde B. N. M. de Carvalho. *Diálogo intergeracional entre idosos e crianças*. Rio de Janeiro. PUC-RJ, 2007, p. 52. (Adapt.).

«HTTP://HUMORNAINFORMATICA.BLOGSPOT.COM.BR/2010/05/MEDOGAME.HTML»
TIRADA DA INTERNET.

Proposta

Leia a coletânea e elabore sua narrativa a partir do seguinte recorte temático.

O convívio entre gerações tem lugar privilegiado no ambiente familiar.

Instruções:

1. Imagine uma personagem jovem que vai estudar em outra cidade e passa a morar com os avós.
2. Narre o(s) conflito(s) da personagem, dividida entre os sentimentos em relação aos avós e as dificuldades de convívio com essa outra geração.
3. Sua história pode ser narrada em primeira ou terceira pessoa.

3 Definindo a narrativa

HERBERT JAMES DRAPER/WIKIMEDIA COMMONS

Quadro *Ulisses e as sereias*, de Herbert James Draper.

O homem, em toda a sua história, ocupou-se em narrar os fatos, registrá-los sob a forma de imagens ou palavras, tecer para si um universo que se estendia para além de sua própria vida, onde tudo era possível.

É dessa forma que apareceram as chamadas narrativas. Em qualquer civilização, a qualquer tempo, lá estão as histórias que os homens contaram.

Há uma infinidade de formas através das quais ela aparece: nas paredes de uma caverna, sob a forma de pintura rupestre, em contos árabes, como os de Sherazade, em livros como *Decamerão*, de Bocaccio, ou até nas epopeias clássicas.

Criar e recriar o universo circundante através das palavras sempre foi ofício humano.

Narrativa

Se narrar é contar algo, é preciso levar em consideração que o homem sempre quis contar histórias. Tanto nas novelas televisivas, quanto em uma parede de pedra em Altamira, existem fatos que o narrador quis legar para a futuridade. Em um quadro, nas histórias em quadrinhos, em uma fotografia familiar antiga, na letra de uma música, em uma simples piada, nas páginas policiais, lá está o legado humano: a história, uma história, a recriação de toda a realidade.

O ensaísta inglês Edmund Forster, teórico da literatura, em seu *Aspectos do Romance*, garante que narrar é uma atividade atávica, que todo homem é um guardador de histórias, um criador de narrativas.

Quem nunca ouviu falar em **Sherazade** que, em mil e uma noites, conseguiu safar-se da morte por degolamento porque sabia contar lindas histórias e, assim, fez com que o sultão a livrasse da sentença que aplicava às outras mulheres do harém e, admirando-a, fez dela sua esposa? Quem nunca ouviu falar do *Decamerão*, de Bocaccio. Trata-se de um grupo de jovens que contavam histórias entre eles enquanto se protegiam da peste, isolados em um castelo, esperando que a praga passasse e pudessem voltar para seus pais.

estofo: fibra, energia, firmeza.

Narrar é reinventar o mundo, é recriar a vida, é tentar ser uma espécie de criador de destinos.

Toda narrativa pressupõe quatro elementos básicos: personagem, tempo, ação e espaço. Não existe narrativa sem esses quatro componentes. Observe agora de que se compõe a estrutura narrativa.

A estrutura narrativa

Se tomarmos em consideração o romance, a novela ou o conto, o enredo terá de desenvolver-se da seguinte forma:

Sequência inicial (ou Exposição)

Quando os elementos da narração são apresentados ao leitor, personagens, cenários, tempo e ação, há uma multiplicidade de situações ainda não delineadas, criaturas que são vistas individualmente, ambientes que formam apenas um pano de fundo. Geralmente, as narrativas iniciam-se por um conflito (lance inicial), um problema, uma dúvida. Tome como exemplo *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: um narrador defunto contará a sua história; ou como em *Dom Casmurro*: o narrador quer "atar as duas pontas da vida"; ou como em *Senhora*: o relato de Aurélia Camargo, que "compra" um marido de pouco estofo moral por cem contos de réis.

Desenvolvimento narrativo

Decorre do encadeamento de feitos, ações. Os "destinos" das personagens se entrelaçam, aproximando-as, distanciando-as: as complicações narrativas encadeiam-se lentamente, o leitor é levado a conhecer o que propõe o texto. Histórias de personagens secundários e de protagonistas se misturam sequencialmente até que, finalmente, atinjam o **clímax**, ponto mais alto da narrativa, ocasião em que tudo se esclarece: vilões são punidos, amores são refeitos, criaturas se aproximam, tragédias ocorrem. Tomemos o exemplo da descoberta, por parte de Riobaldo, no livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, de que Diadorim é uma mulher.

Desfecho ou desenlace

É a conclusão, o "arremate" do texto.

Suponha o fim de novela de TV. Mocinho e mocinha felizes e casados, vilão preso, tudo em paz. É possível adivinhar o que vai acontecer no "arremate", no acabamento de tal novela: as personagens menores se acomodam em seus destinos, nasce uma criança, um casamento se faz. Todos serão felizes ou prosseguirão de qualquer modo suas vidas. É o fim da narrativa.

SAIBA MAIS

É preciso entender que a tripartição (sequência inicial, desenvolvimento narrativo e desfecho) pode ser alterada de acordo com a disposição que o narrador dá à temporalidade. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, a narrativa começa no ponto mais alto: o enterro do narrador, ponto de partida para que ele, "do outro lado da existência", inicie a narração, voltando à sequência inicial por meio de *flashbacks*.

Observe os textos a seguir, e tente, em cada um deles, demarcar sequência inicial, desenvolvimento narrativo, clímax e desfecho.

Texto 1

O Cajueiro

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-São-Jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, beijos, violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera; mas assim mesmo fiz questão de que Carybé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa. Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram, mas depois foram brincar nos galhos tombados.

Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

Rubem Braga. *Cem crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956. p. 320-22.

Texto 2

Gaetaninho

– Xi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

– Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

– Súbito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Êta salame de mestre!

Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araçá. Assim também não era vantagem.

Mas se era o único meio? Paciência.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza rapaz! Dentro do carro o pai, os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha, outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

cica: sabor, gosto.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia berrar mas a tia Filomena com a mania de cantar o "Ahi, Mari!" todas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E para sossego da família alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou, e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, Seu Rubino, que uma vez lhe deu um cocre danado de doído.

Os irmãos (esses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinhentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não haverem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo.

O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

– Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

– Meu pai deu uma vez na cara dele.

– Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

– Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

– Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

– Vá dar tiro no inferno!

– Cala a boca, palestrino!

– Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

– Sabe o Gaetaninho?

– Que é que tem?

– Amassou o bonde!

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.

Alcântara Machado. *Novelas Paulistanas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005 (Coleção Prestígio). p. 21-4.

TEXTO COMPLEMENTAR

As mil e uma noites, Sherazade, Ali Babá e os 40 ladrões

"Em dias que já lá vão e em tempos mui recuados, viviam, em certa cidade da Pérsia, dois irmãos: um se chamava Kasim e o outro Ali Babá" (Jamil Haddad. *Contos árabes*). Com essas palavras, mais uma história era iniciada e Sherazade contava para os nossos olhos e cérebros espantados, outra mais de suas mágicas histórias.

Havia "opulentos mercadores", cavalos fogosos, ladrões cujo bando se escondia em vasos de argila que estavam sendo transportados, valentes ginetes e o que mais hipnotizaria uma criança devoradora de livros: havia uma porta secreta em uma montanha e esta porta se abria ao som de um comando de voz: "Abra-te, Sésamo!" E a porta se abria, e lá dentro havia um tesouro.

As mil e uma noites guardavam, ainda, a história louca de Aladim e a lâmpada maravilhosa, um gênio e três desejos, ah como eu desejei um gênio daqueles para pedir, implorar que meu avô materno fosse mandado para... para o Ca-na-dá, ele que dava uns conselhos estranhos à minha mãe: "Essa menina, assim tão inventadeira de histórias, devia apanhar e muito!" Ou, ainda: "Lave a boca dessa sua filha com sabão!"

Sherazade, cujo nome até hoje eu não sei se se escreve com Sh ou X, era criatura das minhas: aprisionada para pertencer a um harém do sultão bigodudo, começou a contar a ele uma história e, como nunca terminava de contá-la, emendando uma à outra, não podia ser decapitada (sorte que muitas outras, coitadas, não tiveram depois de dormir com ele). Inventou e reinventou o mundo, acabou se safando da morte, poupada pela curiosidade de tal sultão.

Claro que Sherazade é só uma personagem, mas como foi duro engolir isso, meu Deus! Em árabe, o nome das mil e uma noites é Alf Lailah Oua Lailah e cada vez que meu pai dizia isso em voz alta, nós, as crianças, corríamos alegres para ouvir mais uma história.

Lendas que foram juntadas na Idade Média, *As mil e uma noites* se tornaram conhecidas no Ocidente pelo orientalista Antoine Galland, no início do século XVIII. É só o que sei. Mas guarda uma das histórias mais lindas que conheci: Simbad, o marujo. Ouvindo *As mil e uma noites*, eu sonhava a Pérsia e suas torres altas, seus homens que usavam turbante e sapatos pontudos, suas mulheres (eu acreditava que todas) odaliscas rebolantes e dançantes, com o umbigo de fora. Uma vez, chorei tanto no Carnaval e consegui, aos 8 anos, uma roupa de odalisca...

Não havia com tanta facilidade as centenas e centenas de ladrões como hoje, encontráveis facilmente em todas as partes do nosso país. Só mesmo um gênio da lâmpada, atualmente, para mandar a todos, sem exceção, diretos para a Pérsia... oooppppss!!! para o atual Irã.

Esther Rosado.

Proposta de Redação

Unicamp 2009 (Adapt.)

Orientação geral: leia atentamente.
O tema geral da prova é **O homem e os animais**.

Coletânea: articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. *O uso da coletânea é obrigatório.*
Atenção: sua redação *será anulada* se você desconsiderar a *coletânea* ou fugir ao *recorte temático* ou não atender ao *tipo de texto* da proposta escolhida.

Apresentação da coletânea

De acordo com a época e a cultura, o homem se relaciona de diferentes formas com os animais. Essa relação tem sido motivo de intenso debate, principalmente no que diz respeito à responsabilidade do homem sobre a vida e o bem-estar das demais espécies do planeta.

Coletânea

1. O fundamento jurídico para a proteção dos animais, no Brasil, está no artigo 225 da Constituição Federal, que incumbe o Poder Público de "proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou submetam os animais à crueldade". Apoiada na Constituição, a Lei 9605, de 1998, conhecida como Lei de Crimes Ambientais, criminaliza a conduta de quem "praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos". Contudo, perguntas inevitáveis surgem: como o Brasil ainda compactua, em meio à vigência de leis ambientais avançadas, com tantas situações de crueldade com os animais, por vezes aceitas e legitimadas pelo próprio Estado? Rinhas, farra do boi, carrocinha, rodeios, vaquejadas, circos, veículos de tração, gaiolas, vivissecção (operações feitas em animais vivos para fins de ensino e pesquisa), abate etc. – por que se mostra tão difícil coibir a ação de pessoas que agridem, exploram e matam os animais?

Fernando Laerte Levai. *Promotoria de Defesa Animal*. abr. 2008. <www.sentiens.net>. (Adapt.).

2. A Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou, no início de 2008, uma lei que, se levada à prática, obstruiria uma parte significativa da pesquisa científica realizada na cidade por instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), as universidades federal e estadual do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Câncer (Inca). De autoria do vereador e ator Cláudio Cavalcanti, um destacado militante na defesa dos direitos dos animais, a lei tornou ilegal o uso de animais em experiências científicas na cidade. A comunidade acadêmica reagiu e mobilizou a bancada de deputados federais do Estado para ajudar a aprovar o projeto de lei conhecido como Lei Arouca. A lei municipal perderia efeito se o projeto federal saísse do papel. Paralelamente, os pesquisadores também decidiram partir para a desobediência e ignorar a lei municipal. "Continuaremos trabalhando com animais em pesquisas cujos protocolos foram aprovados pelos comitês de ética", diz Marcelo Morales, presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica (SBBF) e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos líderes da reação dos cientistas. A interrupção do uso de animais geraria prejuízos imediatos com repercussão nacional, como a falta de vacinas (hepatite B, raiva, meningite, BCG e febre amarela), fabricadas, no Rio, pela Fiocruz, pois a inoculação em camundongos atesta a qualidade dos antígenos antes que eles sejam aplicados nas pessoas. "Também é fundamental esclarecer à população que, se essas experiências forem proibidas, todos os nossos esforços recentes para descobrir vacinas contra dengue, Aids, malária e leishmaniose seriam jogados literalmente no lixo", diz Renato Cordeiro, pesquisador do Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica da Fiocruz. Marcelo Morales enumera outros prejuízos: "pesquisas sobre células-tronco no campo da cardiologia, da neurologia e de moléstias pulmonares e renais, lideradas por pesquisadores da UFRJ, e de terapias contra o câncer, realizadas pelo Inca, teriam de ser interrompidas".

Fabrício Marques. "Sem eles não há avanço". *Revista Pesquisa Fapesp*, n.144, fev. 2008, p. 2-6. (Adapt.).

3. O Senado aprovou, em 9 de setembro de 2008, o projeto da Lei Arouca, que estabelece procedimentos para o uso científico de animais. A matéria vai agora à sanção presidencial. A lei cria o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), que será responsável por credenciar instituições para criação e utilização de animais destinados a fins científicos e estabelecer normas para o uso e cuidado dos animais. Além de credenciar as instituições, o CONCEA terá a atribuição de monitorar e avaliar a introdução de técnicas alternativas que substituam o uso de animais tanto no ensino quanto nas pesquisas científicas. O CONCEA será presidido pelo Ministro da Ciência e Tecnologia e terá representantes dos Ministérios da Educação, do Meio Ambiente, da Saúde e da Agricultura. Dentre outros membros, integram o CONCEA a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Academia Brasileira de Ciências, a Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), a Federação Nacional da Indústria Farmacêutica e dois representantes de sociedades protetoras dos animais legalmente estabelecidas no país.

Daniela Oliveira e Carla Ferenshitz. "Após 13 anos de tramitação Lei Arouca é aprovada". *Jornal da Ciência* (SBPC). <www.jornaldaciencia.org.br>. (Adapt.).

4. Grande parte de nossa sociedade acredita na necessidade incondicional das experiências com animais. Essa crença baseia-se em mitos, não em fatos, e esses mitos precisam ser divulgados a fim de evitar a consolidação de um sistema pseudocientífico. As experiências com animais pertencem – assim como a tecnologia genética ou o uso da energia atômica – a um sistema de pesquisas e exploração que despreza a vida. Um desses mitos é o de que tais experiências possibilitaram o combate às doenças e assim permitiram aumentar a média de vida. Esse aumento, entretanto, deve-se, principalmente, ao declínio das doenças infecciosas e à consequente diminuição da mortalidade infantil, cujas causas foram as melhorias das condições de saneamento, a tomada de consciência em questões de higiene e uma alimentação mais saudável, e não a introdução constante de novos medicamentos e vacinas. Da mesma maneira, os elevados coeficientes de mortalidade infantil no Terceiro Mundo podem ser atribuídos aos problemas sociais, como a pobreza, a desnutrição, e não à falta de medicamentos ou vacinas. Outro mito é o de que as experiências com animais não prejudicam a humanidade. Na realidade, elas é que tornam as atuais doenças da civilização ainda mais estáveis. A esperança da descoberta de um medicamento por meio de pesquisas com animais destrói a motivação das pessoas para tomarem uma iniciativa própria e mudarem significativamente seu estilo de vida. Enquanto nos agarramos à esperança de um novo remédio contra o câncer ou contra as doenças cardiovasculares, nós mesmos – e todo o sistema de saúde – não estamos suficientemente motivados para abolir as causas dessas enfermidades, ou seja, o fumo, as bebidas alcoólicas, a alimentação inadequada, o *stress* etc. Um último mito a ser destacado é o de que leigos, por falta de conhecimento especializado, não podem opinar sobre experiências com animais. Esse mito proporcionou, durante dezenas de anos, um campo livre para os vivisseccionistas. Deixar que os próprios pesquisadores julguem a necessidade e a importância das experiências com animais é semelhante a deixar que uma associação de açougueiros emita parecer sobre alimentação vegetariana. Não serão justamente aqueles que estão engajados no sistema de experiências com animais que irão questionar a vivissecção!

Bernhard Rambeck. "Mito das experiências em animais". *União Internacional Protetora dos animais*. <www.uipa.com.br>. (Adapt.)

Manifestação de militantes da ONG *Vegan Staff* na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). <www.veganstaff.org>, jul. 2008.

Proposta

Leia a coletânea e elabore sua narrativa a partir do seguinte recorte temático:

Os movimentos organizados em defesa dos animais têm sensibilizado uma parcela da sociedade, que busca adotar novas condutas, coerentes com princípios de responsabilidade em relação às diversas espécies.

Instruções

1. Imagine uma personagem que decide mudar de hábitos para ser coerente com sua militância em defesa dos animais.
2. Narre os conflitos gerados por essa decisão.
3. Sua história pode ser narrada em primeira ou terceira pessoa.

4

Os componentes narrativos

FRANK BERNARD DICKSEE/WIKIPEDIA

Fig. 1 Frank Bernard Dicksee. *Romeu e Julieta*, 1884. O pintor representou a famosa cena do livro *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, o encontro dos enamorados na sacada da casa dos Capuletos.

Sabemos que uma narrativa é composta de personagens que mobilizam a ação enquanto outras funcionam como coadjuvantes. Cada uma delas possui uma tipicidade e atua, na esfera da narração, dentro de determinados parâmetros. Há personagens planas, redondas, tipos, caracteres, símbolos. Todas contribuem para que a história que se lê ou se escreva torne-se mais interessante.

O tempo e o espaço também são componentes importantes e ajudam a dar credibilidade ao que escrevemos. Essa credibilidade, essa reinvenção tem que se aproximar ao máximo da realidade. Só assim será possível contar histórias, fazer nascer um mundo que não é o real, mas que o imita, o recria.

Personagem

Designa, no interior da prosa literária (conto, novela ou romance) e do teatro, os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos: se estes são pessoas reais, aqueles são "pessoas" imaginárias; se os primeiros habitam o mundo que nos cerca, os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia do prosador.

Massaud Moisés. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.

As personagens podem ser caracterizadas física ou psicologicamente, ou ainda, de ambas as maneiras simultaneamente.

Segundo E.M. Forster, as personagens podem ser classificadas em:

Planas (lineares)

Constituídas de uma única ideia ou qualidade; carecem de profundidade. A personalidade delas é pobre, repetitiva; são previsíveis quanto ao seu comportamento, infensas à evolução. Jamais nos surpreenderão durante ou ao final da narrativa. Podem ser subdivididas em:

Tipos

São personagens típicas, de contornos e características peculiares e, exatamente por isso, eternizam-se: quem se esqueceria de Sancho Pança, em *Dom Quixote*? Comadres fofoqueiras, homossexuais, padres, nos romances, fazem parte deste rol de personagens.

Caricaturas

São personagens que têm distorções propositais, a fim de ensejar o cômico, o ridículo, o satírico: d. Patrocínio das Neves, a "Titi" do livro *A Relíquia*, de Eça de Queirós.

ATENÇÃO!

Os heróis românticos e os vilões terríveis tendem a ser apenas planos, uma vez que primam pela previsibilidade e permanência de conduta. Mesmo o major Vidigal, de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é personagem plana; suas ações, em face dos sentimentos, são perfeitamente previsíveis.

Redondas

São complexas, bem acabadas interiormente, repelem todo o intuito de simplificação. São também chamadas de multiformes, e nos surpreenderão porque evoluem na narrativa. Dinâmicas e tridimensionais, podem ser subdivididas em:

Caracteres

São personagens cuja complexidade se acentua, gerando conflitos insolúveis: é o caso das personagens clássicas gregas: Édipo, Prometeu, Medeia.

Símbolos

São personagens que parecem ultrapassar a barreira do mero humano, transcendem. Ostentam profundidade psicológica e multiplicidade de ações: Diadorim, de *Grande Sertão: Veredas*, Ulisses, da epopeia grega *Odisseia*, de Homero.

Essas personagens, imprevisíveis em suas atitudes, rompem com a linearidade e nos provocam impactos com suas ações: Medeia, que mata os filhos, apesar de amá-los, para vingar-se do marido que a trocara por outra mulher; Édipo, que após ter descoberto sua verdadeira origem, conclama a multidão e fura os olhos na frente do povo; Prometeu, que furta o fogo sagrado dos deuses e alia-se aos mortais e andróginos, castigado, amarrado ao Cáucaso, com uma águia a lhe devorar todos os dias o fígado que cresce sem parar.

Quanto à atuação no enredo

Essa classificação não segue a concepção do teórico E. M. Forster:

Principais e secundárias

A referência serve para designar que às personagens principais cabe sustentar, como eixo, todos os fatos inerentes à narrativa. Às personagens secundárias, cabe dar suporte à continuidade da história, intermediando as ações e girando ao redor das principais como seres complementares.

Protagonistas

Elas são as personagens principais, as quais encabeçam as ações e sustentam o eixo narrativo. Leonardo (filho) em *Memórias de um sargento de milícias* é bom exemplo disso.

Um outro exemplo de personagem protagonista é Jacinto de Tormes, do romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.

Embora o narrador seja José Fernandes, que é coadjuvante, todas as ações giram em torno de Jacinto, o protagonista.

ATENÇÃO

As personagens protagonistas possuem uma marca, uma distinção, uma ação recorrente que as caracteriza; um sotaque, uma maneira de ser e agir, uma expressão rotineira de que se valem com frequência. O próprio Jacinto de Tormes, de *A cidade e as serras*, nos dá o exemplo quando exclama, de maneira sucessiva, "Que seca!", "Que maçada!".

Antagonistas

Designação atual para o antigo vilão. Cabe a elas impedir, dificultar, atormentar a vida das personagens protagonistas. Como observação, seria bom lembrar que as antagonistas não precisam ser propriamente pessoas; às vezes, são representadas por sentimentos, grupos sociais, peculiaridades de ordem física, psicológica ou social dos indivíduos e até podem representar instituições. Suponhamos que você tenha uma história onde dois indivíduos do mesmo sexo se amem e queiram casar. O antagonista será o Estado, a sociedade, a Constituição que os impedirá de concretizar seus desejos.

Coadjuvantes

Elas são as personagens secundárias, as quais coauxiliam no desenvolvimento da história.

Tempo

Para o crítico Massaud Moisés, o tempo, no romance, provavelmente constitua o ingrediente mais complexo e o mais relevante: de certo modo, tudo no romance forceja por transformar-se em tempo, que seria, em última instância, o escopo magno do romancista. Mais do que escrever uma história, mostrar cenários, criar personagens, o seu objetivo consistiria na criação de um tempo e da sua fixação, dentro das coordenadas de um livro. Senhor absoluto do tempo, o ficcionista pode acompanhar as personagens durante toda a sua existência.

O crítico ressalta, ainda, que dois tipos de tempo podem ser considerados em uma narrativa:

Histórico (cronológico)

Chamado também de linear, diacrônico, é mensurável e segue a organização do dia a dia. Tem o ritmo do calendário ou do relógio e pode, muitas vezes, ser apontado por situações adverbiais: à noite, naquela manhã, no outono de 1997. Outros índices temporais podem ser levados em consideração: durante a adolescência, por um instante.

Psicológico (interior ou pessoal)

Decorre "dentro" das criaturas. É sempre imaterial, não mensurável, particular. A única maneira de medi-lo é através das associações com a duração dos sentimentos. Não é o tempo dos meses, relógios, calendários. É o tempo do ser.

Exemplo do cotidiano: você marca um encontro (o primeiro, com quem ama) às 7 da noite. Às cinco em ponto, você já tomou banho e escolheu a roupa. Olha o relógio que não move os ponteiros. Estas duas horas que separam vocês serão infinitamente longas, embora o tempo real tenha sido marcado nos relógios de maneira idêntica a todas as horas.

Um outro exemplo: sentado(a) na carteira do vestibular, com a aflição das inúmeras questões pela frente, seu relógio "voa"; quatro horas são céleres demais. É o tempo psicológico, interior.

Espaço

Nenhuma personagem, em qualquer tipo de narrativa, está solta no espaço. A espacialidade existe sob a forma de ambiente

onde se inserem as personagens. E em uma classificação simplista, podem ser qualificados como abertos (o campo, uma praça) e fechados (uma casa, um cômodo, uma sala).

Os espaços, muitas vezes, singularizam as criaturas. Veja o exemplo de Bento Santiago, em *Dom Casmurro*, que mandou reconstruir a casa de sua infância; ou observe um romântico como José de Alencar descrevendo "os mares bravios", as praias do Ceará, a pequena floresta onde encontramos Iracema pela primeira vez, no livro homônimo.

O espaço é vital para a construção de boas histórias. Mais que um pano de fundo, é indicador de características humanas: o "Paraíso", em *O Primo Basílio*, mostra o caráter das relações entre Basílio e Luísa; assusta-a pelo feio, sujo, quando esperava o belo e romântico lugar para encontrar-se com o amante.

Em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, o espaço é antes uma personagem, ganha corpo, é antropomorfizado, assemelha-se às criaturas. Da mesma forma que a natureza, em *O Guarani*, de Alencar, rompe as barreiras de simples pano de fundo para as ações e passa a ocupar *status* de personagem grandiosa.

Tipologia de Espaços

Físicos

São espaços "verdadeiros", ambientes criados pelo narrador para contextualizar suas personagens; é o cenário. No Romantismo, por exemplo, é meramente decorativo; no Realismo, em contrapartida, faz parte indissociável das características mais profundas da personagem: decifra suas características ou, então, indica, através do Determinismo, que o homem é produto do meio em que vive.

Tinham acabado de almoçar.

A sala esteirada, alegrava, com o seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo, fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sestas ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; nas duas gaiolas, entre as bambinelas de cretone azulado, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente.

Eça de Queirós. *O primo Basílio*, cap. I.

Psicológicos

Muitas vezes, o espaço é meramente interior e reflete estados psicológicos. Principalmente nas narrativas intimistas, a espacialidade tem acento nitidamente psíquico e aponta os estados de alma das personagens.

Tomando como exemplo *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a personagem Bentinho, já velho e solitário, retorna à antiga casa de sua mãe e não se identifica mais com aquele ambiente; por isso, manda demolir a casa e tenta reconstruí-la em outro lugar.

Hão de perguntar-me por que razão, tendo a própria casa velha, na mesma rua antiga, não impedi que a demolissem e vim reproduzi-la nesta. A pergunta devia ser feita a princípio, mas aqui vai a resposta. A razão é que, logo que minha mãe morreu, querendo ir para lá, fiz primeiro uma longa visita de inspeção por alguns dias, e toda a casa me desconheceu. No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha e o lavadouro, nada sabia de mim. A casuarina era a mesma que eu deixara ao fundo, mas o tronco, em vez de reto, como outrora, tinha agora um ar de ponto de interrogação; naturalmente pasmava do intruso. Corri os olhos pelo ar, buscando algum pensamento que ali deixasse, e não achei nenhum. Ao contrário, a ramagem começou a sussurrar alguma cousa que não entendi logo, e parece que era a cantiga das manhãs novas. Ao pé dessa música sonora e jovial, ouvi também o grunhir dos porcos, espécie de troça concentrada e filosófica.

Tudo me era estranho e adverso. Deixei que demolissem a casa, e, mais tarde, quando vim para o Engenho Novo, lembrou-me fazer esta reprodução por explicações que dei ao arquiteto, segundo contei em tempo.

Machado de Assis. "Uma pergunta tardia". *Dom Casmurro*, Cap. CXLIV.

Preste atenção neste outro exemplo:

Você, suponhamos, receberá um diploma, um prêmio. Está nervoso, inquieto. Chamam seu nome, há centenas de pessoas olhando para você que... atravessa a pista de dança de um clube qualquer e dirige-se à mesa principal para ser premiado, diplomado. O trajeto até a mesa será imenso, quilométrico. Quando olhado em uma outra ocasião, parecerá muito menor do que aquele que você, inquieto e nervoso, atravessou com o coração saltando pela boca.

Ação

Muito cuidado para não confundir ***ação*** com ***enredo***, história ou argumento narrativos. Podemos definir ação como uma sequência de acontecimentos na narração e, como se encadeiam em uma ordem natural de causa e efeito, acabam por formar o todo de que se alimenta a história.

Dessa forma, um conjunto de ações feitas ou recebidas pelas personagens, encadeadas entre si, geram o enredo.

Horácio, poeta latino, observava que a ação, juntamente com o tempo e o espaço, formava o que conhecemos como a "lei das três unidades" que qualquer narrativa jamais pode dispensar para ser digna de crédito.

A sequência das ações narrativas desenvolve-se no tempo, não se esqueça disso; é um conjunto de fatos; no entanto, é preciso observar que esta sequência de fatos nem sempre implica uma ação. Para que isso aconteça, é preciso que tais fatos estejam "amarrados" entre si, que formem um todo a que podemos chamar, então, de enredo.

Quando se escreve, não podemos deixar "fios soltos" ao longo das narrativas que produzimos. Eles devem ser "amarrados" entre si, produzindo o que chamamos de coerência interna. Mais do que descrever fatos, precisamos prestar atenção e produzir situações que se encadeiem, originando daí o todo narrativo, o conjunto de circunstâncias acionais que gerem uma história na qual se creia. As ações dão ao texto um aspecto quase real, de aproximação com a realidade, além de dar unidade e sentido à narração.

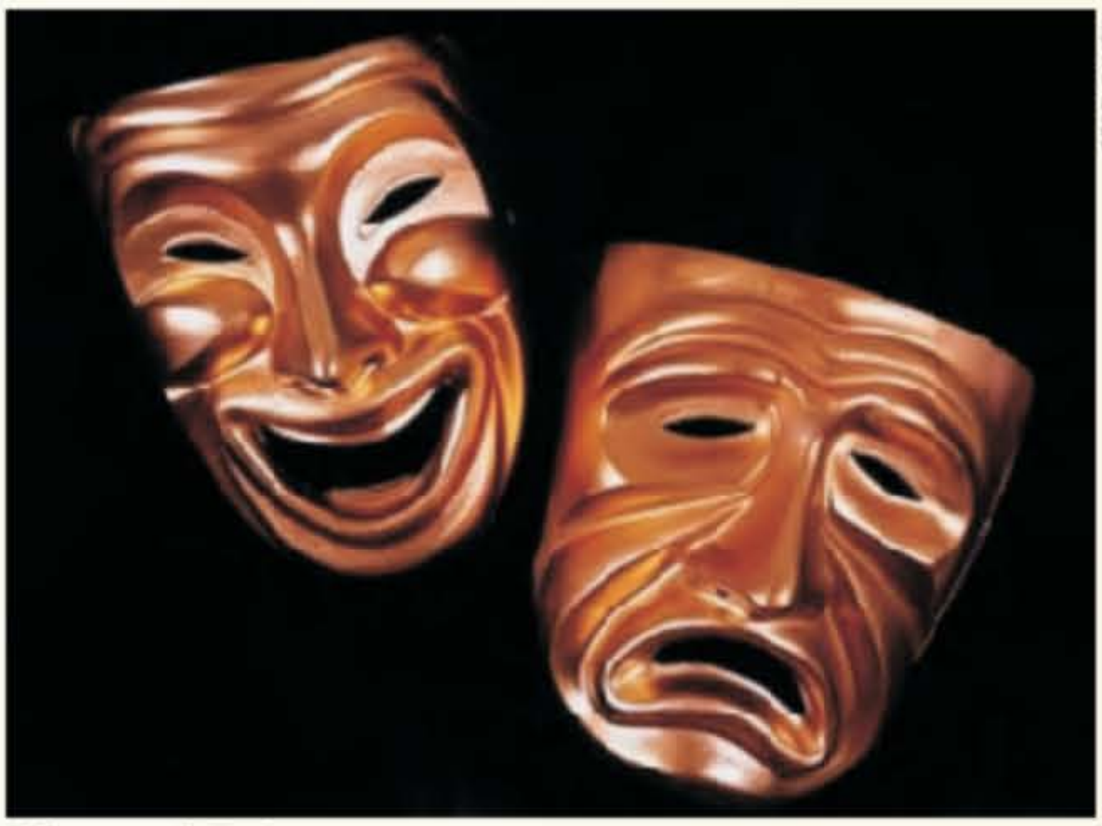
casuarina: gênero de árvores e arbustos dicotiledôneos da família das casuarináceas, originários da Austrália e há longo tempo introduzidos no Brasil, e que se caracterizam pelos ramos numerosos e pelo crescimento rápido.

TEXTO COMPLEMENTAR

A palavra "personagem" é originária do latim "persona" e designava a máscara que os atores do teatro usavam ao representar os papéis. Você sabia que desde a Grécia as mulheres estavam proibidas de comparecer aos espetáculos públicos de teatro? E também, por serem julgadas inferiores, não podiam participar da encenação?

Dessa forma é que as "personas" foram criadas: máscaras femininas que eram usadas por homens que representavammulheres no palco.

As máscaras que hoje representam o teatro (uma que chora e outra que ri, quase que entrelaçadas); são a representação das tais "personas". Ou seja, personagens são a representação dos seres humanos.



COREL GALLERY

Máscaras de teatro.

Leia o que o professor Massaud Moisés, em seu *Dicionário de Termos Literários* escreve:

A própria etimologia do vocábulo assinala uma restrição semântica que merece registro: animais não podem ser personagens, menos ainda os seres inanimados de qualquer espécie. Quando comparecem ao universo ficcional, os animais tendem a ser meras projeções (como no caso de Quincas Borba*), ou denotam qualidades superiores à sua condição, uma espécie de "inteligência" humana (como a* Baleia *de* Vidas Secas*), ou servem de motivo para a ação (como em* Moby Dick*). Os apólogos ou fábulas utilizam os animais como protagonistas, mas envolve-os de um simbólico que os subtrai do círculo zoológico interior para alçá-los ao perímetro humano.*

Massaud Moisés. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.

Leia a seguir um texto do realista Machado de Assis.

Machado de Assis.

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela.

Chegou a costureira, pegou o pano, pegou a agulha, pegou a linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Machado de Assis. *Contos*. São Paulo: Ática, 1993. p. 89-90.

Proposta de Redação

O pintor Cândido Portinari, uma das mais altas expressões brasileiras do século XX modernista, nasceu em Brodósqui, interior de São Paulo, em 1903, e morreu no Rio de Janeiro em 1962. Iniciou-se nas artes plásticas em 1910, como pequeno auxiliar nos trabalhos de decoração da igreja matriz de sua cidade natal. Anos mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro e começou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas-Artes, onde teve aulas com os melhores professores da época. A partir daí, até 1944, ano em que pintou seu quadro mais famoso, *Retirantes* (que se transforma em uma série de imagens que denunciam a miséria), Portinari grava, pinta e ilustra. É uma das mais fascinantes personalidades de seu tempo. O quadro abaixo pertence à série *Retirantes* e se chama *Menina morta*; observe:

Você pode escolher um dos dois temas a seguir.

1. Considerando as informações aqui disponibilizadas e as ideias contidas sobretudo no quadro daquele pintor, escreva uma narrativa contando uma história sobre as personagens que você pôde observar.

Não se esqueça de que os detalhes do que viu são importantes para compor ação, tempo, espaço e personagens.

2. Colocando-se no lugar do pintor Cândido Portinari, narre, como se escrevesse em um diário de anotações de trabalho, o que o fez escolher tal temática e desenvolver o quadro acima.

Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios:

1. Desenvolvimento do tema narrativo com ressalto do espírito crítico.
2. Adequação da linguagem de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa (por se tratar de uma narrativa, aceitam-se, nesse caso, termos gíricos, regionalismos etc.).
3. Construção textual e escolha de um título compatível com o tipo de texto proposto.
4. Sua redação será anulada se você fugir do tema proposto ou da modalidade redacional.

5

Foco narrativo

Os narradores podem manifestar-se de duas maneiras: em primeira pessoa, dando às suas narrativas um tom memorialista e pessoal, são personagens que contam sua vida ou de alguém muito próximo; ou podem, ainda, manifestar-se em terceira pessoa, contando a história de outras criaturas. Em terceira, colocam-se como meros observadores ou como oniscientes, podendo, assim, penetrar nos labirintos da "alma" de suas personagens.

Mariana estava muito feliz, a mistura de sentimentos que ela tinha dentro de si a fazia pensar que seu peito explodiria. A felicidade era tamanha que o dia parecia comemorar com ela. Enfim, conseguira conquistar seu objetivo: a vaga na faculdade que tanto sonhava.

Autor e narrador: diferenças

Qual é, afinal, a diferença entre autor e narrador? Existe uma diferença enorme entre ambos.

O autor é uma pessoa comum como tantas outras que habitam o mundo – ele vai ao mercado, ao médico, paga contas etc. O que o torna diferente delas é seu ofício; ao autor cabe conceber histórias, personagens, lugares etc.

Já o narrador é um ser intradiegético, ou seja, um ser que pertence à história que está sendo narrada. Está claro que o narrador é um preposto do autor, mas isso não significa que defenda nem compartilhe das ideias de seu criador. Se assim fosse, Machado de Assis seria conivente com as atitudes de Bentinho, protagonista de *Dom Casmurro*.

O narrador passa a existir a partir do instante que se abre o livro e ele, em primeira ou terceira pessoa, contar-nos-á a história que o livro guarda. Confundir narrador e autor é fazer a loucura de imaginar que, morto o autor, todos os seus narradores morreriam junto com ele e que, portanto, não disporíamos mais de nenhuma narrativa dele.

Tipos de focos narrativos

Agora que você já sabe a diferença entre autor e narrador, passemos às escolhas que o último faz para narrar. Essa escolha se chama foco narrativo, ou seja, a posição que o narrador assume, a pessoa do discurso pela qual optará.

O foco narrativo é também chamado **ponto de vista do narrador**, ou seja, a posição em que o narrador contará a história. Há, para isso, dois modos: ou narrará em 1ª ou escolherá narrar em 3ª pessoa.

Narrador em primeira pessoa (personagem narrador)

É, geralmente, a personagem principal, daí o tom memorialista que o relato adquire. Paulo Honório, de *São Bernardo*, ou Bento Santiago, de *Dom Casmurro*, são personagens narradores: contam suas próprias histórias.

Nem sempre, no entanto, os narradores em primeira pessoa são as personagens protagonistas: em *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, a personagem que narra os fatos é José Fernandes, coadjuvante; o protagonista é Jacinto de Tormes. Observe os textos a seguir.

Texto 1

Sem aviso

Tanta coisa que então eu não sabia. Nunca tinham me falado, por exemplo, deste sol das três horas.

Também não me tinham falado deste ritmo tão seco, desta martelada de poeira. Que poeira, tinham me dito. Mas o passarinho que vem para minha esperança do horizonte abra asas abertas, um bico de águia inclinado rindo.

Quando nos álbuns de adolescente eu respondia com orgulho que não acreditava no amor, era então que eu mais amava.

Clarice Lispector. "Fundo de Gaveta". *In: A Legião Estrangeira*. Ed. do Autor, p. 145.

Texto 2

A Cidade e as Serras

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas escolas do Bairro Latino – para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do dr. Pais Pita.

Ora, nesse tempo Jacinto concebera uma Ideia... Este Príncipe concebera a Ideia de que "o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". [...]

Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, de uma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de mercados onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias [...]"

Eça de Queirós. *A Cidade e as Serras*. Apresentação: Caio Gagliardi. São Paulo: Hedra, 2006. p. 43-6.

No primeiro texto, você pode observar o típico **narrador protagonista**. Ele é o centro da ação que narra e todos os acontecimentos giram ao seu redor, bem como impressões e sentimentos; no segundo texto, o **narrador é secundário**, amigo da personagem protagonista. Contudo, narra em 1ª pessoa, usando como recurso a primeira pessoa do plural quando se inclui na narrativa.

O romance *A Cidade e as Serras* é um bom exemplo de narrador coadjuvante, porque todas as ações narrativas estão centradas em Jacinto de Tormes e José Fernandes, a tudo observa.

Narrador em terceira pessoa

Esse tipo de narrador não é personagem da história que narra. Ele apenas relata os fatos, registra as ações de uma história que não é a sua. Pode ser visto sob dois aspectos:

Narrador observador

É apenas um observador e conta os fatos como espectador de uma história. Façamos uma comparação com a vida real: é alguém que, tal como um narrador esportivo, vê e relata, por exemplo, um jogo de futebol. Está do lado de fora da partida, narra o que vê.

Texto 3

O Guerreiro

Retumba a festa na taba dos araguaias.

As fogueiras circulam a vasta ocara e derramam no seio da noite escura as chamas da alegria.

Toda a tarde o trocano reboou chamando os guerreiros das outras tabas à grande taba do chefe.

Era a festa guerreira de Jaguaré, filho de Camacã, o maior chefe dos araguaias.

No fundo da ocara, preside o conselho dos anciões, que decide da paz ou da guerra e governa a valente nação.

Os anciões, sentados no longo jirau, contemplam taciturnos a geração de guerreiros que eles ensinaram a combater, e têm saudades da passada glória.

Suspenso em frente deles está o grande arco da nação araguaia, ornado nas pontas das penas vermelhas da arara.

É a insígnia do chefe dos guerreiros, a qual Camacã, pai de Jaguarê, conquistou na mocidade e ainda conserva, pois ninguém ousa disputá-la.

José de Alencar. *Ubirajara*.

Narrador onisciente

Esse narrador também narra em terceira pessoa, tal como o primeiro, mas é capaz de penetrar na intimidade de suas personagens; não só relata os fatos, mas traz para o texto tudo o que suas personagens pensam e sentem, revelando o mundo interior delas, desejos, frustrações, alegrias, ódios.

Texto 4

O burrinho pedrês

Sete-de-Ouros parara o chouto; e imediatamente tomou conhecimento da aragem, do bom e do mau: primeiro, orelhas firmes, para cima – perigo difuso, incerto; depois, as orelhas se mexiam, para os lados –, dificuldade já sabida, bem posta no seu lugar. E ficou. A treva era espessa, e um burro não é gato e nem cobra, para querer enxergar no escuro. Ele não espiava, não escutava. Esperava qualquer coisa.

E, quando essa chegou, Sete-de-Ouros avançou, resoluto. Chafurdou, espadanou água, e foi. Então, os cavalos também quiseram caminhar. [...]

E era bem o regolfo da enchente, que tomava conta do plaino, até onde podia alcançar. Os cavalos pisavam, tacteantes. Pata e peito, passo e passo, contra maior altura davam, da correnteza, em que vogava um murmúrio. A inundação. Mil torneiras tinha a Fome, o riacho ralo de ontem, que da manhã à noite muita água ajuntara, subindo e se abrindo ao mais. Crescera, o dia inteiro, enquanto os vaqueiros passavam, levavam os bois, retornavam. E agora os homens e os cavalos nela entravam, outra vez como as cabeças se metendo, uma por uma, na volta de um laço. Eles estavam vindo. O rio ia.

[...]

João Guimarães Rosa. "O burrinho pedrês". *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SAIBA MAIS

Considere, no entanto, que temos ainda um terceiro tipo de foco narrativo: o chamado **misto**. Nenhuma narrativa sustenta apenas um dos tipos que estudamos anteriormente; portanto, é comum que encontremos em uma só narrativa a alternância de focos: ora se apresenta o narrador como apenas observador, ora é onisciente e nos revela o universo interior dos seres que compõem a história que conta.

TEXTO COMPLEMENTAR

Observe, no texto abaixo, o narrador em primeira pessoa.

Som do Sax

Tenho que parar com isso. Ouço essa música e lembro de meu irmão tocando guitarra e, na falta do sax, fazendo o som com a boca. Ligo essa imagem a ele de uma tal forma que o vejo morto. E ele morto me traz saudade desse dia em que abominei a guitarra e me ri da imitação do sax. Sobe por mim uma dor tão funda, como se me atirassem todas as pedras que existem. Não consigo conter as lágrimas. Meu irmão é uma pessoa linda. E eu nunca antes vi isso. Meu irmão cresceu.

Não é mais criança. Namora. Dirige. E eu penso que a vida passa tão rápido e eu nem me dou conta de tanta coisa que perco segundo após segundo. Ando com uma terrível impressão de que vou morrer a qualquer momento. É por isso que preciso olhar mais o céu escuro em noite de estrelas. Vejo a falta de dentes no homem rústico e tenho vontade de chorar. Quando choro meus olhos ficam quase verdes. Vejo o pedreiro no alto da obra, sem proteção, e tenho medo. Vou me afastando, como se com isso pudesse impedir qualquer fatalidade. Olho a rua quase deserta. Vejo ao longe a igreja iluminada. Um homem de gravata falando ao celular no edifício quase em frente. Depois desliga, apaga a luz e sai. E lá embaixo está o vira-lata gordo alimentado pela dona do restaurante. Olho a cidade numa intensa nostalgia. Noto as luzes num acende-apaga-apaga-acende.

Vidas aqui. Ali. Acolá. Em todo lugar. De vez em quando uma morte, que a gente nunca acha que vai acontecer com a gente. E um nó na garganta. E a impossibilidade de falar uma só palavra. E a vontade imperativa de saltar de paraquedas num grito maior. Triste. Muito triste. Mas sei. Só é preciso soltar o que prendi.

Ouço e reouço essa música dezenas de vezes. Ela entra fininha, vai invadindo, vai tomando conta. Eu deixo. Porque sinto falta mesmo disso. Leio um livro. E aquele bolo de cenoura ficou muito gostoso, mas me causou uma grande azia.

Hoje não tem espelho. Hoje o que eu sinto é muito mais fundo.

E eu nem sei descrever o que é. É. E basta. Pena é o que é.

Dos que estão por aí. Dos que entram numa "furada" sem saber por que motivo. Dos que lutam, lutam, lutam. De um sorriso desdentado. Da mulher de chinelo havaiana e cabelo lambido e camisa xadrez e saia comprida. Da senhorinha do "mio". Do horticultor encasacado num dia de sol. Do menino que passa descalço pela rua. Do casal de urubus na cobertura do prédio. Da magreza daquele velhinho. Do aposentado de bengala na Caixa Econômica. De uma velhice tão perto da morte. De um bebê que desponta pro mundo. De um doente que desce da ambulância. De um amigo acidentado. De gente que vegeta. Do boia-fria no pau-de-arara e enxada no ombro. Da meninazinha malroupida. Tudo gira. Imagens vêm e vão. Tudo se funde, difunde, transforma.

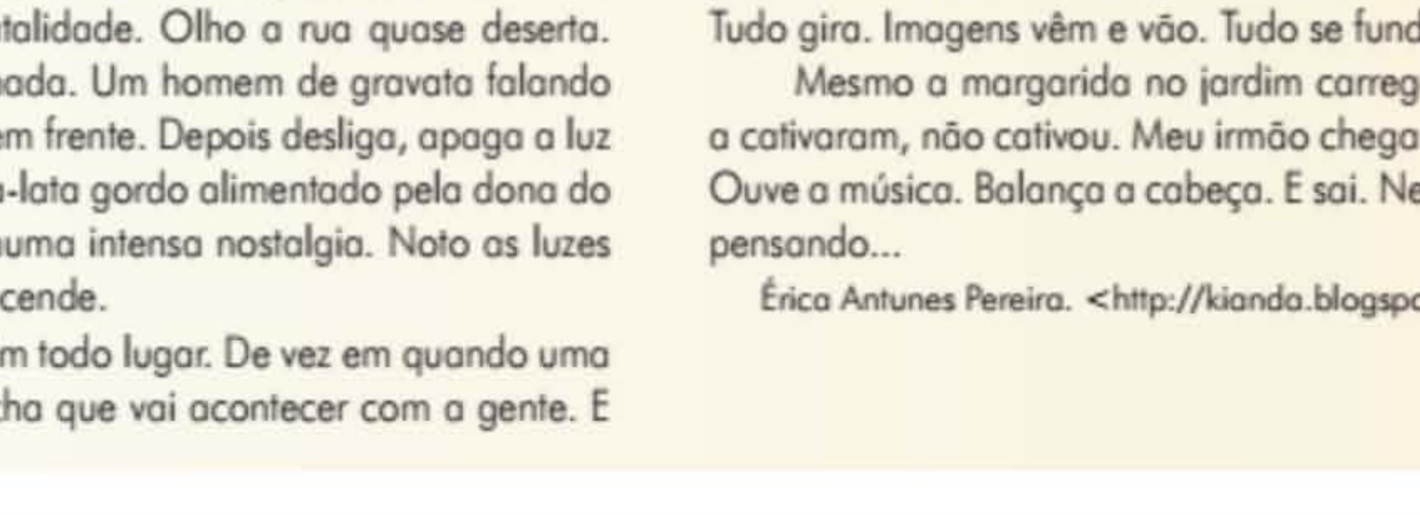
Mesmo a margarida no jardim carrega um peso maior. Não a cativaram, não cativou. Meu irmão chega da rua e vem até aqui. Ouve a música. Balança a cabeça. E sai. Nem imagina o que estou pensando...

Érica Antunes Pereira. <http://kianda.blogspot.com/2007/03/som-do-sax.html>.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Leia a coletânea de textos a seguir.

Texto 1



<www.malvados.com.br/index1011.html>.

Texto 2

Consumistas

Entenda a cabeça dos adolescentes brasileiros e saiba o porquê de nossa nova geração consumir 47% a mais que os jovens americanos

Os jovens entre 15 e 22 anos de hoje não possuem apenas um sonho. Eles possuem vários. E quais são esses sonhos? **Celulares? iPods? Carros?** Cada um com sua expectativa e seu desejo mais íntimo. O simples fato de gastar já faz destes jovens uma espécie de consumidores mirins, que por incrível que pareça representa uma enorme parcela na economia nacional. Os números não erram e não há como negar: **os jovens estão comprando mais a cada dia**.

De acordo com a psicóloga Maura de Albanesi, o jovem ainda não sabe definir-se e por isso precisa pertencer a um grupo que, de certa forma, passa a definir quem ele é. Pense em uma patricinha, um punk ou em um hippie. Isso explica o simples fato de compras desenfreadas e **atitudes infantis quando o dinheiro está em pauta**. Um dos maiores exemplos é a compra impulsiva, que depois de realizada traz o sentimento de culpa: "Quando consigo achar e comprar o que quero, fico feliz e mais disposto. Mas se compro, só por comprar, acabo ficando com culpa e peso na consciência por ter gastado muito", revela Luigi Müller, 16 anos, que se declara um comprador responsável e jura que só compra quando realmente precisa. Será?

"A roupa que o jovem veste deve ter uma etiqueta, uma marca forte e em evidência. **É uma forma de mostrar status**, de dizer como se vive, é assim que ele se identificará, e não se constrangerá tendo que dizer para os outros quem ele é, coisa que ele ainda não sabe" afirma Maura. Mais um forte indício de que a personalidade dos 'teenagers' ainda não está pronta para encarar uma vida de verdade.

O desejo e a vontade de ter aquilo que o amigo possui também é um fator agravante na vida dos 'jovens consumidores', que reparam mais no que o outro está usando, e o julga e o rotula a partir destes emblemas. Não é de se espantar então que a vontade de compra dos jovens brasileiros seja maior que a dos americanos; segundo pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), **70% dos jovens brasileiros se interessam por compras, enquanto nos Estados Unidos o percentual é de apenas 33%**.

Para a estudante Elisa Assumpção, de 17 anos, o fator compras não passa de um hábito cotidiano: "Costumo visitar lojas com mais frequência quando estou com amigos e em promoções, vou ao supermercado todos os dias e tenho um **péssimo hábito de comprar coisas caras**, ainda mais sendo uma moradora do bairro Jardins em São Paulo", revela a compradora mirim, que já deixou em sua loja favorita R$1.232,00 em uma saia 'básica'.

Maura afirma ainda que o problema maior está entre nós. "Na sociedade vale mais o que a pessoa tem do que quem ela é e por isso este consumismo desenfreado não para nos adolescentes. Mas o mais interessante é que na adolescência este consumismo é mais adequado, porque eles estão buscando apenas a sua identidade, a questão que ecoa é: **"Quem sou?"**.

Juntos são 28 milhões de brasileiros nessa faixa etária e movimentam aproximadamente 30 bilhões de reais por ano, possuindo o poder de influenciar os pais em **compras desnecessárias como carros, roupas e aparelhos eletrônicos; chegando a um montante de mais de 92 bilhões em apenas 12 meses**. E é nos muitos shoppings centers que essa nova geração faz a festa. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos-Marplan, assustadores 37% dos jovens realizam suas compras em shoppings, contra apenas 33% dos adultos.

Os desejos não param de crescer e o poder de compra desses jovens também não. Elisa Assumpção viaja para o exterior duas vezes por ano e em ambas as viagens, as compras já vão pré-programadas: **"Sou fã das marcas Prada, Miu Miu e Apple**, então a cada viagem para fora do país pelo menos uma peça de roupa e um gadget eu tenho que trazer".

Mas como contornar essa situação? Segundo Maura a solução do problema está mais próximo do que se imagina: **"Quando o adolescente ingressar no mercado de trabalho irá verificar por si só que outras coisas lhe serão exigidas, além da aparência e do poder aquisitivo**. Ter mais responsabilidades é uma delas e com isso o jovem vai descobrir as suas qualidades e aos poucos abandonar as etiquetas externas e as compras excessivas".

Você é do tipo que faz compras sem necessidade?

Matheus Evangelista. <http://jovem.ig.com.br/igirl/noticia/2008/03/26/consumistas__1243659.html>.

Texto 3

O Império do Consumo

A explosão do consumo no mundo atual faz mais barulho do que todas as guerras e mais algazarra do que todos os carnavais. Como diz um velho provérbio turco, aquele que bebe a conta, fica bêbado em dobro. A gandaia aturde e anuvia o olhar; esta grande bebedeira universal parece não ter limites no tempo nem no espaço.

Mas a cultura de consumo faz muito barulho, assim como o tambor, porque está vazia; e na hora da verdade, quando o estrondo cessa e acaba a festa, o bêbado acorda, sozinho, acompanhado pela sua sombra e pelos pratos quebrados que deve pagar. A expansão da demanda se choca com as fronteiras impostas pelo mesmo sistema que a gera.

[...]

Dize-me quanto consomes e te direi quanto vales. Esta civilização não deixa as flores dormirem, nem as galinhas, nem as pessoas. Nas estufas, as flores estão expostas à luz contínua, para fazer com que cresçam mais rapidamente. Nas fábricas de ovos, a noite também está proibida para as galinhas. E as pessoas estão condenadas à insônia, pela ansiedade de comprar e pela angústia de pagar. Este modo de vida não é muito bom para as pessoas, mas é muito bom para a indústria farmacêutica. Os EUA consomem metade dos calmantes, ansiolíticos e demais drogas químicas que são vendidas legalmente no mundo; e mais da metade das drogas proibidas que são vendidas ilegalmente, o que não é uma coisinha à-toa quando se leva em conta que os EUA contam com apenas 5% da população mundial.

[...]

O consumidor exemplar é o homem quieto. Esta civilização, que confunde quantidade com qualidade, confunde gordura com boa alimentação. Segundo a revista científica The Lancet, na última década a "obesidade mórbida" aumentou quase 30% entre a população jovem dos países mais desenvolvidos. Entre as crianças norte-americanas, a obesidade aumentou 40% nos últimos dezesseis anos, segundo pesquisa recente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Colorado. O país que inventou as comidas e bebidas light, os diet food e os alimentos fat free, tem a maior quantidade de gordos do mundo. O consumidor exemplar desce do carro só para trabalhar e para assistir televisão. Sentado na frente da telinha, passa quatro horas por dia devorando comida plástica.

Vence o lixo fantasiado de comida: essa indústria está conquistando os paladares do mundo e está demolindo as tradições da cozinha local. Os costumes do bom comer, que vêm de longe, contam, em alguns países, milhares de anos de refinamento e diversidade e constituem um patrimônio coletivo que, de algum modo, está nos fogões de todos e não apenas na mesa dos ricos. Essas tradições, esses sinais de identidade cultural, essas festas da vida, estão sendo esmagadas, de modo fulminante, pela imposição do saber químico e único: a globalização do hambúrguer, a ditadura do fast-food. A plastificação da comida em escala mundial, obra do McDonald´s, do Burger King e de outras fábricas, viola com sucesso o direito à autodeterminação da cozinha: direito sagrado, porque na boca a alma tem uma das suas portas.

A Copa do Mundo de futebol de 1998 confirmou para nós, entre outras coisas, que o cartão MasterCard tonifica os músculos, que a Coca-Cola proporciona eterna juventude e que o cardápio do McDonald´s não pode faltar na barriga de um bom atleta. O imenso exército do McDonald´s dispara hambúrgueres nas bocas das crianças e dos adultos no planeta inteiro. O duplo arco [...] serviu como estandarte, durante a recente conquista dos países do Leste Europeu.

[...]

As massas consumidoras recebem ordens em um idioma universal: a publicidade conseguiu aquilo que o esperanto quis e não pôde.

Qualquer um entende, em qualquer lugar, as mensagens que a televisão transmite. No último quarto de século, os gastos em propaganda dobraram no mundo todo. Graças a isso, as crianças pobres bebem cada vez mais Coca-Cola e cada vez menos leite e o tempo de lazer vai se tornando tempo de consumo obrigatório. Tempo livre, tempo prisioneiro: as casas muito pobres não têm cama, mas têm televisão, e a televisão está com a palavra. Comprado em prestações, esse animalzinho é uma prova da vocação democrática do progresso: não escuta ninguém, mas fala para todos.

Pobres e ricos conhecem, assim, as qualidades dos automóveis do último modelo, e pobres e ricos ficam sabendo das vantajosas taxas de juros que tal ou qual banco oferece. Os especialistas sabem transformar as mercadorias em mágicos conjuntos contra a solidão. As coisas possuem atributos humanos: acariciam, fazem companhia, compreendem, ajudam, o perfume te beija e o carro é o amigo que nunca falha. A cultura do consumo fez da solidão o mais lucrativo dos mercados.

Os buracos no peito são preenchidos enchendo-os de coisas, ou sonhando com fazer isso. E as coisas não só podem abraçar: elas também podem ser símbolos de ascensão social, salvo-condutos para atravessar as alfândegas da sociedade de classes, chaves que abrem as portas proibidas. Quanto mais exclusivas, melhor: as coisas escolhem você e salvam você do anonimato das multidões. A publicidade não informa sobre o produto que vende, ou faz isso muito raramente. Isso é o que menos importa. Sua função primordial consiste em compensar frustrações e alimentar fantasias. Comprando este creme de barbear, você quer se transformar em quem?

O criminologista Anthony Platt observou que os delitos das ruas não são fruto somente da extrema pobreza. Também são fruto da ética individualista. A obsessão social pelo sucesso, diz Platt, incide decisivamente sobre a apropriação ilegal das coisas. Eu sempre ouvi dizer que o dinheiro não traz felicidade; mas qualquer pobre que assista televisão tem motivos de sobra para acreditar que o dinheiro traz algo tão parecido que a diferença é assunto para especialistas.

[...]

O mundo inteiro tende a transformar-se em uma grande tela de televisão, na qual as coisas se olham, mas não se tocam. As mercadorias em oferta invadem e privatizam os espaços públicos.

Os terminais de ônibus e as estações de trens, que até pouco tempo atrás eram espaços de encontro entre pessoas, estão se transformando, agora, em espaços de exibição comercial. O shopping center, o centro comercial, vitrine de todas as vitrines, impõe sua presença esmagadora. As multidões concorrem, em peregrinação, a esse templo maior das missas do consumo. A maioria dos devotos contempla, em êxtase, as coisas que seus bolsos não podem pagar, enquanto a minoria compradora é submetida ao bombardeio da oferta incessante e extenuante. A multidão, que sobe e desce pelas escadas mecânicas, viaja pelo mundo: os manequins vestem como em Milão ou Paris e as máquinas soam como em Chicago; e para ver e ouvir não é preciso pagar passagem. Os turistas vindos das cidades do interior, ou das cidades que ainda não mereceram estas benesses da felicidade moderna, posam para a foto, aos pés das marcas internacionais mais famosas, tal e como antes posavam aos pés da estátua do prócer na praça.

[...]

Os donos do mundo usam o mundo como se fosse descartável: uma mercadoria de vida efêmera, que se esgota assim como se esgotam, pouco depois de nascer, as imagens disparadas pela metralhadora da televisão e as modas e os ídolos que a publicidade lança, sem pausa, no mercado. Mas, para qual outro mundo vamos nos mudar? Estamos todos obrigados a acreditar na historinha de que Deus vendeu o planeta para umas poucas empresas porque, estando de mau humor, decidiu privatizar o universo? A sociedade de consumo é uma armadilha para pegar bobos.

Aqueles que comandam o jogo fazem de conta que não sabem disso, mas qualquer um que tenha olhos na cara pode ver que a grande maioria das pessoas consome pouco, pouquinho e nada, necessariamente, para garantir a existência da pouca natureza que nos resta. A injustiça social não é um erro por corrigir, nem um defeito por superar: é uma necessidade essencial. Não existe natureza capaz de alimentar um shopping center do tamanho do planeta.

Eduardo Galeano, escritor e jornalista uruguaio, autor de *As veias abertas da América Latina* e *Memórias do Fogo*. <http://fabiochapoeta.multiply.com/journal/item/89>.

Proposta

Escreva uma narrativa em terceira pessoa, com narrador onisciente, na qual se registrem duas personagens protagonistas:

Personagem A – anticonsumista, faz parte de uma ONG que defende o planeta, tem 18 anos e acredita que o mal do mundo é o desperdício.

Personagem B – capitalista, acredita que o consumo é um bem; é homem, tem 35 anos, é imaturo e tem uma visão social cruel: há uma hierarquia que deve ser obedecida, os pobres não têm direito a consumo; debocha de quem se preocupa com o planeta e frequenta a Oscar Freire uma vez por semana.

Coloque-os frente a frente em uma situação específica: aconteceu uma catástrofe – um terremoto, maremoto, furacão, inundação, deslizamento ou algo equivalente – e ambos terão que contar apenas um com o outro para que se salvem e consigam sobreviver.

Use 35 linhas para compor sua narrativa.

Seu texto deverá ter um título.

UEPG 2012

O texto abaixo apresenta um cenário. Após a leitura atenta desse fragmento, elabore a continuidade do texto, realizando o desejo do narrador, presente na última oração.

Há um pôr do sol de primavera e uma velha casa abandonada. Está em ruínas. [...] Pássaros saltitam e gorjeiam nas amuradas que a cercam. Raízes vorazes de grandes árvores infiltram-se entre as pedras do alicerce e abalam suas estruturas. Agoniza a velha casa. As janelas são bocas escancaradas. A casa velha em ruínas clama por vozes e movimento.

Geraldo M. de Carvalho. Disponível em: <http://nadydan.blogspot.com/>. Acesso em: ago. 2011.

UEPG 2011

Proposta II

Durante quatro semanas, com início em 9 de junho de 2010, a África do Sul foi o centro do mundo, com a realização da Copa do Mundo da FIFA. Muitos brasileiros para lá se deslocaram a fim de assistir aos jogos de nossa Seleção e de conhecer e se aventurar no continente africano.

Envolto neste clima de emoção e aventura, elabore um texto em prosa, relatando as experiências de um grupo de amigos brasileiros na África, durante a Copa de 2010. Mas, atenção: durante a elaboração de seu texto, os dois pensamentos abaixo deverão ser nele inseridos, ou seja, farão parte de sua narrativa. Ao transcrevê-los, mantenha as aspas, mas omita o autor.

"As pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem" (Lilian Tonet).

"Creio que a verdade é perfeita para a matemática, a química, a filosofia, mas não para a vida. Na vida contam mais a ilusão, a imaginação, o desejo, a esperança" (Ernesto Sábato).

10

A construção da personagem

Neste capítulo, continuamos a estudar o mundo das narrativas. Encontraremos aqui, bem-definidas, as peculiaridades das personagens, o mundo externo (o que aparentam ser, com características muito bem definidas que chegam a fazê-las muito próximas aos seres humanos) e o mundo interno (um universo complicado porque revela tendências e tipicidades particulares, bem nítidas quanto ao comportamento emocional de cada uma delas).

Estamos acostumados a imaginar que construir uma personagem é fácil demais. Mas, aos poucos, durante a leitura dos textos, compreenderemos que cada uma delas deve ser cuidada de modo especial.

Uma maneira de andar, um tom de voz e um jeito de mexer os cabelos... tudo isso dá à personagem um quê de existência verdadeira.

Quando compomos um ser, dois mundos dele – o externo e o interno – não podem ser discordantes porque completam um ao outro e mostram o ser completo, a criatura inteira que cada personagem é.

A construção da personagem

Antes de qualquer tipo de teoria que ensine a construir passo a passo e em detalhes a personagem ou personagens das narrativas, leia os textos a seguir, retirados de livros de autores muito conhecidos, indicados para o vestibular.

Considere, antes da leitura, que cada trecho pertence a uma escola literária e que, portanto, tem estilo próprio, particular. Durante a leitura dos fragmentos, preste muita atenção às particularidades de construção.

Texto 1

D. Honorata Guião teria vinte e oito anos, quando saiu de Lisboa para o Minho em 34. Era formosa das finas graças aristocráticas. Uma elegância nervosa, inquieta, mordiscada de desejos como uma flor branca muito picada das abelhas. Aceitara o major Cerveira, porque era rico e estadeava na corte as suas librés. Tinha trinta anos, e dizia-se que aos quarenta seria general porque d. Miguel gostava muito dele. Rosnava-se que o Cerveira tinha sido um dos assassinos do Marquês de Loulé.

Este rapaz de corte e intimidade do rei e das infantas, disputado pelas damas da rainha, era aquele ébrio encanecido que, debruçado na janela do seu quarto, fortemente fincado no peitoril de ferro da sacada, revessava ao caminho público golfos aziumados de vinhaça, e dizia garotices de lacaio às raparigas que passavam medrosas e o saudavam: [...].

Camilo Castelo Branco. *A Brasileira de Prazins*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 43.

Texto 2

O pai estava lá, capinando, um sol batia na enxada, relumiava. Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço. Tudo estava direitim direito, Pai não ralhava. Se sentava no toco, para principiar a comer. Miguilim sentava perto, no capim. Gostava do Pai, gostava até pelo barulhinho d'ele comendo o de-comer. Pai comia e não conversava. Miguilim olhava. A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas, mó de os bichos que estragam. Mas muitas borboletas voam. Afincada na cerca tinha uma caveira inteira de boi, os chifres grandes, branquela, por toda Boa-sorte.

João Guimarães Rosa. "Campo Geral". *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Texto 3

Começou por me dizer que o seu caso era simples – e que se chamava Macário...

Devo contar que conheci este homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe eriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e retidão – por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de cetim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido cor de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de seda, onde reluzia um grilhão antigo – saíam as pregas moles de uma camisa bordada.

Eça de Queirós. "Singularidades de uma rapariga loura". *In:* Contos. 10 ed. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

Você pôde verificar, lendo os trechos, que as personagens são muito parecidas com pessoas reais, uma vez que espelham a vida humana; porém, isso não as fazem criaturas de carne e osso. As personagens são cuidadosamente criadas – em primeiro lugar – e, depois, colocadas em um espaço, tempo, ambiência.

Posteriormente, são acrescidas de sentimentos e de identidades peculiares que só pertencem a elas. Por isso, chamam tanto a atenção de quem lê e quase convencem o leitor de que respiram.

Seu texto não precisa ser perfeito, mas precisa convencer o leitor, que é seu corretor/leitor, lembre-se disso.

Esses primeiros três textos projetam personagens bem acabadas, verossímeis; é possível verificar os aspectos físicos e psicológicos das duas personagens do primeiro texto; no segundo, Miguilim e o pai estão expostos ao leitor.

São trechos que colocam em evidência, sobretudo, as características externas. O terceiro texto, traz uma figura impressionantemente humana, envelhecida, com os cabelos ralos, singularmente bem tecida pelo narrador.

Eça de Queirós foi um escritor de destaque porque reproduziu em seus livros tipos e temas sociais de seu tempo; ele foi, portanto, um observador do mundo real. Então, uma das características mais importantes de quem vai escrever é ser um **observador do mundo** e da natureza de cada ser, suas particularidades.

Claro que padecemos quando compomos uma personagem porque nem sempre conseguiremos fazê-lo da maneira como idealizamos: a palavra nem sempre consegue expressar o que se tem no imaginário.

Entretanto, para produzir uma história, nada melhor do que olhar cada coisa e, sobretudo, imaginar.

Observe a foto, premiada e apontada como a mais representativa do século XX: é de uma menina vietnamita cheia de pavor. Olhe seu rosto, a maneira como corre, a posição dos braços, os olhos e as pernas. Vá acompanhando com seu olhar as outras pessoas que compõem o quadro: é o retrato de um bombardeio sobre a aldeia de Trang Bang, em 1972, no Vietnã. Não é preciso fazer o exercício real, por escrito, mas imagine como você poderia descrever esse momento, dar a ele dinâmica e traduzir a dor e o medo daquelas criaturas, naquele exato instante.

AP PHOTO/NICK UT

Fig. 1 Ataque, com napalm, à aldeia de Trang Bang, Vietnã, 1972.

Os dois mundos

É certo que vivemos dois universos completamente distintos entre si: um real, apreendido por meio dos órgãos dos sentidos, repleto de sensações, cores, sons, texturas, paladares e cheiros, e um outro, apreendido por meios indiretos, por palavras, um mundo que herdamos sem necessidade da experiência real, desde os livros de História até as experiências de relatos familiares.

Contudo, inúmeros escritores já disseram que somos feitos de palavras. É nossa experiência forte, transcendente, capaz de transformar o mundo. E sempre estamos vivendo a experiência de transitar entre o **mundo verbal** e o **mundo real**, como escreveu S. I. Hayakawa, em seu livro *A linguagem no pensamento e na ação*.

As personagens habitam um **universo de palavras**, **fazem parte dele**. No entanto, é preciso que nos lembremos de que tal universo, se comparado ao mundo real, corresponderia ao que Hayakawa lembra: *A relação entre o mundo real e o mundo verbal é a mesma que existe entre um território e o mapa que o representa.*

Pois bem, para "fabricar" uma boa personagem é necessário prestar mais atenção ao mundo exterior, mas também, e intensamente, observar de que maneira se contornará a distância entre ele e o mundo interior, a ser captado por nós.

Uma personagem bem feita não é apenas um **ser de papel**: ela vai além. Muitas vezes, ela atravessa os séculos, como é o caso de Capitu, de Machado de Assis. Observe, a seguir, um trecho do romance *Dom Casmurro* e descubra por que Capitu, distante de nós cento e poucos anos, é ainda uma personagem intrigante.

repa: cabelo esfiapado e ralo;
engelhada: enrugada;
retidão: honestidade de propósitos;
resoluto: audaz, corajoso, decidido, afoito;
cor de pinhão: cor avermelhada, como mogno;
canhões de veludilho: enfeites de veludo;
grilhão: relógio.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

Machado de Assis. "Capítulo XIII - Capitu". *Dom Casmurro*. São Paulo: Nobel, 2009.

O trecho revela uma menina de quatorze anos, exteriormente apenas. Os detalhes são captados de maneira especial porque a observação de quem narra é plena. No entanto, podemos expandir a nossa observação para o mundo interior e captar cada um dos sentimentos da personagem que nos dispomos a construir. Veja o trecho de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, em que João Romão não é descrito apenas externamente, mas o narrador nos conduz a um outro universo: o dos vícios humanos.

Este, sem dúvida, é o mundo mais difícil de desvendar.

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos das comidas dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*. 2 ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2005. (Col. Super Prestígio). p. 23-4.

Há duas perspectivas das quais podemos observar as criaturas: a externa e a interna. Uma quase tangível porque há nela uma paisagem ou ambiência, características que podem ser vistas ou comprovadas. Na outra, como no texto de Azevedo, há peculiaridades muito íntimas que fazem parte apenas do mundo das emoções.

Quando escrever, procure juntar sempre esses dois universos.

TEXTO COMPLEMENTAR

Uma paisagem pendurada na janela

Mesmo os sonhos mais extravagantes deveriam ser possíveis... Digo isso e me rio, sentada, sozinha diante da tela do computador. É que pensava sobre janelas e para o que elas servem. Para o que serve, então, uma janela?

Pois que eu conheço pessoas que sonham janelas transparentes, abertas por sobre o mar; janelas que se instalariam em quinas de paredes, janelas de vidro ou de água, janelas cheias de luz. Eu me ri agora mesmo porque imaginei uma janela para emoldurar uma paisagem e, depois, acabei por acreditar que todas elas foram inventadas para isso mesmo: emoldurar a paisagem, penduradas na parede, um quadro de que ninguém desconfie, mas que, secretamente, exista como possibilidade e esperança.

Fiquei imaginando o que eu penduraria num quadro de janela... ah, certamente que um jardim, quem me conhece que o diga, quem já me viu que me dê uma assim.

Quem sabe eu quisesse uma paisagem e na paisagem uma montanha e por trás da montanha um sol e por trás do sol um oceano e por fim um gramado onde corresse uma criança atrás de uma bola? Um homem atrás de uma mulher? Um menino atrás da mãe? A mãe atrás de dinheiro?

A vida, me disse alguém, põe gostos amargos na gente... No entanto, ninguém resiste à coisa boa que é encostar-se numa janela e sonhar de olhos abertos. Um sonho, por ele não se paga... Sonho uma janela emoldurando a paisagem simples, de homens justos e bons. Uma paisagem sem guerra, um tempo que é agora ou quando e quase, com comida para todos e alegria bastante.

Fosse muito pedir, ou pouco fosse, eu queria mesmo é esta paz de instantes, esta certeza escrita em lugar nenhum senão na nervura das folhas e asas de libélulas, transparentes e voadoras.

Quero, ainda que nem saiba como, a certeza sem trégua de formigas e formigueiros, de chuva escorrendo água, de gavetas que guardam muito, de amigos sempre dispostos à conversa sem pé nem cabeça.

Quero ter direito à paisagem que as janelas guardam, mas sobretudo o de debruçar-me à janela, quieta, imaginando novas molduras para paisagens novas.

Eu sei que por detrás das janelas existem rios, ninhos, passeios de bicicleta. E acredito, para sempre acredito, que eu possa fazer jus, ainda que impossivelmente, ao direito de ter a idade de meu filho, à alegria de meus três netos pequeninos, à esperança para sempre renovada.

Esther Rosado.

curadas: tratadas, cuidadas;
toucador: espécie de cômoda encimada por um espelho, penteadeira, que serve para se pintar, pentear-se;
mácula: mancha;
duraque: tecido muito forte e resistente com o qual eram feitos os sapatos das senhoras;
pecuniário: relativo a dinheiro;
socado: gordo e atarracado.

Proposta de Redação

Tema 1

REPRODUÇÃO

Levando em consideração o fato de que, quando escrevemos, somos reinventores da vida, escreva uma redação sobre o texto que você acabou de "ler".

Ao escrever, leve em consideração:

A quem pertence o par de tênis?

Há indícios, no texto, da personalidade do seu dono ou dona?

Escreva um trecho predominante descritivo e coloque lá os dois mundos que você acabou de aprender: o mundo interior e o mundo exterior da sua personagem.

Tema 2

Descendo hoje a Rua Nova do Almada, reparei de repente nas costas do homem que a descia diante de mim. Eram as costas vulgares de um homem qualquer, o casaco de um fato modesto num dorso de transeunte ocasional. Levava uma pasta velha debaixo do braço esquerdo, e punha no chão, no ritmo do andando, um guarda-chuva enrolado, que trazia pela curva na mão direita.

Senti de repente uma coisa parecida com ternura por esse homem. Senti nele a ternura que se sente pela comum vulgaridade humana, pelo banal cotidiano do chefe de família que vai para o trabalho, pelo lar humilde e alegre dele, pelos prazeres alegres e tristes de que forçosamente se compõe a sua vida, pela inocência de viver sem analisar, pela naturalidade animal daquelas costas vestidas.

Bernardo Soares. *O Livro do Desassossego*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense. p. 49.

Seja você o narrador em primeira pessoa e continue contando os fatos que acabou de ler. Escreva sobre o homem da rua. Siga-o com seus olhos curiosos: o que há dentro da pasta? Para onde este homem vai? O que busca? O que o faz banal e cotidiano?

fato: roupa, veste, vestuário.

11 A construção da espacialidade

Categoria fundamental do que é narrar, o espaço deveria ser uma das maiores preocupações de quem conta uma história: ele abriga os seres que construímos e, na imitação daquilo que na vida real nos circunda, dá-lhes traços peculiares.

É comum que tenhamos, na construção de qualquer tipo de narrativa, seres adaptados ao meio em que vivem ou refletindo socialmente sua origem.

Imaginemos um filme sem paisagens, uma novela sem cenário, uma galeria de quadros somente com rostos e corpos soltos em um espaço vazio... Impossível que gostássemos de ler um livro, romance ou conto, em que o espaço é ausente.

Os ambientes seduzem o leitor, prendem-lhe a atenção. São significativos porque representam reduções do mundo que habitamos, relações metonímicas com a realidade na qual vivemos.

O cenário e o resultado narrativo

Texto 1

[...]

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas.

[...]

Aluísio Azevedo. O Cortiço. 2 ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2005. p. 40. (Col. Super Prestígio).

Texto 2

[...]

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira.

[...]

Lygia Fagundes Telles. "Venha ver o pôr do sol". *In: Meus contos preferidos (antologia)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Depois de ler os trechos citados, imagine se, por hipótese, as narrativas trariam a curiosidade e interesse que despertam caso lhes tirássemos o que convencionamos chamar **espaço narrativo**, **cenário** ou **ambiência**.

assentada: de uma vez, sem interrupção;
tenra: nova, recém-nascida;
coradouros: lugar onde se estende a roupa, já ensaboada, para tomar sol, desencardir;
fartum: cheiro, mau odor;
acre: azedo;
opalina: vidro fosco, mas translúcido, que se emprega na construção de objetos decorativos;
tosco: rude, malfeito.

Certamente você se lembra do conceito do *locus amoenus* do Arcadismo: ele significa "lugar ideal, agradável para se viver"; cenário campestre para abrigar o sonho e a fantasia árcade. Sem ele, certamente o Arcadismo seria menos interessante ou sequer se completaria.

Componente essencial de qualquer narrativa, **o espaço** é peça vital para nos conduzir pela mão do narrador. Você se recorda dos filmes de terror a que assistiu ultimamente? Então, certamente se recorda do que chamamos "atmosfera". Nos filmes de terror, o ambiente construído revela, indica e conduz. Uma "paisagem" cemiterial, uma lua cheia no céu, neblina, uivos ao fundo, o pio da coruja e lá está o cenário perfeito para que apareça um lobisomem capaz de nos causar arrepios.

Na pintura, tal como na escrita ou no cinema, é essencial a composição de espacialidades e ambientes. O pintor impressionista Toulouse-Lautrec é um exemplo perfeito disso.

Durante anos habitou o bairro boêmio de Montmartre, circulou pelos cafés, teatros e bordéis famosos da época e imortalizou-os em seus quadros. Compôs ambientes, e deu-lhes criaturas que habitavam aqueles lugares. Observe.

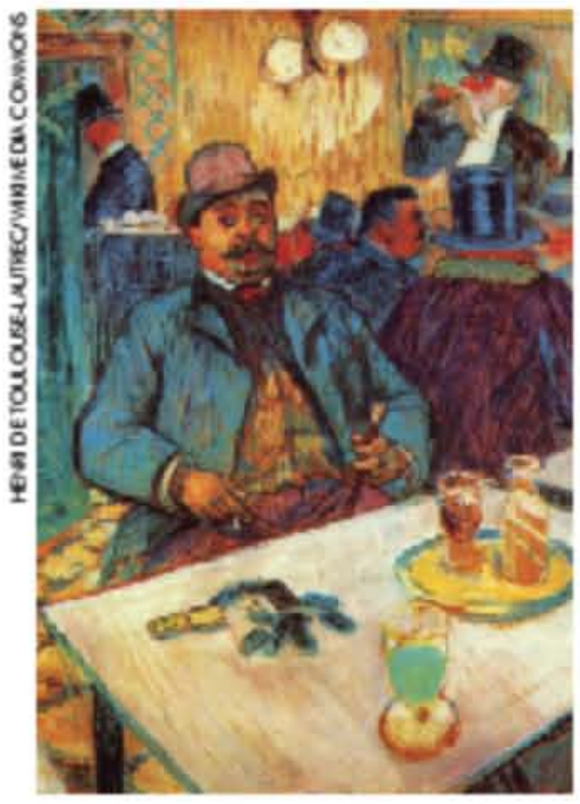


Fig. 1 *Monsieur Boileau em um Café*, 1893.

Em uma redação, os espaços revelam pessoas, seus gênios, conceitos, preconceitos, gostos estéticos. Quando você sentir dificuldade para começar a narrar, por que não experimenta iniciar seu texto pelo ambiente? Leia isso:

Texto 3

O homem que sabia javanês

[...]

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam, e os beirais do telhado daquelas telhas vidradas de outros tempos estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou malcuidadas.

Fig. 2 Lima Barreto.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortiças. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelos de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandos, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

– Eu sou – avancei – o professor de javanês, de que o senhor disse precisar.

– Sente-se – respondeu-me o velho. – O senhor é daqui, do Rio?

[...]

Lima Barreto. *Antologia de Humorismo e Sátira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 204.

Percebeu como os espaços determinam mesmo as criaturas que os habitam?

A descrição é fundamental para nomear o espaço.

Texto 4

Solfieri

[...]

– Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno. O fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte. As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se fazias ermas e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. – A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei à aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela... e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento a noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu ninguém: saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu e a chuva caía às gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou; estávamos num campo.

Aqui, ali, além, eram cruzes que se erguiam entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei, apenas, que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo, a criatura pálida não fora uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo-santo estavam quebradas junto a uma cruz.

[...]

Álvares de Azevedo. "Solfieri". *Noite na Taverna*.

Entre as suas observações ao final de um texto, é comum que o corretor escreva que o aluno esqueceu de colocar ali a descrição de espaços, esqueceu de ambientar suas personagens.

Ao se elaborar um texto, é comum que as peripécias ganhem maior atenção, visto a intenção de prender a atenção do leitor.

O espaço, no entanto, é uma categoria especial da narrativa e é de suma importância que, na hora de construir um texto, você se preocupe com a importância que o detalhe espacial terá na construção do todo narrativo.

Existe um aspecto que deve ser observado a fim de que não se percam as conexões narrativas, sob pena de perder a continuidade, a coerência interna daquilo que está sendo narrado: onde, afinal, ocorrem os fatos que você nomeia?

Há um fio muito forte que une o QUEM (as personagens) e o ONDE (o espaço narracional). É preciso cuidar muito para que nossas personagens não "destoem" do espaço que ocupam: uma princesa medieval jamais poderia ser encontrada fora de seu contexto e tempo naturais, exceto se isso fizer parte de um expediente intencional.

Os seres do fragmento de Lima Barreto, por exemplo, têm tipicidade dada pelo ambiente construído na narrativa e que permite conhecer caracteres, aspectos e circunstâncias em que as personagens estejam inseridas.

Tudo isso para dizer uma coisa importante: ao escrever o espaço de sua narração, lembre-se que em primeiro lugar está sempre a *verossimilhança*, em segundo lugar, estão suas personagens, que devem habitar um espaço que justifique seu (delas) modo de ser.

Espaço interior da personagem

Ao ler trechos de obras literárias, muitas vezes percebemos que ali existem claramente dois espaços: um exterior, com seus ambientes definidos, e outro interior, pertencente ao íntimo da personagem, paisagem nem sempre real, mas imaginária e significativa.

Fig. 3 Machado de Assis.

Sobretudo a literatura realista, de características psicológicas, nos traz este tipo de paisagem "do lado de dentro" das criaturas.

É possível que façamos uma redação com este modelo? Sim, principalmente quando ressaltarmos o mundo interior dos seres que construímos. Leia o trecho.

Pela primeira vez eu estava só com ele, sem o apoio cochichado da classe, sem a admiração que minha afoiteza provocava. Tentei sorrir, sentindo que o sangue me sumia no rosto. Uma gota de suor correu-me pela testa. Ele me olhava. O olhar era uma pata macia e pesada sobre mim. Mas, se a pata era suave, tolhia-me toda como a de um gato que sem pressa prende o rabo do rato. A gota de suor foi descendo pelo nariz e pela boca, dividindo ao meio o meu sorriso. Apenas isso: sem uma expressão no olhar, ele me olhava. Comecei a costear a parede de olhos baixos, prendendo-me toda ao meu sorriso, único traço de um rosto que já perdera os contornos. Nunca havia percebido como era comprida a sala de aula; só agora, ao lento passo do medo, eu via o seu tamanho real. Nem a minha falta de tempo me deixara perceber até então como eram austeras e altas as paredes; e duras, eu sentia a parede dura na palma da mão.

Clarice Lispector. *Os desastres de Sofia*.

Verifique que o trecho ressalta um aspecto não visualmente sentido: a sala de aula comprida, que "só agora, ao lento passo do medo, eu via o seu tamanho real".

Já tivemos experiências assim, no cotidiano: entrar em um ambiente estranho e ser observado. Os claustrófobos em elevadores é outra velha história de terror: o espaço pequeno, que se fecha cada vez mais. É claro que tal espaço é o do psicologismo, das sensações humanas e não o real. Mas as narrativas podem registrar também este espaço interno, feito da emoção, das inseguranças e dos desajustes. Leia mais este miniconto do escritor argentino Jorge Luis Borges.

Texto 5

O labirinto

Este é o labirinto de Creta. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro, que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como Maria Kodama e eu nos perdemos. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro, que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como Maria Kodama e eu nos perdemos naquela manhã e continuamos perdidos no tempo, esse outro labirinto.

Jorge Luis Borges. Trad. Miguel Angel Paladino. *Obras Completas*. São Paulo: Globo, 1998.

Perceba: a repetição aqui é proposital; ela indica o labirinto que aparentemente é igual, que se retoma, que nunca tem começo ou fim.

cochichado: dito em voz baixa, sussurrado;
afoiteza: coragem, ânimo, audácia;
tolher: restringir, paralizar, fazer ficar imóvel.

TEXTO COMPLEMENTAR

Observe agora pequenos trechos em que a espacialidade está evidenciada.

I.

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte, sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para as aventuras das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nessa ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar-oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Jorge Amado. "O trapiche". *Capitães da Areia*. 81 ed. Rio de Janeiro: Record. p. 25.

II.

Os cachorros já estando mansos amigáveis. Mas, parece que seo Geovânio desconfiou. Pois, por minha hora de surpresa, me chamou, abriu a porta. Lá dentro, até fedia a coisa sempre em tampa, não dava bom ar. A sala, grande, vazia de qualquer amobiliado, só para espaços. Ele, nem que de propósito, me deixou olhar à minha conta, andou comigo por diversos cômodos, me satisfiz.

Guimarães Rosa. "O cavalo que bebia cerveja". *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

III.

Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

– É sinistro.

Lygia Fagundes Telles. "As formigas". *Os melhores contos*. 2 ed. São Paulo: Global, 1984.

IV.

Tinham acabado de almoçar.

A sala esteirada alegrava, com o seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo, fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sestas ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; nas duas gaiolas, entre as bambinelas de cretone azulado, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente.

Eça de Queirós. "Capítulo I". *In: O primo Basílio*. São Paulo: Nobel, 2008. p. 5.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

JOHANNES VERMEER/WEB GALLERY OF ART

Vermeer. *O concerto* – 1665-66. Roubado de Boston em 1990.

REMBRANDT VAN RIJN/MINISTÉRIO DA CULTURA

Rembrandt. *Autorretrato*, 1630. National museum, Estocolmo, Suécia. Quadro furtado em 2000, encontrado em 2005.

Observe bem o quadro do pintor alemão Vermeer: é um dos quadros mais caros do mundo, tendo seu valor estimado em 100 milhões de dólares. Em 1990, foi roubado do Museu Isabella Stewart Gardner, em Boston, e até hoje não foi recuperado.

Escreva uma história em terceira pessoa em que você imagine como é que aconteceu e por que aconteceu o furto deste quadro.

Imagine onde ele esteja e quem o tenha sob a guarda.

Você deve, obrigatoriamente, criar uma personagem que é apaixonada por pintura e que pagará a um detetive para descobrir o paradeiro do quadro. Durante a investigação, contudo, acabará por encontrar um outro quadro, o *Autorretrato* de Rembrandt, avaliado em 10 milhões de dólares. Roubado em 2000, a obra só foi recuperada em 2005. Na sua história, seus protagonistas serão os autores desse resgate.

12

A construção da temporalidade

O tempo pode ser definido como o *quando* narrativo, a maneira como, ao escrever, indicamos as ocorrências e suas peculiaridades na ordem em que acontecem.

Temos dois tipos de tempo: o cronológico, mensurável e objetivo, medido nos relógios ou nos calendários, e o tempo subjetivo, psicológico, que existe "dentro" das personagens.

Indicado por expressões adverbiais, verbos e outras circunstâncias semânticas, o tempo abriga, ainda, uma série de concepções sobre as personagens que criamos: se, por exemplo, construirmos uma redação ambientada na década de 1950, teremos de nos cercar de cuidados e descrever as personagens como inseridas naquela época.

O tempo interior ou psicológico traz consigo a digressão (as qualidades da recordação): existe apenas dentro das personagens, amparado em seus anseios, afetos, carências, sentimentos. Aprisionado na lembrança, vem à tona com o auxílio da rememoração.

A sucessão dos acontecimentos

Um texto narrativo guarda uma sucessão de acontecimentos protagonizados pelas personagens que os fazem ou recebem.

Se, por um lado, tais acontecimentos estão intimamente ligados ao **lugar** onde ocorrem, é natural que estejam também atrelados a um **tempo** onde possam ter ocorrido. Assim se sustentam as narrativas: na linha temporal que pode ser sucessiva ou invertida, dependendo exclusivamente de como pretendemos contar os fatos.

Observe este pequeno trecho de autoria de Machado de Assis.

O conselheiro Vale morreu às 7 horas da noite de 25 de abril de 1850. Morreu de apoplexia fulminante, pouco depois de cochilar a sesta, – segundo costumava dizer, – e quando se preparava a ir jogar a usual partida de voltarete em casa de um desembargador, seu amigo. O dr. Camargo, chamado à pressa, nem chegou a tempo de empregar os recursos da ciência; o Padre Melchior não pôde dar-lhe as consolações da religião: a morte fora instantânea.

No dia seguinte, fez-se o enterro, que foi um dos mais concorridos que ainda viram os moradores do Andaraí. Cerca de duzentas pessoas acompanharam o finado até à morada última, achando-se representadas entre elas as primeiras classes da sociedade. O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do

PETER PAUWEL RUBENS/WIKIMEDIA COMMONS

Fig. 1 Peter Paul Rubens. *Saturno devorando um filho, 1636*. Museu do Prado, Madrid, Espanha. Saturno é o nome romano do deus grego Chronos, senhor do Tempo.

Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei. Pelo lado materno descendia de uma das mais distintas famílias paulistas. Ele próprio exercera dous empregos, havendo-se com habilidade e decoro, do que lhe adveio a carta de conselho e a estima dos homens públicos. Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dous partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais ideias políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dous domínios podem confundir-se. Se nenhuma saudade partidária lhe deitou a última pá de terra, matrona houve, e não só uma, que viu ir a enterrar com ele a melhor página da sua mocidade.

A família do conselheiro compunha-se de duas pessoas: um filho, o dr. Estácio, e uma irmã, d. Úrsula. Contava esta cinquenta e poucos anos; era solteira; vivera sempre com o irmão, cuja casa dirigia desde o falecimento da cunhada. Estácio tinha vinte e sete anos, e era formado em matemáticas. O conselheiro tentara encarreirá-lo na política, depois na diplomacia; mas nenhum desses projetos teve começo de execução.

Machado de Assis. *Obra completa*. Vol. 1.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Os dois tempos narrativos

Ao escrevermos uma história, sabemos que o tempo é fio com o qual conduziremos os acontecimentos.

Mas, como se marca o tempo narrativo?

Comumente com advérbios, expressões ou locuções temporais, estações, meses, dias do ano, indicações de épocas comemorativas. Às vezes, contudo, alguns escritores conseguem fazê-lo de uma maneira mais elaborada. Leia um fragmento de *O primo Basílio*, do escritor Eça de Queirós.

Houve um ruído domingueiro de saias engomadas, Juliana entrou, arranjando nervosamente o colar e o broche.

Perceba como o narrador coloca o tempo em "ruído **domingueiro** de saias", ou seja, era domingo e Juliana usava saias especiais para aquele dia.

Eis um apontamento do tempo interessante pois o narrador foge ao modelo convencional de: "Era um domingo..."

Ao tempo acontecido de maneira **sucessiva** na narrativa, damos o nome de **cronológico, diacrônico** ou **linear**. Usando esse tipo de tempo, certamente construiremos uma narrativa sequencial, isto é, na ordem em que os acontecimentos se deram. A maior parte das narrativas é construída dessa maneira.

Há, no entanto, um outro tipo de tempo, o **psicológico**.

Ele não flui no mundo dos acontecimentos, nem segue a ordem dos segundos, minutos, horas e dias. Ele acontece dentro das personagens, a partir de suas ansiedades, tragédias, angústias, alegrias, contentamentos.

Para utilizar um tempo assim, basta lembrar, por exemplo, que esse tipo de tempo é desencadeado na narrativa por conta da rememoração, e que, por ter fluxo particular e emocional, mistura temporalmente os fatos.

Os romances machadianos são bom exemplo do uso desse modo de tempo. D. Casmurro é montado integralmente na linha do *flashback*, e sua digressão mistura épocas e acontecimentos.

É um tempo é guiado pela emoção.

Um outro exemplo claro desse tipo temporal é o romance *Angústias*, de Graciliano Ramos. Nele, o narrador, que é também o protagonista, tenta resgatar o passado através da rememoração dos fatos. Como estes acontecimentos ainda são recentes (mais ou menos um ano), estão vivos na memória e são intensos. Ao escrever sua história, o narrador, amargurado, mistura o tempo presente ao tempo passado, e quase não os distingue mais, tal seu envolvimento emocional.

Nesse tipo de construção temporal, a paisagem interior, muitas vezes, é uma extensão do mundo interior das personagens.

Leia um trecho da obra:

Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, que alcancei velhíssimo. Os negócios na fazenda andavam mal. E meu pai, reduzido a Camilo Pereira da Silva, ficava dias inteiros manzanzando numa rede armada nos esteios do copiar, cortando palha de milho para cigarros, lendo o Carlos Magno, sonhando com a vitória do Partido que padre Inácio chefiava.

Verifique que o tempo psicológico é comum em narrativas em primeira pessoa. É que ele representa, quase sempre, o tempo dos sentimentos, das transfigurações e de uma espécie de resgate íntimo das coisas que se foram. Está, portanto, na memória do narrador.

manzanzando: procrastinar, embromar.
copiar: varanda.

TEXTO COMPLEMENTAR

Missa do galo

[...]

Tinha comigo um romance, Os *Três Mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

– Ainda não foi? perguntou ela.

– Não fui, parece que ainda não é meia-noite.

– Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

– Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma cousa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

– Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

– Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

– Quando ouvi os passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.

– Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.

– Justamente: é muito bonito.

– Gosta de romances?

– Gosto.

– Já leu a *Moreninha*?

– Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

– Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

"Talvez esteja aborrecida", pensei eu.

E logo alto:

– D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

– Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

[...]

Chegamos a ficar por algum tempo, – não posso dizer quanto, – inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo!"

– Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

– Já serão horas? perguntei.

– Naturalmente.

– Missa do galo! – repetiram de fora, batendo.

– Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido

Machado de Assis. *Obra Completa*. Vol. 1.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

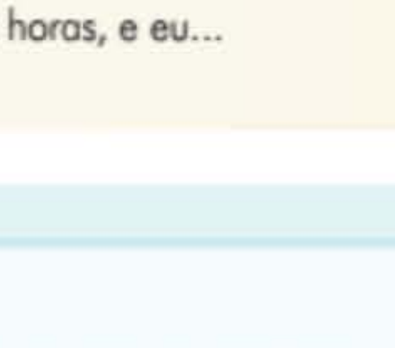
Proposta de Redação

Imagine que você esteja no século XVIII e que assista a uma palestra do filósofo iluminista francês Voltaire. Em meio à palestra, ele se volta para a plateia e diz:

Homem

"Um homem grosseiro é facilmente reconhecido: não raciocina, portanto não duvida de nada; não nega, portanto não crê. Cultiva hábitos há muito nele arraigados e nada aceita, medroso, além daquilo que sejam as conveniências do que vai até a porta da frente de sua casa.

Não testemunha o seu tempo: vive no tempo do que um dia conquistou; não deixa que ninguém o conheça, posto precisar defender-se com frequência e, dessa forma, fica livre para ofender os outros.



Voltaire.

Um homem rude é aquele que aprende com o que lê, mas prefere não aplicar o que a teoria lhe ensinou; medroso, nada aceita do mundo presente porque julga que já traçara seu destino e o inesperado não lhe interessa mesmo que seja a sua própria felicidade.

Mas um homem infeliz é aquele que, desconhecendo os caminhos da existência e as possibilidades que neles se escondem, julga que nada precisa mudar e que tudo está certo como está.

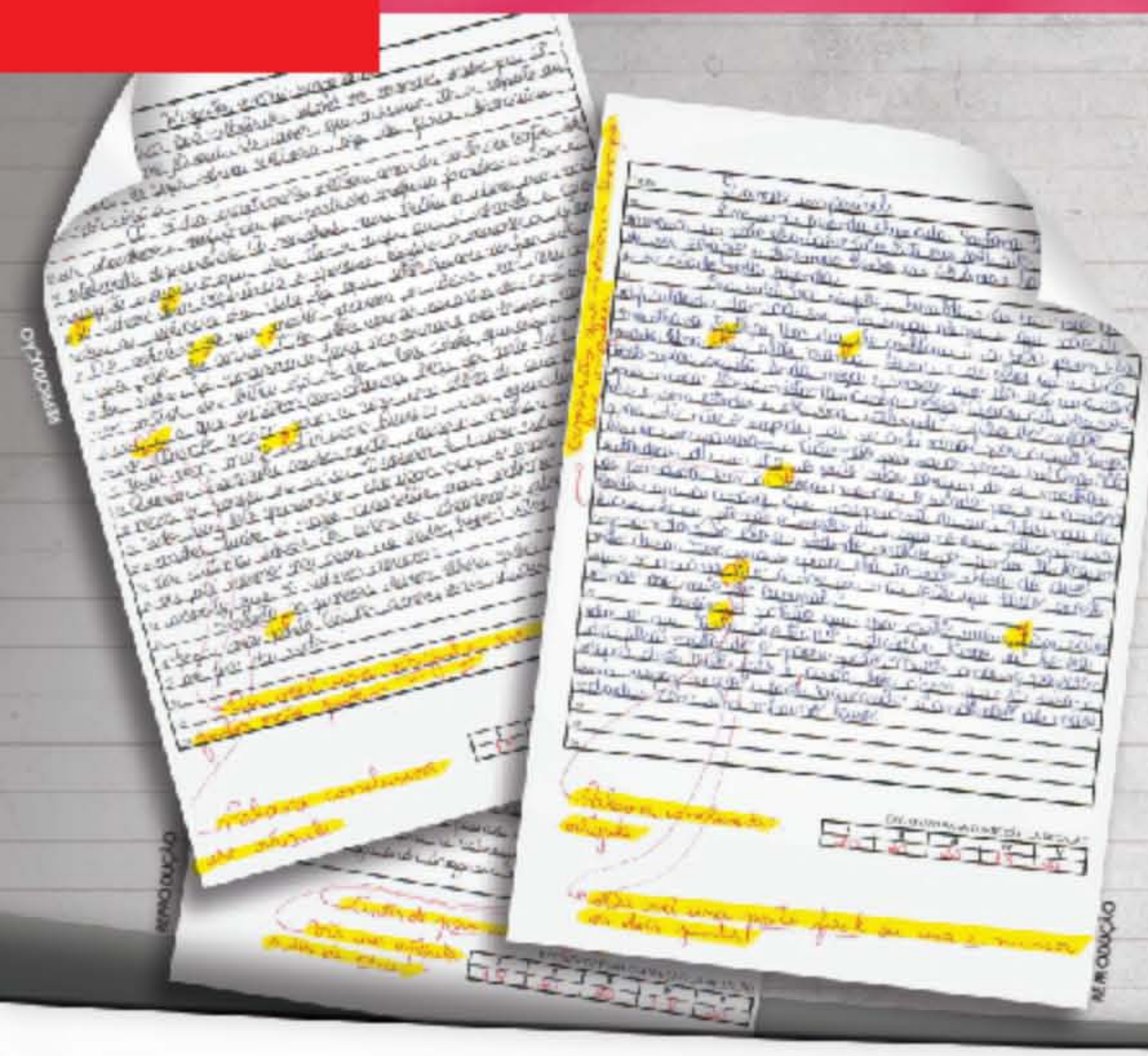
Feliz é o homem, certamente, que apesar de todas as adversidades, cruza sem medo a via do Destino, toma na mão a rédea de sua própria vida e conduz o carro dos seus dias para onde seu coração e a sua inteligência lhe indicar".

Narre quais os sentimentos que o texto lhe traz; volte seus olhos para a plateia daquele tempo, descrevendo as roupas e a maneira de receber informações desse tipo.

Ao descrever o que fala Voltaire, indique o som de sua voz, a maneira como suas mãos percorrem o ar e seu corpo se posta frente ao público; descreva seus olhos e a emoção sentida ao proferir tais palavras.

Escolha o ambiente indicando onde tais cenas acontecem e faça uma narrativa em primeira pessoa.

13 Os dez pecados mortais da narração



Ao se escrever qualquer texto, seja narração ou dissertação, deve-se ficar atento em evitar erros comuns, como repetir palavras (o que empobrece o texto, sobretudo se elas forem pronomes relativos ou conjunções). Em uma narrativa, contudo, há que se ter alguns cuidados especiais, já que ela é um tecido que deve ser bem tramado: prestar atenção às exigências do enunciado, criar personagens convincentes, tempos definidos e espacialidades indiciadoras não deixam de ser maneiras competentes para evitar uma nota baixa.

Lembre-se sempre de que somos o que escrevemos, somos o mundo que reinventamos. Neste capítulo, veja os "dez pecados mortais" de uma narração.

Dez pecados mortais

Sempre que acabamos de escrever um texto narrativo, lá vem a mesma pergunta nos atormentando: será que ficou bom?

Ao recebermos de volta nossa redação corrigida, vemos que falhamos em alguns aspectos, que poderíamos ter evitado alguns erros. A seguir, os dez tipos mais frequentes desses "pecados".

Uso e mau uso das palavras

Você sabe que as palavras funcionam como matéria-prima para a construção de qualquer texto. No entanto, elas também são como uma faca de dois gumes, fique atento.

Um defeito que um bom texto jamais deverá apresentar é a repetição de palavras sem fins estilísticos. Claro que não estamos falando de repetições intencionais como as anáforas, por exemplo, mas sim aquelas que desgastam a narrativa e empobrecem, inclusive, seus significados. Veja o exemplo.

A menina esteve sentada ali durante toda a tarde. Coitada da menina, não sabia que a consulta duraria tanto e que sua mãe ficaria, então, preocupada. A menina pediu para telefonar e falou com a mãe, explicando-lhe a demora.

ATENÇÃO!

Quando você perceber que repetiu muito a mesma palavra, procure substituí-la por sinônimos e, no caso dos nomes, pronomes.

Uso de clichês

Nada mais devastador do que o clichê, entendendo-se como clichê as repetições de expressões, ideias ou palavras que, pelo uso constante e popularizado, não significam mais nada.

Exclua de sua redação narrativa as expressões.

"lindo dia de sol", "abraço cheio de emoção", "beijo doce", "ao pôr do sol", "faces rosadas", "inocente criança", "Num belo domingo de Primavera ...", "família unida", "uma grande salva de palmas", "paixão intensa".

Esses são apenas alguns exemplos, claro. Depende da sensibilidade de cada um captar os desgastes das palavras e expressões.

Falta de coerência interna

Levando-se em conta que uma narrativa é uma sucessão de acontecimentos que ocorrem em tempo e espaço determinados, que envolvem ações feitas e recebidas pelas personagens, é interessante que jamais percamos a coerência interna.

Precisamos ter atenção na construção do texto narrativo, a fim de que ele não perca suas qualidades de completude. Deixar pelo caminho situações maldesenvolvidas, circunstâncias malnomeadas ou esclarecidas dão sempre a ideia de desatenção, pressa ou falta de cuidado com a tessitura do texto. Ele deve sempre parecer um todo verossímil, capaz de convencer quem o leia.

Só como estilo, pode parecer frágil em alguns aspectos, sem resistência de continuidade.

Ao "cortar" o tempo, usando *flashbacks*, não permita que a fragmentação esgarce a compreensão do conteúdo que você imprimiu à sua história.

ATENÇÃO!

Lembre-se de que a narrativa é como uma vida, um trecho dela: há circunstâncias que, se retiradas, fazem-na tornar-se incompleta ou superficial.

Ausência de características das personagens

Quando construímos a personagem ou personagens, sabemos que elas devem parecer verdadeiras, criaturas assemelhadas aos humanos. Mesmo em uma fábula ou em um apólogo, em que animais ou coisas são personificados, há uma tendência de caracterizá-las como criaturas do mundo real.

Uma personagem, sobretudo a protagonista, deve ter traços fortes e particulares. Se você criá-la sem características específicas, não há como ressaltar-lhe os atos e torná-los significativos na sequência da narração.

ATENÇÃO!

Uma boa personagem tem um cacoete qualquer, uma cor de olhos particular, tiques e manias (passar a mão no cabelo, estalar os dedos ou balançar a cabeça de um lado para o outro).

Ausência de características espaciais

Outro problema que é muito complicado para quem escreve é a caracterização do espaço onde ocorrem as ações.

Muitas vezes, ele sequer existe, como no trecho abaixo.

Enquanto lá fora chovia intensamente, as crianças pulavam aos berros sobre o sofá da sala.

Quando o corretor lê isso, sem mais nenhuma indicação posterior, pode imaginar que trata-se de um sofá no meio do nada e três crianças pulando sobre ele, e de uma janela pendurada no vazio com a chuva intensa do lado de fora.

Como vimos antes, o espaço é extremamente importante, podendo revelar estados de espírito, características psicológicas e intelectuais das personagens.

ATENÇÃO!

Não seja excessivamente minucioso, aborde aspectos do ambiente. Por exemplo: em uma narrativa de terror ou suspense, em que uma determinada cena vai se desenvolver no sótão ou no porão, é imprescindível que você, em dado momento, indique – e descreva – como são tais lugares e os caminhos que conduzem a eles.

Uso reiterado de adjetivos

Imagine se você lesse um início de narrativa assim:

Em uma linda, perfeita, maravilhosa, fantástica e ensolarada manhã de primavera brasileira, aquela extraordinária jovem de cabelos longos, negros e volumosos abriu a ampla janela para o belíssimo e perfeito jardim...

Diga a verdade: você aguentaria ler o resto?

É evidente que precisaremos de ajuda de adjetivos para descrever uma personagem ou o ambiente em que ela se encontra; mas saiba priorizá-los no uso, evitando abundância desnecessária.

O uso ampliado de adjetivos também desgasta o texto, banaliza-o e nada acrescenta a ele senão um certo pernosticismo que todos queremos evitar.

Escrita circular

Qual é o tamanho correto que se deva dar a um texto narrativo no vestibular?

Rigorosamente, não há tamanho exato para nenhum tipo de texto, muito menos os narrativos.

Mas convém não ultrapassar 40 ou 50 linhas de modo a não incorrer em um erro muito significativo: escrever "circularmente", ou seja, repetir, ao redor do mesmo tema a mesma história ou argumentos como uma espécie de bêbado que fala sempre a mesma coisa.

Escrever circularmente é como andar em círculos, sem sair do lugar. Em qualquer narrativa é importante investir em ações novas que se encadeiem, criando uma sequência que nos permita um bom fecho.

ATENÇÃO!

Antes de começar a escrever, faça um breve roteiro (não é um resumo!) sobre como quer que a história se desenvolva. Ajuda a não nos perdermos em descaminhos.

Começo, meio e fim...

Nem sempre um bom texto narrativo deve seguir a sequência: começo, meio e fim.

Muita gente, quando escreve, imagina que, para ser compreendido, é preciso ser didático. Errado? Pecado mortal?

Não acredite nisso.

Um texto narrativo pode terminar em "aberto", ou seja, apenas com a sugestão de fecho, aceitando a interferência, a interação com o leitor que pode, de acordo com suas vivências e experiências, "fechá-lo" à sua maneira. Com prática, essa pode ser uma boa maneira de melhorar um texto.

Outra forma possível é **começar o texto pelo clímax**: assim você rompe o lugar-comum e chama mais a atenção do seu corretor.

Esquecendo uma personagem

Antes de começar o seu texto, lembre-se de ler com atenção todas as recomendações do enunciado e não se esqueça de qualquer uma delas. Sobretudo quando se trata de criar um determinado tipo de personagem. Se o enunciado pedir a você que crie um detetive, uma mulher que lê mãos, um homem misterioso de chapéu, essas personagens certamente devem fazer parte fundamental do que se pretende da narrativa.

Pior do que isso é começar a narrar e, após citar uma personagem, esquecê-la, deixá-la de lado, não trazê-la ao fio da história para que se desenvolva plenamente.

"Esquecer" uma personagem é ato narrativo imperdoável.

Esquecendo uma ação

Por fim, não esqueça uma ação exigida pelo enunciado.

Quando ele pede um determinado componente acional, melhor prestar muita atenção e dar um contorno de relevância a isso. Normalmente, o enunciado destaca o que pede como imprescindível.

Antes de passar a limpo a redação, vá ao rol de exigências e confira se cumpriu todos os itens.

Há duas coisas que dão nota zero na hora de elaborar o texto: uma é fugir do modal ou trocá-lo (pede-se, por exemplo, uma narração e você faz uma dissertação). A outra é esquecer os itens do enunciado, descumpri-los ou relegar exigências fundamentais a circunstâncias secundárias.

TEXTO COMPLEMENTAR

[...]

Os cineastas mostraram um certo desejo de descobrir o que realmente aconteceu, mas não souberam como. Para eles, pesquisa histórica era tentar extrair algum sentido do livro de Howard Fase e de um outro romance, muito mais adulto, de Arthur Koestle, The Gladiators. Essas obras foram lidas através das lentes da probabilidade ideológica. Enquanto isso, um pesquisador assistente poderia ter reunido todas as evidências textuais antigas (de Apiano, Plutarco e outros) em apenas dez páginas. Cem páginas teriam dado toda uma riqueza de fundo histórico, mas parece que tal procedimento era mesmo inimaginável. Seja como for, um enorme esforço foi dedicado à criação de detalhes físicos realistas.

O Espártaco histórico não nasceu escravo (era um prisioneiro de guerra natural da Trácia, onde hoje está situada a Bulgária). Ele não sobreviveu para ser crucificado nos arredores de Roma nem, certamente, teve a oportunidade de trocar um comovente último adeus com a esposa milagrosamente libertada, a escrava Arínia (personagem fictícia, interpretada por Jean Simmons), e o próprio filho. As plateias de massas exigiam essas cenas sentimentais. Afora isto, nem Graco nem Júlio César tiveram algo a ver com Espártaco; o último Graco a chefiar a plebe romana havia sido assassinado meio século antes. O motivo, aqui, foi evidentemente inserir no mesmo filme tantos romanos famosos quanto fosse possível.

Outra tendência dos cineastas foi dividir a raça humana entre bem e mal. Tudo parece um pouco harmonioso demais no lado dos rebeldes (quando deve ter existido algum compreensível desentendimento de propósitos entre os seguidores de Espártaco). O verdadeiro Espártaco foi brutal o bastante para mandar matar cerca de trezentos prisioneiros romanos em honra de Crixus, seu companheiro assassinado (a menos que isso seja contrapropaganda abusiva). A maldade implacável dos romanos leva o filme a deixar os cidadãos comuns de Roma de fora da história, com o corolário de alguns espectadores acabarem perguntando em favor de que causa os legionários que derrotaram Espártaco estavam lutando.

Há também uma grande distorção política em Spartacus. Somos levados a crer que a crise precipitada por Espartaco faz com que Crasso se torne um ditador. É verdade que os romanos haviam sofrido algum tempo sob um ditador, Sula, entre 82 e 80 – e padeceriam pouco depois sob outro, Júlio César, de 49 a.C. em diante –, mas, nos anos 70, os romanos ainda possuíam a forma e até a realidade de um sistema de governo republicano (O cargo que o filme dá sucessivamente a Glabro e a César, a saber, o de prefeito da cidade, ainda não existia). Ao ser despachado contra Espártaco, Crasso era simplesmente um ex-pretor (embora inusitadamente rico para um ex-prefeito); seu êxito o ajudou a ganhar a eleição para cônsul no ano 70 a.C., mas ditador ele nunca foi.

O motivo dessa distorção era, evidentemente, sugerir que a rebelião de Espártaco começou, ou pelo menos fez prever, o colapso do sistema de escravos. Analogamente, o narrador, no início do filme, nos conta que o cristianismo criará mais tarde "uma nova sociedade" – está implícito, sem escravidão. Na verdade, como o próprio roteiro diz, em outras plagas a escravidão sobreviveria muito bem, obrigada, por mais 2 mil anos, ou quase.

W. V. Harris. "Spartacus". *In:* Mark C. Carnes (Org.). José Guilherme Correa. *Passado Imperfeito: a história no cinema*. Tradução de José Guilherme Correa. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 42-3.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

UEL 2010

H. OHARA. JORNAL DE LONDRINA, 9 NOV. 2009, P.01.

Leia a coletânea de textos a seguir.

A foto, feita pelo fotógrafo amador Haruo Ohara (1909-1999), registra a presença de duas crianças brincando em uma área rural. A menina empunha uma sombrinha e o garoto usa chapéu, o que sugere um dia de sol. As crianças não têm brinquedos e se divertem com o que encontram naquele momento. O garoto segura com firmeza a escada, demonstrando zelo e cuidado com a companheira de diversão.

Com base nesses elementos e na observação da imagem, elabore um texto narrativo em que as lacunas dessa cena sejam preenchidas por personagens, conflitos e ações, em um determinado tempo e espaço.

A dissertação

14

A dissertação é modalidade amplamente exigida nos vestibulares e parece guardar em si a nossa competência para opinar sobre o mundo, questionar os fatos, criticar as circunstâncias.

Ela é também um modal que se destina à especulação filosófica sobre os fatos e quer sempre "provar" alguma coisa, dadas as características específicas que possui. Para isso é que serve uma dissertação: para que os outros nos compreendam as opiniões, para revelar o que pensamos sobre os acontecimentos. Ou seja: de um modo sutil, mas eficaz, ela nos desvenda.

A dissertação nos coloca frente a frente com o mundo que habitamos e permite a quem nos leia nos julgar ou verificar nossa coerência e capacidade de contextualizar fatos e ideias.

Mas para que possamos escrever bem uma redação dissertativa, é preciso também levar em conta que precisaremos nos inteirar dos assuntos que nos cercam. Não há ninguém que escreva bem quando não sabe bem sobre o que vai escrever.

Dissertação: o que é, como é, para o que serve?

Em redação existem três modais (modalidades para a construção de um texto): a **narração**, a **descrição** (modal misto) e a **dissertação**. Já estudamos a narração nos capítulos anteriores. É hora, portanto, de começar a entender definitivamente o que é dissertar.

Temos uma preferência por ler (ou escutar) histórias e tudo o que nos restou como registro de qualquer civilização tem como base a narrativa. Mas, com o aparecimento de filosofias, códigos e leis que regem os povos, com o advento do mundo técnico e racional, a dissertação ganha um lugar de destaque, sobretudo a partir do século XVIII, quando os jornais aparecem definitivamente e os homens célebres passam a utilizá-los para opinar ou debater.

Dissertar quer dizer **analisar criticamente, discutir um tema, opinar** e **debater sobre um assunto de maneira ordenada** (começo, meio, fim) e usando uma linguagem que se distancie da norma popular, coloquial, mas que condene o pedantismo, o purismo, o preciosismo. Ou seja: analisar, escrever sobre um tema que nos seja oferecido usando preferencialmente a linguagem com a qual nos comunicamos (norma-padrão), mas **sem gírias**, **palavrões** e **lugares-comuns**, os quais empobrecem o texto.

Os tipos dissertativos

Em função do método utilizado para sua obtenção, a dissertação poderá ser classificada das seguintes maneiras:

1. Expositiva

Acontece quando, no texto, o articulador das ideias utiliza dados fartamente noticiados em jornais, revistas, rádio, televisão, enciclopédias. Tais ideias são amplamente conhecidas e, por isso mesmo, inquestionáveis quanto ao conteúdo. Como o próprio nome diz, **expõe** os fatos, mas não apresenta necessariamente uma discussão.

Observe o exemplo.

Brasil é o país que mais avança, apesar da variável "educação" puxar IDH para baixo

O Brasil subiu quatro posições entre 2009 e 2010 e foi o país que mais avançou no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) divulgado nesta quinta-feira (4) pelo Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (Pnud). Nenhum outro país registrou uma variação tão grande, sendo que a maioria das nações permaneceu estagnada.

"Os números do Brasil em relação à expectativa de vida, por exemplo, mostram que o país teve uma evolução muito rápida. Isso é importante. Quando a gente olha para a renda, houve uma estabilidade durante os anos de crise (2008 e 2009) e agora a renda per capita já subiu mais de US$ 600. Os dados da educação também mostram um grande avanço. A perspectiva era de 7,2 anos de estudo para brasileiros acima de 25 anos. Hoje é de 13,8 para quem está entrando agora na escola. O sistema educacional está sendo transformado, embora ainda falte bastante para o país entrar no grupo do IDH muito alto", analisou o economista do Pnud, Flávio Comim.

Segundo ele, não existe uma causa específica para o avanço do Brasil. O bom desempenho é um reflexo do crescimento equilibrado e constante registrado nos últimos anos. "É importante olhar para esse modelo do Brasil, onde não se cresce muito em uma área, mas se cresce de forma geral e consistente", disse o economista.

O Relatório de Desenvolvimento Humano aponta, no entanto, que os resultados referentes à área da educação puxaram para baixo o índice brasileiro, que ficou abaixo da média latino-americana, de acordo com a nova metodologia aplicada.

A população brasileira registra 7,2 "anos médios de escolaridade" entre os adultos, e 13,8 "anos esperados de escolaridade" para as crianças. Os dois valores entram no cálculo do IDH – e nos dois o Brasil vai pior do que os vizinhos Chile (9,7 e 14,5), Argentina (9,3 e 15,5), Uruguai (8,4 e 15,7) e Peru (9,6 e 13,8).

Fabiana Uchinaka; Thiago Chaves-Scarelli. *UOL Notícias*, São Paulo, 4 nov. 2010. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2010/11/04/brasil-e-o-pais-que-mais-avanca-apesar-da-variavel-educacao-puxar-idh-para-baixo.jhtm>. Acesso em: 13 jul. 2012.

2. Argumentativa

Acontece quando, ao escrever, nos dispomos a refletir sobre os assuntos enfocados usando pontos de vista pessoais, aproximando ou correlacionando os fatos a fim de que cheguemos facilmente a uma conclusão. Entre as maneiras de dissertar, é considerada sofisticada: a visão sobre os fatos discutidos é crítica, há evidências e juízos que são trazidos à luz de maneira analítica. Leia o exemplo a seguir.

Chá da meia-noite

RIO DE JANEIRO – Embora legalizada em outros países, a eutanásia continua proibida no Brasil. No entanto demos um passo importante em direção à dignidade do único episódio vital que é a morte. Com isso estou lembrando a frase de santo Agostinho: "a vida não é mortal, a morte é que é vital".

A ortotanásia difere da eutanásia porque não interrompe a vida do doente terminal, simplesmente deixa que a natureza siga o seu caminho. Os adversários da eutanásia a consideram um assassinato, porque se trata de um ato específico que provoca o fim. A ortotanásia, de certa forma, é um não ato aprovado previamente pelos médicos e pelas famílias e, em alguns casos, pelo próprio paciente em condições de expressar uma vontade.

Mas, todas as vezes que ouço falar em eutanásia, me lembro do "chá da meia-noite", que diziam ser comum nos hospitais públicos. Os doentes desenganados recebiam uma visita suplementar, que caridosamente oferecia um chá incrementado ao paciente, dizendo que se tratava de uma mordomia em paga pelo bom comportamento do enfermo. Garantiam que o chá era um prêmio que tinha uma eficácia assombrosa para curar doenças e aliviar dores.

Comovido, o doente bebia o chá com sua autoestima redobrada: era um enfermo bem-comportado e merecedor de atenção especial da direção da enfermaria. No dia seguinte, havia um leito vazio no hospital. A prática do "chá da meia-noite" é negada por alguns e confirmada por outros que sobreviveram à mordomia letal. Se verdadeiro, o chá era um assassinato, embora tivesse o nome pomposo de caridade ou a denominação técnica de "eutanásia". A questão da morte induzida sempre provocou polêmicas. Mas, desta vez, a Igreja Católica aprovou a ortotanásia numa atitude que alguns consideram surpreendente.

Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 14 nov. 2006.

3. Mista

Não seria preciso dizer que este último método é o melhor, porque guarda em si as possibilidades dos dois anteriores, ou seja: ao mesmo tempo que você expõe os fatos conhecidos de todos, que podem se transformar em exemplificação atualizada, também permite que se argumente de maneira analítica, portanto crítica, e aí sejam inseridos questionamentos, juízos de valor, elementos tão caros e necessários a qualquer texto dissertativo. Observe, no texto abaixo, como o texto misto é mais completo e instigante.

A tecnologia está a (des)serviço do ser humano?

Ao tentar responder a essa questão, estou considerando principalmente as tecnologias de comunicação.

Parece haver um exagero em termos de uso da tecnologia. Segundo dados da Anatel (www.anatel.gov.br), o Brasil conta com 151,9 milhões de celulares, o que representa uma densidade de quase 80 celulares para cada 100 habitantes. Trata-se de um percentual bastante elevado. Ainda, dados da Anatel de 2007 indicam que há pouco mais de 52 milhões de telefones fixos instalados. Essa notória diferença entre a quantidade de linhas fixa e celulares se deve, principalmente, à praticidade e comodidade de poder se comunicar em qualquer momento e de qualquer lugar com outra pessoa.

Numa pesquisa feita pela empresa de consultoria na área de TI Gartner e divulgada em http://www.itwire.com/content/view/15841/1154/, mais de 2 trilhões de SMS's (Short Message Service ou mais comumente conhecido com o "torpedo") circulariam em todo o mundo em 2008. Embora os números não sejam precisos, eles apontam para o uso acentuado de comunicações via torpedo. Esse tipo de prática é muito comum na Ásia e, principalmente, no Japão.

Se considerarmos agora a comunicação e divulgação de informação através de blogs, também verificamos outro fenômeno de comunicação propiciada pela tecnologia. Dados da Technorati (http://technorati.com/blogging/state-of-the-blogosphere/) indicam que há mais de 130 milhões de blogs com aproximadamente cerca de 900 posts (mensagens e/ou respostas colocadas) nos blogs a cada 24 horas. Ainda dentro do fenômeno do blog, tem-se também o twitter (http://twitter.com/) que compreende uma rede social com serviço de microblogging que consiste de blogs com textos pequenos, limitados a 140 caracteres, possibilitando que informações sobre determinado tema sejam atualizadas (pelo usuário), tornando-as públicas para um universo de pessoas definidos pelo usuário. O twitter permite que seus usuários atualizem informações, comunicando-as vias SMS, mensagem instantânea ou e-mail. Esses recursos foram muito bem utilizados pelo atual presidente dos EUA durante sua campanha em 2008.

Antonio Mendes da Silva Filho. "Tecnologia a serviço do ser humano". *Revista Espaço Acadêmico*, mar. 2009. n.94. Acesso em: 13 jul. 2012. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/094/94amsf.htm>. (Adapt.).

De qualquer maneira que escolhamos dissertar, o fazemos sempre para demonstrar aspectos do que pensamos, para persuadir o outro, para mostrar nossa capacidade de crítica, de análise sobre determinado grupo de acontecimentos. Dissertamos para demarcar um espaço intelectual, dizer algo que é ponto de vista nosso, particular, advindo do nosso esforço de compreender o mundo.

TEXTO COMPLEMENTAR

No texto a seguir, fragmento do "Sermão da Sexagésima" do Padre Antônio Vieira, pode-se encontrar a argumentação conceptista (o tom é de convencimento do leitor):

Padre Antônio Vieira.

"Antigamente convertia-se o Mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiros sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de Davi derrubou o Gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus*. As vozes da harpa de Davi lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão: *David tollebat citharam, et percutiebat manu sua*. Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar, que é falar, faz-se com a boca; o pregar, que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras? – Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras! Quis Deus converter o Mundo, e que fez? Mandou ao Mundo seu Filho feito homem. Notai. O Filho de Deus, enquanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: *Genitum, non factum*. O Filho de Deus, enquanto Deus e Homem, é palavra de Deus e obra de Deus juntamente: *Verbum caro factum est*. De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obras não fiou Deus a conversão dos homens. Na união da Palavra de Deus com a maior obra de Deus consistiu a eficácia da salvação do Mundo. Verbo Divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No Céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra há tão poucos que o amem, todos o ofendem. Deus não é o mesmo, e tão digno de ser amado no Céu como na Terra? Pois como no Céu obriga e necessita a todos a o amarem, e na terra não? A razão é porque Deus no Céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No Céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos: *Videbimus eum sicuti est*; na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu*; e o que entra pelos ouvidos crê-se, o que entra pelos olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muito outros". (Parte II)

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Depois de ler o texto "Chá da meia-noite", de autoria do cronista Carlos Heitor Cony, na página anterior, e amparando-se no que está contido no texto a seguir, faça uma redação dissertativa em que discuta os seguintes trechos:

1. Os adversários da eutanásia a consideram um assassinato, porque se trata de um ato específico que provoca o fim. A ortotanásia, de certa forma, é um não ato aprovado previamente pelos médicos e pelas famílias e, em alguns casos, pelo próprio paciente em condições de expressar uma vontade.
2. Entende-se que o médico não está obrigado a prolongar o processo de morte do paciente, por meios artificiais, sem que este tenha requerido que o médico assim agisse.
3. A questão da morte induzida sempre provocou polêmicas. Mas, desta vez, a Igreja Católica aprovou a ortotanásia em uma atitude que alguns consideram surpreendente.

[...] Em oposição à distanásia, surge o conceito de **ortotanásia**. Etimologicamente, ortotanásia significa morte correta: ***orto***: certo, ***thanatos***: morte. Significa o não prolongamento artificial do processo de morte, além do que seria o processo natural. A ortotanásia deve ser praticada pelo médico.

Na situação em que ocorre a ortotanásia, o doente já se encontra em processo natural de morte, processo este que recebe uma contribuição do médico no sentido de deixar que esse estado se desenvolva no seu curso natural. Apenas o médico pode realizar a ortotanásia. Entende-se que o médico não está obrigado a prolongar o processo de morte do paciente, por meios artificiais, sem que este tenha requerido que o médico assim agisse. Além disso, o médico não é obrigado a prolongar a vida do paciente contra a vontade deste. A ortotanásia é conduta atípica frente ao Código Penal, pois não é causa de morte da pessoa, uma vez que o processo de morte já está instalado.

Roxana Cardoso Brasileiro Borges. "Eutanásia, ortotanásia e distanásia: breves considerações a partir do biodireito brasileiro". *Jus Navigandi*, Teresina, ano 10, n. 871, 21 nov. 2005. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/7571>. Acesso em: 12 jul. 2012.

15

As características da linguagem dissertativa

A linguagem dissertativa tem suas próprias características: em primeiro lugar, não deve ser coloquial ou aproximada da fala.

Por outro lado, não deve também ser sofisticada em demasia. Então, qual a linguagem que devemos usar quando escrevemos dissertativamente? Aquela de norma-padrão da linguagem, evitando citações pomposas, palavras que não se usa costumeiramente.

A dissertação expõe nossa formação cultural e a maneira como vemos e entendemos o mundo. Quando falamos, contamos com a voz e muitos outros auxiliares para que os outros nos entendam: tom de voz, gestos, caras e bocas. Quando escrevemos, contamos com a nossa capacidade de dizer, sobre o assunto, o que melhor guardamos em nós, nossas opiniões pessoais.

É difícil? Sim. Um texto não vem ao mundo de uma hora para outra, e ele é um complexo de circunstâncias. Mais: ele é o que você é... por escrito!

As diferenças entre fala e escrita

Sabemos que o meio de expressão de todas as línguas humanas é o som produzido pelo aparelho fonador. Há, inclusive, algumas sociedades em que ele é forma única de expressão. A maioria delas, contudo, usam também o registro escrito. A escrita tem origem no Oriente Médio há cerca de 5 mil anos, e desde o início está ligada à prática dos desenhos.

A necessidade da escrita parece ligar-se ao grau de complexidade das culturas humanas. Em algumas culturas fundamentalmente fechadas, onde é possível preservar o conhecimento do grupo transmitindo-se oralmente, de geração para geração, toda a substância essencial da memória, não há necessidade da escrita. No entanto, em nossa cultura heterogênea e aberta, registrar os fatos por escrito é valor fundamental para preservação futura.

Apesar de haver correlações entre fala e escrita, o ato de escrever é muito diferente do ato de falar. E a grande diferença reside essencialmente no fato de o interlocutor necessariamente estar presente na hora da fala e pode estar ausente no momento em que escrevemos. Como localizar para quem escrevemos? Quem nos lerá? De que modo seremos interpretados e como saberemos se nossa mensagem pôde ser decodificada?

Quando falamos, qualquer problema na interpretação ou compreensão pode ser imediatamente retomado e solucionado através de uma interrupção de quem nos ouça; além do que, quando conversamos ou somos ouvidos, outros componentes da "fala" formam um ambiente propício: gestos, expressões faciais, tons de voz que completam, modificam, reforçam o que dizemos.

No momento de escrever, porém, falta-nos tudo isso. No vestibular, por exemplo, assim que entregamos nossa redação, ela está longe de nós e já não podemos complementar ideias truncadas, nem introduzir nossos gestos, nosso tom de voz, enfim, nossas famosas "caras e bocas" de quando falamos.

Um diálogo a distância...

Nosso texto nos representa. Ele possibilita uma espécie de diálogo a distância que leva a nossa mensagem, a maneira como enxergamos o mundo, os outros e os fatos. Quando escrevemos, temos que nos colocar também no lugar do outro, o nosso leitor. Somos claros? Temos dificuldades em nos expressar? Nossos argumentos são frágeis?

O leitor não deve ter dificuldades em nos compreender. Se tem, a comunicação fica truncada, caracterizando um texto ruim.

Planejar o texto, eis a questão

A fim de expressar-se claramente na escrita, acostume-se a **planejar o texto** (esquematizar o que pretende escrever) e **reescrevê-lo** até que as ideias estejam perfeitamente claras e compreensíveis. Pergunte a si mesmo, colocando-se no lugar do leitor, se o texto está claro e se traduz seu pensamento.

Tenha paciência com você: um bom texto não vem ao mundo de uma hora para outra e escrever não é meramente transpor a fala para o papel. Observe:

Texto falado

Ela tava ali, lindinha e nos conformes, cara... Fiquei olhando, imaginando um jeito de dizer, bem, você sabe, né? De dizer aqueles negócios que fico pensando sem ela. Era hora, agora, vou lá, dou uma chavecada nela, buzino umas no ouvidinho dela, tá na minha... Bom, tava faltando coragem, puxa, foi me dando um frio, uma coisa, um estado... Virei as costas, meu irmão, e me mandei...

Texto escrito

Digo a você que ela estava lá, diante dos meus olhos. Perfeita. Olhei-a imaginando um jeito de dizer o quanto era importante para mim expressar o que pensava dela quando estava a sós comigo mesmo. Pensei ser a hora certa, pensei em conversar. Mas me faltou coragem. Fugi.

Como você pode observar, há características particulares de um texto escrito. Ele deve se apresentar como um todo semântico, com as partes bem amarradas, desprovido das marcas de oralidade tais como repetições, pausas, inserções, expressões vulgares ou continuativas.

Embora consigamos registrá-la facilmente, a língua escrita parece pertencer a um outro universo. Há concordâncias, regras e sua apresentação é formal: os parágrafos devem começar a uma distância certa da margem e com letra maiúscula; as palavras devem ser separadas umas das outras por espaços em branco; as orações devem ser pontuadas; as palavras necessitam de ortografia oficial.

No entanto, deve ficar bem claro que tais exigências não constituem a qualidade principal de um texto escrito: saber grafar corretamente as palavras ou acentuar seguindo as regras não quer dizer que se escreva bem, porque saber escrever é, antes de tudo, saber transpor as ideias para o papel com clareza e eficiência. É assim que se constrói um bom texto.

Dessa forma, tenha em mente:

1. Escrevemos para dar um testemunho de nossas opiniões e ideias;
2. É preciso que leiamos o que escrevemos com o "olho do outro", ou seja, autocrítica é fundamental;
3. Precisamos nos familiarizar com a escrita e, devagar, colocarmos nossos pensamentos na forma desejada.

De dentro para fora...

De nada adiantará a você saber bem regras de ortografia, pontuação, acentuação, concordância verbal e nominal, se não tiver aquilo que pode chamar de "estofo", ou seja, conteúdo.

Não se escreve sobre aquilo que não se sabe. Portanto, disponha-se a ler jornais, revistas, livros, a observar o mundo e a verificar que verdades costumam ter dois lados e reconheça de que lado você está.

Leia bastante, discuta sobre o que leu, debata suas ideias, construa seu universo intelectual. Cresça, enfim, de dentro para fora. Invista em você, em sua criatividade, em sua capacidade de estar atento.

REPRODUÇÃO • NORMAN RIN HWIG CHAN/I ZBIECOM • © MYKOLA KONAROV/SKYY
| DREAMSTIME.COM • MARCUS CLARKE/I123RF.COM

Fig. 1 Importância da leitura.

Escrever é decorrência do ato de pensar. Então, leia de tudo um pouco: filosofia, religião, política, bula de remédio, receita de bolo, história em quadrinhos, editoriais de jornais, notícias de assassinatos, *outdoors*, poemas, romances, resumo da sessão da tarde. Dessa forma, estará construindo um universo pessoal muito mais rico, e buscando construir um discurso próprio, particular, marca de sua própria individualidade.

TEXTO COMPLEMENTAR

Você lerá a seguir um trecho do filósofo Sócrates dirigindo-se aos seus acusadores; observe os argumentos e a clareza da linguagem dissertativa usada no quarto século antes de Cristo. Tal defesa, no entanto, não foi escrita propriamente por Sócrates, mas por seu discípulo Platão.

"Vós também, senhores juízes, deveis bem esperar da morte e considerar particularmente esta verdade: não há, para o homem bom, nenhum mal, quer na vida, quer na morte, e os deuses não descuidam de seu destino. O meu não é efeito do acaso; vejo claramente que era melhor para mim morrer agora e ficar livre de fadigas. Por isso é que a advertência nada me impediu. Não me insurjo absolutamente contra os que votaram contra mim ou me acusaram. Verdade é que não me acusaram e condenaram com esse modo de pensar, mas na suposição de que me causavam dano: nisso merecem censura. Contudo, só tenho um pedido que lhes faça: quando meus filhos crescerem, castigai-os, atormentai-os com os mesmíssimos tormentos que eu vos infligi, se achardes que eles estejam cuidando mais da riqueza ou de outra coisa que da virtude; se estiverem supondo ter um valor que não tenham, repreendei-os, como vos fiz eu, por não cuidarem do que devem e por suporem méritos, sem ter nenhum. Se vós o fizerdes, eu terei recebido de vós justiça; eu e meus filhos também.

Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida".

Platão. "Aos que me absolveram". *In: Defesa de Sócrates*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 27. (Col. Os Pensadores).

JACQUES-LOUIS DAVID/WEB GALLERY OF ART

Jacques-Louis David, *A morte de Sócrates*, 1787.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Fuvest 2010

Um mundo por imagens

A imaginação simbólica é sempre um fator de equilíbrio. O símbolo é concebido como uma síntese equilibradora, por meio da qual a alma dos indivíduos oferece soluções apaziguadoras aos problemas.

Gilbert Durand.

Ao invés de nos relacionarmos diretamente com a realidade, dependemos cada vez mais de uma vasta gama de informações, que nos alcançam com mais poder, facilidade e rapidez. É como se ficássemos suspensos entre a realidade da vida diária e sua representação.

Tânia Pellegrini. (Adapt.).

FONTE: «WWW.MOTION.COM.BR/IMAGENS/ONTAV/MEDIA/B3/W4582/JANELA.JPG». ACESSO EM 15 OUT. 2009. (ADAPT.).

Na civilização em que se vive hoje, constroem-se imagens, as mais diversas, sobre os mais variados aspectos; constroem-se imagens, por exemplo, sobre **pessoas**, **fatos**, **livros**, **instituições** e **situações**.

No cotidiano, é comum substituir-se o real imediato por essas imagens. Dentre as possibilidades de construção de imagens enumeradas acima, em negrito, escolha apenas uma, como tema de seu texto, e redija uma dissertação em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência a seu ponto de vista.

Instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, a qual deverá ter entre 20 e 30 linhas.
- Não será aceita redação em forma de verso.

A divisão estrutural da dissertação: a tese, a argumentação e o fecho

16

A rigor, a dissertação é uma estrutura tripartida: tese (ou proposta), desenvolvimento (ou argumentação) e fecho (ou conclusão).

A tese equivale a uma proposta que fazemos ao nosso leitor-corretor: é sobre o que vamos falar, defender. É como se você apresentasse seus pontos de vista iniciais e que serão desenvolvidos ao longo do que escreverá.

O desenvolvimento é a grande "prova dos nove": é argumentação pura, com exemplos, aproximações, citações. É ali que seu corretor centrará a mais aguda observação; e é ali também que você, caso não saiba adequadamente sobre o assunto, poderá tirar sua menor nota apreciativa. Quem lê, está informado sobre os fatos e passa por esta parte com facilidade e rapidez.

O fecho é a parte última, a finalização de todos os registros, ideias e especulações contidas no texto. A melhor maneira de "fechar" um texto é supondo algo, fazendo uma hipótese.

JOANNA WALK/PHOTOXPRESS

LUKAS PATAVA/ISTOCK.JOCHONG

R YOUNG/ISTOCK.JOCHONG

Proposta, desenvolvimento e fecho?

Provavelmente você já leu ou aprendeu que a estrutura da dissertação é tripartida: tese (ou introdução), argumentação (ou desenvolvimento) e conclusão (fecho).

A **tese** é a "cabeça" da redação e destina-se à apresentação da ideia central que pretendemos desenvolver; consta apenas de um parágrafo; a **argumentação** é a "barriga", nela defende-se a tese proposta, argumenta-se, critica-se e dá-se exemplos, justificativas e opiniões a fim de comprovar a ideia central da tese (contém 3 ou 4 parágrafos). O **fecho** (ou conclusão) põe término à redação. São os "pés": conclusão de nossas ideias, sintetiza o conteúdo dos nossos argumentos, oferece hipótese de solução, dá o acabamento aos nossos argumentos.

Mas o que significa verdadeiramente dizer que um texto tem obrigatoriamente que ostentar uma proposta, um desenvolvimento e um fecho?

Ainda: em que momento da escritura você percebe que precisa terminar uma parte e iniciar a outra?

Leia o texto a seguir, observando como acontece o movimento que cada parte toma para obter-se uma ideia inteira. Veja como se coloca o assunto sobre o qual se escreve (proposta), os exemplos e contra-exemplos, as associações e, por fim, o fecho ou conclusão.

Texto 1

Alguém abre um livro

Rio de Janeiro – Outro dia, falando num encontro de livreiros, eu dizia que todos nós, que trabalhamos com livros – que os escrevemos, editamos, distribuímos, vendemos ou promovemos –, devíamos nos sentir privilegiados. Nosso produto não anuncia na TV, não é vendido na farmácia junto com os xampus, fraldas e chinelos e, para ser apreciado, precisa ser lido linha a linha e ainda temos de lamber o dedo para virar a página. Mas, toda vez que um brasileiro abre um livro, o Brasil melhora.

Tal afirmação ameaça parecer uma pieguice poética num país que, segundo o novo relatório divulgado pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), pode estar em 73º lugar no ranking mundial de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) – o que, em si, já é uma vergonha –, mas, num dos itens mais importantes, empata com o Zimbábue, que, em 169º no ranking, é o mais atrasado do mundo.

Nossos estudantes passam o mesmo número de anos na escola que os infelizes zimbabuenses – os quais precisam lutar para não morrer de fome em criança ou de Aids em adulto, além

de ter de viver correndo do leão. Nossos garotos não têm um leão nos calcanhares e ainda podem empinar pipa na laje ou brincar de médico com a vizinha. Talvez por isto fiquem apenas 7,2 anos na escola, contra 12,6 anos da Noruega, que está em 1º no IDH.

Não se sabe o que os noruegueses fazem com tanta educação. Mas o Brasil também não tem se notabilizado pelos seus cientistas, filósofos ou professores. Na verdade, o que mais produzimos são cabeças de área, duplas caipiras e flanelinhas – e, se já é difícil hoje fazer um país com eles, imagine no futuro.

Por isso, quando alguém abre um livro por aqui, é por conta própria, à margem do Brasil oficial. Significa que essa pessoa tem uma meta pessoal e está usando a cabeça para persegui-la.

Ruy Castro. *Folha de São Paulo*, 8 nov. 2010. p. 2.

O texto de Ruy Castro, colunista da *Folha de São Paulo*, está escrito em primeira pessoa. Trata-se de um artigo de caráter argumentativo, defendendo a ideia de que precisamos ler, e serve para exemplificar nossa teoria.

No primeiro parágrafo, aparece uma situação, circunstância que expõe o livro como produto de difícil acesso porque não é anunciado na tevê ou objeto ou produto comum de consumo; aqui, escondida entre ideias outras, aparece a tese do autor: a de que toda vez que um brasileiro abre um livro, o Brasil melhora.

Os argumentos aparecem como estratégia de construção de conteúdo na continuação do texto, nos parágrafos 2, 3 e 4; ali, o autor comenta o 73º lugar alcançado pelo Brasil no *ranking* mundial de IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, e compara o resultado ao do Zimbábue, o país mais atrasado da referida lista; um pouco mais além, compara com a Noruega, que está em primeiro lugar na classificação, a quantidade de anos que nossos alunos permanecem na escola.

No penúltimo parágrafo, já se aprontando para ir à conclusão, usa a ironia que se deve evitar no vestibular. No texto do autor ela é política e trabalha com dados reais; no texto do vestibulando, a ironia pode ser uma (bem lugar-comum) faca de dois gumes; é que para ironizar é preciso pensar no jogo de palavras e imagens desde o primeiro parágrafo, algo que dificilmente se conseguirá fazer no vestibular.

Recapitulando, no penúltimo parágrafo temos ironia: a Noruega faz o quê com tanta educação de que o Brasil se priva? Nós quase não produzimos cientistas, filósofos e professores, apenas produzimos jogadores, duplas caipiras e flanelinhas (guardadores de carro). E para concluir, fecha-se o pensamento: quem lê, no Brasil, o faz por conta própria, o Brasil oficial não se preocupa com isso. Instruir-se é, entre nós, assunto pessoal.

Como se vê no exemplo, o texto argumentativo possui uma ideia-guia que denominamos "tema"; ele se expande como "assunto", busca nosso conhecimento e, usando-o, constrói uma unidade significativa que defende, articula, exemplifica e, por fim, oferece um fechamento, conclusão para os fatos articulados, "costurados" ao redor da proposta inicial que se escolheu para defender.

Quanto ao tamanho da redação, não há necessidade de se imaginar um número preciso de linhas, de parágrafos. O bom-senso indica que não se deve ultrapassar 35 linhas, a menos que se queira circular ao redor de um núcleo que se repete; poucos vestibulares, hoje em dia, têm número de linhas definidas. Mas o ITA é um deles (25 linhas); então, vale a pena pensar sobre isso.

A divisão da redação não é um bicho de sete cabeças. Muito mais importante do que o começo, meio e fim estão as ideias que estas divisões carregam, a coerência e a coesão que as partes devem ter entre si.

TEXTO COMPLEMENTAR

Veja o tema de redação da Fuvest 2009 e uma das composições de nota 10. Observe que, na prova, está determinado claramente a necessidade de um título que até o ano anterior era facultativo. A mudança confundiu alguns alunos, entre eles o autor do texto apresentado aqui, que contornou a situação colocando o título no fim, seguido de um pedido de desculpas. Foi desculpado. Afinal, segundo a diretora da Fuvest, Maria Thereza Fraga Rocco, "a pessoa viu que era importante colocar um título. E não tem problema se ele está dentro do espaço delimitado para a redação e feito a tinta [...] O que nos importa mesmo é um texto com começo, meio e fim, que fale sobre o que foi pedido, não invente moda. [...] A gente gosta de ver textos que sejam mais atraentes e que não fiquem no lugar-comum. Mas eles não podem fugir da proposta".

Ana Okada; Simone Harnik. "Candidato mandou recado a corretor em redação da Fuvest 2009". *Uol Vestibular*, 24 mar. 2009. Disponível em: <http://vestibular.uol.com.br/ultnot/2009/03/24/ult798u24718.jhtm>. Acesso em: 13 jul. 2012.

Fuvest 2009

Redação

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem: Baarle-Nassau_fronti%C3%A8re_caf%C3%A9.jpg, 30/06/2008>.

Fronteira

Substantivo feminino

1. parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
2. o marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.
   Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
3. Derivação: por extensão de sentido. o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
4. Derivação: sentido figurado. o limite, o ponto extremo de algo de cunho abstrato.
   Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. (Adapt.).

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas ideias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

Redação nota 10 – exemplo 40

A nova ordem geopolítica mundial, que começou a se consolidar com o término do período da Guerra Fria, trouxe inúmeras transformações nas relações entre os países. As fronteiras políticas, econômicas e culturais passaram por uma completa mudança nessa virada de século, ou melhor, nesse início de milênio.

No plano econômico, a organização dos países em blocos regionais pode ser vista em todo o mundo já há algumas décadas. Com a intenção de aprimorar a troca de mercadorias, grupos como o Mercosul, NAFTA, Tigres Asiáticos estabelecem acordos para diminuir taxas comerciais, permitindo uma melhor circulação de produtos. Essa tendência de enfraquecimento de fronteiras nacionais está sendo ampliada cada vez mais em todo o globo. Através da União Europeia, o território europeu vem mostrando não só uma unificação econômica, mas também política. Os cidadãos dos países-membros podem circular livremente, ignorando as delimitações físicas. Estão submetidos não só à legislação de seu país, mas também à da organização supranacional.

A transformação do significado das fronteiras para a humanidade é precedida por uma mudança ainda maior: as distâncias geográficas já não são as mesmas. As instantâneas possibilidades de transporte de informações tornaram as distâncias relativas e, portanto, as fronteiras relativas. Desse modo, a hegemonia cultural americana, por exemplo, pode se solidificar em qualquer região do planeta. A produção industrial não precisa se restringir a um único país, pelo contrário, partes de um mesmo produto podem ser desenvolvidas em todo mundo para aproveitar as condições favoráveis específicas de cada lugar. Enfim, as delimitações físicas são mais uma vez deixadas de lado.

Esse conjunto de fatos sugere uma tendência de unificação para o novo milênio. A unificação pode também ser chamada de globalização. O enfraquecimento das fronteiras remete a um fortalecimento de grupos transnacionais maiores que o Estado. Essa é a grande transformação no cenário mundial, o Estado perdendo poder, deixando de ser o protagonista, tendo suas fronteiras apagadas, suas atribuições sendo tomadas e suas cobranças intensificadas.

TÍTULO: As fronteiras perdendo poder. (desculpe, só vi que precisava no final)

Reprodução da redação de n. 40.

Proposta de Redação

Texto 1

O escritor pré-modernista Monteiro Lobato repetia incessantemente que *Um país é feito de homens e livros*. Pobre Lobato se pudesse, hoje, ler o resultado da pesquisa "Retratos do Brasil" que revela:

A pesquisa foi encomendada pelo Instituto Pró-Livro e executada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e coordenada pelo Observatório do Livro e da Leitura (OLL). Durante a cerimônia, o diretor do OLL, Galeno Amorim, e o representante do Ibope, Maurício Garcia, apresentaram os números do exame.

Leitor e não leitor

O estudo foi aplicado em 5.012 pessoas em 311 municípios de todo o país de 29 de novembro de 2007 a 14 de dezembro do mesmo ano, o que representou mais de 172 milhões de pessoas, ou seja, 92% da população. O método adotado para definir o leitor ou não leitor foi a declaração do entrevistado de ter lido ao menos um livro nos últimos três meses.

A pesquisa constatou que, 95 milhões de pessoas, ou seja, 55% da população são leitores, enquanto 77 milhões, 45% dos entrevistados, foram classificados como não leitores.

A pesquisa apontou também que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano. Em algumas regiões o número é ainda maior, como é o caso do Sul, onde foi apurado que são lidos 5,5 livros por habitante ao ano. No Sudeste o número foi de 4,9, no Centro-Oeste 4,5, no Nordeste 4,2 e no Norte 3,9. A pesquisa confirmou também que as mulheres leem mais que os homens, 5,3 contra 4,1 livros por ano.

A primeira edição da pesquisa foi realizada em 2000 e 2001 em 44 municípios brasileiros. Na época o estudo constatou que 49% da população eram consideradas leitores. [...]

A margem de erro da pesquisa é de 1,4 para mais ou para menos.

Narla Aguiar. "Retratos da Leitura do Brasil". *Ministério da Cultura*, 28 maio 2008. Disponível em: <www.cultura.gov.br/site/2008/05/28/pesquisa-retratos-do-leitura-no-brasil/>. Acesso em: 13 jul. 2012.

Texto 2

Texto 3

Crianças e adolescentes leem mais do que os adultos, aponta pesquisa

Uma pesquisa da Câmara Brasileira do Livro mostra que crianças e adolescentes leem mais do que os adultos.

Os pais podem ajudar a criar esse bom hábito entre as crianças. Na casa de Angélica Carvalho, os filhos adoram jogos eletrônicos. "Se eu deixar e não interromper, eles vão ficar a tarde toda, mais de seis horas seguidas."

Segundo Miriam Paúra, pedagoga da Uerj, a recomendação para os pais é incentivar os filhos a lerem desde pequenos. "Compre um determinado livro e comece a ampliar a história [para criar interesse]", afirma.

Especialistas apontam que não há nada melhor do que dar o exemplo e ler junto com os filhos. Antes mesmo da alfabetização (de 1 a 6 anos de idade), é possível criar um interesse pela leitura. O pai deve contar a história com o livro aberto, apontando para as figuras.

Depois da alfabetização (entre 6 e 8 anos), o filho deve participar e ler parte do livro, como algumas frases e um parágrafo. Um livro pequeno pode ser lido várias vezes.

A partir dos 8 anos, quando o leitor se torna independente, é importante não fazer da leitura um castigo nem obrigação.

Portal AZ, 20 jun. 2009. Disponível em: <www.portalaz.com.br/noticia/educacao/138260>. Acesso em: 13 jul. 2012.

Texto 4

Laerte. Ilustrada. *Folha de São Paulo*, 26 abr. 2010. p. 4.

Depois de ler os textos, faça uma redação dissertativa, cujo enfoque seja o fato de o brasileiro não ser bom leitor.

Recomendações:

- Tente alcançar 25 linhas.
- Não discuta os fatos levado por emoção violenta, preferência ou escolha de ordem individual.
- Observe seu posicionamento e evite a todo custo a falta de coerência interna.
- Procure dar exemplos, na parte argumentativa, de fatos recentes e que sejam de conhecimento público, divulgados por jornais e revistas.
- Dê ao seu texto um título que tenda a ser metafórico.

Os tipos de tese: como iniciar uma dissertação

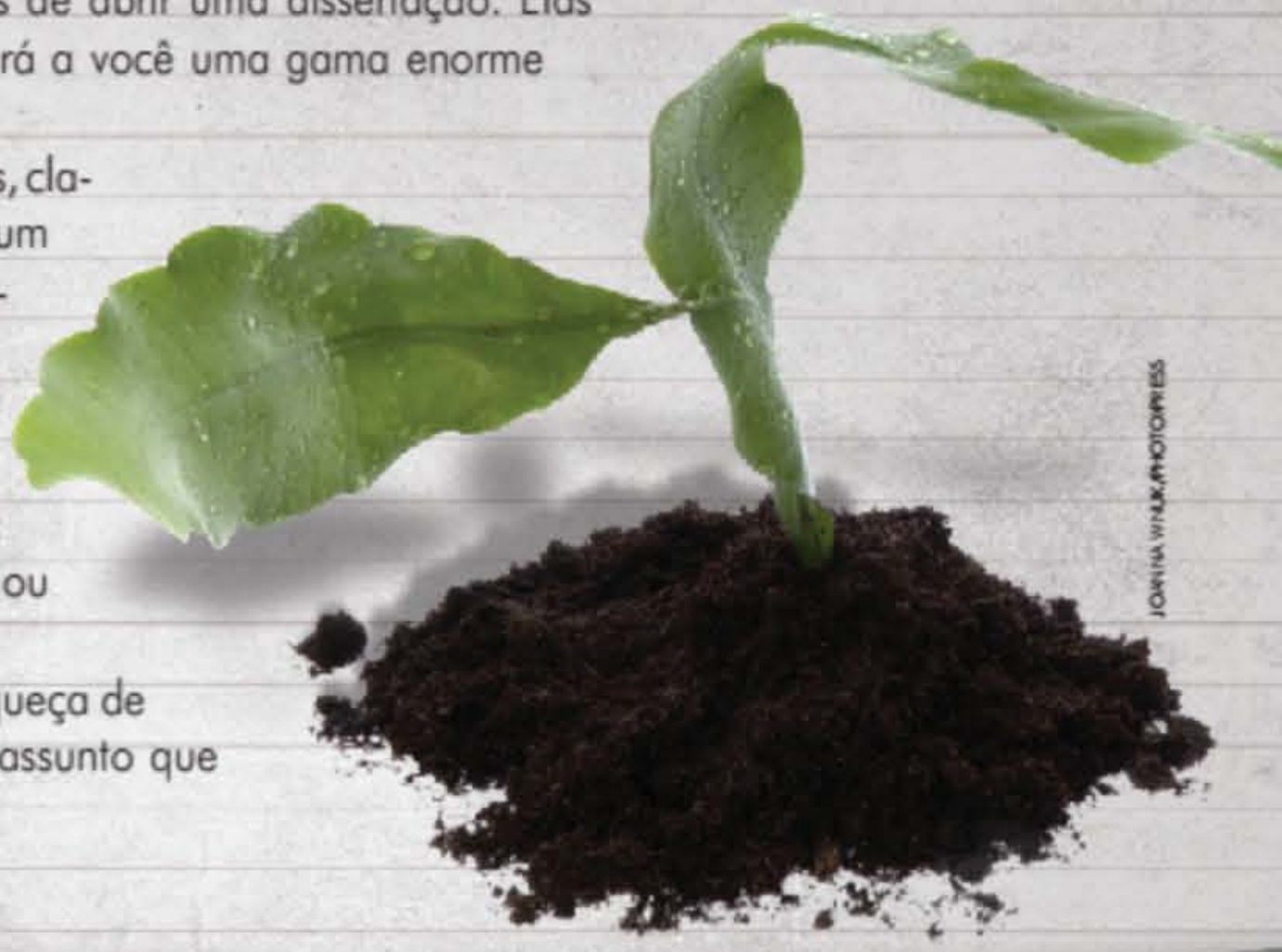
17

Neste capítulo, veremos dez tipos ou maneiras de abrir uma dissertação. Elas também podem ser combinadas entre si, o que dará a você uma gama enorme de possibilidades.

É possível começar fazendo perguntas que depois, claro, deverão ser respondidas. Ou se pode começar de um jeito novo, narrando um fato, como em uma reportagem. Estranho? Não, perfeito para alguns tipos de redação.

Podemos escolher fazer trajetórias do passado para o presente ou do presente para o passado; podemos ainda comparar povos e nações social ou política ou historicamente.

Mas ao escolher como quer dissertar não se esqueça de que precisa, antes de qualquer coisa, conhecer o assunto que quer discutir.



JOANNA WNUK/PHOTOXPRESS

Como é que se começa uma dissertação?

A **tese** (parágrafo introdutório ou parágrafo inicial) pode ser obtida através de alguns procedimentos. Para tanto, são usadas definições simples, afirmações, citações, sequências interrogativas, comparações de características históricas, sociais ou geográficas.

Para se elaborar a tese, deve-se ter preocupação fundamental com o tema oferecido, levando-se em conta que o **parágrafo introdutório** é o norteador de toda a estrutura dissertativa, aquele que carrega uma ideia nuclear a ser utilizada de maneira pertinente em todo o desenvolvimento do texto.

Tipos de tese

1. Conceituando (definindo) algo (um processo, uma ideia, uma situação)

É a forma mais comum de começar. Exemplo:

Violência é toda ação marginal que nos atinge de maneira irreversível: um tiro que nos é dado, um assalto sem que esperemos, nosso amigo ou conhecido que perde a vida inesperadamente através de ações inomináveis...

2. Apresentando dados estatísticos sobre o assunto enfocado pelo tema

Diabetes atinge também pessoas ativas como Paula Toller, estrela da campanha de prevenção

A campanha estrelada por Paula Toller se reveste de importância especial porque 90% dos doentes brasileiros sequer sabem que são portadores, segundo dados do presidente da SBD, Saulo Cavalcanti. No mundo todo, o ritmo de crescimento da enfermidade criou um contingente de milhões de diabéticos, de acordo com a Federação Internacional de Diabetes, que projeta um salto para 500 milhões em 20 anos. Parte desse cenário está ligado ao sobrepeso – compartilhado por quase metade da população brasileira, conforme dados do Ministério da Saúde. [...] Uma das maiores preocupações da Organização Mundial de Saúde (OMS) [...] calcula-se que nada menos do que 9% da mortalidade mundial esteja associada a ela. São 7 milhões de novos casos por ano, conforme dados da Federação Internacional de Diabetes.

Kamila Almeida. *Zero Hora*, 14 nov. 2010. Caderno Vida. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/11/diabetes-atinge-tambem-pessoas-ativas-como-paula-toller-estrela-de-campanha-de-prevencao-3107224.html>.

ATENÇÃO!

Este tipo de tese não é aconselhável se não se mesclar a direcionamento argumentativo.

3. Fazendo uso de linguagem metafórica ou figurativa

Esta tese é utilizada basicamente em redações dissertativas de cunho reflexivo. No exemplo, há mais de um parágrafo, para que se observe as metáforas em questão.

Sem olhos em casa

Segundo Karl Mannheim, uma sociedade moderna dificilmente consegue escolher bem o seu futuro sem a presença de intelectuais independentes. Somente eles, com seu saudável poder corrosivo, são capazes de garantir a existência de uma opinião pública crítica.

Para fazê-lo, contudo, os intelectuais precisam defender o seu direito de pensar como melhor lhes pareça e recusar a adesão canina a esta ou àquela ideologia, a este ou àquele partido.

A sua falta de identidade coletiva – de "espírito de manada" – é o que lhes proporciona a autonomia imprescindível à realização de sua missão: examinar, sem descanso, as soluções conflitantes de um problema antes de rejeitá-las ou de assimilá-las.

Todavia, por rever constantemente as suas opiniões, a intelectualidade "não engajada" é vista com reservas pelos adeptos do ideal gramsciano de "intelectual orgânico", paladino de "sua classe". Estes não suportam o inquietante inconformismo das mentes livres, as quais se encontram, por isso mesmo, em grande perigo nos regimes populistas.

Cláudio Guimarães dos Santos. *Folha de S.Paulo*, 5 nov. 2010. *In*: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0511201008.htm>. Acesso em: 13 jul. 2012.

4. Narrando, através de *flashes*, acontecimentos, ações

Narrando, não se espante! Bem conduzida, esta sequência integra apenas o parágrafo introdutório.

Cuidado! Não se desvie da dissertação introduzida dessa forma. O perigo é, sob pressão, continuar a narração.

Abaixo de R$ 140

São Paulo – *Um tanque de gasolina. O preço de dois ou três livros. Um jantar razoável para duas pessoas. Tudo isso pode custar R$ 140. Pense no quanto você gastou nesses dias de feriado. Mais de 30 milhões de pessoas (15,5% da população) ainda vivem com menos de R$ 140 por mês no Brasil. Há dez anos eram 57 milhões de pessoas (33,3% da população) nessa condição.*

Seria o caso de comemorar e de ter vergonha ao mesmo tempo. Dos quase 31 milhões de miseráveis, 12,4 milhões ainda são considerados "indigentes". É como são chamados, tecnicamente, aqueles que sobrevivem com renda mensal de até R$ 70. Temos alguma ideia de como é a vida dessas pessoas?

Fernando de Barros e Silva. *Folha de S.Paulo*, 15 nov. 2010. Opinião. p. 2.

ATENÇÃO!

Os outros parágrafos são dissertativos. Sob pena de tirar zero, não continue narrando!

5. Apresentando uma interrogação ou uma sequência de interrogações

Este tipo de introdução não empobrece a dissertação se for bem conduzida.

a) Em primeiro lugar, na hora do "branco", é sempre melhor começar interrogando que não começar.
b) Em segundo lugar, tome cuidado com o número de interrogações: todas deverão ser respondidas por você nos parágrafos argumentativos, pois, afinal, é você quem estará opinando e não deve esperar respostas de ninguém, muito menos de seu corretor.

A necessária desilusão amorosa

O que leva essas adolescentes a se colocarem na difícil – e dolorosa – situação de competir com mil outras garotas pelo amor do ídolo?

Certamente não é para pagar mico, nem por masoquismo. Elas precisam sofrer a desilusão do amor impossível para, recuperando-se, vir a amar alguém possível. Onde achar um amor impossível?

Marion Minerbo. *Folha de S.Paulo*, 12 out. 2010. Folha Equilíbrio. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1210201013.htm>. Acesso em: 13 jul. 2012.

6. Contestando definições, citações ou opiniões

Engano do aluno imaginar que não possa contrariar o tema proposto; ele pode (e deve) expressar livremente suas opiniões. Só assim haverá registro real de seu pensamento. Não mistificar o que pensa sobre os fatos, acontecimentos, é fundamental para a obtenção de boa nota. Nós só encontramos coerência verbal eficaz quando somos verdadeiros no que dizemos.

Embora se divulgue largamente que a mulher está conquistando espaços tipicamente masculinos, é preciso observar que isso nem sempre se configura como realidade. Os postos mais importantes deste país, quer na vida pública, quer em empresas privadas, são sempre ocupados pelo sexo masculino. As pessoas parecem não confiar muito no trabalho da mulher, embora saibamos que ela é tão competente quanto o homem.

7. Organizando uma trajetória que vá do passado ao presente, do presente para o passado, ao comparar social, histórica, geograficamente fatos, ações humanas, ideologias

Na Idade Média, no Renascimento ou até mesmo durante o Século das Luzes, a mulher esteve sempre à disposição da família, dos trabalhos domésticos e da criação dos filhos; somente no século XX ela ganha, ainda que não suficientemente, coragem para inserir-se no "mundo dos homens": pilota, dirige grandes empresas, constrói edifícios.

gramsciano: de Antonio Gramsci, escritor e político italiano do começo do século XX que acreditava em uma liderança ideológica conquistada em sociedade.

8. Evidenciando uma série de argumentos que futuramente serão usados como expansores de parágrafos argumentativos

Poucas vagas para as crianças, muita propaganda na tevê, um número exorbitante de adultos analfabetos, um país fingindo que sabe ler...

ATENÇÃO!

Cada um dos argumentos acima numerados podem, individualmente, ser transformados em um parágrafo argumentativo que discuta, por exemplo, a falta de vagas na escola.

9. Comparando social, geográfica ou historicamente nações, ações, acontecimentos, circunstâncias

O que poderia haver de comum entre jovens pobres do Harlem no final do século XX e um poeta italiano do século XIII? A equipe de McClintock mostrou que Dante, como eles, também era rebelde, incompreendido, pressionado.

Gilberto Dimenstein. *O aprendiz do futuro*, 18 jan. 1998. Disponível em: <www. aprendiz.com.br>.

Enquanto que em países desenvolvidos como o Japão ou Itália o índice de mortalidade infantil é inferior a 2%, na América Latina há regiões em que atinge os imorais 6,4%, como em alguns bolsões de miséria absoluta no Piauí, sul do Pará e Maranhão.

Antigamente se dizia do FGTS que se tratava de uma "poupança forçada". Estávamos no regime militar e, sempre que possível, punha-se ênfase no fato de que as coisas eram "forçadas". [...] Mas o tempo passou, e o FGTS acabou promovido "patrimônio do trabalhador", inclusive com os sindicatos participando de sua gestão.

Gustavo Franco. "Um novo FGTS?". *Veja*, n.1.695, 11 abr. 2001.

10. Caracterizando aspectos físicos ou espaços (fechados e abertos), descrevendo-os

Um corredor superlotado, pessoas deitadas pelo chão, nas macas, sobre pias, em péssimas condições de higiene e de saúde: eis uma fotografia da perversa realidade brasileira na área da saúde.

É num pequeno sobrado, numa rua de pouco movimento, que acontecem, entre paredes encardidas, na salta exígua, as sórdidas negociações envolvendo os incentivos oficiais da Sudam, em Belém.

Possibilidades

Além desses tipos que aprendemos, você poderá utilizar-se de um expediente interessante quando começar suas redações: mesclar os dez tipos que temos disponíveis. Que tal, por exemplo, interrogar e descrever?

Livro de Monteiro Lobato é liberado para ser usado em sala de aula

Monteiro Lobato racista? Um professor da Universidade de Brasília achou que sim. Considerou que no livro Caçadas de Pedrinho há preconceito racial contra a personagem Tia Anastácia, a empregada negra do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Em um trecho, o autor diz que Tia Anastácia "tem carne preta". Em outro, afirma "que trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro".

A Secretaria de Igualdade Racial concordou com a crítica. "As expressões que o livro contém são expressões de um conteúdo fortemente preconceituoso e que precisam de tratamento explicativo na sala de aula, para que não se ofenda a autoestima das crianças e dos leitores", disse o ministro da Igualdade Racial, Eloi Ferreira de Araujo.

Vnews, 5 nov. 2010. Disponível em: <www.vnews.com.br/noticia.php?id=83508>. Acesso em: 13 jul. 2012.

TEXTO COMPLEMENTAR

Relação entre tráfico de drogas, violência e educação vira tema de trabalho de pesquisadora de Brasília

Professora da Universidade Católica de Brasília, Miriam Abramovay vem se dedicando ao estudo dos jovens escolarizados do Brasil. Formou-se em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris, na França, e possui mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Entre muitos trabalhos publicados, destacam-se *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers* (Editora Garamond, 1999), *Escolas de Paz* (Edições Unesco, 2001), e *Violências nas Escolas* (Edições Unesco, 2002).

Atualmente, Miriam é vice-coordenadora do Observatório sobre Violências nas Escolas no Brasil e consultora do Escritório das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção ao Crime (UN ODCCP) e do Banco Mundial em pesquisas e avaliações em questões de gênero, juventude e violência.

Em novembro, foi lançada a publicação *Drogas na Escola*, da qual Miriam é autora juntamente com Mary Garcia Castro. Nesta entrevista exclusiva ao Cidadania-e, Miriam Abramovay fala dos resultados encontrados na pesquisa Drogas na Escola, da prevenção ao consumo de drogas, da violência nas escolas e da construção de uma cultura de paz.

Cidadania-e – Como foi elaborado o estudo Drogas nas Escolas? Quais eram os objetivos?

Miriam Abramovay – Este estudo faz parte de uma pesquisa nacional mais ampla, realizada pela Unesco, chamada Violência, Aids e Drogas na Escola. Os dados desta pesquisa nacional estão sendo organizados em diferentes publicações. A primeira foi uma avaliação dos programas de governo de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e Aids nas escolas (Avaliação das ações de prevenção às DST/Aids e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras), a segunda foi sobre violência (Violência nas escolas) e a terceira é esta, Drogas na Escolas. Uma quarta publicação vai estar abordando temas ligados à sexualidade da juventude brasileira.

Tais estudos usam a mesma base de dados e metodologia. A pesquisa foi realizada no ano 2000, em 455 escolas, particulares e públicas, de 14 capitais brasileiras. Na pesquisa sobre drogas nas escolas entrevistamos 50 mil alunos, 3 mil professores e 10 mil pais. Também foram realizadas entrevistas qualitativas com cerca de 2,1 mil pessoas e grupos focais. Foram 800 horas de fitas gravadas.

Nosso objetivo era saber quem são os jovens que estão na escola – desde a 5ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio –, qual o perfil dos pais destes alunos, quais as atividades de lazer da família, como são as relações dentro de casa, além de identificar e analisar a percepção de alunos, pais e integrantes do corpo técnico-pedagógico das escolas em relação à presença de drogas nas escolas. Abordamos vários temas relacionados às drogas. Procuramos levantar como os jovens veem a questão das drogas, se bebem e fumam, se usam drogas ilícitas, e o que leva ao consumo. Demos ênfase nas ocorrências que se verificam dentro das escolas e no entorno delas. O estudo também apresenta recomendações de políticas públicas, privilegiando a escola como local estratégico dentro de uma perspectiva de prevenção.

Cidadania-e – Quais são as drogas mais consumidas pelos jovens brasileiros?

Miriam Abramovay – A bebida alcoólica, que é uma droga lícita, é três vezes mais consumida pelos alunos do que as drogas ilícitas. E este consumo começa muito cedo. Entre os alunos com idades entre 10 e 12 anos, 27,8% admitem beber em festas e ocasiões especiais, e 2,2% afirmam beber regularmente. Estas porcentagens sobem para 46,9% e 5,7%, respectivamente, entre os jovens de 13 a 15 anos; 51,8% e 14,6% entre os adolescentes de 16 a 18 anos; e 50,7% e 20% entre os alunos que têm 19 anos ou mais.

Entre as drogas ilícitas, a maconha é a mais consumida pelos alunos que estudam nas escolas das 14 capitais brasileiras pesquisadas. 2% dos alunos dos ensinos fundamental e médio admitem usar maconha regularmente.

Cidadania-e – O que motiva este consumo?

Miriam Abramovay – A maioria afirma beber por ser uma atitude social. O consumo passa pela sociabilidade com os amigos, ajuda a se soltar, a ter coragem para "agarrar mulher", como dizem. Beber é socialmente permitido e já se tornou um padrão de comportamento da juventude brasileira. Alguns apontam que a mídia também estimula o consumo.

Quando tratamos das drogas ilícitas não falamos dos viciados, mas dos jovens que já experimentaram, que fazem um uso eventual. A percepção dos diferentes atores (alunos, membros do corpo técnico-pedagógico e pais) sobre os motivos de uso das drogas está agrupada em quatro categorias: ajuda a esquecer os problemas, modismo, autoafirmação e diversão. Segundo os jovens entrevistados, entre os motivos declarados para o uso de drogas também são referidos conflitos internos e externos, tais como problemas pessoais e familiares. Os jovens falam que experimentaram uma droga ilícita, principalmente, pela curiosidade, pelo prazer e para acompanhar algum amigo. Querem mostrar que podem, procuram o destaque.

Cidadania-e – Como é possível prevenir o uso de drogas por jovens?

Miriam Abramovay – A nossa pesquisa conclui que há o que fazer para prevenir o uso de drogas e a violência entre os alunos. Ela alerta que é possível observar a presença de escolas seguras em bairros ou áreas reconhecidamente violentas e vice-versa, sugerindo que não há determinismos nem fatalidades, mesmo em períodos e áreas caracterizadas por exclusões, o que garante que ações ou reações localizadas sejam possíveis. Acreditamos que a escola é muito importante, pois agrega estes jovens de famílias diferentes e com uma diversidade cultural muito grande. É na escola que estouram os conflitos e é nela que eles podem ser apaziguados.

A escola deve ser pensada como um lugar onde os alunos estão protegidos. A escola protetora deve realizar ações pensando nos fatores de risco que possuem. Não deve ser punitiva e repreensiva, mas sim trabalhar culturas pedagógicas que estimulem a criatividade. Esta é uma forma de prevenção passiva. Deve-se também estimular o diálogo, ao mesmo tempo em que deve haver limites e regras claros. É preciso que os diferentes atores discutam, até mesmo, a questão do tráfico ao redor e dentro das escolas. Não adianta esconder estes fatos, dar uma de avestruz.

Cidadania-e – Até que ponto o consumo de drogas interfere na violência nas escolas?

Miriam Abramovay – Pode ter um caso ou outro, como um aluno chegar bêbado na aula e provocar alguma briga, mas normalmente esta relação não é direta. O consumo de drogas interfere mais no rendimento escolar do que na violência. Ele prejudica a convivência na escola.

O que é violento é o tráfico, que está perto das escolas e até mesmo dentro delas. Verificamos que as escolas perderam um pouco o controle. Vimos que drogas são oferecidas livremente nas escolas e que alguns professores e diretores já foram ameaçados. Como se vê, esta violência é provocada pelo tráfico e não pelo consumo.

Cidadania-e – Quais as formas de violência mais comuns no ambiente escolar?

Miriam Abramovay – A violência nas escolas associa-se a três dimensões: a degradação no ambiente escolar, violência que se origina de fora para dentro das escolas, e componentes internos das escolas. Encontramos vários tipos de violência, desde a física, o roubo, as brigas, até a chamada violência simbólica, que faz parte do cotidiano das escolas. Esta violência está relacionada ao racismo, gritos, abuso de poder por parte dos professores e agressões verbais dos alunos. E tem a violência institucional, que é, por exemplo, a certeza do jovem de que com a formação que tem ele não vai conseguir entrar na faculdade.

Os empurrões e os pequenos roubos mexem na autoestima da escola. Os alunos passam a não acreditar nela, não se sentem seguros. É preciso existir uma visão de cidadania na escola e não de descrença.

Cidadania-e – Que elementos são necessários para a construção de uma cultura de paz?

Miriam Abramovay – A cultura de paz deve permear todos os trabalhos realizados na escola protetora, e um dos principais elementos para se construir esta cultura é a educação. A escola protetora passa pelo diálogo, discussão de valores e princípios, pelos limites. É preciso garantir uma educação para todos ao longo da vida. Educação com participação, com respeito aos direitos humanos, à diversidade e à tolerância. É fundamental também trabalhar com mobilização. Falamos, por exemplo, na abertura das escolas no final de semana para que se torne um local de integração da comunidade.

Comunidade Segura, 10 dez. 2002. Disponível em: <www.comunidadesegura.org/pt-br/node/20695>. Acesso em: 13 jul. 2012.

Proposta de Redação

A Fábula do Lobo Traficante

A sociedade dos cordeiros condenou aquele lobo a 20 anos de prisão. Era terrível o seu crime: tráfico de entorpecentes. Por sua causa, milhares de cordeirinhos destruíram suas vidas. O lobo era o inimigo público nº 1.

Vinte anos depois, apesar desse e de outros lobos-traficantes terem sido presos, a sociedade dos cordeiros estava mergulhada no vício. Era um problema de segurança nacional. Talvez por isso, um repórter resolveu entrevistar aquele lobo, à saída da penitenciária. Estaria ele arrependido? Teria consciência do que provocara? Sentia-se injustiçado?

Afinal, a sociedade dos cordeiros cumprira, rigorosamente, a Lei. Só que alguma coisa estava errada. Lobos-traficantes eram presos todos os dias, enquanto aumentava o consumo de tóxico. Qual a opinião de um lobo que pagou 20 anos por um dos piores crimes contra a humanidade?

– Você quer mesmo saber? – foi logo falando o lobo. – O problema não se restringe a mim, nem aos que me seguiram nessa profissão. Eu cometi parte do crime, reconheço, comercializando um produto proibido...

– E quem cometeu a outra parte? – indagou o repórter, ele próprio irritado com a desfaçatez do lobo.

– Ora, a sociedade dos cordeiros! – afirmou o lobo. – Acaso fui eu que provoquei a corrida ao tóxico? Como seria possível eu me tornar um traficante, se não houvesse procura do meu produto?

"Isso faz sentido", pensou o repórter. E arriscou uma outra pergunta: – Como a sociedade dos cordeiros poderia ter evitado tudo isso?

– Ora, pergunte a ela, respondeu o lobo. – Mas dificilmente a sociedade dos cordeiros concordará que tem parte dessa culpa. Para isso, seria necessário que cada cordeiro, em particular, meditasse sobre sua própria vida e o que considera melhor para o seu rebanho. Mas, você sabe que meditar, refletir, ponderar e se autoanalisar é muito difícil, quando há tantos lobos à disposição para assumir todas as culpas.

Quando a entrevista com o lobo-traficante foi publicada, a sociedade dos cordeiros reagiu: os lobos são criminosos irrecuperáveis, cínicos, arrogantes e diversionistas.

Para eles, só mesmo a pena de morte...

Fernando Portela. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 mar. 1984.

Leia mais uma vez o texto com muita atenção. Depois de entendê-lo como metáfora, posicione-se em um texto dissertativo em que possa concordar ou discordar do tema: "É verdade que os cordeiros também têm lá sua parcela de culpa?"

1. Inicie sua redação por parágrafo inicial narrativo.
2. Use argumentos mistos (expositivos e argumentativos).
3. Preferencialmente utilize-se de exemplos recentes, publicados em jornais e revistas, quando formalizar seus argumentos.
4. Toda redação tem um título; e nesta, além do título, escreva o tema na primeira linha (portanto, coloque seu título na 3ª linha, centralizado).

diversionista: aquele que manobra um grupo de discussão a que pertence, a fim de chamar a atenção para matéria diversa de que se discute.

18 Os tipos de argumentação: os parágrafos mediais

Em uma dissertação, os parágrafos mediais compreendem o que chamamos de argumentos, ou seja, eles ressaltam todo o conhecimento que amealhamos e que, por continuidade, imprimimos a eles.

É preciso estar atento para, nos parágrafos argumentativos, exemplificarmos com eficiência e não fazermos textos circulares ao redor de um mesmo eixo temático e empobrecer a redação.

Tal como nos parágrafos introdutórios, os parágrafos mediais também podem ser mesclados: interrogar e responder em seguida; citar; fazer hipóteses; comparar; traçar trajetórias e até narrar trechos pequenos.

Não se esqueça: são esses os parágrafos que denunciam nossa competência e capacidade. As ideias devem estar colocadas de maneira coerente, hierarquizadas.

O parágrafo argumentativo

Em uma dissertação, os parágrafos mediais compreendem o que chamamos de **argumentos**; comparando a redação dissertativa a um corpo humano, eles são uma grande "barriga" que abrigará em seu bojo exemplos, aproximações, justificativas e evidências, e que propiciará o "nascimento" de um bom texto.

É preciso, no entanto, saber usá-los bem, evitando, assim, os defeitos de argumentação que tornam o texto frágil. Portanto, nada de noções confusas de caráter amplo e vago, afirmações genéricas, uso de conceitos que se contradizem ou instauração de falsos pressupostos. Não use gírias, clichês, lugares-comuns, e não empregue **circularidade**.

Tome-se aqui a palavra circularidade a repetição exaustiva dos mesmos exemplos, críticas e pontos de vista no eixo de um só texto. É defeito grave na construção dos parágrafos argumentativos porque é agente empobrecedor de argumentação. Girar ao redor de um falso eixo de argumentos, repetir o que já foi dito é, certamente, uma articulação perigosa de ideias, se é que isso possa ser chamado de "articulação de ideias". À circularidade, dá-se um nome muito conhecido: "operação enche-linguiça".

Observe bem o seguinte texto.

Não ao trabalho infantil

*[**Tese**] O trabalho infantil é proibido no Brasil. Ainda assim, mais de três milhões de crianças e adolescentes, menores de 14 anos, em vez de participar de atividades de socialização, de brincar e de ter tempo e condições para estudar, passam o dia trabalhando para garantir seu sustento ou o sustento de suas famílias.*

*[**Argumentação**] Trabalham na agricultura, nas carvoarias, pedreiras, canaviais, fábricas de calçados, oficinas mecânicas, no tráfico de drogas, nos lixões, na prostituição, pedindo dinheiro nos semáforos e esquinas... essa exploração traz consequências irreversíveis para o desenvolvimento físico e psicológico desses brasileirinhos.*

Esta situação é, em parte, decorrente da baixa renda de muitas famílias, para as quais o trabalho infantil é uma questão de sobrevivência. Os empregadores, por sua vez, aproveitam-se da mão de obra infantil que submete-se a salários mais baixos.

Além disso, nem sempre o poder público está suficiente empenhado no controle e aplicação das leis que proíbem o trabalho infantil, nem busca eliminar as causas estruturais dos desequilíbrios econômicos e sociais que forçam crianças e adolescentes a trabalhar.

A população em geral é indiferente à situação e vê o trabalho infantil como a única chance de sobrevivência para os mais pobres. Muitos acreditam que colocar crianças e adolescentes de baixa renda para trabalhar é disciplinador, ajudando a evitar a criminalidade e a vadiagem.

O Estatuto da Criança e do Adolescente proíbe totalmente o trabalho de criança menor de 14 anos e o permite aos adolescentes entre 14 e 16 anos, desde que na qualidade de aprendiz (Art. 60 ECA, Emenda Constitucional nº 20, 16/12/98), desde que não venha a prejudicar a escolarização. Porém, o que se tem visto é que, à medida que a criança e o adolescente começam a trabalhar, abandonam a escola. São apontadas como principais causas, além da jornada prolongada, as distâncias entre o trabalho, a moradia e a escola, e a má qualidade do ensino.

O apoio da sociedade civil organizada é de fundamental importância na implementação de programas de erradicação do trabalho infantil. O momento agora não é só de denúncia. Exige buscar soluções para um problema que atinge milhares de crianças e adolescentes. Somente com o esforço em conjunto o trabalho da criança vai ser erradicado e esses brasileirinhos irão ter sua infância de novo, com estudo, lazer e todos os seus direitos assegurados. Se todos contribuírem, essa dura realidade vai ser modificada. Todos podem fazer sua parte através de Conselhos Municipais dos Direitos da Criança, dos Conselhos Tutelares, de grupos empresariais e de trabalhadores voluntários.

*[**Conclusão**] A infância e a adolescência merecem especial atenção das políticas sociais como etapas do ciclo de vida que devem ser destinadas primordialmente à educação e à formação psicológicas dos indivíduos. A questão do trabalho infantil é complexa. O problema está associado, embora não esteja restrito, à pobreza, à desigualdade e à exclusão social existentes no Brasil.*

Michelle do Prado Rodrigues. Correspondente YBNews Goiânia/GO <www.ybnews.org.br ?system=news&action=read&id=417&eid=231>.

Como você pode perceber, embora o texto acima seja um artigo, organiza-se sob a forma de dissertação (tese, argumentação e conclusão). Os argumentos são claros e apoiam-se em alguns aspectos: o trabalho precocemente exercido provoca danos ao desenvolvimento físico e psicológico das crianças e adolescentes de baixa renda; os empregadores são inescrupulosos e não obedecem às leis; há ausência do controle e aplicação da legislação em vigor; as famílias são pressionadas por desequilíbrios econômicos. Além do que, o texto põe em relevo a indiferença da população.

Na sequência, cita-se o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e faz-se um apelo para que a sociedade civil se organize no sentido de fazer valer os direitos das crianças e dos adolescentes.

Como visto no exemplo analisado, a estruturação da dissertação funciona, mas para chegar a esta, as perguntas são sempre as mesmas: como argumentar? De que forma sequenciar esses argumentos? Há alguma maneira de tentar organizá-los metodicamente? A partir do tema **educação**, veja alguns modelos de argumentação.

Exemplificação simples

Exposição de dados conhecidos, divulgados pelos meios de comunicação.

Numa "guerra cambial", os países fazem "desvalorizações competitivas" de suas moedas. Ou seja, com a "guerra cambial" se procura obter vantagem comercial. Moedas desvalorizadas barateiam os produtos, tudo o mais constante; o país da moeda mais fraca exporta mais, importa menos. Mas a história é muito mais enrolada.

Sim, há políticas econômicas de países muito grandes (EUA e China) que afetam as moedas de países do mundo inteiro, que reagem de modo a evitar a valorização de suas moedas. Mas não há propriamente uma corrida mundial por fatias de mercado via desvalorização de moedas.

Vinícius Torres Freire. Blog do Vinicius: "Guerra das moedas" em desenho animado. Blogs da Folha. Disponível em: <http://blogdovinicius.folha.blog.uol.com.br/arch2010-11-01_2010-11-30.html>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Argumentação histórica, fazendo trajetórias comparativas (sócio-político-culturais ou geográficas)

O problema é mundial. Na Inglaterra, um levantamento em 19 hospitais apontou que uma em cada dez prescrições contém erros, 1,7% deles com grande risco de levar o paciente à morte. "Uma alteração de miligrama para micrograma, aparentemente banal, dependendo do remédio, pode colocar o doente em coma, por exemplo", explica Ivana Siqueira, superintendente de atendimento do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Nos Estados Unidos, uma vítima famosa do problema foi o ator Dennis Quaid.

Rafael Teixeira. "Os erros de medicação nos hospitais". IstoÉ, n. 2.139, 10 nov. 2010. p. 88.

Hipótese

Brincadeira pode, evidentemente, ser provocação bem-humorada entre amigos. Quando se fere a autoestima e a dignidade de outras pessoas, em atos que podem ter implicações para toda uma vida, não se trata de diversão, o nome disso é crime. Quando crianças brincam, estão simulando o mundo adulto. Em que planeta essas crianças de vinte e poucos anos querem viver?

Chama-se bullying *à violência contínua, física ou emocional, exercida por uma pessoa ou um grupo sobre alguém mais frágil. Este comportamento ocorre em agremiações esportivas, em ambientes de trabalho, em qualquer lugar onde as pessoas convivem cotidianamente. No entanto, tal violência nas escolas tem atingido dimensões epidêmicas; mais graves por ocorrer com crianças e jovens em fase de formação, e mais suscetíveis a consequências permanentes.*

Wanda Camargo. "O rodeio dos preconceituosos". Agora Paraná, 15 nov. 2010. Disponível em: <http://agoraparana.uol.com.br/index.php/artigos/2488-o-rodeio-dos-preconceituosos.html>. Acesso em: 8 jul. 2009.

Interrogação, questionamento, reflexão

Literatura racista

Mas, afinal de contas, Lobato era um escritor racista? Vamos supor que sim. Mas, nesse caso, já que a rancorosa patrulha do politicamente correto está desconsiderando o contexto histórico em que Caçadas de Pedrinho *veio a público, é nosso dever exigir, como cidadãos brasileiros, que outras obras nocivas ao diálogo entre as etnias recebam o mesmo tratamento.*

Para começar, devemos mandar os sonetos satíricos de Gregório de Matos para o limbo da nossa consciência histórica,

especialmente aqueles que falam de "mulatos desavergonhados". Para fazermos uma limpeza completa no século XVII, precisamos acender um fósforo para vários sermões do Padre Antônio Vieira, que considerava a escravidão um mal necessário e aconselhava os negros (devo dizer afrodescendentes?) a carregarem sua cruz.

Maicon Tenfe. www.clicrbs.com.br. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/maicontenfen/2010/11/09/literatura-racista/?topo=52,2,18,,159,77>. Acesso em: 17 jul. 2012. (Adapt.).

Definição (abrir uma gama de definições encadeadas)

Municipalização no ensino é quando o governo do Estado transfere para as prefeituras a responsabilidade de gerir escolas; para tanto, é preciso transferir recursos, treinar pessoal técnico-administrativos e conseguir apoio da comunidade para o desenvolvimento integral dos alunos.

Folha de S.Paulo.

Constatação (cuidado com os truismos)

O ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, disse que um novo modelo institucional de exploração da camada de petróleo e gás localizada em águas ultraprofundas e as novas alternativas de distribuição de royalties, nas quais todos os estados sejam beneficiados, é fundamental para a geração de riqueza no país.

"Temos em mãos, talvez, a maior descoberta dos últimos 20 anos em todo o mundo ocidental. Temos que ter sabedoria para usar isso em benefício de um projeto que traga desenvolvimento para todos", destacou o ministro. Segundo ele, a proposta do novo marco regulatório deverá ser votada na Câmara em novembro e no Senado em março de 2010.

Lúcia Nórcio. "Ministro defende criação de novo modelo para divisão dos recursos do Pré-sal". Agência Brasil, 22 out. 2009. Disponível em: <www.new.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_32/2009/10/22/ficha_presal/id_sessao=32&id_noticia=16953/ficha_presal.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Questionamento (refutação de valores, juízos e conceitos)

"Um grupo de cinco jovens de classe média, estudantes de um colégio particular, foi preso ontem acusado de atacar quatro pessoas na região da Avenida Paulista. A polícia diz haver indícios de motivação homofóbica. As agressões foram realizadas através de chutes, socos e com bastões de lâmpadas fluorescentes."

Se eles fossem de classe social mais baixa, certamente alguns textos que apareceriam na imprensa teriam uma cara sutilmente diferente:

"Uma quadrilha composta de menores da favela do Macaco Molhado foi presa ontem ao atacar quatro pessoas na região da Avenida Paulista. A polícia diz que a motivação foi claramente homofóbica. As agressões eram feitas com chutes, socos e até com bastões de luz branca."

Rico é jovem, pobre é bandido. Ao rico, o direito à dúvida (o que deveria ser o padrão, sem julgamentos sumários); ao pobre, o tiro implacável da certeza. Um é a criança que fez coisa errada, o outro um monstro que deve ser encarcerado. O pai de um deles ontem, num momento difícil, minimizou, dizendo que eram apenas crianças que estavam chorando na delegacia, trancafiados como bandidos.

Leonardo Sakamoto. *Blog do Sakamoto*: Na Paulista, com uma lâmpada fluorescente. Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2010/11/15/na-paulista-com-uma-lampada-fluorescente/>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Perspectiva (antecipações eventuais de resultados)

O Brasil deve almejar ter uma cota mínima de 80% de congressistas honestos, que não se metam em maracutaias e nepotismo. Que 100% dos ministros estejam acima das questões partidárias e, cada um em sua pasta, honrem seus compromissos. Que olhem para seu próprio umbigo gordo e cortem nos gastos. Que tenham vergonha de usar dinheiro público para si e seus parentes. Já é um começo. A Dilma pode, ela já disse que pode. Foi dona da Casa Civil, a casa caiu, e ela vai expulsar os sanguessugas. Ou não?

Ruth de Aquino. "O tró-ló-ló dos Três Poderes". *Época*, n. 652, 12 nov. 2010.

Oferecimento de dados estatísticos

De acordo com o ranking anual de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) realizado pela ONU (Organização das Nações Unidas), o Brasil, com nota de 0,699, obteve uma nota abaixo da média da América Latina, que foi de 0,704. A média brasileira, no entanto, ainda é superior à mundial, que alcançou 0,624.

O Chile é o país latino-americano mais bem colocado, no 45º lugar e nota de 0,783, seguido pela Argentina (46º). Na América Latina, o Brasil também aparece atrás de Uruguai (52º), Panamá (54º), México (56º), Trinidad e Tobago (59º), Costa Rica (62º) e Peru (63º).

IDH do Brasil está abaixo da média da América Latina e é inferior ao do Peru, diz ONU.

UOL Notícias, 4 nov. 2010. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/internacional/2010/11/04/brasil-esta-abaixo-idh-medio-da-america-latina-diz-relatorio-da-onu.jhtm>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Causa-consequência

Depois de meses de desastres – prova roubada, questões que vazaram, gabarito errado –, novas falhas marcaram o Exame Nacional do Ensino Médio de 2010.

Dessa vez, cabeçalhos dos cartões-resposta foram trocados, confundindo muitos estudantes. Parte das provas também continha questões repetidas ou ausentes.

Desse jeito, fica difícil garantir a seriedade do processo e fazer os estudantes confiarem que o resultado final foi justo.

"Mais falhas no Enem". *Agora São Paulo*, 9 nov. 2010. Disponível em: <www.agora.uol.com.br/editorial/ult10112u827545.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2012.

ATENÇÃO!

Existem inúmeros outros tipos de argumentação, os chamados mistos.
Da mesma maneira que você aprendeu a misturar dois ou mais aspectos na introdução, poderá também retomar esta prática aqui.

truísmos: verdades irrefutáveis, tão evidentes que não é necessário serem enunciados.

TEXTO COMPLEMENTAR

Capítulo V – Do direito à profissionalização e à proteção no trabalho

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.

Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:

I – garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;

II – atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;

III – horário especial para o exercício das atividades.

Art. 64. Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem.

Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários.

Art. 66. Ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido.

Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não governamental, é vedado trabalho:

I – noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;

II – perigoso, insalubre ou penoso;

III – realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;

IV – realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

Art. 68. O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada.

§ 1º Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo.

§ 2º A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo.

Art. 69. O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:

I – respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;

II – capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 13 de julho de 1990; 169º da Independência e 102º da República.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Texto 1

As causas da pobreza

A pobreza e a desigualdade são tão antigas quanto a humanidade, e sempre vieram acompanhadas de fortes sentimentos morais. [...] uma corrente de pensamento que se tornou famosa na época de Thomas Malthus, na Inglaterra, mas que ainda hoje tem seus fortes adeptos: a de que uma parte, talvez a maior, dos problemas da pobreza, é culpa dos próprios pobres, que não têm determinação e força de vontade para trabalhar. Para Malthus, a causa principal da pobreza era a grande velocidade com que as pessoas se multiplicavam, em contraste com a pouca velocidade em que crescia a produção de alimentos. O problema se resolveria facilmente se os pobres controlassem seus impulsos sexuais e deixassem de ter tantos filhos.

Simon Schwartzman. Disponível em: <www.schwartzman.org.br/simon/paradoxos.htm>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Texto 2

Brasil começa 2006 sem quebrar ciclo da pobreza

Os números a seguir não são novidade para ninguém, mas nunca é demais repeti-los. No Brasil, os 10% mais ricos da população são donos de 46% do total da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres – ou seja, 87 milhões de pessoas – ficam com apenas 13,3%. Somos 14,6 milhões de analfabetos, e pelo menos 30 milhões de analfabetos funcionais. Da população de 7 a 14 anos que frequenta a escola, menos de 70% concluem o ensino fundamental. Na faixa de 18 a 25 anos, apenas 22% terminam o ensino médio. Os negros são 47,3% da população brasileira, mas correspondem a 66% do total de pobres. O rendimento das mulheres é 60% do rendimento dos homens no mesmo posto de trabalho. No Brasil, segundo dados do IBGE, enquanto o Distrito Federal apresentou um PIB per capita de R$ 16.920 em 2003, o Estado do Maranhão ficou com apenas R$ 2.354 anuais por pessoa.

Também não é novidade para ninguém que a pobreza no Brasil é causada pela desigualdade social, fruto de um processo de concentração de poder, de negação de direitos à população e de péssima distribuição de recursos.

Países com renda per capita similar à brasileira têm 10% de pobres em sua população. Nós temos 30%. É essa desigualdade que faz com que 55 milhões de brasileiros e brasileiras vivam na pobreza – 22 milhões deles na indigência. [...]

Bia Barbosa. *Carta Maior*, 2 jan. 2006. Disponível em: <www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=9592>.

Texto 3

Inclusão social

A pobreza é entendida como um fenômeno amplo que se refere à estrutura de bem-estar e de participação no cotidiano social e engloba diversos elementos – não somente relacionados à falta de recursos – como a desigualdade na distribuição de renda, a vulnerabilidade, a exclusão social, a violência, a discriminação, a ausência de dignidade etc. [...]

Unesco. Disponível em: <www.unesco.org.br>. Acesso em: 12 jul. 2012.

Texto 4

A total inclusão de todos os membros da humanidade, de quaisquer raças, religiões, nacionalidades, classes socioeconômicas, culturas ou capacidades, em ambientes de aprendizagem e comunidade, pode facilitar o desenvolvimento do respeito mútuo, do apoio mútuo, da autorização própria e do aproveitamento dessas diferenças para melhorar nossa sociedade. Com a maior mobilidade e decomposição do respaldo de unidades familiares intactas e mais amplas, o desenvolvimento da compreensão da igualdade de todas as pessoas e a responsabilidade por nossos semelhantes é fundamental para nossa prosperidade e sobrevivência. [...]

Ministério da Educação, *Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado*, Módulo 4.

Texto 5

Exclusão social. Que bicho é esse?

BERNARDO BRITO/123RF.COM

Exclusão social é um tema da atualidade, utilizado nas mais variadas áreas do conhecimento, mas com sentido nem sempre muito preciso ou definido. Primeiro de uma série de artigos, nosso intuito é oferecer uma visão esclarecedora a respeito.

Pode designar desigualdade social, miséria, injustiça, exploração social e econômica, marginalização social, entre outras significações. De modo amplo, exclusão social pode ser encarada como um processo sócio-histórico caracterizado pelo recalcamento de grupos sociais ou pessoas, em todas as instâncias da vida social, com profundo impacto na pessoa humana, em sua individualidade. [...]

Conteúdo Escola, 22 jul. 2004. Disponível em: <www.conteudoescola.com.br/site/content/view/95/36/>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Texto 6

Você sabia

Que pelo menos um quinto da população adulta do planeta é analfabeta? Três quartos dos 771 milhões de analfabetos do mundo se concentram em 12 países – Índia, China, Bangladesh, Paquistão, Nigéria, Etiópia, Indonésia, Egito, Brasil, Irã, Marrocos e República Democrática do Congo. Desses, 64% são mulheres. Além de estar ligado à pobreza nesses países, esse número reflete as desigualdades entre homens e mulheres que existem em várias sociedades.

Depois de ler os textos, faça uma redação de caráter dissertativo (enfoque expositivo-argumentativo); para tanto, procure levar em conta seus conhecimentos de mundo.

1. Selecione, organize e inter-relacione argumentos, fatos, opiniões a fim de que defenda seus pontos de vista e/ou propostas, mas sem ferir os direitos humanos assegurados em lei, respaldados pela ética.
2. Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da Língua Portuguesa.
3. A redação deve ser escrita à tinta (caneta azul, preferencialmente).
4. Caso queira ou julgue necessário, dê um título ao seu texto.
5. Serão bem-vindos argumentos que se iniciem do geral para o particular (pobreza no mundo/pobreza no Brasil; esforços para inclusão social no mundo e no Brasil; dados comparativos, aspectos de geopolítica e história).
6. Seus argumentos obrigatoriamente devem levar em conta uma ou duas referências constantes do segundo texto desta coletânea.

O tema desta redação é o seguinte:

"O maior desafio do Brasil, hoje, é reduzir a pobreza e as desigualdades sociais, oferecer educação de qualidade a todos, incluir socialmente as gerações futuras e acabar com a miséria física e intelectual de sua gente."

Caso você queira observar dados recentes referentes à pobreza, consulte:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_de_pobreza>.

<http://iets.org.br/article.php3?id_article=33>.

<http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100002&lng=es&nrm=>.

<http://inovandofgvsp.br/conteudo/pobreza/index.htm>.

19

Os tipos de fecho: como concluir uma dissertação

© YOUNGSTOCK.JOHNG

A maior preocupação do aluno sempre tem sido abrir uma redação (construção da tese) ou construir os parágrafos mediais (argumentação). O fecho da dissertação, contudo, é tão importante aspecto quanto os dois anteriormente citados. Então, como se fecha um texto de caráter argumentativo?

As maneiras mais comuns são aquelas ensinadas em todos os manuais de redação: retomar o parágrafo inicial e resumir os argumentos (formas muito perigosas), e partir de uma hipótese de solução viável.

Leia modelos, pratique e veja como será bem mais fácil fechar seu texto!

O fecho no texto dissertativo

Quando dissertamos, os argumentos normalmente se encadeiam e buscamos coerência de ideias, equilíbrio e harmonia, a fim de que possamos atingir o parágrafo final (fecho ou conclusão), onde completaremos e finalizaremos a proposta que estamos defendendo.

É o fecho que dá o toque de unidade, de todo, e confere ao nosso texto a noção de completude.

Então, de que forma concluir?

Geralmente, se usa duas maneiras: retomar a tese ou sintetizar os argumentos. Esses são os fechos conhecidos dos corretores de redação. Agora, aprenderemos mais dois.

A seguir, discorremos sobre as quatro possibilidades. Não é viável colocar um exemplo de cada tipo, já que exigem a redação integral para serem verificados. Assim, sugerimos que cada modelo seja desenvolvido como exercício.

1. Resumindo a argumentação (síntese da argumentação)

Usado basicamente em textos de caráter expositivo, condensa os argumentos dos parágrafos mediais.

ATENÇÃO!

É preciso tomar cuidado com ele: se não for bem usado, gerará texto circular, parecerá repetição pura, falta de ideias sobre os fatos.

2. Reapresentando e sintetizando os dados da tese

Funciona como uma espécie de reforço da ideia central (parágrafo inicial, tese) a ser desenvolvida. Tome cuidado para não girar em torno das mesmas ideias, repetir palavras, provocar circularidade textual, o que empobreceria em demasiado a redação.

ATENÇÃO!

Como você deve ter notado, para se concluir um texto é preciso usar de cautela: nem sempre os caminhos mais fáceis (resumir a argumentação ou sintetizar a tese) são os mais recomendados.

3. Apontando soluções para os problemas que foram discutidos no corpo da argumentação

Embora tenha sempre caráter hipotético, é sempre bom lembrar que a solução proposta deve ser viável.

4. Interrogando (no sentido de ironia, humor ou crítica) ou apresentando um elemento novo, uma pequena história-encaixe, uma citação

Tais expedientes devem ser usados apenas de forma crítica ou fazendo com que o leitor reflita sobre a ironia que se faz valer. Caso seja interrogativo, nunca se dirija ao leitor; é você, e não ele, quem deverá responder às questões levantadas.

Alguns pontos importantes

1. À exceção da carta, toda redação deve, obrigatoriamente, ter um título. Ele deve ser centralizado, sugestivo e resumir a ideia do texto ou metaforicamente sugeri-la. É a última coisa que deve vir para a sua redação.
   Não é preciso sublinhá-lo e só se permite o uso de aspas quando for parte de uma citação, ou seja, verso, prosa, trecho de poema e qualquer expressão conhecida que não seja de autoria do aluno.
2. Dê um aspecto limpo e organizado ao texto (não invada a margem, prefira não rabiscar palavras quando quiser excluí-las, cumpra cada linha até o fim).
3. Cuidado com os períodos longos demais, geram textos confusos. Evite períodos que tenham mais de três ou quatro orações subordinadas; cuidado também com o uso de pronomes relativos e as conjunções integrantes **que**.
4. Evite generalizar nas dissertações; pense na questão causa-consequência e fuja dos pronomes indefinidos (como o próprio nome diz, são palavras vagas); justiça, democracia, liberdade, direitos e trabalho são exemplos de palavras que somente indicarão algo quando forem usadas com complementos ou adjuntos.
5. Dissertar é um ato de reflexão pessoal, de argumentação, de opinião e questionamento; não deve ser, portanto, reprodução de valores e crenças que impregnam o indivíduo de conceitos já prontos. Crie você mesmo suas próprias argumentações.

TEXTO COMPLEMENTAR

Em 22 de março de 1992, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu o "Dia Mundial da Água", publicando o documento intitulado Declaração Universal dos Direitos da Água, abaixo.

Declaração Universal dos Direitos da Água

A presente Declaração Universal dos Direitos da Água foi proclamada tendo como objetivo atingir todos os indivíduos, todos os povos e todas as nações, para que todos os homens, tendo esta Declaração constantemente no espírito, se esforcem, através da educação e do ensino, em desenvolver o respeito aos direitos e obrigações anunciados e assumam, com medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação efetiva.

art 1°. A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada nação, cada povo, cada região, cada cidade, cada cidadão é plenamente responsável diante de todos.

Art. 2°.A água é a seiva do nosso planeta. Ela é a condição essencial de vida de todo ser vegetal, animal ou humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura. O direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à vida, tal qual é estipulado no Art. 3º da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Art. 3°.Os recursos naturais de transformação da água em água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.

Art. 4°.O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e dos seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente para garantir a continuidade da vida sobre a Terra. Este equilíbrio depende, em particular, da preservação dos mares e oceanos, por onde os ciclos começam.

Art. 5°.A água não é somente uma herança dos nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como uma obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras.

Art. 6°.A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

Art. 7°.A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento, para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração de qualidade das reservas atualmente disponíveis.

Art. 8°.A utilização da água implica o respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo o homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem nem pelo Estado.

Art. 9°.A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.

Art. 10°. O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão da sua distribuição desigual sobre a Terra.

A civilização sempre dependeu da água. Hoje, presenciamos o fenômeno inverso: a água é que depende do nosso grau de civilização para continuar existindo. Precisamos nos conscientizar de que a água é um recurso finito. Vamos valorizar os recursos hídricos, usando-os com consciência. Essa missão cabe a todos os habitantes desse planeta.

Disponível em: <www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/agua/declaracao.html>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Proposta de Redação

Leia os três textos seguintes.

Texto 1

A água é o constituinte mais característico da Terra. Ingrediente essencial da vida, a água é talvez o recurso mais precioso que a Terra fornece à humanidade. Embora se observe pelos países mundo afora tanta negligência e tanta falta de visão com relação a este recurso, é de se esperar que os seres humanos tenham pela água grande respeito, que procurem manter seus reservatórios naturais e salvaguardar sua pureza. De fato, o futuro da espécie humana e de muitas outras espécies pode ficar comprometido, a menos que haja uma melhora significativa na administração dos recursos hídricos terrestres.

J. W. Maurits la Rivière, Ph.D. em Microbiologia. Delft University of Technology, Holanda.

Texto 2

Quase toda a água do planeta está concentrada nos oceanos. Apenas uma pequena fração (menos de 3%) está em terra e a maior parte desta está sob a forma de gelo e neve ou abaixo da superfície (água subterrânea). Só uma fração muito pequena (cerca de 1%) de toda a água terrestre está diretamente disponível ao homem e aos outros organismos, sob a forma de lagos e rios, ou como umidade presente no solo, na atmosfera e como componente dos mais diversos organismos.

Embrapa. Disponível em: <www.cnpma.embrapa.br/>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Texto 3

O Aquífero Guarani é o maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo. Está localizado na região centro-leste da América do Sul, entre 12° e 35° de latitude sul e entre 47° e 65° de longitude oeste, e ocupa uma área de 1,2 milhões de km², estendendo-se pelo Brasil (840.000 km²), Paraguai (58.500 km²), Uruguai (58.500 km²) e Argentina (255.000 km²).

Sua maior ocorrência se dá em território brasileiro (2/3 da área total), abrangendo os Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Esse reservatório de proporções gigantescas de água subterrânea é formado por derrames de basalto ocorridos nos Períodos Triássico, Jurássico e Cretáceo Inferior (entre 200 e 132 milhões de anos). É constituído pelos sedimentos arenosos da Formação Piramboia na Base (Formação Buena Vista na Argentina e Uruguai) e arenitos Botucatu no topo (Missiones no Paraguai, Tacuarembó no Uruguai e na Argentina).

A espessura total do aquífero varia de valores superiores a 800 metros até a ausência completa de espessura em áreas internas da bacia. Considerando uma espessura média aquífera de 250 metros e porosidade efetiva de 15%, estima-se que as reservas permanentes do aquífero (água acumulada ao longo do tempo) sejam da ordem de 45.000 km³.

O Aquífero Guarani constitui-se em uma importante reserva estratégica para o abastecimento da população, para o desenvolvimento das atividades econômicas e do lazer.

Sua recarga natural anual (principalmente pelas chuvas) é de 160 km³/ano, sendo que desta, 40 km³/ano constitui o potencial explotável sem riscos para o sistema aquífero.

As águas em geral são de boa qualidade para o abastecimento público e outros usos, sendo que em sua porção confinada, os poços têm cerca de 1.500 m de profundidade e podem produzir vazões superiores a 700 m³/h.

DAAE de Araraquara. Disponível em: <www.daaeararaquara.com.br/guarani.htm>. Acesso em: 18 jul. 2012.

Entre os assuntos mais discutidos no início deste século está o futuro de nosso planeta, sendo a água o enfoque mais presente nessa discussão. Um Oscar (2006) e um Prêmio Nobel da Paz (2007) foram oferecidos a Al Gore, político americano, em virtude de sua militância em favor da conservação do planeta e denúncia contra o aquecimento global, derretimento das geleiras etc.

Qual a importância da água para a humanidade, o planeta Terra e o futuro?

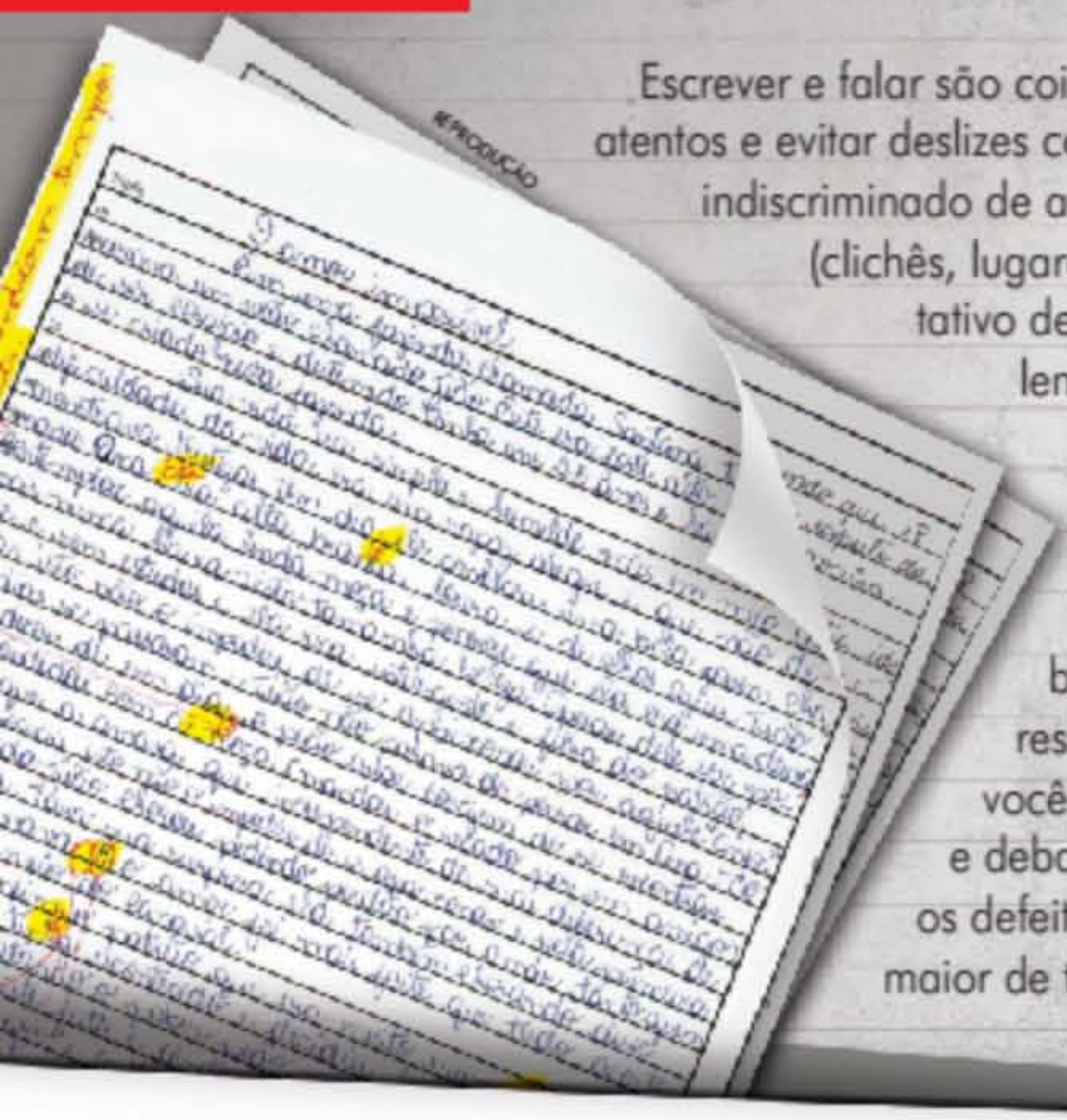
Tomando como referência, caso julgue necessário, os textos que foram apresentados anteriormente, e fazendo a leitura do *Texto Complementar* anterior a este exercício, manifeste sua opinião a respeito do seguinte tema, parte do item 7 da Declaração Universal dos Direitos da Água:

O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e dos seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente, para garantir a continuidade da vida sobre a Terra.

Estará o homem preparado para se comprometer com as necessidades do planeta e garantir um futuro para as próximas gerações?
Seu texto deverá ser obrigatoriamente dissertativo.
Dê um título a ele.
Escreva pelo menos 30 linhas.
Use argumentos atualizados obtidos em jornais, revistas, TV.

20

Dez pecados mortais da redação dissertativa I



Escrever e falar são coisas diferentes. Ao passar uma ideia para o papel devemos estar atentos e evitar deslizes comuns, como: repetições que geram circularidade textual, uso indiscriminado de adjetivos como "enfeites" das frases, metáforas desgastadas (clichês, lugares-comuns), abstrações grosseiras. Além disso, no texto dissertativo deve-se evitar o uso sistemático de linguagem coloquial: procure lembrar sempre de que o corretor não procura encontrar em seu texto uma linguagem pura, mas também não tolerará o uso de termos gíricos ou o abuso de expressões coloquiais.

Além desses fatos, o mau uso de pronomes relativos, de truísmos e dos chamados ditos populares – ou mesmo citações banais – também desgasta enormemente seu texto. É preciso ressaltar, no entanto, que evitar esses descuidos de nada adianta se você não for bem informado. Se não buscar conteúdos para discutir e debater, opinar e criticar, seu texto terá, com certeza, o pior de todos os defeitos: a alienação dos contextos atuais. Esse é, sem dúvida, o maior de todos os perigos.

Dez "pecados" da dissertação

Em um tempo de redação para vestibular, além da estrutura, que deve ser bem cuidada, de nos informarmos bem para que não cometamos deslizes, devemos evitar os chamados "pecados mortais da redação". Tome nota.

1. Lugares-comuns ou clichês, adjetivos cristalizados, desgastados pelo uso

Não há nada mais desgastante para um texto do que o costume de repetir infinitamente os chamados clichês ou o que chamamos de "senso comum". Fuja disso, forme opiniões próprias com expressões também suas, que carreguem os seus pontos de vista de maneira absolutamente particular quando articulados.

Veja alguns maus exemplos característicos.

É uma tristeza **muito grande** ver até aonde o Brasil chegou.

Devemos lutar, **com o coração cheio de esperanças**, por uma **pátria livre** e por um **povo feliz**.

Os governos devem fazer **enormes esforços** para que o **povo desta Pátria** possa ser considerado valorizado.

A crise de energia é **apenas uma parte da questão**.

2. Linguagem coloquial e abstrações grosseiras

Você já ouviu falar que na prática a teoria é outra, não ouviu? Pois, então, acrescente a isso uma outra circunstância também já citada: falar é uma coisa e escrever é outra, completamente diferentes.

Às vezes, carregamos os vícios da fala para o texto que estamos escrevendo. Evite isso, vigie-se constantemente. Observe os erros mais frequentes.

a) Se o apagão **vai vir** para ficar. (Se o apagão virá...)

b) O presidente **pegou e pensou que** o povo brasileiro era burro. (O presidente pensou (imaginou) que o povo brasileiro fosse...).

c) **A nível de** competência, João é **muito mais** que José. (João é mais competente que José. A expressão **a nível de** jamais deve ser usada como ordem indicadora ou comparativa).

d) Com a derrota da inflação, o povo ficou **hiper** feliz. ([...] ficou demasiadamente feliz).

e) E as deploráveis expressões coloquiais: **isto quer dizer que** e **isto significa que**, que podem ser vastamente usadas na fala (os professores usam muito, observe), mas são condenadas na escrita.

f) Outro exemplo: "diante das tristezas que vemos acontecer a este país, **paramos** e **pensamos**: é preciso mudar!". (Aqui, o parar é apenas expressão coloquial, não use, exclua-o!).

3. Verdades evidentes (os conhecidos truismos)

Os chamados **truísmos** são denunciadores, em primeiro lugar, da fragilidade de nossas ideias, que se deixam assentar sobre o óbvio; em segundo, denunciam o uso do senso comum, das obviedades constantes que ouvimos.

Veja os exemplos abaixo:

O primeiro turno das eleições brasileiras acontece ***sempre em outubro****...*

Os homens, que são ***animais racionais****...*

4. Excesso de adjetivação para caracterizar circunstâncias, fatos e acontecimentos

O **magnífico**, **inesperado** e **formidável** desempenho da CPI da Corrupção.

5. Queísmo (encadeamento de quês sequenciados)

O certo é **que**, sabedores de **que** foram escolhidos pelo povo **que** neles votou de maneira inocente, os políticos **que** desonram tais votos **que**...

ATENÇÃO!

Não existe apenas o queísmo; nas redações somos atacados por "maisismo", "ezismo", "poisismo" etc.

6. Uso de provérbios ou ditos populares

Quando estamos sob forte pressão para escrever nossa dissertação no vestibular, acabamos por lançar mão de provérbios ou ditos populares. Fuja de todos eles: empobrecem o texto. Fique atento a isso e não corra riscos.

7. Uso de gírias

O problema da violência é algo de que não podemos fugir. Por décadas sucessivas, assistimos ao abandono de um número incontável de **pirralhos**; muitos **caras** geram os filhos e não querem assumir. Esses **caras** são, na maioria, **gente da pesada** que não deixa de **curtir** seu **baratoso**, não **dando a mínima** para os filhos.

8. Análise dos temas propostos utilizando emoções exageradas

Os bandidos são assassinos **impiedosos** que **nunca compreenderão** o que é ser humano. Roubam, matam e furtam, não levando em consideração a vida dos inocentes. **Suas almas maléficas jamais terão descanso** e **serão castigados por toda eternidade**.

Prisão perpétua aos bandidos!

9. Mau título

Outra tendência do vestibulando é colocar um título banal na dissertação. Não se esqueça de que ele, o título, é como se fosse o nosso cartão de apresentação para o corretor. Evite usar títulos longos ou muito curtos, formados apenas por artigo + substantivo (ou artigo + adjetivo + substantivo). Exemplos: A reforma agrária / A beleza do país. É fatal.

10. Tente não analisar o tema proposto sob apenas um dos ângulos da questão

Afinal, a lição de *Alice no País das Maravilhas* é bela e inesquecível: *Se queres, Alice, conhecer o ponto de vista do gato, conheças também o ponto de vista do rato.*

TEXTO COMPLEMENTAR

O estilo, o tema e o lugar-comum

Se quando escrevemos precisamos nos afastar dos lugares-comuns (clichês), quando lemos, devemos considerar o estilo de época, o tema que se enfoca . Muitas vezes, longe de representar apenas o clichê empobrecido, saber a época a que o texto pertence e quando foi produzido permite que o leiamos e possamos aproveitar dele um contexto, uma espacialidade bem construída, personagens extremamente bem conduzidos. Veja o texto abaixo, de José de Alencar.

[...] Quando todas essas flores murcham, que resta para encher o vácuo que fica em nossa alma? Nada: o tempo foge rapidamente, e apenas deixa uma ruga na face, alguns cabelos brancos na cabeça, e um número de mais à soma dos nossos dias.

– Não, com os anos aí vem os pensamentos sérios, as grandes coisas, a glória, a ambição, a política, as honras, os estudos graves. Confesse que isto vale mais do que todas estas frivolidades que preocupam o espírito da mocidade, e com as quais se gasta o tempo inutilmente.

– Chama a isso frivolidades? O que é então que há neste mundo de sério e de real? A glória, porventura? É interessante; trata-se de bagatela o amor, as verdadeiras afeições, as mais belas expansões de nossa alma, zomba-se do homem que segue por toda a parte um vestidinho de uma certa cor, que se mataria por um sorriso, e que guardaria preciosamente uma flor murcha que caísse de um buquê.

Entretanto vós, homem sério e grave, que calculas refletidamente, que do alto da vossa importância lançais um olhar de desprezo para essas futilidades do mundo, que fazeis vós?

Sacrificais a vida, a preguiça, o prazer, como diz Alfonse Karr, para um dia atar à gola da casaca uma fita de uma certa cor. Enquanto nós suplicamos um sorriso de uma bela mulher, vós daríeis um dedo da mão pelo sorriso do ministro ou do conselheiro de Estado.

José de Alencar. *Ao correr da pena*. São Paulo: Melhoramentos, s/d. p. 129.

Proposta de Redação

McLuhan conceituou a aldeia global

O teórico da comunicação Marshall McLuhan popularizou a expressão aldeia global. Em seu livro "A Galáxia de Gutenberg", lançado em 1962, o canadense refere-se a uma nova forma de organização social proporcionada pelas mídias eletrônicas, que, ao alterar os processos cognitivos, suplantariam a cultura impressa.

Para McLuhan (1911-1980), os meios eletrônicos levariam a humanidade a uma identidade coletiva com base tribal – a aldeia global. Além disso, a cultura visual dominante seria fragmentária.

Esse conceito de McLuhan, já popular à época do lançamento do livro, alcançou mais visibilidade com a disseminação da internet. O canadense é apontado por muitos como um visionário da rede mundial.

Folha de S.Paulo, 3 nov. 2007. Disponível em:<www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u350765.shtml>.

Bem antes que seu livro fosse lançado no mercado, em 1962, o sociólogo canadense Marshall McLuhan já tinha escrito vários artigos para jornais e revistas e usado o conceito de "aldeia global"; insistia na tese de que, em decorrência do progresso tecnológico, a Terra brevemente seria reduzida à mesma situação de uma grande aldeia e haveria possibilidade de todos se comunicarem velozmente uns com os outros (atenção, não havia ainda a internet naquela época!).

Por isso, McLuhan é apontado como o primeiro filósofo das transformações do comportamento social decorrente da tecnologia das comunicações de telecomunicações.

Vivemos hoje em um planeta permeado de comunicações rápidas e muito eficazes: o celular, os computadores, a TV, o rádio, os GPSs, os satélites de alta precisão informativa, a internet.

Levando em conta a teoria de McLuhan e o que acontece no mundo atual, escreva uma redação dissertativa sobre o seguinte tema:

Quando você carrega o mundo no seu bolso, você é global,
querendo ou não, sabendo ou não, gostando ou não.

O entrevistado é diretor há mais de 20 anos do programa McLuhan em Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto, no Canadá.
Derrick Kerckhove. *Folha de S.Paulo*, 28 nov. 2007. p. F5. Entrevista concedida a Rodolfo Lucena.

Depois de ler os textos, faça uma redação de caráter dissertativo (enfoque expositivo-argumentativo); para tanto, procure levar em conta seus conhecimentos de mundo.

1. Selecione, organize e inter-relacione argumentos, fatos, opiniões, a fim de que defenda seus pontos de vista e/ou propostas, mas sem ferir os direitos humanos assegurados em lei, respaldados pela ética.
2. Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da Língua Portuguesa.
3. A redação deve ser escrita à tinta (caneta azul, preferencialmente).
4. Não deixe de dar um título à sua redação.

A delimitação do tema: riqueza dissertativa

21

Viver em um mundo no qual as barreiras são cada vez menores permite que seja possível relacionar diferentes informações e conhecimentos para a construção de argumentos dissertativos que se sustentem. No entanto, a objetividade faz-se ainda mais importante, para que uma grande quantidade de discussões possíveis não torne o texto tão amplo a ponto de deixá-lo pouco consistente.

Introdução

Diante do tema que será oferecido no vestibular (e mesmo em classe ou em casa), há uma pergunta que nos surpreende e nos imobiliza, ainda que temporariamente: e agora, o que vou escrever sobre isso?

Leve sempre em consideração que o tema proposto é a consequência e que você deverá, obrigatoriamente, procurar as causas para discutir o que quer dizer, defender, contestar. Que argumentos utilizar, então? Como escolher o que vai defender?

Eis aí a questão primordial para quem vai iniciar um texto.

Há muitos perigos que se apresentam: se escolhermos muitos assuntos para a abordagem, chegaremos ao fim com uma redação extremamente superficial.

O segredo é escolher e pinçar os enfoques da abordagem, ou seja, delimitar o tema para que possamos enfocar o assunto que pretendemos abordar.

Mas não se esqueça: ninguém escreve bem se não sabe bem sobre o que vai escrever...

Então, hora de pensar em se informar, ganhar convicções por meio da leitura de livros, jornais e revistas. Os temas oferecidos nos vestibulares são, geralmente, muito amplos. Partiremos de um exemplo real para fazermos os comentários sobre esse assunto. Para isso, escolhemos a redação da FGV 2006.

Instruções

Com base no texto a seguir:

- Redija uma dissertação a partir das ideias nele apresentadas.
- Fundamente seus pontos de vista com argumentos lógicos.
- Dê um título sugestivo à sua redação.

Na avaliação da sua redação, serão ponderados:

- A correta expressão em Língua Portuguesa.
- A clareza, a concisão e a coerência na exposição do pensamento.
- Sua capacidade de argumentar em defesa de seus pontos de vista.
- Seu nível de atualização e informação.
- A originalidade na abordagem do tema.

A banca aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.

- Utilize, no máximo, o número de linhas disponível.
- Evite "fazer rascunho" e "passar a limpo" para não perder tempo.
- A redação pode ser escrita a lápis.
- Atenção para escrever com letra bem legível.

Tema

Poucas coisas nesse mundo são mais tristes do que um bolo industrializado. Ali no supermercado, diante da embalagem plástica histericamente colorida, suspiro e penso: estamos perdidos. Bolo industrializado é como [...] feliz natal de caixa automático, bom dia de atendente de loja. É um antibolo.

Não discuto aqui o gosto, a textura, a qualidade ou abundância do recheio de baunilha, chocolate ou qualquer outro sabor. (O capitalismo, quando se mete a fazer alguma coisa, faz muito bem feito). O problema não é o paladar, meu caro, é uma questão de princípios. Acredito que o mercado de fato melhore muitas coisas. Podem privatizar a telefonia, as estradas, as siderúrgicas. Mas não toquem no bolo! Ele não precisa de eficiência. Ele é o exemplo, talvez anacrônico, de um tempo que não é dinheiro. Um tempo íntimo, vagaroso, inútil, em que um momento pode ser vivido no presente, pelo que ele tem ali, e não como meio para, com o objetivo de.

Antonio Prata. *Guia O Estado de S. Paulo*. São Paulo: OESP, 22 abr. 2005, p. 98. (Adapt.).

Como você pôde observar, a redação proposta pela FGV é, apenas aparentemente, um texto saudosista, em que o articulista Antonio Prata expõe, em *O Estado de S. Paulo*, as possíveis lembranças de um tempo que tudo era feito "com açúcar e com afeto". Pelo menos em uma primeira leitura.

Ocorre que o vestibulando pode descobrir, em uma segunda leitura, que Prata comenta sobre aspectos econômicos, posturas que envolvem o capitalismo, privatização e, claro, usa um pretexto de saudosismo para expor o que queria.

O capitalismo, segundo ele, envolve circunstâncias de nossa vida cotidiana, aspectos que gostaríamos de ver preservados, distanciados e livres (como, por exemplo, o bolo), do que é produzido aos milhares, uniformizado, indiferençado como impositivo no mundo moderno e superindustrializado.

O bolo caseiro, familiar, do qual se orgulhavam de saber as receitas misteriosas nossas tias e avós, não foi poupado pela produção em grande escala que massifica sabores, texturas, formatos e embalagens.

Sobretudo no Brasil, país em que até recentemente produtos industrializados eram raros em prateleiras de supermercados, perder o direito ao bolo é, para o autor, coisa muito séria. Tanto assim que ele compara o bolo industrializado com feliz natal de caixa automático.

Com base nesse texto e em outras informações e reflexões que o aluno julgasse adequadas, o que se exigia era a redação de uma dissertação em prosa fundamentada em "seus pontos de vista, com argumentos lógicos" e boa capacidade de articular seus pensamentos com coerência, atualidade e informação na abordagem do tema.

Propunha-se uma discussão sobre o capitalismo, a industrialização que foge ao manufaturado e introduz a produção em série, uniformizada e indiferenciada, tão distante do que as famílias antigas cultuavam.

Ou seja: o candidato deveria, sem outra saída, expandir seus argumentos para discutir as transformações sociais em decorrência da industrialização que, em nome de uma suposta e sonhada eficiência, altera as relações humanas não só com objetos e artigos fabricados, mas com o mundo que o cerca, no sentido de mecanização. Mais ainda: a humanização, tão cara até a década de 1980, ganha respostas mecânicas em caixas postais, cumprimentos de caixas eletrônicos, mensagens.

Para fugir ao saudosismo e, portanto, à visão maniqueísta dos fatos, o vestibulando deveria tecer uma visão de mundo em mão dupla e levar em conta os aspectos positivos da industrialização (mais tempo disponível para o consumidor e barateamento dos custos, por exemplo), bem como os negativos (o devotamento ao que é sensível e humano, ao que se reparte familiarmente, a ausência do que é único como finalidade, entre outros).

Como fazer para delimitar este tema?

a) Em primeiro lugar, não comece a escrever antes de ler atentamente o que se pede e, o mais importante, entenda o que a proposta revela e deva ser efetivamente comentado;
b) Não se deixe levar pela ingenuidade, imaginando que um vestibular como o da FGV levaria à discussão as simples saudades de um bolo feito em casa;
c) É preciso se perguntar, ainda, o que se esconde atrás de um texto;
d) Ao fazer isso, imagine o que você sabe sobre o assunto além do que contenha a coletânea ou o texto indicador do tema: separe os enfoques que gostaria de desenvolver, não confie muito em sua memória e ponha-se a anotar os itens imediatamente após a leitura, fazendo um breve esquema (não um rascunho);
e) Uma boa saída para esse momento, a fim de delimitar o tema, é começar a fazer para si uma série de perguntas:

- Por que um simples bolo serviu de pretexto para este tema?
- O que fez o autor comparar bolo industrializado com situações corriqueiras?
- O que gerou o comentário "O capitalismo, quando se mete a fazer alguma coisa, faz bem feito"?
- Há coisas muito importantes que podem ser privatizadas (telefonia, estradas, siderúrgicas), mas há outras, apontadas no texto, que não podem ser tocadas por conta de seu valor humano (o bolo, por exemplo).
- Há um valor do capitalismo contestado pelo articulista: "Tempo não é dinheiro."

Depois de fazer algumas perguntas ou anotar fatos que você queira enfocar, verá que o que pretende escrever começará a ser delimitado, finalmente, segundo as suas possibilidades pessoais de dissertar sobre o assunto.

Não imagine que isso seja tarefa tão difícil. O segredo, na delimitação do assunto, é apenas um: estar bem informado sobre os fatos que acontecem na atualidade, sobretudo os acontecimentos que envolvem o Brasil.

E a pergunta, agora, será esta: só temas brasileiros acabam por cair nos vestibulares? Está claro que sim, mas considere as chamadas correlações com o que acontece no mundo. Leve em consideração o que você aprendeu na organização dos argumentos: é possível optar por fazer trajetórias histórico-sociais ou aquelas que, de qualquer maneira, envolvam outros países do mundo.

ATENÇÃO!

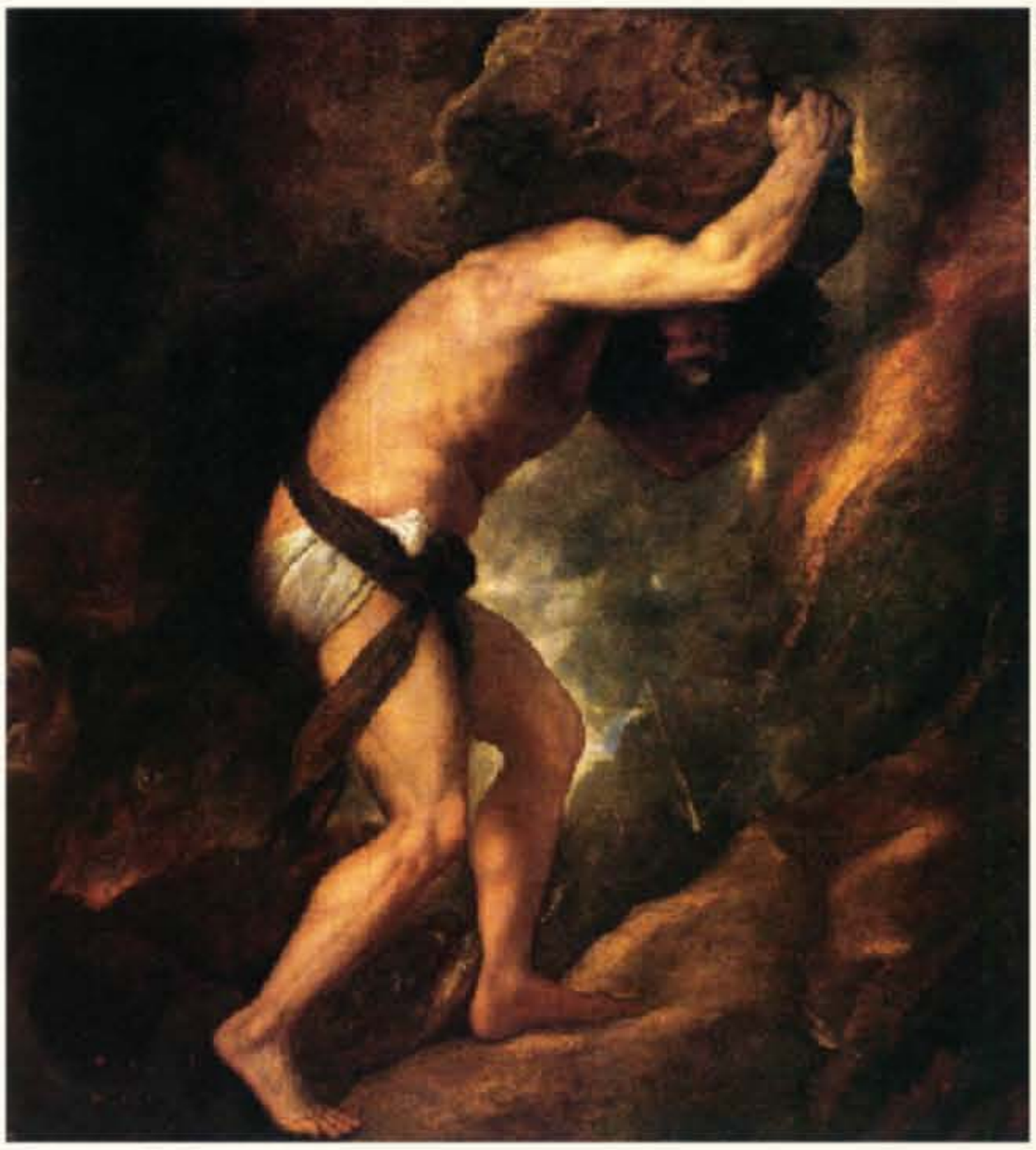
Tenha muito cuidado quando delimitar o tema e escolher sobre o que quer falar no seu texto: se escolher cinco ou seis assuntos correlacionados, vai descobrir, no final, que apenas "passou de raspão" por todos eles, citou muitos exemplos, mas não se aprofundou em nenhum.

TEXTO COMPLEMENTAR

O mito de Sísifo e o cotidiano

A natureza humana e o seu eterno fazer e refazer todos os dias as mesmas ações, tarefas e trabalhos é representada pelo mito de Sísifo. Segundo a mitologia grega, ele era filho do rei da Tessália, Éolo, e de Enarete.

Sísifo foi considerado o mais astuto e dissimulado de todos os homens mortais; foi fundador de Corinto (à época chamada Ephira) e governou-a por muitos anos depois de ter-se casado com Mérope, a filha de Atlas, uma das sete Plêiades.



TIZIANO VECELLIO/WEB GALLERY OF ART

Tiziano. *Sísifo*, 1549.

A fim de obter o que quisesse, os truques e as malícias eram sua marca registrada; por isso mesmo, entrou para a mitologia como um dos maiores ofensores dos deuses.

Diz a lenda que certa vez uma grande águia passou voando pelo céu de sua cidade levando Egina, filha de Asopo, o deus-rio; Sísifo a reconheceu e reconheceu também o deus dos deuses, Zeus, como a águia em que havia se metamorfoseado. Quando mais tarde o pobre pai desesperado veio perguntar se sabia o que havia acontecido à moça, Sísifo respondeu que somente diria do paradeiro da garota se Asopo desse para a sua cidade uma fonte de água perene e límpida. O acordo foi feito e a fonte recebeu o nome de Pirene, sendo consagrada às Musas.

Zeus ficou sabendo dessa sua artimanha e, para vingar-se, enviou Tânatos, o deus da morte, a fim de que arrebatasse Sísifo do meio dos mortais. Mas o ardiloso governante enganou-o. Esperto e malicioso, elogiou a beleza de Tânatos e solicitou que o deixasse colocar em seu pescoço um colar. Tânatos, vencido pela astúcia, deixou-se ludibriar: o colar era uma coleira e ele manteve a morte aprisionada.

Não morreu mais ninguém durante muito tempo, mas, em decorrência disso, Sísifo arranjou mais encrencas: desta vez com o deus da guerra e com Hades, o deus que reinava sobre os mortos no mundo inferior.

Hades libertou Tânatos e pediu que lhe trouxesse Sísifo; quando a alma dele se despediu de sua esposa, pediu-lhe secretamente que não lhe enterrasse o corpo. Mal chegado ao reino dos mortos, implorou a Hades para que voltasse ao dos vivos a fim de vingar-se da companheira cruel e ingrata e terminar a preparação dos rituais fúnebres. Hades deu-lhe permissão, Sísifo enganou-o e retomou o corpo, fugindo, em seguida, com a esposa. Dessa forma, enganava a morte pela segunda vez.

Várias são as histórias de logros e artimanhas cometidas por ele ao longo da vida; por fim, foi condenado a arrastar uma pedra de mármore, todos os dias, até o mais alto da mais alta montanha. Cedo, pulava da cama e punha-se a empurrá-la; quando chegava ao topo, a pedra se desprendia e rolava, voltando ao lugar inicial, no sopé.

Esta imagem terrível, que deveria durar toda a eternidade, é a marca trágica desse mito que representa a execução dos trabalhos cotidianos, rotineiros e sem criatividade executados pelos homens, todos os dias de suas vidas. Mas os mortais podem se livrar da rotina se forem criativos e encontrarem no trabalho a expressão da arte e da alegria de viver.

Esther Rosado.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

FEA
Texto 1

As 3 fases do consumo de massa

1. O nascimento dos mercados de massa

Iniciada nos anos 1880, se consolida na primeira metade do século XX. No lugar de pequenos mercados locais se constituem mercados nacionais, possibilitados pela modernização da infraestrutura de transporte e comunicação. As fábricas adotam princípios "científicos" de produção. Surgem grandes lojas de departamento, como Printemps (França) e Bloomingdale's (EUA), e se consolidam as grandes marcas, como Coca-Cola, Quaker e Kodak. É uma fase de construção cultural, que requer a "educação" dos consumidores. Ir às compras se torna passatempo e estilo de vida das classes médias.

2. A "sociedade de abundância"

Construída ao longo das três décadas do pós-guerra, dá continuidade aos processos inventados no estágio anterior. Multiplica-se por quatro o poder de compra dos salários, o crédito se expande, e uma parcela crescente da sociedade passa a ter acesso a produtos até então restritos às classes abastadas: carro, TV, eletrodomésticos etc. Supermercados e hipermercados se expandem velozmente. Diminui o tempo de vida das mercadorias, que se diversificam, se renovam e criam o "complô da moda".

3. O hiperconsumo

Fase iniciada nas duas últimas décadas do século XX, em que o consumo se associa de forma cada vez mais forte a critérios individuais. A satisfação corporal e estética de cada um se sobrepõe à busca pela aparência de classes sociais mais altas. A curiosidade se torna uma paixão, e cria-se uma nova relação emocional entre indivíduos e mercadorias. As marcas se fortalecem de forma independente dos produtos, como a Benetton, num processo chamado "branding". O produto deixa de ser vendido e dá lugar a um conceito, um estilo de vida associado à marca, que são representadas por slogans em marcas de alcance mundial: "Just do it" (Nike) ou "Think different" (Apple).

A ansiedade pelo consumo cresce, juntamente com a necessidade de consumir. O hiperconsumismo passa a ser visto como uma forma de lutar contra a fatalidade natural da vida, como um antidestino.

Folha de S.Paulo, 11 jun. 2006. p. 4. Caderno Mais. (Adapt.).

Texto 2

Consumismo = substantivo masculino – 1) ato, efeito, fato ou prática de consumir ('comprar em demasia'). Ex.: a recessão refreou o consumismo. 2) consumo ilimitado de bens duráveis, especialmente artigos supérfluos. Ex.: a sociedade de consumo caracteriza-se por um consumismo delirante.

Antonio Houaiss. *Dicionário da língua portuguesa online*.
Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>.
Acesso em: 18 jul. 2012.

Texto 3

Eu, etiqueta

Estou, estou na moda. É doce
estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade.

Carlos Drummond de Andrade.

Orientação:

Depois de ler os textos, faça uma redação dissertativa em prosa sobre o seguinte tema:

"O consumo se tornou uma terapia cotidiana, funcionando como uma espécie de droga psicológica: faz esquecer, faz mudar de ares. Assim, ele é ao mesmo tempo uma busca de prazer – viajamos nas férias, decoramos a casa, vamos aos restaurantes – e uma forma de expulsar a angústia e a ansiedade."

Depois de ler os fragmentos de texto acima, faça uma redação de caráter dissertativo (enfoque expositivo-argumentativo); para tanto, procure levar em conta seus conhecimentos de mundo:

1. Selecione, organize e inter-relacione argumentos, fatos, opiniões para defender seus pontos de vista e/ou propostas, mas sem ferir os direitos humanos assegurados em lei, respaldados pela ética;
2. Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da Língua Portuguesa;
3. A redação deve ser escrita à tinta (caneta azul, preferencialmente);
4. Não deixe de dar um título à sua redação.

Coesão e coerência I: mecanismos de coesão

22

Uma frase não é um amontoado desordenado de palavras, da mesma forma que um automóvel não é um amontoado de peças: tudo aí está interligado por força da funcionalidade de seus elementos constitutivos, que ordena o fundamental e o acessório que a gramática procura descrever [...].

Evanildo Bechara. In: Celso Pedro Luft. *A vírgula*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 3-4.

Introdução

Há dois aspectos que você jamais poderá deixar de levar em consideração quando escreve: a coerência e a coesão no seu texto dissertativo.

Quantas vezes, após a correção de sua dissertação, você já se pegou diante dela imaginando o que evitar para que melhorasse sua capacidade de escrever?

É preciso que todas as vezes que se dispuser a escrever, verifique se os parágrafos estão alinhados tematicamente entre si e se formam uma sequência lógico-racional ao expressar o que você quis dizer. Aprenda a observar como insere as ideias que escolheu para debater e se, afinal, na argumentação, você tem o cuidado de torná-las harmônicas entre si a fim de que formem o todo necessário para a compreensão.

Além desse aspecto, a que damos o nome de coerência, existe outro: a coesão. É ela que ordena as frases, as orações, os parágrafos, unindo devidamente as palavras entre si.

A falta de coesão no texto faz com que a coerência também seja ruim.

A seguir, oferecemos os mecanismos para que sejam evitados os erros mais comuns.

Mecanismos de coesão

O texto que você lerá logo a seguir não é verídico; foi criado a partir de fragmentos ouvidos e escritos em diversos lugares apenas para demonstrar os mecanismos de coerência e coesão:

O presidente Fernando Enrique é o grande culpado pelo desespero da fome dos brasileiros pobres. O encino foi abandonado onde as pessoas pararam de pensar.

Anos atraz haviam muitas formas de trabalho mas atualmente as indústrias foram indo embora do brasil os desempregados ficaram ao leo.

Quem pode trabalhar hoje são as pessoas universitárias que arranjam as melhores colocações. O resto passa uma fome danada e o governo não se importa porque não é ele quem passa fome e ninguém faz nada porque tem medo demais.

Eles trae o povo porque sabem que o povo é burro.

Depois de ler o texto, responda sinceramente:

- Você entendeu o que o autor quis dizer?
- Qual a dificuldade encontrada para a compreensão do texto?
- Se você pudesse apontar um problema – ou vários – aí existentes, o que levaria em consideração?

As respostas são fáceis: erros de ortografia, de uso de verbo impessoal, de concordância verbal ou mesmo inadequação por adjetivação simples ("pessoas universitárias") e até por "esquecimento" no uso de maiúsculas para nomes próprios.

Mas, além disso, há *truncamento com relação ao aspecto causa-consequência* (a culpa do governo pela fome/o ensino abandonado).

O que ocasiona em nós um certo desconforto quando lemos é o que chamamos de *problemas de coesão e coerência internas*. A impressão que temos quando lemos um texto assim é de que ele

foi formado a partir de frases desconexas, sem ligação imediata – um amontoado de palavras que, embora relacionadas entre si, falharam ao se inter-relacionar e não nos conduzem a qualquer tipo de conclusão.

Qual, no entanto, é a diferença entre coerência e coesão?

A **coerência**, em um texto pode ser identificada quando existe a ordenação clara das ideias e os argumentos utilizados formam, juntos e na sequência, o todo pretendido.

A **coesão** diz respeito aos elos de ligação entre os elementos do texto entre si, nas frases ou nos parágrafos. Utiliza-se, para este fim, os conectivos de maneira adequada e exigida pela gramática.

Assim, fica claro que a coerência depende, e muito, da coesão entre as partes do texto. Estão, ambas, muito próximas e um bom texto delas carece de maneira fundamental.

Como é quase impossível selecionar todos os mecanismos responsáveis pela falta desses dois instrumentos (coesão e coerência), abaixo, selecionamos alguns aspectos que são frequentes nas redações.

A. Logicidade

Quando você leu o texto dado como exemplo anteriormente, percebeu que há algo de errado com ele: falta-lhe a sequência lógica, o encadeamento dos fatos, uma relação mais próxima da causa e consequência, além de uma ligação de continuidade do assunto entre os parágrafos.

Observe:

Anos atraz haviam muitas formas de trabalho mas atualmente as indústrias foram indo embora do brasil os desempregados ficaram ao leo.

Quem pode trabalhar hoje são as pessoas universitárias que arranjam as melhores colocações. O resto passa uma fome danada e o governo não se importa porque não é ele quem passa fome e ninguém faz nada porque tem medo demais.

Claro que podemos intuir uma sequência e estabelecer, de maneira também intuitiva, o que se pretendeu dizer: indústrias em dificuldades → trabalhadores desempregados → empregos para poucos privilegiados → brasileiros passam fome → governo não se importa. No entanto, a ordenação do fragmento é estabelecida de forma rudimentar, as partes se unem fragilmente e as ideias ligam-se de maneira absolutamente imprópria.

A ilogicidade também ocorre aqui porque existe uma grande desinformação sobre o que se escreve, o que acaba por fragmentar as ideias sobre o fato que se pretendeu questionar.

B. Uso impróprio dos conectores

1. Uso incorreto do pronome relativo

"As dificuldades **que** o país passou nestes últimos tempos..."

As dificuldades **por que** (pelas quais) o país passou ultimamente.

"A matéria **que** gosto mais é Português."

A matéria **de que** gosto mais é Português.

"O governo **cujos os** defeitos estão aí para todo mundo ver..."

O governo **cujos** defeitos estão...

1. Uso de pronome relativo **onde** em substituição à conjunção **e**:
"O ensino foi abandonado **e** as pessoas pararam de pensar."
2. Uso incorreto da preposição:
" O Brasil, empobrecido que está, apresenta problemas **ao** conseguir um ritmo de progresso."
O Brasil apresenta problemas para conseguir...
3. Uso incorreto de conjunções:

a) Ela **gosta de lembrar** da festa no fim do ano.
Ela gosta de se **lembrar da festa** ou Ela gosta de **lembrar a festa**.

b) Estar em paz com os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito é fundamental para o presidente daquela casa. **Portanto**, se os eleitores se sentem com voz perante a nação, nada os impede de confiar (observe que o portanto foi usado irregularmente. O certo era usar as adversativas porém, mas, no entanto).

Os problemas citados acima são apenas alguns. No próximo capítulo continuaremos a escrever sobre este assunto.

TEXTO COMPLEMENTAR

As Três Graças

As chamadas Cárites ou Caridades são conhecidas como As três Graças, deusas da dança no Olimpo; seus movimentos coordenados, seus modos gentis e amorosos fizeram-nas seguidoras de Afrodite.

Apesar de serem pouco significativas no mundo greco-romano, quando o mundo entrou para o Renascimento do século XVI elas se tornaram modelo, símbolo da harmonia clássica, uma vez que resplendem beleza, equilíbrio, encantamento e amizade.

Os nomes das três Graças são: Aglaia, ou Aglaé, a deusa da inteligência, do brilho e da claridade, aquela que faz a luz e o raciocínio surgirem; Tália, a que faz brotar as folhas e as flores e inicia novos tempos, a afloração da Primavera; Eufrosina, a que permite que a alegria se perpetue e estabeleça como uma necessidade humana.

São, como se pode ver, deusas do encantamento do ser humano pela Terra que habita, seus ciclos de vida; na Idade Média, o trivium Gramática, Retórica e Lógica estavam a elas relacionados.

Seus símbolos são a rosa, o ramo de mirto e um par de dados, para indicar que a vida é breve, que tudo depende da sorte e do equilíbrio.

CHARLES ANDRÉ VAN LOO/WIKIPEDIA

Charles Van Loo. *As Três Graças.*

Proposta de Redação

Fuvest

Nos três textos a seguir, manifestam-se diferentes concepções do tempo; o autor de cada um deles expõe uma determinada relação com a passagem do tempo. Leia-os com atenção.

Texto 1

Mais do que nunca a história é atualmente revista ou inventada por gente que não deseja o passado real, mas somente um passado que sirva a seus objetivos. [...] Os negócios da humanidade são hoje conduzidos especialmente por tecnocratas, resolvedores de problemas, para quem a história é quase irrelevante; por isso, ela passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente.

Eric Hobsbawm. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*.

Texto 2

O que existe é o dia a dia. Ninguém vai me dizer que o que aconteceu no passado tem alguma coisa a ver com o presente, muito menos com o futuro. Tudo é hoje, tudo é já. Quem não se liga na velocidade moderna, quem não acompanha as mudanças, as descobertas, as conquistas de cada dia, fica parado no tempo, não entende nada do que está acontecendo.

Herberto Linhares, depoimento.

Texto 3

Não se afobe, não
Que nada é pra já
[...]
Amores serão sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se amarão sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você.

Chico Buarque. "Futuros amantes".

Redija uma dissertação em prosa, na qual você apontará, sucintamente, as diferentes concepções do tempo, presentes nos três textos, e argumentará em favor da concepção do tempo com a qual você mais se identifica.

23 Coesão e coerência II: articulação sintático-semântica do texto

LUMINI6/123RF.COM

Por que escrevo?
Porque sou
pouca e mínima
embora vária

Olga Savary. "Comunhão".
Repertório Selvagem, 1998.

Unidade

É a organização estrutural da dissertação enquanto um todo; um sistema de relações, inter-relações, conexões que ligam os diversos elementos constitutivos da estrutura dissertativa. É a lógica interna que ordena a linguagem, tornando-a plenamente significativa como mensagem. Os problemas que podem interferir negativamente na unidade da dissertação são as chamadas **lacunas** e, ainda, os **deslocamentos**.

Ocorrem as **lacunas** quando a unidade se quebra por ausência de qualquer parte necessária à configuração do texto como um todo. É quando a dissertação provoca no corretor/leitor a sensação de que "está parecendo um amontoado de assuntos desconexos", "as partes estão soltas".

Os **deslocamentos** são encontrados quando, aquela parte fundamentalmente necessária ao texto aparece em lugar impróprio, ferindo ou prejudicando sua funcionalidade, suscitando comentários como: "isto está fora de lugar"; "este argumento está deslocado do corpo dissertativo"; "o texto está desorganizado mas contém informações"; "está sem pé nem cabeça".

Em outras palavras: seu texto deve obedecer a uma sequência ao ser desenvolvido. É preciso, então, ficar atento para não sair do assunto. Evite pormenores inúteis ou **redundâncias**. Para quem quer escrever bem, eles são inimigos terríveis.

ATENÇÃO!

Não devemos confundir falhas de unidade com organizações intencionalmente descontínuas, como é o caso, por exemplo, da maior parte da produção da ficção moderna. Unidade não quer dizer, portanto, preenchimento linear das partes (começo, meio e fim). Pode-se ter textos não lineares, e que, no entanto, instauram internamente uma integração funcional das partes. Em virtude disso, são textos que exigem maior atenção por parte do leitor para desvendar o que, à primeira vista, não se evidencia, rompendo nossos condicionamentos de leitura.

Concisão

O conceito de concisão encontra-se e intersecciona-se com o de unidade; e, em vista disso, a fim de que se tenha um texto conciso (enxuto), é preciso evitar ao máximo **redundâncias** e **digressões**.

Por **redundância** podemos entender a repetição desnecessária de frases e palavras que são negativas para o discurso. Repetir, por exemplo, pronomes pessoais quando o verbo denuncia facilmente o sujeito; repetir conjunções exaustivamente. A redundância é perversa e denuncia pobreza vocabular, ou seja, ausência de capacidade para substituir palavras no eixo da escolha (paradigma).

As **digressões** são elementos soltos, buscados fora do contexto e do planejamento. Em alguns tipos específicos de dissertação ou narração, a digressão feita propositadamente, como estilo, é válida e produz um efeito interessante. Para o vestibular, seu uso é perigoso e, na maior parte das vezes, inadequado.

Adequação

Todos nós já ouvimos a expressão "fugir do tema", fonte inesgotável de zeros nos exames vestibulares. E a adequação diz respeito a isso.

Ler o enunciado pelo menos três vezes antes de iniciar o texto, já é um bom caminho. A dissertação não pode incorrer em inadequações, ou seja, contradições. E isso ocorre quando, por exemplo, anunciamos na tese um tipo de proposta a ser desenvolvida, no eixo das argumentações vamos para temas laterais e, por fim, no fecho, acabamos por encerrar a dissertação longe do direcionamento que convencionamos.

Em simples palavras, adequar uma dissertação a um tema significa **exemplificar adequadamente**, evitando-se, antes de mais nada, o contraditório ou frágil com relação à sua finalidade.

Clareza

Já lemos alguma vez um "escritor difícil", obscuro, que produz textos hermeticamente fechados, encapsulados. Mas isso é parte, muitas vezes, de nossa incapacidade de apreender seu universo plurissignificativo. Cabe a nós, quando escrevemos para o vestibular, sermos claros em nossas ideias a fim de que possamos ser compreendidos pelo corretor.

Deslocamentos adverbiais, hipérbatos de toda a natureza, ideias espalhadas e fragmentárias, ou seja, má organização da linguagem, predispõem o texto à fragilidade e, muitas vezes, a ser também um amontoado incompreensível. Seu dono pode ter tido boa intenção, mas fazer um texto claro é questão de competência e, sobretudo, de treino.

Criticidade

A fim de que obtenhamos uma boa nota em nosso texto, é preciso que convençamos o leitor. E nosso texto passa a ser inconsistente, frágil, quando não apresenta criticidade. De nós se espera um posicionamento, um ponto de vista e um senso crítico.

Uma redação em que o aluno escolha ser "bonzinho", com medo de criticar e ser mal interpretado, é o pior de todos os textos. Escolha o seu lado, defenda suas ideias, seja crítico e coerente. Nunca escreva sem convicção e **só coloque no papel o que você pensa realmente**. Para o corretor, é fácil saber se os argumentos são frágeis, inconsistentes.

A seguir, você encontra uma seleção de alguns procedimentos que também podem melhorar seu texto.

Uso do pronome relativo e da conjunção integrante: *que*

Somente quando houver ambiguidade você deve transformar o relativo que em *o qual*, *os quais*, *a qual*, *as quais*:

Vi a noiva daquele rapaz *que* cantou no casamento.

(Vi a noiva daquele rapaz, *a qual* cantou no casamento. / Vi a noiva daquele rapaz, *o qual* cantou no casamento.)

Fuja sempre **do abuso de pronomes relativos e conjunções integrantes** quando da elaboração dos períodos. Há modos de evitar tais repetições que desgastam o texto. Por exemplo:

Falaram que aquele comediante *que* está sentado no saguão é gay.

(Falaram que aquele comediante sentado no saguão é gay.)

SAIBA MAIS

O abuso das conjunções integrantes **que** e do pronome relativo **que** chama-se **queísmo**, e é grave em qualquer texto.

Uso das conjunções *pois*, *mas* e *e*

Com estas conjunções nunca se inicia parágrafo, salvo raras exceções de estilo.

Pois é sempre conjunção explicativa ou conclusiva e, em um primeiro parágrafo de texto, por exemplo, como utilizá-la para explicar ou concluir algo que sequer foi esclarecido?

Mas tem tipicidade adversativa, ou seja, necessita de uma ideia ou grupo de ideias expressos anteriormente, aos quais se oponham os novos argumentos...

E é conjunção primitiva, de caráter aditivo (embora muitas vezes cumpra o papel da adversativa **mas**); assim, é necessário observar rigorosamente sua função e iniciar parágrafo com esta conjunção também tangencia o perigoso, uma vez que significa sempre adição de uma ideia a outra, anteriormente mencionada.

Jamais generalize conceitos

Em se tratando de dissertação, é sempre pecado mortal generalizar: conceitos soam como preconceitos; ideias muito ampliadas nada significam.

Os homens batem nas mulheres com frequência.
Crianças são inocentes.
Velhos são sábios.
Todo político é ladrão...

Impropriedades semânticas e outros vícios

a) **através de**:

A expressão "através de" é muito utilizada... de maneira errada!

"Através de" não quer dizer, em absoluto, "por intermédio de", como se pode observar no exemplo:

Consegui aprender redação *através do* meu professor...

Caso você escreva isso, o sentido literal é que conseguiu aprender redação atravessando seu professor de um lado para outro. Substitua, nesse caso, a expressão por "com o auxílio de".

b) ***ter* no sentido de *existir***:

Embora possa parecer uma certa "implicância" dos corretores de redação, mas este é um erro crasso em língua escrita, só admitido na linguagem coloquial e, portanto, falada.

Tem um vestibular em julho que é imperdível.
(por: Existe um vestibular em julho...)

c) **regência dos verbos**:

É importante que você use sempre a regência dos verbos e nomes. Observe:

1. Agradar:

a) como satisfazer, é transitivo indireto:
Agradou ao consumidor pela qualidade do produto.

b) como acarinhar, acariciar, fazer carinho, é transitivo direto:
Agradou o rapaz em público.

2. Ansiar:

a) como angustiar é transitivo direto:
Ansiava-a a longa espera.

b) como desejar intensamente é transitivo indireto; usa-se a preposição *por*:
Ansiei pelo novo emprego.

3. Aspirar:

a) com o sentido de respirar ou sorver, é transitivo direto:
Aspirou o ar da manhã com alegria.

b) com o sentido de desejar, pretender, é transitivo indireto; usa-se a preposição a:
Aspirei ao cargo de gerente da empresa.

4. Assistir:

a) com o sentido de ver, observar, é transitivo indireto:
Assistimos à Copa com grandes expectativas.
Vou ao cinema *assistir ao* novo filme.

b) com o sentido de dar assistência, auxiliar, é transitivo direto:
Ele *assistiu* o rapaz nas suas necessidades.

c) com o sentido de morar, residir, constrói-se com a preposição *em* (verbo intransitivo):
Assisto no Vale do Paraíba há 20 anos.

5. Dirigir-se, ir e chegar:

São verbos intransitivos e, acompanhados por preposição *a*, indicam lugar:

Cheguei àquela escola, *dirigi-me ao* balcão e, depois, *fui à* sala da diretoria discutir mensalidades atrasadas.

6. Entreter-se:

É verbo pronominal e seu complemento é sempre regido pelas preposições *com*, *em*, *a*:

Entretemo-nos a olhar o céu longamente.
Aquelas moças *entretiveram-se* com seus namorados.
Entreteve-se em cantar e tocar violão.

7. Preferir:

a) como transitivo direto:
Prefiro a morte!

b) como transitivo duplo, direto e indireto, com o sentido de escolher entre duas coisas, ações ou circunstâncias:
Prefiro ir *a* ficar.
Preferiu rosas *a* cravos.

8. Informar:

a) com o sentido de avisar (informar alguém de ou sobre algo):
O professor *informou* o aluno *de* (sobre) suas notas.

b) com o sentido de informar a alguém alguma coisa:
Informei a Joana *o* desaparecimento do carnê.

c) com o sentido de dar informação, esclarecer:
A revista *informou o* público muito bem.

9. Simpatizar:
Este verbo pede sempre objeto indireto regido por *com*. Este não é verbo pronominal, ou seja, não existe a expressão simpatizar-se com.
Simpatizei com ela e com o filho louco.

Cuide bem da regência dos adjetivos e substantivos

Tal como os verbos, os substantivos e adjetivos também têm regência particular, só aceitando o uso de determinadas preposições.

alheio a	aversão a, para, por	ávido de	cego a
análogo a	bacharel em	certo de	capaz de, para
ansioso de, por	contíguo a	desfavorável a	grato a
anterior a	desleal a	diverso de	digno de
apto a, para	doutor em	escasso de	indiferente a
afirme em	parco em	sujo de	visível a
inerente a	inábil para	exato em	natural de
suspeito a, de	lento em	peculiar a	hostil a, para com
liberal com			

Tab. 1 Regência.

SAIBA MAIS

1) Onde é sempre pronome relativo quando puder ser substituído pela expressão em que:
A casa onde nasci era antiga (a casa em que nasci).
Nenhuma pessoa me deu notícias da cidade onde morávamos. (em que morávamos).

2) Muitas pessoas substituem a conjunção aditiva pelo uso de onde, o que é erro grave em Língua Portuguesa:
Estava jogando basquete, onde vi que o juiz roubava nosso time. (e vi que o juiz...)

3) Cujo(a) oferece-nos sempre a ideia de posse: há um possuidor e um possuído. A concordância é feita com o possuído:
A moça cujas tias eram solteironas...
A professora cujos alunos prestaram vestibular...

TEXTO COMPLEMENTAR

Os vastos palácios da memória

Mas eis-me diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá estão guardados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, quer modificando de qualquer modo as aquisições de nossos sentidos, e tudo o que aí depositamos ou reservamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido pelo esquecimento.

Quando ali estou, mando que se apresentem diante de mim todas as lembranças que quero. Algumas comparecem de imediato, outras depois de uma busca mais longa, que, por assim dizer, devem ser extraídas de certos receptáculos mais obscuros. Outras, porém, irrompem em tropel, e, quando alguém deseja outra coisa, se põem no meio, como que dizendo: "Não seremos nós?" Eu os afasto com a mão do espírito da frente de minha memória, até que se esclareça o que quero.

Há outras imagens que se apresentam facilmente e de maneira rigorosamente ordenada à medida que são chamadas, e as precedentes cedem seu lugar às que se lhes seguem, e, ao cedê-lo, desaparecem, para se apresentarem novamente quando eu o quiser. É o que sucede exatamente quando conto alguma coisa de memória.

Santo Agostinho. Confissões. Cap. VIII, livro X.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Texto 1

Título 1 – Dos princípios fundamentais

Art. 3º. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I. construir uma sociedade livre, justa e solidária;
II. garantir o desenvolvimento nacional;
III. erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
IV. promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

Texto 2

Comercial gay baiano está entre os finalistas do Prêmio Profissionais do Ano

Um comercial de TV voltado aos direitos dos homossexuais e produzido para o Grupo Liberdade e Cidadania Homossexual de Feira de Santana (GLICH) está entre os finalistas do Prêmio Profissionais do Ano, o mais importante da propaganda brasileira.

O anúncio foi feito nessa última quarta-feira, dia 24 de maio, pela Rede Globo. A propaganda em questão, intitulada "Outra maneira" e realizada pela Agência Artecapital Propaganda, aborda mais especificamente o preconceito sofrido pelos homossexuais dentro da família. Ela já recebeu os prêmios de Destaque e Grand Prix no Bahia Recall, promovido pela Rede Bahia, entre outros prêmios de importância.

"Fazer circular em canal aberto uma propaganda que fala sobre os direitos dos gays ajuda a derrubar o preconceito. É um marco agora concorrer a esse prêmio. Ter uma propaganda gay produzida por um grupo gay e estar em nível nacional mostra que o trabalho está sendo bem feito", afirmou Luiz Fabio, presidente do GLICH, em entrevista ao G Online nesta sexta-feira, dia 26.

Os vencedores do Prêmio Profissionais do Ano serão divulgados em novembro próximo.

<www.quatroestreva.jex.com.br/noticias/comercial+gay+baiano+esta+entre+os+finalistas+do+premio+profissionais+do+ano>.

Texto 3

[...] O preconceito sofrido pelo grupo homossexual pode ser considerado o mesmo que atinge negros, mulheres, deficientes físicos e mentais. Ele é velado, dificilmente aparece e, na maioria das vezes, não é divulgado. "Acredito que os homossexuais sofrem tanto preconceito na hora da contratação como os deficientes físicos, negros e mulheres. Algumas empresas ainda têm esquemas muito arcaicos de contratação", diz Rudney Pereira Junior, consultor de recursos humanos da Foco.

Hoje é mais comum encontrar homossexuais em profissões liberais e autônomas, onde o mercado é mais aberto. É claro que as preferências sexuais do candidato não são citadas durante uma entrevista. Ainda existe um tabu muito grande nessa área e a ideia do "homossexual caricato" continua muito presa à imagem do grupo. [...]

Emprego.com. Disponível em: <http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/comportamento/discriminacao_homossexual.shtm>. (Adapt.). Acesso em: 18 jul. 2012.

Instrução:

Os três textos acima fazem parte de um complexo de abordagem de liberdade, opção e preconceito; o primeiro é texto constitucional em que se anuncia ser dever do Estado promover o bem de todos sem qualquer distinção, inclusive a de opção sexual; o segundo dá conta de um comercial baiano, do "Grupo Liberdade e Cidadania Homossexual" de Feira de Santana (GLICH) que esteve entre os finalistas do Prêmio Profissionais do Ano, o mais importante da propaganda brasileira; o terceiro indica o preconceito que sofre o homossexual brasileiro no trabalho.

Com base nos três textos mencionados, faça uma redação dissertativa, de caráter argumentativo-expositivo em que discuta o seguinte tema:

Homem e mulher foram criados e nasceram com sexos opostos para se completarem e procriarem. O homossexualismo, apesar de aceito pela sociedade, é uma distorção da natureza do ser humano normal.

Rio de Janeiro. Parecer da Comissão de Saúde da Assembleia Estadual, RJ, 2004.

24 Coesão e coerência III: a macroestrutura do texto dissertativo

Escrevemos para os outros, para que eles nos entendam e entendam nossas ideias sobre os assuntos que desenvolvemos.

Evitar redundâncias e ambiguidades, ter um estilo próprio e forte, organizar nossos argumentos de forma hierárquica é tudo quanto podemos querer de melhor de nós mesmos.

A coerência textual começa com perguntas simples: por que isso é assim? Como exemplificar, argumentar sobre determinado tema?

Mais do que a simples estrutura perfeita, sua redação vale pelas ideias pertinentes que carrega. Os exemplos usados devem ser afeitos ao que se pretende alcançar, portanto, vá direto ao que interessa.

Introdução

Fig. 1 Adélia Prado.

Antes do nome

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe
Adélia Prado. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

Ser compreendido pelo leitor/corretor é o que mais queremos de nosso texto dissertativo. E, muitas vezes, colocamos a culpa de nossa displicência na estrutura dissertativa, agindo como se ela fosse apenas uma espécie de escafandro na qual deveríamos caber, seja de que forma for.

Mas o quanto valerá a estrutura dissertativa (tese, desenvolvimento e conclusão) caso, desde o princípio de nossa escritura, não nos empenhemos em fazer claros os nossos pensamentos, organizá-los de forma hierárquica e objetiva?

Talvez a maior discussão sobre a produção de textos seja exatamente esta: coerência textual. Para tanto, é necessário, sobretudo, que nos lembremos de que **escrevemos para os outros, para que outras pessoas nos leiam** e que, consequentemente, temos que nos organizar a fim de que isso aconteça.

Escrever não é o fluxo das palavras, nem quantidade delas, nem capacidade de buscá-las, **mas é, sobretudo, como organizamos o nosso discurso de maneira efetiva**, capaz de tocar o outro e dar a ele informações de ordenação/concatenação de ideias e argumentos no sentido de desenvolver inteiramente o tema que nos foi proposto.

Para fugir aos problemas da falta de coerência, leve em conta, no seu texto:

1. Causa-consequência

Já o dissemos anteriormente, mas é bom lembrar que todo o planejamento do texto será guiado por este aspecto. O que nos é oferecido como tema, tenha sempre em mente, é a consequência. Assim que ler os textos-motivo, comece a interrogar-se em busca da causa:

Por que isso acontece?

Como isso acontece? Em que circunstâncias?

Vá anotando uma a uma as indagações e, depois, coloque-as hierarquicamente distribuídas.

Só então comece a escrever.

2. Exemplificação pertinente

É necessário que, ao escrever, selecionemos os fatos que saibamos sobre o assunto, mas não se esqueça de que tais fatos devem estar intimamente ligados ao que defenderemos na argumentação.

Fuja dos exemplos paralelos, das operações sinuosas e conceptistas.

Uma das perguntas mais comuns dos alunos é se podem dar como exemplo fatos que ocorrem em outros países. Claro que isso pode ser feito. Mas evite a todo custo trabalhar com os exemplos apenas dos outros países. Mesmo que escolha, na argumentação, comparações político-econômico-sociais.

3. Concisão

A falta de concisão é pecado mortal de quem quer elaborar um bom texto e deve ser evitada a todo custo. Leia o exemplo a seguir.

Um país como o Brasil deveria cuidar melhor de suas crianças. Cuidando melhor de suas crianças, o país se desenvolveria e seria um país muito mais respeitado.

Cuidar das crianças é sempre um dever de um governo competente, e governos competentes cuidam com respeito das crianças.

Veja o que ocorreu: um texto circular, oscilante, que volta sempre ao lugar de origem. Ao dissertar, amplie as ideias, uma a uma, sem retomá-las de maneira insistente e pouco significativa.

4. Elegância

O texto de vestibular deve ser agradável de ser lido, ter estilo próprio e ideias convergentes. Como elegância entende-se também não usar gíria e coloquialismos: a redação para o vestibular é sóbria, sem ser pedante. Ela deve ter ritmo particular, continuidade, palavras escolhidas e significativas. Isso também influencia, e muito, no que chamamos de coerência interna.

Os defeitos de um texto para vestibular

a) Uso de períodos gigantescos

Desde o início do curso você já sabe que parágrafos grandes geram textos muito confusos, obrigando-o a usar inúmeros pronomes relativos e conjunções integrantes *que*. Evite parágrafos assim, prefira-os com 3 a 5 linhas no máximo. O contrário (parágrafos muito curtos) também é erro porque fragmenta ideias.

b) Uso sistemático das ambiguidades

Olhei o rapaz do carro.

Observe que este tipo de construção dá origem a ambiguidades:

a) Estava no carro e vi o rapaz.

b) Vi o rapaz que estava no carro.

ATENÇÃO!

É preciso tomar muito cuidado com o uso dos chamados pronomes indefinidos: eles tendem a deixar os enunciados vagos, indeterminados e imprecisos.

Os principais pronomes indefinidos são:

alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem, cada, cada um, cada qual, nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas, outro, outros, outra, outras, um, uns, uma, umas, certo, certos, certa, certas, qualquer, quaisquer, algum, alguns, alguma, algumas, mais, menos, muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, todo, todos, toda, todas, tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas, vários, várias, diverso, diversos, diversa, diversas, quem, qual, quais, fulano, beltrano, sicrano, qualquer um, quem quer que, quem quer, seja quem for, seja qual for, quanto quer que, o mais, todo aquele que.

Qualquer um que tenha dito isso é um imbecil.
Muitos estiveram por aqui, mas poucos conhecem o caminho.
Tudo é mentira, nada disso aconteceu.

TEXTO COMPLEMENTAR

Traduzir

Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua. Transportamos o que vemos e o que sentimos (supondo que o *ver* e o *sentir*, como em geral os entendemos, sejam algo mais que as palavras com o que nos vem sendo relativamente possível expressar o *visto* e o *sentido*...) para um código convencional de signos, a escrita, e deixamos às circunstâncias e aos acasos da comunicação a responsabilidade de fazer chegar à inteligência do leitor, não a integridade da experiência que nos propusemos transmitir (inevitavelmente parcelar em relação à realidade de que se havia alimentado), mas ao menos uma sombra do que no fundo do nosso espírito sabemos ser intraduzível, por exemplo, a emoção pura de um encontro, o deslumbramento de uma descoberta, esse instante fugaz de silêncio anterior à palavra que vai ficar na memória como o resto de um sonho que o tempo não apagará por completo.

José Saramago. *Fundação José Saramago*. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/2009/07/?page=5>. Acesso em: 18 jul. 2012.

Proposta de Redação

Leia:

Aborto provocado pela gestante ou com seu consentimento

Art. 124 – Provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem lhe provoque:
Pena: detenção, de um a três anos.

Aborto provocado por terceiro

Art. 125 – Provocar aborto, sem o consentimento da gestante:
Pena: reclusão, de três a dez anos.

Forma qualificada

Art. 127 – As penas combinadas nos dois artigos anteriores são aumentadas de um terço, se, em consequência do aborto ou dos meios empregados para provocá-lo, a gestante sofre lesão corporal de natureza grave; e são duplicadas, se, por qualquer dessas causas, lhe sobrevém a morte.

Art. 128 – Não se pune o aborto praticado por médico:

Aborto necessário:

I – se não há outro meio de salvar a vida da gestante;

Aborto no caso de gravidez resultante de estupro

II – se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.

Brasil. Código Penal. arts. 124 a 128, sobre o crime de Aborto.

BRASIL. Decreto-lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, DF, 31 dez. 1940, p. 2.391.

Levando em consideração o que diz a lei sobre aborto, opine, em uma redação argumentativo-expositiva sobre como você vê o aborto com a finalidade de se livrar do feto doente, geneticamente malformado. Enfim, é preciso opinar se você é contra ou a favor dessa prática, sob a forma que seja, protegida ou não por lei.

Evite:

1. pontuar sua redação por religiosidade, questão de foro íntimo e não ético;
2. fazer redação emocionada, perder o controle dos sentimentos.

Escreva em linguagem adequada para o que se pede, afastando-se o mais que possa da norma coloquial. Escreva um texto de, no máximo, 35 linhas.

25

Os dez pecados mortais da redação dissertativa II

O bom-senso é fundamental para escrever redações do vestibular.

Evitar as crises de criatividade (sem direcionamento crítico), a originalidade descontrolada e os arroubos que levam à letra garrancho, ao texto circular e ao senso comum.

Os argumentos devem se encadear uns aos outros, você deve vigiar-se para não fugir ao tema proposto, esgueirando-se pelos temas laterais, pela exemplificação inútil e sem importância.

O uso da coletânea é permitido?

Sim, é. Mas não a copie, não a reproduza. No entanto, seus componentes – sobretudo os dados – podem fazer parte de sua redação. Neste capítulo, apresentaremos os "dez pecados mortais da dissertação".

HANDIVE PESSOA CASSIY/SHUTTERSTOCK.JOHNG

Introdução

A seguir, há alguns "conselhos" a fim de que armadilhas que gerarão notas menores para sua redação sejam convenientemente evitadas:

1. Fuga ao tema proposto

Não imagine que você possa passar pelo tema proposto impunemente: ao ler o que a coletânea propõe, observe rigorosamente o que se pede: não se perca nos meandros, lateralidades.

O desenvolvimento de sua redação pode ser magnífico, mas se fugir ao tema central, você irá inevitavelmente, tirar zero.

2. Argumentação baseada no senso comum

O senso comum aproxima-se do "comportamento clichê" – é a repetição dos julgamentos comuns, repetidos à exaustão em todos os meios de comunicação e que, por isso mesmo, tornaram-se desgastados, sem nenhum significado.

Deve-se evitar esse tipo de argumentação. A melhor, sem dúvida, é aquela que contextualiza os fatos, que aproxima os acontecimentos e que privilegia, sobretudo, a nossa capacidade de compreender o mundo e tirar conclusões.

3. Uso da coletânea

Os dados constantes da coletânea podem ser usados. Pela própria natureza dela (informativa), ali serão encontrados dados de domínio público (jornais, revistas, livros, internet) que podem ser reproduzidos por você. Contudo, o uso da coletânea na modalidade "colagem"ou recriação não é admissível. A coletânea está lá para ajudar você a escolher caminhos por onde seguir.

Veja o que a Banca Corretora da Unicamp diz sobre o assunto:

P – *É admissível citar trechos da coletânea?*

R – *Sim, na medida em que tal citação não resulte em mera colagem de fragmentos em um texto desarticulado, o que fatalmente geraria graves problemas de coerência e coesão. Quaisquer citações deverão estar integradas ao texto do candidato, sem prejuízo para sua articulação interna, portanto.*

Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br>. Acesso em: 18 jul. 2012.

4. Dados incorretos

Os dados incorretos, sobretudo os da proposta da sua redação, invalidam toda a articulação de ideias que fizer ao redor deles. Imagine que você comece agora uma redação em que cite que 50% dos brasileiros são cegos por falta de vitamina A. O dado é falso e todo o desenvolvimento também o será.

Leia o que diz a Unicamp sobre o assunto:

P – *Se na tentativa de fundamentar sua argumentação o estudante citar dados incorretos, ainda que pertinentes, ele perde pontos?*

R – *Não necessariamente. Se, por exemplo, ao desenvolver um tema sobre a situação do menor no Brasil, o candidato fizer referência incorreta a dados estatísticos ou a outras informações específicas semelhantes, ele não perderá pontos, se a menção a esses dados for pertinente no texto. Se, por outro lado, ele partir do pressuposto de que não há um número significativo de menores abandonados no país, perderá, evidentemente, muitos pontos no item "coerência", uma vez que estará demonstrando total desconhecimento do mundo em que vive.*

Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br>. Acesso em: 18 jul. 2012.

5. Parágrafos grandes ou pequenos?

A paragrafação depende única e exclusivamente de quem escreve. Há algum tempo, dava-se um valor enorme ao tamanho do parágrafo; hoje, observa-se se o aluno sabe usar bem os pronomes relativos quando escreve parágrafos mais ou menos extensos ou se administra bem o uso dos conectivos.

Muitas vezes, um texto com parágrafos intermediários maiores está bem organizado e não é por isso que o aluno irá perder pontos.

6. Criatividade

É preciso tomar muito cuidado com as lendas que cercam a feitura das redações. Dizer, por exemplo, que o tema era "Insônia" e que o aluno escreveu "tic-tac" em todas as linhas e colocou um "Triiiiimmmmm" no fim do texto... bem, acredite se quiser... aproveite também para acreditar em coelhinho da Páscoa e Papai Noel!

O vestibular não está procurando originalidade ou criatividade excessivas. Está à procura de pessoas que desenvolvam os temas solicitados, que não tergiversem e que, sobretudo, deem a eles bom desenvolvimento.

Tudo o que quebrar coerência e coesão é perigoso: os corretores estão à cata de ideias, capacidade técnica de escrever sobre fatos. Obviamente, uma redação bem feita, em que a criatividade encontre a capacidade de debater um assunto, terá melhor nota.

7. A gíria e a linguagem coloquial

A linguagem a ser usada é a norma culta, nem sofisticada excessivamente, nem coloquial.

A dona redação dissertativa é uma mulher bem vestida, com um belo vestido preto. Ela usa sapatos e meias sofisticados; joias: anel, colar e pulseira. Suponha que você use gíria na redação dissertativa... imagine que está colocando nessa mulher um enorme brinco de plástico amarelo, comprado na feira.

É isso que a gíria é em uma dissertação... um brinco de plástico!

8. Ortografia e concordância

Preste muita atenção ao que escreve. Quando repetimos muitos erros de ortografia, concordância e regência, estamos passando um atestado de que também não lemos. Os erros, nesse caso, servem de parâmetro para verificar quem está escrevendo e como escreve.

9. Letra ruim

Os manuais falam em letra legível, não em letras bonitas.

Ocorre que os garranchos também podem ser vistos como pecados mortais: impedem o corretor de tomar contato com o que você escreve, tendo de decifrar os hieróglifos escritos por você.

10. Número de linhas

Fazer uma dissertação com 15 linhas é improvável: como argumentar, opinar, exemplificar, questionar, finalizar em tão pouco espaço?

Estabeleçamos entre 20 e 25 linhas como mínimo.

E o máximo?

Bom algumas universidades aceitam até 60 linhas para a dissertação ou carta argumentativa.

Mas você não acha que, ao escrever 60 linhas, corre um risco grande de fazer escrita circular, escrevendo e reescrevendo ao redor de um mesmo eixo?

Melhor usar o bom senso e não ser prolixo.

TEXTO COMPLEMENTAR

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac. *Poesias*.
Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964. p. 262.

Proposta de Redação

Texto 1

A agonia dos oceanos

[...]

As emissões de dióxido de carbono (CO_2) pela queima de combustíveis fósseis também colaboram para a degradação dos mares. Parte dessas emissões vai para a atmosfera e forma o chamado efeito estufa. Outra parte vai parar nos oceanos e torna a água cada vez mais ácida. Para completar, os materiais plásticos lançados como lixo nos mares, que antes apenas enfeiavam as praias, hoje são responsáveis pela morte em massa de pássaros que vivem nos litorais. "A composição química dos oceanos mudou mais rapidamente no século XX do que nos últimos 650.000 anos", disse à Veja o oceanógrafo Richard Feely, do National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA), *órgão do governo americano. A dimensão negativa dessas mudanças e o que se pode fazer para evitá-las são o assunto desta reportagem, que se concentra na análise de cinco pontos indicados pelos especialistas como os mais críticos.*

[...]

Leoleli Camargo. *Veja*. n. 1975, 27 set. 2006.

Texto 2

Outras formas de poluição

O mesmo se passa com outras formas de poluição do planeta, como a contaminação das águas; os lixos, os esgotos, os resíduos tóxicos das fábricas fazem com que morram diariamente diversas espécies da fauna e flora, e a própria água ao dispor da Humanidade vai diminuindo, a cada dia que passa.

Do nosso ponto de vista, este é um problema para o qual deveriam ter sido já tomadas as precauções adequadas, pois todos nós sabemos que a água é um bem essencial à nossa sobrevivência, na medida em que uma pessoa, em média, necessita consumir 2,5 L/dia.

Outros fatores de degradação ambiental são a poluição atmosférica, com os gases poluentes das indústrias e dos automóveis, o efeito estufa e a destruição da camada de ozônio. E não nos podemos esquecer do corte desmesurado das árvores, efetuado por pessoas com interesses econômicos e dos incêndios que fazem desaparecer grandes áreas florestais, provocando a extinção de muitas espécies que, durante muitos anos, se desenvolveram e são uma riqueza do Planeta.

Podemos referir também os acidentes nucleares que originam fugas de material radioativo, cujos efeitos podem ser catastróficos para toda a Humanidade.

O fato é que os Homens apenas pensam nos lucros; não pensam em preservar aquilo que os rodeia e em garantir a qualidade de vida àqueles que virão depois de nós.

Disponível em: <www.esec-falagueira.rcts.pt/jornal/ARTIGO1.HTM>. Acesso em: 18 maio 2008.

Texto 3

A Terra é azul.

Major Iuri Gagárin.

Depois de ler os textos acima, faça uma redação de caráter dissertativo (enfoque expositivo-argumentativo); para tanto, procure levar em conta seus conhecimentos de mundo:

1. Selecione, organize e inter-relacione argumentos, fatos, opiniões a fim de que defenda seus pontos de vista e/ou propostas, mas sem ferir os direitos humanos assegurados em lei, respaldados pela ética;
2. Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da Língua Portuguesa;
3. A redação deve ser escrita à tinta (caneta azul, preferencialmente);
4. Não deixe de dar um título à sua redação.

O tema desta redação é o seguinte:

A Terra pede socorro, o planeta em que habitamos está agonizando.

26 A redação subjetiva – Os temas subjetivos

O que é uma redação subjetiva?

Podemos dizer que é um tipo de enfoque que se dá, ou até mesmo uma abordagem que se faz dos temas ditos convencionais, levando-se em conta uma maneira de ver os fatos e a vida. Nele, vale a reflexão, a sofisticação do pensamento. Portanto, a linguagem não será a convencional, meramente informativa. Predominam, claro, as figuras estilísticas, o uso reiterado das metáforas: são os julgamentos de quem escreve sobre o mundo.

Nesse tipo de redação, o direcionamento é a discussão do que normalmente esquecemos: qual é o nosso papel na vida? Como vemos os fatos acontecendo e qual é o nosso julgamento sobre eles?

A redação subjetiva

Existem algumas abordagens na elaboração da redação, bem como existem alguns temas específicos, especiais na feitura, que nos levam a observar um direcionamento não apenas argumentativo nos textos produzidos. Mais do que um simples conjunto de dados, ali encontramos um conjunto mais abrangente: a discussão reflexiva, de caráter subjetivo, um tom que revela, antes, um modo de estar no mundo, uma maneira de encarar os fatos e a existência.

Leia o fragmento da música *Choro bandido* de Edu Lobo e Chico Buarque, em que a abordagem do tema é metafórica:

Mesmo porque estou falando grego
Com sua imaginação

Ali, fala-se, "falar grego com sua imaginação", linguagem que nos seduz porque se distancia da realidade de dados e cifras e repetições de fatos.

Por esse caminho vai a redação subjetiva: podemos até escrever sobre fatos muito novos ou sociais como, por exemplo, o terror e as guerras.

Leia o tema de redação da Fuvest 2009, que se encontra a seguir.

Texto 1

Redação

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_fronti%C3%A8re_caf%C3%A9.jpg, 30/06/2008.>.

fronteira
substantivo feminino

1 Parte extrema de uma área, região etc., a parte limítrofe de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f. [...]
3 O marco, a raia, a linha divisória entre duas áreas, regiões, estados, países etc.
Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
4 Derivação: por extensão de sentido. O fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
5 Derivação: sentido figurado. O limite, o fim de algo de cunho abstrato.
Ex.: Havia chegado à f. da decência.
[...]

Dicionário Houaiss da língua portuguesa. (Adapt.).

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas ideias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que deem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.

Texto 2

Ícaro, "I-pods" e Coca-Cola quente

Ícaro e seu pai, Dédalo, presos em um labirinto. Penas, cera, fios. Dédalo, habilidoso artesão, constrói para si e para o filho dois pares de asas, capazes de removê-los do ventre daqueles muros sinuosos, fronteiras sólidas, quase intransponíveis. Voam, ambos, entre céu e mar. Encontram, agora, novas fronteiras, líquidas, intocáveis: caso voem alto demais, o sol derrete a cera que une as penas das asas; caso voem baixo demais, no entanto, podem ser engolfados pelas ondas do mar. Fronteiras invisíveis entre azuis de céu e de mar.

Como no mito grego, a tendência da sociedade humana atualmente instituída parece ser a de liquefazer fronteiras sólidas. Já no advento do capitalismo, barreiras físicas e financeiras entre os então feudos eram desestimuladas, uma vez que prejudicavam o comércio. Hoje, blocos de países, como a União Europeia, removem muros sólidos entre seus membros, substituindo-os pela invisibilidade de linhas imaginárias que permitem a livre circulação de pessoas, mercadorias e capitais. Fronteiras e limites cada vez mais flexíveis para mortais a voar, quase deuses, um longo e incauto voo.

A queda de barreiras concretas não limita-se, no entanto, às fronteiras entre nações. A cultura, impressão digital de um povo, e as linguagens fundem-se cada vez mais, céu e mar a beijarem-se no horizonte. A divulgação de músicas estrangeiras por todo o mundo, evidente com a adoração internacional de certos ícones, como Madonna, e a assimilação cada vez maior de estrangeirismos por diversas línguas (como nosso português, de sites a abajures) exemplificam o alcance de tal tendência. Mais uma vez, facilidades comerciais e expansão de mercados consumidores estimulam a liquefação dos limites. Ícaro e Dédalo, a voar sobre o Mar Cáspio, ouvindo rap em "I-pods" e tragando Coca-Cola quente.

Liquefação sem limites. A fusão de diversas áreas do conhecimento para o desenvolvimento de armas e equipamentos rentáveis também força, rompe e desfaz fronteiras éticas, barreiras entre o certo e o errado. O derretimento de certas convenções, antes importantes fronteiras e guias das ações humanas, como a família, que hoje assume as mais variadas formas, espelha também, a célebre frase de filósofo contemporâneo: "tudo que é sólido desmancha-se no ar", como a cera das asas de Ícaro, ao aproximar-se do sol.

Vivemos, assim, a era da liquidez. Econômicas, sociais, culturais, as fronteiras tornam-se cada vez mais flácidas e intangíveis. Resta-nos, no entanto, cuidado. Ainda que a muitos sirva a flexibilização dos muros, havemos de lembrar que abusos podem dar-nos o mesmo fim de Ícaro, afogado, sem asas, morto como não estava dentro do labirinto.

Disponível em: <www.fuvest.br/vest2009/bestred/531036.stm>. Acesso em: 19 jul. 2012.

Depois de ler com atenção e cuidado o tema proposto pela Fuvest 2009, do qual pode-se depreender a obrigatoriedade de escrever sobre "Fronteiras" em seus múltiplos significados, observa-se uma grande diferença da abordagem convencional, em que se discute a questão do ponto de vista prático, lógico-racional, com exemplos concretos.

O enfoque temático do texto do vestibulando inicia-se ao se executar um procedimento denominado transdisciplinar: a utilização da mitologia grega, a lenda de Dédalo, Ícaro, o Minotauro, a recaptura do Mito do Labirinto, em um misto estrutural de flashes e narrativa (no primeiro parágrafo, ou tese) até que alcance as "fronteiras invisíveis entre azuis de céu e mar", construção metafórica que tem prosseguimento com a comparação do mito grego e as fronteiras que contemporaneamente são estabelecidas; dado o exemplo da União Europeia, mais uma reflexão subjetiva é ali colocada como ponte para articulação das ideias que virão em sequência: "Fronteiras e limites cada vez mais flexíveis para mortais a voar, quase deuses, um longo e incauto voo".

Embora os enfoques sejam subjetivos – sentimentos particulares –, o texto não deixa de apresentar criticidade; no final do segundo parágrafo argumentativo, pode-se ler: " Ícaro e Dédalo a voar sobre o Mar Cáspio, ouvindo rap em "I-pods" e tragando Coca-cola quente". Aí, o leitor dá-se conta de que, a cada fecho de parágrafo, o núcleo temático é recapturado e que Dédalo, o arquiteto, e seu filho Ícaro são os símbolos que percorrerão os comentários de maneira significativa e insistente, a fim de que, ao lê-los (os parágrafos) percebamos que as fronteiras da prisão de ambos vai além dos limites do que cotidianamente se tenta alcançar como prêmio: "(...) havemos de nos lembrar que abusos podem dar-nos o mesmo fim de Ícaro, afogado, sem asas, morto como não estava dentro do labirinto".

Observe: "*morto que não estava*" ou seja, mais uma vez a subjetividade predomina: é melhor ter liberdade pequena a quebrar asas porque não se sabe cuidar bem da liberdade.

Palavras precisas como um corte, multissignificativas como metáforas que se encadeiam. Como um labirinto. Como o Labirinto.

TEXTO COMPLEMENTAR

Violência, seu nome é o tempo presente

Balas perdidas, facadas, mortes, sequestros, brigas de trânsito, prisões lotadas.

Basta a gente assistir a um telejornal qualquer e lá vêm notícias terríveis: crianças, adultos, velhos e jovens, ninguém mais escapa à fúria dos bandidos. E fica na gente um sentimento de impotência, um medo e até uma certa covardia: "Ainda bem que não aconteceu (ainda?) comigo".

Temos medo de deixar a porta aberta, nos trancamos atrás de muros altos, e tentamos nos sentir aconchegados por trás de cercas elétricas. Ah, duros tempos de colheitas.

Colheitas? Isso mesmo: governos frágeis, segurança pouca, pobreza, falta de opção, indiferença.

Temos medo da violência, maior causa de estresse nas grandes cidades, essa coisa que vitima a todas as famílias, há sempre um caso ou outro para contar. Pertencemos a um tempo de desesperanças; o que era regra (ter paz para viver) virou exceção. Cotidianamente, alcançam-nos notícias absurdas e ninguém é livre, hoje, para dizer: vou ali, já volto.

Muitos de nós saímos para nunca mais voltar.

Nossa vida vale um carro médio, um pouco dinheiro que carregamos na bolsa ou a própria bolsa. A verdade é que há momentos em que nos sentimos frágeis, inseguros, infelizes e desamparados.

Os programas sociais não alcançam as crianças e os jovens do país e muitos deles, também angustiados e entristecidos, caem na marginalidade, na traficância e na prostituição.

Alguém já perguntou um dia: Mas que país é este?

E nós, pobres de nós, nos perguntamos todos os dias. Ministros e presidente vão à tevê e declaram bobagens absurdas, mas os meninos e meninas deste país continuam fora das escolas e seus pais ganham uma miséria que gera a violência.

O mundo todo está assim e já temos medo de caminhar pelas ruas, pressentindo que algo de mau nos aconteça. Um país tão grande, uma gente tão maravilhosa e este espetáculo a que não mais assistir.

Temos medo, um medo fundo e dolorido. Bichos acuados nos acostumamos. Mas não devíamos. Sabemos que não devemos nos acostumar ao feio, ao mal, à desorganização. E, no fundo, a palavra de ordem é resistir. E confiar que um dia tenhamos a certeza de que os homens que nos representam sejam bons e pensem no futuro. O futuro é logo ali e não é justo que continuemos como estamos.

Esther Rosado.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

REDAÇÃO UFPE 2010

Nesta prova, há duas propostas temáticas para sua redação. Você escolherá, apenas, um tema sobre o qual deve criar um título e produzir um texto dissertativo com o mínimo de 20 e o máximo de 30 linhas. Antes de fazer sua opção pelo tema, leia os fragmentos abaixo. Eles podem despertar ideias para desenvolver o seu trabalho.

Texto 1

Dois homens olham pela mesma janela. Um vê a lama. O outro vê as estrelas.

Frederick Langbridge

Tema 1
Ponto de vista: a força motriz que influencia a realidade de cada um.

Texto 2

<http://veja.abril.com.br/blog/cenasurbanas/files/2010/10/livros-homem.jpg>.

Tema 2
Os conhecimentos mudaram os homens que mudaram o mundo?

UFES 2012

Sírio Possenti afirma, em Os *humores da língua* (Campinas: Mercado das Letras, 1988. p. 25-26), que piadas são um tipo de material altamente interessante para estudo, porque [1] praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos (sexo, política, racismo, crenças, escola, loucura, morte, desgraças, deficiências físicas, etc.), [2] piadas operam fortemente com estereótipos (judeu avarento, português estúpido, gaúcho enrustido, marido traído, esposa infiel, mineiro esperto, loura burra, etc.), [3] piadas são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial (casamentos por interesse, governos corruptos, professores incompetentes, religiosos sem vocação, etc.). Assim sendo, com frequência, episódios relacionados ao humor causam constrangimento quando vêm a público, via internet, TV, jornais impressos e outras mídias.

Escreva um texto dissertativo-argumentativo, posicionando-se quanto à questão: **O humor pode ter total liberdade ou deve ter limites éticos ou morais?** Inclua, em sua argumentação, pelo menos uma piada que possa ser tomada como exemplo para o ponto de vista desenvolvido.

27

A redação reflexiva – Os temas filosóficos

Ao escrever, colocamos no papel os nossos pensamentos, as nossas opiniões e as nossas convicções. Na redação de características filosóficas, você pode fazer isso, independentemente de estar discutindo ou não um tema da atualidade. Caso pensemos sobre a guerra ou o terror, o que mais nos afligirá, certamente, é a condição dos seres humanos submetidos (mesmo que não queiram) a eles.

Escrever reflexivamente é poder discutir o lado mais denso (ou intenso) dos acontecimentos, celebrar a vida e questionar os valores: por que estamos na Terra, o que queremos de nós mesmos, por que precisamos uns dos outros?

Descubra em você a vocação especulativa, transformadora: inquiete-se ao escrever, redescobrindo os fatos. Solte a imaginação: o que você pensa e sente? Onde está, finalmente, o que dói em você diante das calamidades?

HEINRICH FRIEDRICH FÜGER/WIKIPEDIA

A dissertação reflexivo-filosófica

As redações dissertativas dividem-se em **argumentativas, expositivas e mistas**.

No capítulo anterior, você viu a redação subjetiva, que, está claro, também tem natureza **reflexivo-filosófica**.

Nesse tipo de redação, há predomínio do que podemos chamar de *linguagem poética,* ou seja, as figuras estilísticas predominam e a abordagem do texto passa a ser introspectivo-reflexiva.

Esse tipo de texto aproxima-se muito da concepção da crônica; há, nele, preocupação com a tese, mas, a partir da argumentação, mobilizam-se recursos para atingir a **emoção do leitor**. Por isso, sua linguagem muitas vezes é inflamada, carregada de veemência. Outras vezes, está impregnada de uma docilidade como ponto de vista, ou baseia-se em uma análise da alma humana em confronto com o mundo; nela, há apelos para que se reordenem a vida, a crença na natureza do homem, os valores mais profundos do ser humano.

Digamos que a redação subjetiva também se encaixe, sobretudo, no norteamento da reflexão filosófica.

Observe o texto a seguir, considerado **nota 10 no vestibular da Fuvest**. Há nele exatamente o que citamos acima: a perquirição, a vocação para as descobertas do que há por trás dos acontecimentos, um enfoque que é, antes de mais nada, **especulativo**.

Não confunda este tipo de redação com passividade diante dos fatos ou mero encantamento poético sobre a vida. Nele, você encontrará a riqueza maior da escrita: a capacidade de transcender, discutindo a realidade, matéria-prima especial, importante para todos os seres.

Texto 1

Vida de gado

Assim como Machado de Assis constatou: "O menino é o pai do homem". Essa frase destaca a importância do passado para melhor compreender a realidade atual. Nesse caso, o nazismo e o fascismo seriam representados pelo menino, que evoluiu até o neonazismo e neofascismo. Esse menino sofreria influências deterministas na sua origem, como a xenofobia e o uso da violência – bases dos dois sistemas políticos.

Não bastasse, ainda existem sérios agravantes. A internet é um deles, é verdade que esse meio de comunicação facilitou a economia e diminuiu as barreiras da informação, mas ela também auxilia na dispersão de informações inadequadas, como a violência gratuita e o preconceito. Ao estudar o personagem Policarpo Quaresma, tem-se a impressão de utopia, entretanto seu nacionalismo é o mesmo de muitas pessoas que perdem seus empregos para estrangeiros.

Conceitos de racismo, preconceito e raça pura não deveriam fazer parte do cotidiano do povo brasileiro, pois o Brasil é uma mistura homogênea de raças e crenças. Macunaíma e O Guarani não são apenas livros de estante, são a representação em palavras da miscigenação do índio, do português, do nordestino, do paulista e de várias outras culturas, que formam um todo indivisível – o Brasil.

A própria palavra preconceito mostra seu significado. É pré-conceito, é o conceito equivocado que algumas pessoas fazem de outras antes de conhecê-las realmente. Tanto preconceito como a xenofobia vêm crescendo atualmente junto com o neonazismo, pai daquele menino que recebera valores presentes no senso comum, que é o conhecimento irrefletido adquirido pela sociedade, sem questionamento.

O senso comum está na mentalidade de pessoas que possuem visões convergentes da realidade e apenas uma ideologia de vida. Exatamente o que Cazuza aspirava quando disse: "Ideologia, eu quero uma pra viver". Com apenas uma, não haveria discussão e todos seriam felizes como os gados, todos iguais, com as mesmas vidas. Não existe uma ideologia para se adotar, assim como não há uma "raça pura".

Como você pôde notar, o texto anterior possui um tom reflexivo. A reflexão é isso mesmo: uma espécie de "tom" discursivo que permite a quem escreve colocar pontos de vista mais particulares e verificar sempre a dor da existência humana.

As citações como estas, da abertura da redação, "**O menino é o pai do homem**", de Machado de Assis, ou a do fim, de Cazuza, refletem o tom humanístico da busca de respostas humanas.

Leia a seguir uma redação nota 10 da Fuvest sobre o tema.

– Não é preciso zangar-se. Todos nós temos as nossas opiniões.

– Sem dúvida. Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. [...] Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições. Vocês me fazem perder a paciência.

Você tem opiniões sobre as afirmações acima?
Se tem, defenda a sua opinião.
Se não, explique por quê.

Texto 2

Opinar é humano

Para discutir um assunto, não é necessário conhecê-lo a fundo, é preciso apenas ter pontos de vista bem-definidos e bons argumentos para defendê-los.

Sem dúvida, há temas que exigem algum conhecimento técnico, uma certa experiência na área em que o assunto é centrado. Mas, de maneira geral, as experiências de vida podem fazer com que a pessoa em questão emita opiniões sensatas. Ter uma certa cultura geral, sem se fechar em determinados focos de atenção, também possibilita a sensatez nas opiniões.

Tomemos, como exemplo, o trabalho de um arquiteto. Ao projetar uma casa, ele está aplicando toda a bagagem técnica adquirida na faculdade. No entanto, uma pessoa que não seja formada em Arquitetura, mas que tenha senso estético, pode muito bem ter opiniões coerentes e úteis a respeito do projeto.

É nesse sentido que entra o aspecto da cultura geral. Para poder ter pontos de vista definidos, deve-se ter uma visão ampla de mundo, adquirida com a cultura. Não estou mencionando a cultura acadêmica, dos livros, mas aquela que se adquire da observação da vida, e que é a mais importante para a sobrevivência. Uma pessoa experiente sempre conhece um pouco de cada assunto, mesmo que seja apenas na sua forma mais abrangente.

E, ao emitir seus pontos de vista, possibilitando o surgimento de um debate, ela abre oportunidades para aprender novas coisas, aumentando, desse modo, seus conhecimentos.

TEXTOS COMPLEMENTARES

Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome

Caetano Veloso. "Gente".

A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
[...]
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.

Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto. "Comida". Intérprete: Titãs. *In: Jesus não tem dentes no país dos banguelas.* Rio de janeiro: WEA, 1987. Faixa 2.

Os setenta minutos

A pergunta mais frequente a um professor de Redação no final do ano é: "De quanto tempo disponho para fazer meu texto no vestibular?"

Quando o professor anuncia que, no máximo, 60 minutos, o aluno faz as contas e conclui que esse tempo constitui ¼ do tempo da prova... E é isso mesmo. Mas sua redação é importante demais no vestibular. Ela é **classificatória**, como a definiu o Ministério da Educação. Por isso, gaste com ela a hora inteira. No entanto, é bom não facilitar: seu limite máximo é aquele que possa resvalar, mas jamais ultrapassar os 70 minutos...

E o que fazer em 70 minutos, diante do tema, com o coração dando cambalhotas e a adrenalina a mil?

Algumas coisas fundamentais:

1. Ler o enunciado da redação e jamais iniciá-la sem que o tenha entendido.
2. Observe se o enunciado é bilateral, ou seja, tem duplo encaminhamento como, por exemplo, "Fome e violência", "A Cidadania e a corrupção no Brasil" etc.
3. Depois que entender o que se pediu, inicie um rol de questões que queira abordar. Não "guarde na cabeça", anote: você estará sob pressão e, certamente, deixará escapar uma ou outra ideia.
4. Depois do rol preparado, faça o rastreamento de ideias e hierarquize: quais as mais importantes? Quais as que você teria dificuldade em argumentar e contra-argumentar? Use as 5 principais e desenvolva-as em sequência de importância.
5. Comece o rascunho. Leve para isso (a redação inteira) 40 minutos: cortar ou acrescentar, "re-redigir" parágrafos ou acrescer exemplos. Quando terminar, coloque o título.
6. Deixe "descansar" o seu texto e vá fazer questões do resto da prova (você deverá começar por redação e é por isso que ela vem em primeiro lugar na prova).
7. Volte ao texto depois de mais ou menos meia hora: releia "sem dó nem piedade" (isso é lugar-comum, não use!). Veja se repetiu palavras, se usou corretamente os pronomes relativos e as regências verbais e nominais. Substitua palavras. Deixe descansar mais meia hora. E volte em seguida, agora pra valer.
8. Depois de ler e reler, verificar se você cometeu dois pecados terríveis: ter deixado sua redação sem as partes de termos, orações, períodos e parágrafos costuradas entre si, sem formar "um todo" (a isso chamamos falta de coesão). O segundo pecado é ter cometido falta de coerência. Você tem sequência nítida de ideias? Qualquer corretor de vestibular entenderia com facilidade o que você quis dizer?
9. Cheque o tema: o que você escreveu é correspondente, ou perfeitamente correspondente, ao que foi pedido?
10. Observe se os exemplos dados na argumentação são atuais e se convencem o leitor.
11. Use a linguagem a que está acostumado. Nada de usar palavras difíceis para parecer culto. Você pode enganar a si, nunca a um corretor.
12. Por fim, comece a passar seu texto a limpo. Você tem 10 minutos para fazer isso.
13. Escolha finalmente um título para ele: retire-o preferencialmente do fecho, da sua conclusão, assim dará a impressão – ao corretor – de coesão.
14. Prefira um título metafórico a um título composto de um artigo e um substantivo.
15. Releia o texto e faça nele as correções de pontuação.
16. Antes de sair da sala, se fez rascunho e puder levá- lo consigo, faça com ele uma bolinha e jogue no lixo! Não releia seu texto em casa, nem sofra por antecipação: tudo quanto você tem de fazer, já o fez: leu revistas e jornais, leu os textos dos balcões de redação e, melhor ainda, fez todas as redações que foram pedidas durante o ano.

Proposta de Redação

Texto 1

Liberdade

De uma forma geral, a palavra "liberdade" significa a condição de um indivíduo não ser submetido ao domínio de outro e, por isso, ter pleno poder sobre si mesmo e sobre seus atos.

[...]

A capacidade de raciocinar e de valorizar de forma inteligente o mundo que o rodeia é o que confere ao homem o sentido da liberdade, entendida como expressão da vontade humana.

Teorias filosóficas e políticas, de todos os tempos, tentaram definir liberdade quanto a determinações de tipo biológico, psicológico, econômico, social etc. As concepções sobre essas determinações, nas diversas culturas e épocas históricas, tornam difícil definir com precisão a ideia de liberdade.

Do ponto de vista legal, o indivíduo é livre quando a sociedade não lhe impõe nenhum limite injusto, desnecessário ou absurdo. A sociedade também deve proteger seus direitos, isto é, suas liberdades, poderes e privilégios básicos. Uma sociedade livre dá condições para que seus membros desfrutem, igualmente, da mesma liberdade. Em 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que engloba os direitos e a liberdade que a Organização das Nações Unidas (ONU) considera que devam ser os objetivos de todas as nações.

O desejo de liberdade é um sentimento profundamente arraigado no ser humano. Situações como a escolha da profissão, o casamento e o compromisso político fazem o homem enfrentar a si mesmo e exigem dele uma decisão responsável quanto a seu próprio futuro.

A liberdade se manifesta à consciência como uma certeza primária que perpassa toda a existência, especialmente nos momentos em que se deve tomar decisões importantes e nos quais o indivíduo sente que pode comprometer sua vida.

O consenso universal reconhece a responsabilidade do indivíduo sobre suas ações em circunstâncias normais, e em razão disso o premia por seus méritos e o castiga por seus erros. Considerar que alguém não é responsável por seus atos implica diminuí-lo em suas faculdades humanas, uma vez que só aquele que desfruta plenamente de sua liberdade tem reconhecida sua dignidade.

O homem tende a exercer a liberdade em todas as ações externas. Quando elas são cerceadas, frustram-se o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo e desprezam-se seus direitos e sua dignidade. Entretanto, apesar de toda a violência externa (e em certo grau também as pressões internas), as pessoas são muitas vezes capazes de manter a liberdade de arbítrio sobre seus atos internos (pensamentos, desejos, amor, ódio, consentimento moral ou recusa), preservando assim sua integridade e dignidade, como acontece com pessoas submetidas a situações extremas de privação de liberdades.

Foram as próprias dificuldades teóricas inerentes ao conceito de liberdade que levaram as ciências humanas e sociais a preferirem o termo plural e concreto "liberdades" ao ideal absoluto de "liberdade". Assim, deixando de lado a discussão especificamente filosófica e psicológica, considera-se, cada vez mais, a liberdade como soma das diversas liberdades específicas. Fala-se correntemente em liberdades públicas, políticas, sindicais, econômicas, de opinião, de pensamento, de religião etc. Embora tal procedimento não resolva o problema teórico da natureza da liberdade, pelo menos possibilita avançar na reflexão e nos esforços para ampliar, cada vez mais, o exercício de uma faculdade de importância primordial na vida dos homens e das sociedades.

Projeto Renasce Brasil. Disponível em: <www.renascebrasil.com.br/f_liberdade2.htm>. Acesso em: 19 jul. 2012.

Texto 2

Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada, que você pode usar do jeito que quiser.

Propaganda de calça jeans na década de 1970.

Texto 3

A liberdade

Minha liberdade, escreve um filósofo, é o poder fundamental que tenho de ser o sujeito de todas as minhas experiências. Por atos de liberdade, interpretamos nossa situação – valores, normas, princípios – e dessa interpretação nasce em nós a aceitação ou a recusa, a interiorização ou a transgressão, a continuação ou a criação. A ação mais alta da vida livre, disse Nietzsche, é nosso poder para avaliar os valores.

O filósofo grego Epicuro escreveu: "O essencial para nossa felicidade é nossa condição íntima e dela somos senhores". Ser senhor de si – isto é, autônomo – e ser capaz de philia – isto é, de reciprocidade, de relação intersubjetiva como coexistência e não violência – é o núcleo da vida ética. Como disse Epicuro, "a justiça não existe por si própria, mas encontra-se sempre nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista entre os humanos o pacto de não causar nem sofrer dano".

Marilena Chaui. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

Texto 4

Texto 5

TÍTULO II
DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III – ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V – é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

[...]

Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

Depois de ler os textos que formam a coletânea acima, escreva uma dissertação em prosa, de caráter argumentativo-expositivo em que discuta o tema:

Uma sociedade livre dá condições para que seus membros desfrutem, igualmente, da mesma liberdade.

Projeto Renasce Brasil. *Liberdade*. Disponível em: <www.renascebrasil.com.br/f_liberdade2.htm>.

Observe:

1. Trata-se de tema reflexivo-filosófico.
2. Você pode concordar ou discordar do tema.
3. O título é obrigatório.
4. Escreva no mínimo 28 linhas.
5. É necessário mencionar pelo menos dois dos textos da coletânea como apoio, exemplo ou indicação temática.

Unesp 2013 (Adapt.)

Desde pequeno, você vem sendo submetido, na escola, à prática de escrever. Com o passar do tempo, as exigências se tornaram cada vez maiores para que você aumentasse a qualidade de seus textos e não demorou muito para perceber que lá adiante, no fim do túnel do Ensino Médio, haveria uma prova muito importante, com bom peso na nota: a redação no vestibular. Nesse trajeto, em muitos momentos, você se perguntou: Afinal, para que escrever? Para que fazer uma boa redação? Só para passar no vestibular? Na era da internet, para que eu tenho de aprender a redigir, se a comunicação visual funciona muito melhor? Eu não sou escritor, não preciso saber criar textos!

E isso o que você pensa mesmo? Ou são apenas desabafos? Pois chegou a hora de dizer realmente o que pensa sobre o escrever. Para Clarice Lispector, escrever é maldição e salvação. Para Syd Field, é uma atividade profissional muito importante dentro da atividade geral da arte cinematográfica. E para você?

Com base nestes comentários e em sua própria experiência, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

ESCREVER: O TRABALHO E A INSPIRAÇÃO.

UFES 2013

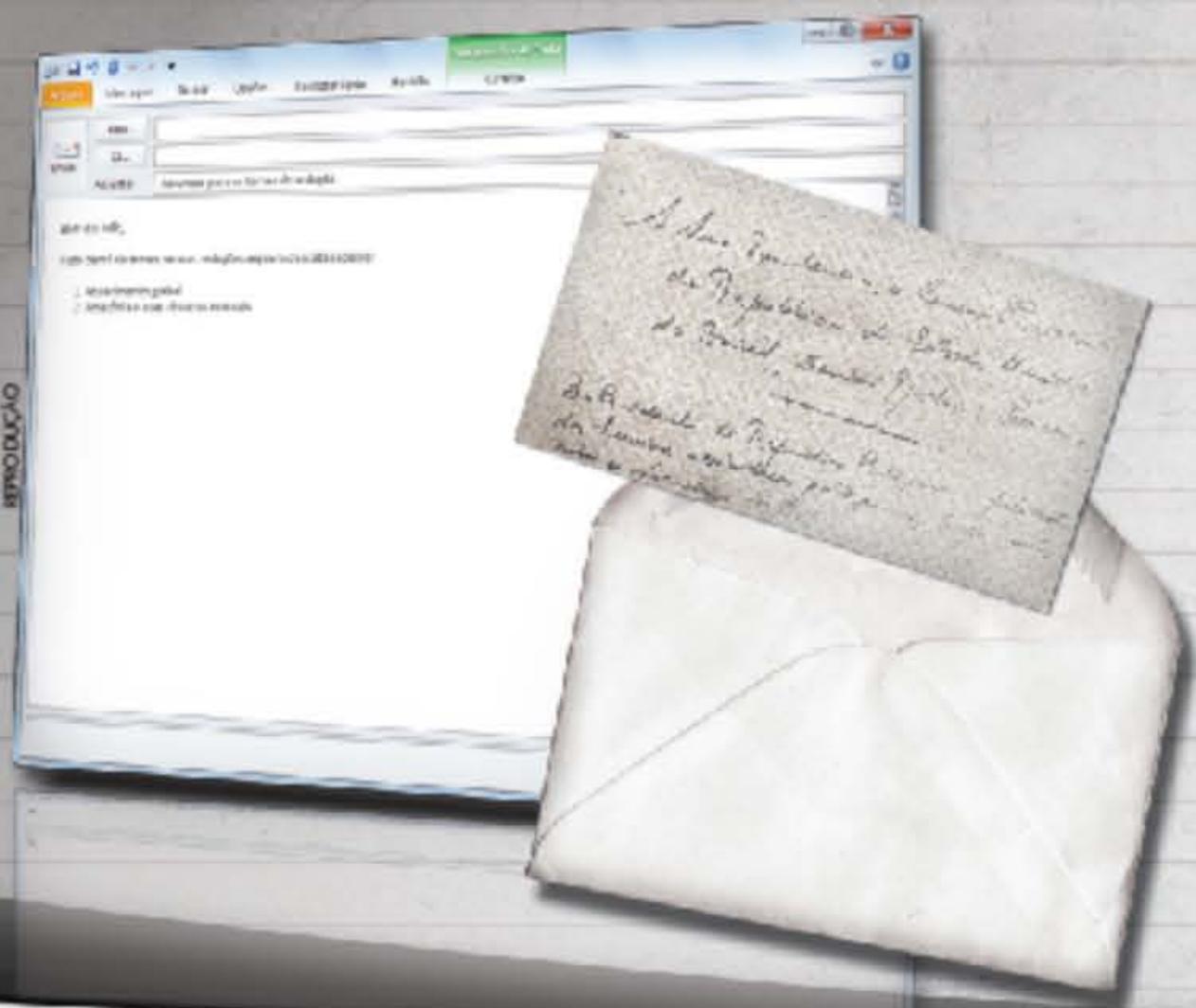
Em 2002, a UFES, em seu processo seletivo, propôs uma questão em que a leitura foi tema de debate. Os estudantes brasileiros liam muito pouco. Passados dez anos, levando-se em conta os resultados da pesquisa abaixo, percebe-se que a situação relativa à leitura de jornais, revistas, livros e textos da internet não melhorou.

Quadro reproduzido rigorosamente de acordo com o original.

Disponível em: <www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2012.

Elabore um texto argumentativo em que sejam sugeridas alternativas e ações que possam contribuir para que o Brasil se torne uma nação de muitos leitores.

A carta



Já escrevemos alguma vez uma carta – até mesmo um *e-mail* – e ela sempre está direcionada a alguém em especial, com identidade.

Sabemos também que uma carta, por mais familiar que seja, defende um ponto de vista, um fato ou um acontecimento.

A carta do vestibular, embora seja uma dissertação em primeira pessoa, não se dirige a um interlocutor qualquer. Ele tem identidade, fez uma declaração que precisamos, a fim de expor os nossos pontos de vista.

A linguagem que devemos utilizar é simples, mas contundente, porque precisamos persuadir a quem nos dirigimos.

Há muito tempo, sim, não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias [...]

Carlos Drummond de Andrade. "Carta".

Todos nós, alguma vez na vida, já escrevemos uma carta, ainda que sob a forma de um *e-mail*, para saber ou dar notícias a alguém, contar nossas histórias ou mesmo declarar nosso amor a outra pessoa, defender um ponto de vista ou solicitar algo, reclamar, enfim, para nos comunicar.

Beethoven escreve à Amada imortal

6 de julho, de manhã

Meu anjo, meu tudo, meu eu! Apenas poucas palavras e com lápis (com o teu). Somente amanhã conhecerei minha residência, com certeza: quanto indigno desperdício de tempo com estas coisas! Por que profunda tristeza onde fala a necessidade? Pode subsistir nosso amor por outro meio além do sacrifício e da renúncia a tudo? Podes mudar esta situação em que não sou todo teu nem tu toda minha? Ah! Deus, fita a bela natureza e tranquiliza tua alma diante do irremediável! O amor exige tudo e com razão; assim o sinto frente a ti e tu frente a mim. Só que olvidas facilmente que devo viver tanto para mim como para ti. Se nossa união fosse completa, esta dor não nos afligiria nem a ti nem a mim.

Fig. 1 Ludwig van Beethoven.

Minha viagem foi terrível. Cheguei somente ontem, às quatro da madrugada. Porque faltaram cavalos, a diligência alterou o roteiro, mas que espantoso caminho! Na última etapa preveniram-me contra a viagem noturna, fizeram-me temer um bosque, mas justamente isso me tentou e me enganei. A carruagem teve que irromper por um caminho tão horrível, de puro lamaçal! Sem contar com os quatro cocheiros teria ficado a meio do caminho. Esterhazy teve o mesmo destino no caminho usual, contando ele com oito cavalos e eu com quatro. Não obstante, senti certo prazer, como sempre que venço felizmente alguma contrariedade.

Agora, rapidamente, das coisas exteriores ao íntimo! Ver-nos-emos logo, certamente. Não posso comunicar-te hoje as observações feitas nestes dias sobre minha vida. Se nossos corações pulsassem sempre juntos, não as faria, por certo. O peito está cheio, desejoso de dizer-te muita coisa. Aí, em certos momentos sinto como a língua nada significa. Alegra-te, permanece meu fiel e único tesouro, meu todo, como eu para ti. O resto pertence aos deuses. O que deve e tem que ser conosco.

De noite, segunda-feira, 6 de julho.

Sofres, meu ser mais querido. Neste momento descubro que as cartas precisam ser despachadas de manhã, bem cedo, às segundas e quintas-feiras únicos dias em que o correio parte daqui para K. Sofres, ah! Onde estou, estás comigo e contigo converso. Faze que possa viver contigo! Que vida! Assim! Sem ti, perseguido aqui e ali pela bondade dos homens que acredito querer merecer tão pouco como a mereço. A humildade do homem diante do homem, dói-me. E me contemplo no contexto do universo; que sou? E que representa esse a quem chamam o maior? E, não obstante, creio que nisto reside o divino do homem.

Choro pensando que provavelmente apenas no sábado receberás a primeira notícia minha. Por muito que me estimes, mais te amo eu. Nunca, porém, procures esconder-me algo. Boa noite! Preciso deitar-me cedo para tomar os banhos de madrugada. Ah, Deus, tão próxima! Tão distantes! Não é verdadeira cúpula celestial nosso amor? E tão firme como a fortaleza do céu.

Bom dia! 7 de julho

Deitado na cama, atropelam-se meus pensamentos para ti, minha amada imortal; às vezes alegres, logo tristes, à espera de que o destino nos favoreça. Apenas posso viver inteiramente contigo ou não posso viver. Sim, resolvi vagar pelas distâncias até o instante em que possa voar até teus braços e ter em ti a minha pátria para enviar minha alma rodeada por ti ao país dos espíritos. Sim, desgraçadamente, assim há de ser. Consolar-te-ás, tanto mais porque conheces minha fidelidade por ti. Jamais outra poderá possuir meu coração, nunca, nunca! Oh, Deus, por que ter que se distanciar do que tanto se ama? Minha atual vida em Viena, todavia, é uma existência miserável. Teu amor me converte simultaneamente no homem mais feliz e no mais infeliz. Em minha idade necessitaria de certa estabilidade, uma vida equilibrada; esta, porém, pode existir em nossas circunstâncias atuais?

Anjo, acabo de saber que o correio sai todos os dias e preciso concluir para que recebas esta quanto antes. Fica tranquila! Somente contemplando com calma nossa situação poderemos realizar nosso anelo: viver juntos. Tranquiliza-te, ama-me! Hoje, ontem, que nostalgia, com lágrimas, até ti, minha vida: meu todo! Adeus! Oh! Continua amando-me, jamais desconheças o coração mais fiel de teu

Amado Ludwig.

Eternamente teu,
Eternamente minha,
Eternamente nós!

Kurt Pahlen. *Amada Imortal*. Tradução de Genésio Pereira Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

Claro que você está se perguntando agora por que escolhemos este texto como exemplo de carta argumentativa para o vestibular, uma vez que ele trata de uma circunstância aparentemente apenas amorosa. No entanto, observe bem como o autor coloca os fatos.

1. Em primeiro lugar, a linguagem está adaptada ao interlocutor; portanto, aceitam-se as expressões "minha amada imortal" e "anjo", por exemplo. Adaptar nossa linguagem à do interlocutor, em uma carta, é extremamente importante.
2. Em segundo, observe que o emissor usa um **tom persuasivo**, de convencimento, embora o texto esteja pleno de metáforas.
3. Na sequência, dá exemplos, observa, exemplifica.
4. Ao finalizar a carta, indica direcionamentos e uma espécie de conclusão.

O interlocutor

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando.

Milton Nascimento; Fernando Brant. "Encontros e despedidas". Intérprete: Milton Nascimento. *In: Encontros e despedidas*. Brasil: PolyGram, 1985. Faixa 8.

Quando escrevemos uma redação dissertativa, escrevemos para o que se chama "interlocutor universal": é para ele que nos dirigimos, embora muitas vezes confundamos, acreditando que escrevemos para um "corretor". Defendemos um ponto de vista, está certo, mas não se dirige a ninguém em especial.

E na carta para o vestibular?

Na carta, nós nos dirigimos a um **interlocutor específico**, literalmente citado no enunciado, ao qual nos referimos para **persuadi-lo** de algo com relação a uma ideia dele originária e amplamente divulgada por meio de noticiário (jornais, revistas, televisão ou rádio).

Mais: em alguns vestibulares, o enunciado pede para que você rebata os argumentos usados pelo interlocutor, tendo que, portanto, contrariá-lo e convencê-lo dos argumentos que você apresenta.

Observe como exemplo uma das propostas de carta do vestibular da Unicamp.

Tema C

Nos últimos tempos, vêm ocorrendo intensas discussões a propósito dos meios de combater a violência praticada por menores, nas grandes cidades. Um exemplo é a divergência de opiniões entre Nilton Cerqueira (Secretário Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro) e Benedito Domingos Mariano (Ouvidor da Polícia do Estado de São Paulo) [...].

Leia, a seguir, trechos dessa polêmica.

O Estatuto do Adolescente, como está hoje, é uma lei de proteção aos infratores. Quem rouba os tênis das crianças que vão ao colégio? Quem assalta as crianças nos ônibus? São os menores infratores. A lei acaba deixando desprotegida a maioria, que são as vítimas. Os infratores ficam em liberdade por causa da impossibilidade de uma atuação serena e enérgica dos policiais. Com isso, aqueles elementos de alta periculosidade têm campo aberto para suas ações criminais. E acabam acontecendo tragédias como a da Candelária ou a das mães de Acari, que até hoje não acharam seus filhos. Temos que cortar essas possibilidades retirando esses menores das ruas. [...] Ao contrário do que ocorre hoje, os menores infratores deveriam estar presos, sujeitos ao Código Penal.

General Nilton Cerqueira.

No Brasil é muito comum que as questões sociais não resolvidas se transformem em questão de polícia. É o caso dos milhares de meninos e meninas de rua, marginalizados pela sociedade e pelo Estado. Usados muitas vezes pelos 'pais' de rua, por maus policiais e pelos narcotraficantes, alguns meninos e meninas de rua são utilizados para atos delituosos leves ou graves. E, quando isso acontece, a tese de penalizar o adolescente aos 14 ou 16 anos vem à tona. [...] Onde estão as políticas públicas em nível nacional, estadual e municipal que proporcionem a prevenção à marginalidade e à delinquência?

[...] Não à penalização aos 14 ou 16 anos. Combatam-se as causas estruturais que alimentam a violência [...].

Benedito Domingos Mariano.

Se você acha

I. *que não se deve punir penalmente os menores de 18 anos, escreva uma carta ao General Nilton Cerqueira, rebatendo os argumentos por ele apresentados, contrapondo-lhe outros que justifiquem a posição que você defende.*

ou

II. *que se deve punir penalmente os menores de 18 anos, escreva uma carta a Benedito Domingos Mariano, rebatendo os argumentos por ele apresentados, contrapondo-lhe outros que justifiquem a posição que você defende. Ao assinar a carta, use apenas as iniciais de seu nome.*

ATENÇÃO!

Não se esqueça de que deve manter a interlocução o tempo todo, ou seja, você deve efetivamente dirigir-se (como se fosse uma conversa escrita) a "ele": o dono ou dona de sua carta. Prenda-o com suas ideias, com os pronomes de tratamento adequados, referenciando-o sempre.

A linguagem

Embora o foco desta proposta seja um determinado tipo de argumentação, o fato de que o contexto criado para este exercício é o de uma carta implica também algumas expectativas quanto à forma do seu texto. Por exemplo, ***é necessário estabelecer e manter a interlocução, usar uma linguagem compatível com o interlocutor*** *(por exemplo, não se dirigir ao Papa com um jovial "E aí, Santidade, tudo em cima?", muito menos despedir-se de tão beatífica figura com "Pô, cara, tu é do mal!"). Mas que fique bem claro: no cumprimento da proposta em que é exigida uma carta argumentativa, não basta dar ao texto a organização de uma carta, mesmo que a interlocução seja natural e coerentemente mantida; é necessário argumentar.*

Unicamp. Disponível em: <www.convest.unicamp.br/vest99/redacao/item3.html>. Acesso em: 18 jul. 2012.

Veja o que você acabou de ler: **a linguagem deve estar perfeitamente adaptada ao interlocutor**. Isso quer dizer, no mínimo, que você jamais se dirigiria ao jogador Ronaldinho com um sonoro "Vossa Excelência"; mas em se tratando de um ministro ou do presidente, certamente o termo seria mais adequado.

Procure usar a linguagem na qual você "caiba" e que saiba como conduzir. Fuja aos vocábulos complicados ou de termos que você não tenha certeza do que signifiquem.

Se se utilizar de uma linguagem sem pretensões de se transformar em discurso privilegiado, pode mantê-la sob controle e, portanto, coordenar a coerência interna e a coesão com muito maior facilidade.

Os pronomes de tratamento

Qual o pronome de tratamento mais adequado para ser usado em uma carta?

O melhor, sem dúvida alguma, são os velhos "Senhor" e "Senhora". Mas veja abaixo os principais pronomes utilizados.

Pronome	Abreviatura		Emprego
	Singular	Plural	
Você	v.	-	Tratamento familiar
Vossa Alteza	V.ª	VV.AA	Príncipes, princesas, duques
Vossa Eminência	V.Em.ª	V.Em.as	Cardeais
Vossa Excelência	V.Ex.ª	V.Ex.as	Altas autoridades
Vossa Magnificência	V.Mag.ª	V.Mag.mas	Reitores de Universidade
Vossa Majestade	V.M.	VV.MM.	Reis, imperadores
Vossa Meritíssima	Usado por extenso		Juízes de direito
Vossa Reverendíssima	V.Rev.ma	V.Rev.mas	Sacerdotes
Vossa Senhoria	V.S.ª	V.S.as	Autoridades em geral e particulares

Tab. 1 Pronomes de tratamento.

TEXTO COMPLEMENTAR

O que não fazer em um vestibular com relação à carta?

O estilo circular, parnasianíssimo, deve ser evitado, assim como o tom pomposo e fora de uso. No texto abaixo, capítulo inteiro de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, o narrador faz uma brincadeira com o estilo de Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Coelho Neto e Rui Barbosa. E há Camões de permeio; leia:

Às mui queridas súbditas nossas, Senhoras Amazonas.
Trinta de Maio de Mil Novecentos e Vinte e Seis, São Paulo.

Senhoras:

Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-vos, entretanto, iniciar estas linhas de saùdade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo – a maior do universo, no dizer de seus prolixos habitantes – não sois conhecidas por "icamiabas", vos espúria, sinão que pelo apelativo de Amazonas; e de vós, se afirma, cavalgardes ginetes belígeros e virdes da Hélade clássica; e assim sois chamadas. Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates da erudição, porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heroicas e mais conspícuas, tocadas por essa plátina respeitável da tradição e da pureza antiga.

[...]

Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre Nós. Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que outrém grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitan e até mesmo muraqué-tã, não sorriais! Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar às vossas trompas de Eustáquio, é quasi desconhecido por aqui. [...]

Apenas alguns "sujeitos de importância em virtude e letras", como já dizia o bom velhinho e clássico frei Luís de Souza, citado pelo doutor Rui Barbosa, ainda sobre as muiraquitãs projectam as suas luzes, para aquilatá-las de mediocre valia, originárias da Ásia, e não de vossos dedos, violentos no polir.

Estávamos ainda abatido por termos perdido a nossa muiraquitã, em forma de sáurio, quando talvez por algum influxo metapsíquico, ou, qui lo sá, provocado por algum libido saùdoso, como explica o sábio tudesco, doutor Sigmund Freud (lede Fróide), se nos deparou em sonho um arcanjo maravilhoso. Por ele soubemos que o talismã perdido estava nas diletas mãos do doutor Venceslau Pietro Pietra, súbdito do Vice-Reinado do Peru, e de origem francamente florentina, como os Cavalcantis de Pernambuco. E como o doutor demorasse na ilustre cidade anchietana, sem demora nós partimos para cá, em busca do velocino roubado.

[...]

Porque, súbditas dilectas, é incontestável que Nós, Imperator vosso, nos achamos em precária condição. O tesouro que d'aí trouxemos, foi-nos de mister convertê-lo em moeda corrente do país; e tal conversão muito nos há dificultado o mantenimento, devido às oscilações do câmbio do Câmbio e à baixa do cacau.

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que às chuvas do vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente, dão o nome de lagostas. E que monstros encantados, senhoras Amazonas!!!

[...] Ainda lhes difere o físico, tanto ou quanto monstruoso, bem que de amável monstruosidade, por terem elas o cérebro nas partes pudendas, e, como tão bem se diz em linguagem madrigalesca, o coração nas mãos.

[...] Por isso e para eterna lembrança destes paulistas, que são a única gente útil do país, e por isso chamados de locomotivas, nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça:

"POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO."

Este dístico é que houvemos por bem escrevermos no livro de Visitantes Ilustres do Instituto Butantã, quando foi da nossa visita a esse estabelecimento famoso na Europa.

[...] Com pouco o vosso abstêmio Imperador se contenta; si não puderdes enviar duzentas igaras cheias de bagos de cacau, mandai cem, ou mesmo, cinquenta!

Recebei a bênção do vosso Imperador e mais saúde e fraternidade. Acatai com respeito e obediência estas mal traçadas linhas; e, principalmente, não os esqueçais das alvíssaras e das polonesas, de que muito hemos mister.

Ci guarde Vossas Excias.

Macunaíma, Imperator.

Mario de Andrade. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter.* Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 97-8, 102, 106 e 109.

missiva: carta; **prolixos:** muito longo, difuso, enfadonho; **espúria:** sem pureza alguma, pecadora; **conspícuo:** sério, grave, respeitável; **madrigalesca:** relativa a madrigal: composição poético-musical que, no séc. XIV e sob a forma de desenvolvimento e aperfeiçoamento da frótola, no séc. XVI, constituiu um dos gêneros mais importantes da música profana italiana, no qual o elemento literário tem papel preponderante. era escrita para uma ou mais vozes (cinco e até seis no madrigal clássico do séc. XVI), com acompanhamento instrumental (alaúde, clavicímbalo, harpa); **abstêmio:** que ou aquele que se abstem de bebidas alcóolicas, que é sóbrio; **igaras:** canoas.

SAIBA MAIS

- Existem umas palavras que são pedras no sapato:
  aborígine, exceção, terraplenagem, beneficente, cabeleireiro, checape, caranguejo, facínora, gastrenterite, irrequieto, meteorologia, manteigueira, prazerosamente, obsessão.
- E mais:
  umedecer, pichar, jiló, infravermelho, esterçar, espontâneo, esplendoroso, endemoninhado.

Proposta de Redação

Instruções:

Leia o texto abaixo e, em seguida, localize uma opinião da qual discorde. Com base nela, escreva uma carta ao emissor de tal opinião. Não se esqueça de que:

1. a carta deve ser escrita integralmente em primeira pessoa;
2. nela, não se pode perder de vista o aspecto interlocutório: para isso, dirija-se ao seu interlocutor;
3. o tom persuasivo (de convencimento) deve ser mantido;
4. assine somente com suas iniciais;
5. antes de iniciar a carta, destaque cidade, data e vocativo.

Livre para copiar

Artistas abrem mão do *copyright* como estratégia para divulgar sua obra e ganhar mercado

Quem pertenceu à geração do disco de vinil certamente compartilhou alguma vez qualquer LP com um parente ou amigo, gravando-o numa fita cassete. A cópia era um recurso bastante utilizado principalmente entre aqueles que não tinham dinheiro para comprar o disco, mas acontecia numa escala que nem sequer arranhava os lucros da indústria fonográfica. Foi-se a vitrola, veio a internet, e essa mesma prática ganhou proporções assustadoras. Hoje, basta instalar no computador um programa de compartilhamento de arquivos, como o eMule, e é possível trocar músicas com milhões de pessoas em qualquer parte do planeta. A dificuldade de controlar a difusão de conteúdo gratuito na rede mundial levou Lawrence Lessig, professor de Direito da Universidade Americana Stanford, a idealizar, em 2001, um conceito novo para que artistas atrás da fama pudessem tirar proveito da questão. O Creative Commons (CC), um conjunto de licenças autorais com as quais o criador permite acesso livre à sua obra, oficializa a cópia privada – ou pirataria sem fins lucrativos. Na prática, em vez de ter "todos os direitos reservados", como asseguram as leis de copyright, o autor opta por ter "alguns direitos reservados", como a exclusividade do uso comercial, mas permite que a obra seja reproduzida por qualquer pessoa ou até modificada, sem que isso configure crime.

É uma estratégia de negócio. Parte do pressuposto de que, quanto mais a obra circula, maior é seu valor de mercado. O CC foi recebido com desconfiança no princípio, mas em três anos já tinha 60 milhões de obras licenciadas. Hoje o número passa dos 140 milhões. No Brasil, músicos como BNegão, DJ Dolores e o grupo Mombojó atingiram relativa projeção liberando suas obras pela licença. [...] Gilberto Gil cedeu todo o disco O Sol de Oslo, lançado em 1998 (embora não tenha aberto mão dos direitos de nenhum grande sucesso da carreira). Fora do país, grupos de rock importantes como Pearl Jam e Radiohead licenciaram algumas obras pelo CC de olho no efeito viral da divulgação. Foi a mesma estratégia utilizada por Fernando Gabeira com seu livro Navegação na neblina [...] e pelo cineasta Bruno Vianna com o filme Cafuné, primeiro longa-metragem em CC no país.

"É raríssimo um autor brasileiro, sobretudo da área acadêmica, ganhar dinheiro com direitos autorais. Eu quero é que a comunidade leia e discuta o meu livro, para isso a licença é mais interessante", diz o jurista Joaquim Falcão, que lançou A favor da democracia (Fundação Joaquim Nabuco), licenciado pelo Creative Commons. Desde que nenhuma empresa detenha os direitos, qualquer autor pode autorizar o uso gratuito da sua obra. A vantagem do CC é que expressa esse desejo em larga escala e com validade jurídica, sem a necessidade de autorização individual, o que facilita a difusão. Além disso, o selo Creative Commons se tornou uma grife de respaldo principalmente fora do Brasil, onde existe um policiamento maior na internet, e cresce a busca por conteúdos legais.

Para a produtora e empresária Paula Lavigne, que administra os direitos autorais de Caetano Veloso, a opção é perigosa. "É uma alternativa para quem pode brincar disso", ironiza. "Temos primeiro de resolver o problema da arrecadação de direitos autorais, que aqui ainda é muito atrasada. Você abre um precedente desses e o Brasil vai virar terra de ninguém." A lógica da gratuidade de fato não faz sentido para a indústria do entretenimento, que estruturou seu modelo de negócio em cima dos direitos autorais, mas é bastante útil para artistas que querem ver seu trabalho circulando. Quando lançou seu disco solo Enxugando Gelo, em 2003, o músico carioca BNegão, 32 anos, ex-Planet Hemp, disponibilizou todo o conteúdo na rede com a licença do Creative Commons. O CD "físico" vendeu 15.000 cópias, uma vendagem razoável, mas a repercussão foi maior lá fora, onde o disco só chegou via internet. "Comecei a ser convidado para fazer shows na Espanha, Inglaterra, Alemanha e Dinamarca, e o público de lá era maior que o daqui", diz. Hoje, sua carreira é mais forte na Europa, e a principal fonte de receita são os shows.

O CC é válido para qualquer tipo de propriedade intelectual, incluindo fotos, projetos industriais ou fórmulas de remédio. Google e Yahoo! já oferecem ferramentas de busca somente para arquivos com esse tipo de licença. "Um dos jornais científicos mais citados no mundo, o Public Library of Science, liberou todo seu conteúdo por opção puramente econômica. O acesso livre aumentava o número de citações e por sua vez o prestígio do jornal", diz Ronaldo Lemos, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, um dos introdutores do conceito do CC no Brasil. Embora seja uma opção mais interessante para o autor, algumas empresas nacionais como a gravadora Trama também estão aderindo à lógica da distribuição gratuita. [...] "Disponibilizar gratuitamente na internet não atrapalha a venda do CD", garante João Marcello Bôscoli, diretor artístico da gravadora. "E, já que o público vai fazer isso de qualquer maneira, por que vou me posicionar contra?", questiona.

Marcelo Bortoloti. *Veja*, ed. 1978, 18 out. 2006, p. 111-2.

29 Elaborando um projeto de carta passo a passo

Uma carta é uma dissertação em primeira pessoa. Por um lado, isso traz um conforto enorme, porque nela podemos acomodar nossas ideias sem que as precisemos conter; mas, por outro, é preciso continuar lembrando que, ao escrever, precisamos nos dirigir a um interlocutor definido que, através da mídia e sendo muito conhecido, expôs ideias das quais podemos divergir.

Projeto de carta

Para escrever uma carta, é preciso pensar sempre na elaboração prévia do texto e não se esquecer de algumas coisas importantes quando se trata de **uma carta para o vestibular**.

1. Toda carta é uma dissertação em primeira pessoa e, portanto, você fica à vontade para expor seus próprios pontos de vista sobre o tema proposto.
2. Toda carta **pressupõe um interlocutor definido, perfeitamente identificado** (este, aliás, é pressuposto básico, uma vez que não se escreve para alguém que não existe enquanto ser).
3. Toda carta pressupõe também **um assunto definido sobre o qual deve-se dissertar**.
4. Toda carta pressupõe, ainda, definido o interlocutor, **o uso de pronome de tratamento específico**, embora, como já dissemos no capítulo anterior, o melhor entre os pronomes seja Senhor/Senhora.
5. Toda carta deve, necessariamente, **ter a linguagem adaptada ao interlocutor a quem se dirige** (não se escreve, por exemplo, a uma criança, com a linguagem do adulto tal como não se pode dirigi-la ao presidente da República em tom brincalhão).
6. Toda carta **defende um ponto de vista**, geralmente diferente do expresso pelo interlocutor.
7. **As marcas de interlocução devem, necessariamente, aparecer na carta**. Tome como exemplo o trecho de carta que, embora distante do modelo que deverá ser usado por você, foi escrita por Mário de Andrade a Manuel Bandeira. As marcas de interlocução estão em negrito.

São Paulo, 22-2-1922

Meu querido Manuel

Tua *carta merecia um grito imediato de agradecimento. Este vem agora unicamente, mas não tardio, porque eterno. Não* ***imaginas*** *quanto sou sensível à* ***tua*** *amizade e sinceridade. Deixa-me que* ***te*** *diga com toda a abundância de coração que* ***tu*** *és hoje para mim um dos meus maiores amigos, isto é, um homem junto do qual eu sou eu, ser aberto que se abandona. Creio nas afinidades eletivas. Sou* ***teu*** *irmão desde uma nunca esquecida tarde de domingo, em que num táxi o Guilherme (de Almeida) disse-me do aparecimento do "Carnaval" e recitou de cor alguns versos esparsos de* ***tua*** *obra. No dia seguinte, procurei o livro. Quando, para ler o "Pauliceia" na casa do Ronald, exigi dos amigos* ***tua*** *presença, não foi porque tivesse a curiosidade de* ***te*** *conhecer fisicamente. Foi um reconhecimento. Emprego a palavra com a sutileza dos poetas japoneses nos seus haicais. Com todas as significações e associações que ela desperta. E daí em diante esse reconhecimento não cessou de aumentar, florir, frutificar. Hoje* ***és****, não* ***te*** *ofenderás com a metáfora,*

és uma propriedade minha. És uma fazenda que eu comprei. Comprei com minha alma. O que prova que não foi propriamente uma aquisição: foi troca.

Observe bem o texto que você acabou de ler: nele, o modernista Mário de Andrade usa marcas típicas da interlocução: os pronomes, tu, teu, tua, te e os verbos cujas desinências também se referem a esses pronomes.

Manter a interlocução é isso: dirigir-se, no corpo da carta, a alguém que pretendemos alcançar e lá deixar as marcas exatas que estabelecem a relação entre codificador e decodificador.

7. **Os argumentos que você vai usar deverão ser bem cuidados**, encadeados, na ordem certa, a fim de se conseguir causar impacto (e convencer) seu interlocutor.
8. Não se esquecer de que **a coesão também interfere na coerência**; portanto, cuide bem da regência verbal, nominal. Além disso, observe bem os pronomes relativos: eles são responsáveis pelas desconexões frasais, ambiguidades generalizadas; veja:

   A filha do gerente do supermercado que matou o rapaz.

9. Por fim, lembre-se: sua carta obrigatoriamente conterá: cidade, data, vocativo. Ao assiná-la, USE APENAS AS SUAS INICIAIS.

TEXTO COMPLEMENTAR

Carta-testamento de Getúlio Vargas

Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma.

A Eletrobras foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 50% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 10 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Queremos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado.

Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação.

Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém, meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida.

Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 23 ago. 1954.

Proposta de Redação

Texto 1

A visão moderna do desenvolvimento econômico é aquela que valoriza o trabalhador e sua família, o cidadão e sua comunidade, oferecendo acesso à educação e saúde de qualidade. É aquela que convive com o meio ambiente sem agredi-lo e sem criar passivos maiores que as conquistas do próprio desenvolvimento.

Trecho do primeiro discurso de Dilma Rousseff após ser pronunciada eleita pelo Supremo Tribunal Eleitoral, no dia 31.10.2010.

Texto 2

A arte de ver

[...]

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

[...]

Rubem Alves. "A complicada arte de ver". *Folha de S.Paulo*, Sinapse, 26 out. 2004.

Texto 3

ESTHER P. S. ROSADO

Texto 4

XLV - Um Renque de Árvores

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.

Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.

Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,

Que traçam linhas de cousa a cousa,

Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,

E desenham paralelos de latitude e longitude

Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!

Alberto Caeiro. *Obra Poética e em Prosa*. Ed. António Quadros. Porto: Lello & Irmão, 1986.

Depois de ler os textos anteriores (inclusive o texto visual) e levando em conta a sua formação durante o Ensino Médio e sua experiência de vida (leituras de jornais, livros e revistas, por exemplo) redija uma carta argumentativa, em norma culta escrita da Língua Portuguesa, sobre o tema **homem *versus* natureza**. Essa carta poderá dirigir-se a:

1. Dilma Rousseff, questionando ou cobrando a postura demonstrada em seu primeiro discurso quando se referiu à natureza (texto 1).

   Nela, deverá constar uma reflexão sobre como as pessoas veem o mundo, seus habitantes, perigos, paisagens, frustrações, violência, ignorância, múltiplas esperanças, alegrias e inúmeras possibilidades.

2. Para o pensador e educador Rubem Alves, contestando o trecho que se encontra no texto 2, o qual se apoiou no poema de William Blake (*"A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê"*.). Em sua argumentação, lembre-se de destacar o pequeno trecho no qual o educador cita a vizinha e o ipê.

3. Você pode escrever ainda para a cantora e compositora Rita Lee, questionando se, frente à imensa destruição da natureza, ela ainda escreveria uma letra como "Baila comigo" ou teria outras prioridades quanto à questão de destruição do meio ambiente.

Seu texto não pode ultrapassar 35 linhas.

Não se esqueça de que:

1. a carta deve ser escrita integralmente em primeira pessoa;
2. nela, não se pode perder de vista o aspecto interlocutório: para isso, dirija-se ao seu interlocutor;
3. o tom persuasivo (de convencimento) deve ser mantido;
4. assine somente com suas iniciais;
5. antes de iniciar a carta, destaque cidade, data e vocativo.

Unicamp 2014

Em virtude dos problemas de trânsito, uma associação de moradores de uma grande cidade se mobilizou, buscou informações em textos e documentos variados e optou por elaborar uma **carta aberta**. **Você, como membro da associação**, ficou responsável por redigir a carta a ser divulgada nas redes sociais. Essa carta tem o objetivo de **reivindicar, junto às autoridades municipais, ações consistentes para a melhoria da mobilidade urbana na sua cidade**. Para estruturar a sua argumentação, utilize também informações apresentadas nos trechos abaixo, que foram lidos pelos membros da associação.

Atenção: assine a carta usando apenas as iniciais do remetente.

I

"A boa cidade, do ponto de vista da mobilidade, é a que possui mais opções", explica o planejador urbano Jeff Risom, do escritório dinamarquês Gehl Architects. E Londres está entre os melhores exemplos práticos dessa ideia aplicada às grandes metrópoles.

A capital inglesa adotou o pedágio urbano em 2003, diminuindo o número de automóveis em circulação e gerando uma receita anual que passou a ser reaplicada em melhorias no seu já consolidado sistema de transporte público. Com menos carros e com a redução da velocidade máxima permitida, as ruas tornaram-se mais seguras para que fossem adotadas políticas que priorizassem a bicicleta como meio de transporte. Em 2010, Londres importou o modelo criado em 2005 em Lyon, na França, de bikes públicas de aluguel. Em paralelo, começou a construir uma rede de ciclovias e determinou que as faixas de ônibus fossem compartilhadas com ciclistas, com um programa de educação massiva dos motoristas de coletivos. Percorrer as ruas usando o meio de transporte mais conveniente – e não sempre o mesmo – ajuda a resolver o problema do trânsito e ainda contribui com a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

Natália Garcia. 8 iniciativas urbanas inspiradoras. *Red Report*, fev. 2013, p. 63. Disponível em: <http://cidadesparapessoas.com/2013/06/29/pedalando-por-cidades-inspiradorass/>. Acesso em: 06 set. 2013.

II

Mas, afinal, qual é o custo da morosidade dos deslocamentos urbanos na região metropolitana de São Paulo? Não é muito difícil fazer um cálculo aproximado.

Podemos aceitar como tempo normal, com muita boa vontade, uma hora diária. Assim, o tempo médio perdido com os congestionamentos em São Paulo é superior a uma hora por dia. Sendo a jornada de trabalho igual a oito horas, é fácil verificar que o tempo perdido é de cerca de 12,5% da jornada de trabalho. O valor monetário do tempo perdido é de R$ 62,5 bilhões por ano.

Esse é o custo social anual da lentidão do trânsito em São Paulo.

André Franco Montoro Filho. O custo da (falta de) mobilidade urbana. *Folha de São Paulo*, Caderno Opinião, São Paulo, 04 ago. 2013. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/opiniao2013/08/1321280-andre-francomontoro-filho-o-custo-da-falta-de-mobilidade-urbana_shtml>. Acesso em 09 set. 2013. (Adapt.).

III

Torna-se cada vez mais evidente que não há como escapar da progressiva limitação das viagens motorizadas, seja aproximando os locais de moradia dos locais de trabalho ou de acesso aos serviços essenciais, seja ampliando o modo coletivo e os meios não motorizados de transporte.

Evidentemente que não se pode reconstruir as cidades, porém são possíveis e necessárias a formação e a consolidação de novas centralidades urbanas, com a descentralização de equipamentos sociais, a informatização e descentralização de serviços públicos e, sobretudo, com a ocupação dos vazios urbanos, modificando-se, assim, os fatores geradores de viagens e diminuindo-se as necessidades de deslocamentos, principalmente motorizados.

BRASIL. Ministério das Cidades. Caderno para a Elaboração de Plano Diretor de Transporte e da Mobilidade. Secretaria Nacional de Transportes e de Mobilidade Urbana [SeMob], 2007, p. 22-23. Disponível em: <www.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/03/21/79121770-A746-45A0-BD32-850391F983B 5.pdf>. Acesso em: 06 set. 2013.

6 Os discursos narrativos

Os discursos narrativos representam a maneira como o narrador coloca à disposição do leitor a fala das personagens. As personagens "falam" de variadas maneiras dentro das histórias que são contadas nos livros.

Muitas vezes, o narrador opta por colocar a personagem "falando" diretamente com o leitor e há marcas – geralmente os dois pontos e travessões – específicas para que isso aconteça. Quando o discurso direto é usado, as informações que as personagens emitem vêm sempre carregadas de verbos no tempo presente, os quais remetem aos fatos que acontecem no momento em que a fala é dita.

Outra maneira muito comum de indicar falas é através do discurso indireto. Nesse caso, as conjunções integrantes *que* e *se* aparecem e o narrador "fala" indiretamente pelas criaturas habitantes da ficção.

Dos tipos de discurso, o mais difícil de ser compreendido e identificado é o indireto livre. Aparecerá sempre em terceira pessoa, com narrador onisciente. Nele, aglutinam-se as falas da personagem e do narrador. Misturam-se, revelando a aproximação profunda que se formaliza entre os integrantes do discurso narrativo e vêm à tona a captação dos sentimentos mais profundos, das angústias e medos, das alegrias, pesares, raciocínios. Um exemplo de obra que possui o discurso indiretro livre é *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Os discursos narrativos são elementos essenciais para tornar mais vivos os integrantes das histórias de ficção.

Tipos de discursos

Ao longo do capítulo, *discurso* deve ser entendido como a maneira que o narrador expõe a fala das personagens. São três os tipos de discurso: direto, indireto, indireto livre.

Discurso Direto

É o mais comum dentre os três tipos; nele, o narrador "deixa" a personagem falar diretamente com o leitor, reproduzindo integralmente o que ela diz. Geralmente, usa-se o travessão para iniciar tal discurso. Leia:

O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas: mal caiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fora, e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, e atracou às pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguês a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos. Com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguês sofreu um formidável batismo de água de sabão.

– Ora, mestre, esta não está má!...

– Senhor, balbuciou este... a culpa deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão trêmula nessa direção.

O compadre olhou também, aplicou a atenção, e ouviu então os soluços da Maria.

– Ham! resmungou; já sei o que há de ser... eu bem dizia... ora ai está!... E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Manuel Antônio de Almeida. "Primeiros Infortúnios". *Memórias de um sargento de milícias*, cap. II.

O discurso direto é considerado mais "natural"; o narrador, para introduzi-lo na narrativa, precisa utilizar-se dos chamados verbos *dicendi* ou *declarativos*, que introduzem as falas das personagens. Os verbos mais frequentes são: falar, dizer, observar, retrucar, responder, replicar, exclamar, aconselhar, gritar.

Antes das falas das personagens aparece, com frequência, o uso de dois pontos e travessão. Há autores, no entanto, que preferem, em vez do travessão, colocar entre aspas as falas das personagens.

"Quando lhe entreguei a folha de hera com formato de coração (um coração de nervuras trementes se abrindo em leque até as bordas verde-azuladas), ela beijou a folha e levou-a ao peito. Espetou-a na malha do suéter: "Esta vai ser guardada aqui". Mas não me olhou nem mesmo quando eu saí tropeçando no cesto.

Lygia Fagundes Telles. "Herbarium". *Os melhores contos.*

ATENÇÃO!

Existe em José Saramago, por exemplo, uma "desobediência" ao preceito do discurso direto. Ele não usa dois pontos ou travessão e "emenda" as falas através de vírgulas, usando apenas iniciais maiúsculas depois delas para indicar a mudança da fala da personagem.

Fig. 1 José Saramago.

Não sei o que me aconteceu, o pau estava no chão, agarrei-o e fiz o risco, Nem lhe passou pela ideia que poderia ser uma varinha de condão, Para varinha de condão pareceu-me grande, e as varinhas de condão sempre eu ouvi dizer que são feitas de ouro e cristal, com um banho de luz e uma estrela na ponta, Sabia que a vara era de negrilho, Eu de árvores conheço pouco, disseram-me depois que negrilho é o mesmo que ulmeiro, sendo ulmeiro o mesmo que olmo, nenhum deles com poderes sobrenaturais, mesmo variando os nomes, mas, para o caso, estou que um pau de fósforo teria causado o mesmo efeito, Por que diz isso, O que tem que ser, tem de ser, e tem muita força, não se pode resistir-lhe, mil vezes o ouvi à gente mais velha, Acredita na fatalidade, Acredito no que tem de ser.

José Saramago. *Jangada de Pedra.*
Lisboa: Editorial Caminho SA, 1986.

Discurso indireto

Como o próprio nome esclarece, o narrador apresenta indiretamente a fala da personagem. Para tanto, terá que usar, necessariamente, as conjunções integrantes **que** e **se** ao introduzir tal discurso.

Veja o exemplo:

E a madrinha, Dona Isolina Vaz Costa (cuja especialidade era doce de ovos) foi de parecer que quanto à dicção ainda não está visto, mas quanto à expressão Cícero lembrava o Chabi Pinheiro. No entanto advertiu que do meio para o fim é que era mais difícil.

Antônio de A. Machado. *Novelas Paulistanas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. (Coleção Prestígio). p. 92-3.

Fôssemos passar o trecho acima para o discurso direto, teríamos:

E a madrinha, Dona Isolina Vaz Costa (cuja especialidade era doce de ovos) foi de parecer que quanto à dicção ainda não era visto, mas quanto à expressão Cícero lembrava o Chabi Pinheiro. No entanto advertiu:

– Do meio para o fim é que é mais difícil.

Outros exemplos:

Miguilim chorou de bruços, cumpriu tristeza, soluçou muitas vezes. Alguém disse que aconteciam casos, de cachorros dados, que levados para longes léguas, e que voltavam sempre em casa. Então, ele tomou esperança: a Pingo-de-Ouro ia voltar.

Guimarães Rosa.

No noivado da sua caçula Maria Aparecida, só por brincadeira, pediu que uma cigana muito famosa no bairro deitasse as cartas e lesse seu futuro. A mulher embaralhou as cartas encardidas, espalhou tudo na mesa e avisou que se ela fosse no próximo domingo à estação rodoviária, veria chegar um homem que iria mudar por completo sua vida [...].

Lygia Fagundes Telles. "Pomba Enamorada". *Os Melhores Contos.*
Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Discurso indireto livre

É o tipo de discurso mais difícil de analisar, pois é resultado da mistura entre os dois outros discursos. Há dois pressupostos básicos para que aconteça nas narrativas:

a) narrador em terceira pessoa;
b) narrador onisciente.

Muito usado nas narrativas contemporâneas, esse tipo de discurso quase não se registra, por exemplo, no Romantismo. O Realismo experimentou-o, mas coube à narrativa moderna desenvolvê-lo e usá-lo como recurso dos mais expressivos. Podemos defini-lo como sendo a captação do pensamento das personagens que vêm à tona em um texto de terceira pessoa, sem nenhuma marca indicadora de discurso direto (travessão, aspas) ou indireto (as conjunções integrantes):

Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as panelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.

Graciliano Ramos. *Vidas Secas.* 6 ed. São Paulo: Martins.

Mas a água, só a que lhe inundou de repente as partes, e lhe escorria pelas coxas abaixo, quente, viscosa, pesada...

Estremeceu. Poderia ainda continuar? Poderia ainda arrastar-se, cheia de febre, extenuada, em ferida, pela serra a cabo? E as dores, cada vez mais apertadas, que a varavam de lado a lado, a princípio rastejantes, quase voluptosas, e depois piores que facadas? Não, não podia continuar. Agora só atirar-se ao chão e, como no dia de São Martinho, rolar sobre a terra em brasa, negra, saibrosa, eiçada de tocos carbonizados, sem palha centeia e quebrar a dureza das arestas, e sem o desavergonhado do Armindo a cantar-lhe loas ao ouvido...

Aguilhoado de todos os lados, o corpo começou a torcer-se, aflito.

Miguel Torga. "Madalena". *In: Os Bichos.* Coimbra. 13 ed.
Coimbra: Gráfica Coimbra, 1983.

TEXTO COMPLEMENTAR

A linguagem

A palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são a nossa única realidade ou, pelo menos, o único testemunho de nossa realidade. Não há pensamento sem linguagem, nem tampouco objeto de conhecimento: a primeira coisa que o homem faz diante de uma realidade desconhecida é nomeá-la, batizá-la. Aquilo que ignoramos é o inominado. Toda aprendizagem principia com o ensinamento dos verdadeiros nomes das coisas e termina com a revelação da palavra-chave que nos abrirá as portas do saber. Ou com a confissão da ignorância: o silêncio. E, ainda assim, o silêncio diz alguma coisa, pois está prenhe de signos. Não podemos escapar da linguagem. Na verdade, os especialistas podem isolar o idioma e convertê-lo em objeto. Mas trata-se de um ser artificial arrancado de seu mundo original, já que, diversamente do que ocorre com os outros objetos da ciência, as palavras não vivem fora de nós. Nós somos o seu mundo e elas o nosso. Para capturar a linguagem não precisamos mais que usá-la. As redes de pescar palavras são feitas de palavras. Não pretendo com isso negar o valor dos estudos linguísticos. Mas as descobertas da linguística não devem nos fazer esquecer suas limitações: a linguagem, em sua realidade final, nos escapa. Essa realidade consiste em ser algo indivisível e inseparável do homem. A linguagem é uma condição da existência do homem e não um objeto, um organismo ou um sistema convencional de signos que podemos aceitar ou rejeitar. O estudo da linguagem, nesse sentido, é uma das partes de uma ciência total do homem.

Otávio Paz. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Abaixo, você pode observar uma fotografia; nela, encontre elementos para a construção de um texto narrativo.

Texto 1

Declaração Universal dos Direitos dos Animais

Todos os animais têm o mesmo direito à vida.

Todos os animais têm direito ao respeito e à proteção.

Nenhum animal deve ser maltratado.

Todos os animais selvagens têm o direito de viver livres no seu hábitat.

O animal que o homem escolher para companheiro não deve nunca ser abandonado.

Nenhum animal deve ser usado em experiências que lhe causem dor.

Todo ato que põe em risco a vida de um animal é um crime contra a vida.

A poluição e a destruição do meio ambiente são considerados crimes contra o animais.

Os diretos dos animais devem ser defendidos por lei.

O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais.

Unesco, 27 jan. 1978.

NELSON GARRIDO ROSADO

Texto 2

Artigo 64 do Decreto-Lei 3.688/1941:

Tratar animal com crueldade ou submetê-lo a trabalho excessivo.

Pena: Prisão simples, de 10 dias a um mês, ou multa.

Há mais de 30 anos, a Unesco proclamou a Declaração dos Direitos dos Animais. Apesar disso, cenas como a que você pode ver na foto acontecem: quem menos possui parece exercer com mais consciência a compaixão pelos ditos "animais irracionais".

Não é necessário considerar em sua redação o fato de a mulher da foto ser uma pedinte, mais é bom que você conheça esse dado. Lembre-se que todas as pessoas deste mundo têm perspectivas, sonhos e desejos. Qual a história vivida por ela e pelos animais?

Você deverá obrigatoriamente usar discursos diretos e indiretos em sua narrativa que será levada a efeito em 3ª pessoa.

Exercícios propostos

1 **Fuvest** Leia:

Tentei rir, para mostrar que não tinha nada. Nem por isso permitiu adiar a confidência, pegou em mim, levou-me ao quarto dela, acendeu vela, e ordenou-me que lhe dissesse tudo. Então eu perguntei-lhe, para principiar, quando é que ia para o seminário.

– Agora só para o ano, depois das férias.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*.

Neste excerto, que narra um fato ocorrido entre Bentinho e sua mãe, observa-se o emprego do discurso direto e do discurso indireto.

a) Transcreva os trechos em que é empregado o discurso indireto.
b) Transponha esses trechos para discurso direto, efetuando as necessárias adaptações.

2 **Fuvest** Leia:

De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, cada um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Rubem Braga. "Tuim criado no dedo".

Neste excerto de "Tuim criado no dedo":

(a) o narrador em terceira pessoa emprega o discurso indireto para assimilar o ponto de vista do menino.
(b) repetições, diminutivos, simplicidade sintática introduzem no discurso a perspectiva do menino.
(c) a escassez de adjetivos torna concreta a visão substantiva, própria da infância.
(d) o narrador em primeira pessoa utiliza o discurso direto para recriar a visão infantil.
(e) diminutivos, predomínio da subordinação e sinestesias recriam o registro da percepção geral infantil.

3 Leia:

1 *– Mas pra você não é uma pouca vergonha, é? – ela disse, secando as lágrimas. Voltava ao desafio.*
2 *– Eu sou homem, ou você não entende isto?*
3 *– Não entendo.*
4 *O Dr. Paranhos quedou-se quieto por um tempo marcado em séculos no relógio da agonia. Seus olhos baixaram para a mesa e assim ficaram, enquanto sua inteligência buscava uma forma clara de ilustrar a madrinha. Por fim, suspirou e disse:*
5 *– Eu tenho um argumento que você vai entender.*
6 *Levantou-se com certa dificuldade e ausentou-se da cozinha, onde ficamos suspensos por um fio em pleno abismo. Logo, porém, ele retornou com o argumento na mão. Girou o tambor do argumento. Depois, com um gesto calmo, solene, botou o argumento na cintura. Sentou-se novamente e disse, pausadamente:*
7 *– Tem uma coisinha, Dirce: ou este tal de feminismo acaba hoje, ou o que acaba é a tua mesada, se não acabar minha paciência antes. Certo? Agora vamos jantar.*

Ernani Issó. *O Sempre lembrado*. Porto Alegre: IGEL/IEL, 1989. p.136-7.

Para substituir no texto o discurso direto pelo indireto, foram elaboradas as três reescritas seguintes, uma para cada passagem do texto indicada entre parênteses.

I. Secando as lágrimas, ela perguntou que para ele não era uma pouca vergonha. (1º parágrafo)
II. Ele disse que tinha um argumento que ela iria entender. (5º parágrafo)
III. O Dr. Paranhos disse a Dirce uma coisinha: ou este tal de feminismo acabava neste dia, ou o que acabava era a mesada dela, se não tivesse acabado a paciência dele antes. (7º parágrafo)

Quais são corretas?

(a) Apenas I.
(b) Apenas II.
(c) Apenas I e III.
(d) Apenas II e III.
(e) Todas.

4 Leia:

A classe

– *E outra coisa...*

– *O quê?*

– *Os seus discos.*

– *O toca-discos foi a única coisa que eu consegui salvar quando me despejaram.*

– *Eu sei. Mas Julio Iglesias?!*

Luis F. Verissimo. *Comédias da vida pública*, 17 jul. 1985.

Transforme a fala abaixo em um discurso indireto. Para tal, imagine que há na cena um narrador que utiliza os verbos introdutórios de fala e faça as modificações que se tornem necessárias.

– O toca-discos foi a única coisa que eu consegui salvar quando me despejaram.

5 Leia:

O Ateneu

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta."

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das illusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze annos.

Raul Pompeia. *O Ateneu*.

O primeiro parágrafo de *O Ateneu* é um discurso direto. Passe-o para o indireto.

6 Leia:

A fuga

Mal colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

– Para com esse barulho, meu filho – falou, sem se voltar.

Com três anos, já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

– Pois então pare de empurrar a cadeira.

– Eu vou embora – foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, e enrolando-as num pedaço de pano. Era sua bagagem: um caminhão de madeira com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da dispensa? – a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

Fernando Sabino.

As frases "... não estava fazendo barulho, estava só empurrando a cadeira" e "... onde diabo meteram a chave da despensa?" correspondem, respectivamente a:

(a) discurso direto e discurso indireto.
(b) discurso indireto e discurso direto.
(c) discurso direto e discurso direto.
(d) discurso indireto e discurso indireto.
(e) n.d.a.

7 Leia:

17 de julho

1 *Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:*

2 *"Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas de leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas..."*

3 *E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona, trazia entre os dedos esta pérola:*

4 *"Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M. R..., anunciando, a fim de ser procurada essa carta."*

5 *Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma cousa mais que o comum das mulheres. Ai de quem está só! dizem as sagradas letras; mas não foi a religião que te inspirou esse anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é infenso às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar; estás cansada de viver só.*

As frases "... não estava fazendo barulho, estava só empurrando a cadeira" e "... onde diabo meteram a chave da despensa?" correspondem, respectivamente a:

(a) discurso direto e discurso indireto.
(b) discurso indireto e discurso direto.
(c) discurso direto e discurso direto.
(d) discurso indireto e discurso indireto.
(e) n.d.a.

6 *E a cláusula de ser o esposo outro aborrecido, fato de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um náufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também possua. E há de ser instruído, para encher com as cousas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.*

7 *Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tantos? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia, e explicava-se por figura: "Não é a tempestade que me aflige, é o enjoo do mar". Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjoo. Vês que a travessia ainda é longa, – porque a tua idade está entre trinta e dois e trinta e oito anos, – o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contentas com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, "a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego". Tu já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.*

Machado de Assis. "A Semana", 1892.

A frase do capitão em sua carta a Sêneca – referida em discurso indireto (parágrafo 7) – apresentaria, em discurso direto, a seguinte forma:

(a) – Sinto tédio, mas como se há de curar!
(b) – Quero curar-me do tédio que sinto.
(c) – Como hei de curar-me do tédio que sinto?
(d) – Sente-se um tédio, mas como curá-lo!
(e) – Qual há de ser a cura para o tédio que sinto?

8 Leia:

Maurício saudou, com silenciosa admiração, esta minha avisada malícia. E imediatamente, para o meu Príncipe:

– Há três anos que não te vejo, Jacinto... Como tem sido possível, neste Paris que é uma aldeola e que tu atravancas?

Eça de Queirós. *A Cidade e as Serras*. São Paulo: Hedra, 2006.

a) Transponha para o discurso indireto o excerto acima, fazendo as adaptações necessárias.
b) Justifique as alterações realizadas.

9 Leia:

I. O que mudou na legislação eleitoral:

Como era em 89

[...]

Apenas pessoas físicas podiam fazer doações [...]

"Entidades de classe ou sindicais não podiam contribuir com os partidos. [...]"

Folha de S.Paulo, 3 dez. 1994, p.1-8.

II. *Contribuir:*

1. [...] Tomar parte em despesa comum, pagar contribuição; dar dinheiro, com outros fins (para determinado fim) [...] "Você não contribui para as obras da igreja?" [...] "Contribuí com cem cruzados. Poucos paroquianos deixaram de contribuir." [...]

C. P. Luft. *Dicionário de regência verbal*.

a) O período destacado em I apresenta uma incorreção na regência verbal. Redija-o corretamente, com base na informação de II.
b) Ainda com base em II, formule uma explicação adequada para o uso da preposição no período destacado em I.

10 **Fatec** Leia:

Ela insistiu:

– Me dá esse papel aí.

Na transposição da fala do personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:

(a) Ela insistiu que desse aquele papel aí.
(b) Ela insistiu em que me desse aquele papel ali.
(c) Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.
(d) Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.
(e) Ela insistiu em que lhe desse aquele papel ali.

7 Planejando o texto narrativo

Vamos verificar, passo a passo, como fazer um bom texto narrativo e como interpretar o tema dos vestibulares quando se pede uma narração. Por meio do conto "O primeiro beijo", de Clarice Lispector, acompanharemos em minúcias como se compõe a organização textual, comentando seus aspectos de enredo, organização, foco narrativo, características.

No vestibular, é preciso estar atento para interpretar o que é pedido na proposta de uma narração, em seguida, trabalhar os componentes da história que se propõe contar. Há, nessa ordenação, alguns aspectos fundamentais: criar um eixo, somar o que você sabe do mundo, trazer as personagens que são oferecidas e estabelecer para elas uma história que poderia ser verdadeira.

Na narração, dois aspectos devem ser ressaltados: o primeiro é a verossimilhança – seu texto precisa ter credibilidade, espelhar-se na vida – e o segundo é a coerência do enredo: ele deve trazer partes que, em uma sequência temporal, ou atemporal, sejam coerentes, encaixem-se e formem o todo narrativo.

Lendo um exemplo

O que faz um texto narrativo ser interessante, prender a atenção do leitor?

Leiamos com atenção o exemplo abaixo para comentarmos, depois, e aos poucos, como se tece um texto.

Texto 1

O primeiro beijo

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

– Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

Ele foi simples:

– Sim, já beijei antes uma mulher.

– Quem era ela? perguntou com dor.

Fig. 1 Clarice Lispector.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir – era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente engolia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio-dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada.

O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... Olhou a estátua nua.

Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva. Deu um passo para trás ou para frente, nem sabia mais o que fazia.

Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto. Perplexo, num equilíbrio frágil.

Até que, vinda da profundeza de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele...

Ele se tornara homem.

Clarice Lispector. "O primeiro beijo". *In: Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.

Depois de ler, observe bem: há uma sequência de fatos que vão sendo costurados uns aos outros e que formam o que chamamos de "todo" narrativo. O enredo vai se fazendo aos poucos, passo a passo, alinhavado nos acontecimentos, entretecido de pequenas partes que convergem para um só núcleo, amparado no tempo e seu fluxo de continuidade.

Como um tapete em um tear

Escrever uma história, uma narrativa, é como tecer um tapete em um tear: os fios ficam todos disponíveis, é preciso usá-los um a um e na ordem certa para desenhar o que anteci-padamente se planejou.

Caso deixemos os fios soltos, corremos o risco dos desenhos do tapete não saírem como planejado. O mesmo acontece com uma narrativa; se os assuntos estão soltos, a história ficará sem pé nem cabeça.

Quando você escrever, é isso o que deve estar pronto a enfrentar: cuidar para que sua narrativa seja um todo. E nada de ficar pensando que ela tem que ter, certinhos, começo, meio e fim. Às vezes, uma boa história começa pelo clímax. Não há ordem para as três partes se apresentarem, mas há, sem dúvida, uma preferência pelo tal "começo/meio/fim".

No conto "O primeiro beijo", perceba:

1. existe uma situação inicial que se apresenta: a namorada pergunta, enciumada, se ela é a primeira mulher que o rapaz beijara;
2. ele titubeia na resposta: sim, houvera antes uma outra mulher a quem beijara; ela pergunta quem era a mulher;
3. e as lembranças, nesse momento, são tomadas pelo narrador onisciente, em terceira pessoa, que invade a memória da personagem e traz, em sequência dos acontecimentos, um fato antigo;
4. uma excursão de meninos subia a serra;
5. ele estava com sede e juntava saliva na boca;
6. ele pressentia que havia água por perto;
7. pararam em um chafariz;
8. ele colou os lábios no fio de água, bebeu até se saciar;
9. ao abrir os olhos viu que o chafariz era uma estátua de mulher e que era da boca desta mulher que jorrara a água;
10. sentiu algo que também jorraria dele;
11. transformou-se em homem.

ATENÇÃO!

Perceba: essa história vai para além de si mesma, é uma metáfora na qual o narrador, em linguagem magicamente bela, conta o instante da transformação do menino em homem. Verifique, ainda, que tudo converge para um fato que o narrador toma como um pretexto aparentemente banal para iniciar: quem fora a primeira mulher beijada?

Não acredite que alguém se sente diante de uma folha em branco ou de uma tela em branco e "faça" nascer a história do nada. Embora você possa acreditar em "inspiração", é preciso saber que todo texto deve ser planejado: parte a parte, ação a ação.

Planejando, planejando...

Em primeiro lugar, é bom saber: vamos planejar um texto e é bom que não se confunda isso com simplesmente fazer um rascunho.

Por que planejar?

Em primeiro lugar, porque você terá que ter domínio sobre o que escreve, a fim de que se sinta confortável para dar continuidade à história; em segundo lugar, porque você poderá ser surpreendido por um fecho que destoa do corpo do texto, uma linha de enredo que se embaraça e acaba sumindo de repente, deixando um "branco".

Tal como um engenheiro que projeta um prédio, um avião, um aeroporto ou uma máquina, tão diferentes entre si, você também pode – e deve! – planejar o que vai escrever.

Para tanto, simulemos um modelo de enunciado semelhante ao da Unicamp. E, a partir dele, começaremos a planejar.

Tema

A seguir, há elementos para a construção de um texto narrativo em que se tematiza o relacionamento entre duas pessoas, o cruzamento de duas vidas. Sua tarefa será desenvolver essa narrativa, segundo as instruções gerais.

[...] as vidas não começam quando as pessoas nascem, se assim fosse, cada dia era um dia ganho, as vidas principiam mais tarde, quantas vezes tarde demais, para não falar naquelas que, mal tendo começado já se acabaram.[...] Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?

José Saramago. *Jangada de pedra*. Lisboa: Editorial Caminho SA, 1986.

Uma cena

- Uma mulher, triste, lê o texto que você encontrará disponível mais abaixo e pensa em um homem que partilhou da vida dela anos atrás.
- O texto é antigo, escrito para ela há muito tempo.
- Está frio e chove lá fora, a casa está silenciosa e a mulher chora.
- Um homem, sentado diante da escrivaninha do escritório, abre o computador e busca um arquivo: aparece na tela a amante ruiva, sorridente, feliz.
- Um homem se olha no espelho e não se reconhece: tem rugas, cabelos brancos.
- Um homem chora de saudades.
- Uma mulher termina a leitura do texto, dobra o papel impresso e tenta reconstituir a história que viveu.
- Um homem soluça de dor, indagando-se onde estaria a mulher ruiva que fez parte de sua vida.
- Uma mulher se encolhe, se acomoda no sofá, imaginando onde estaria o homem que fez parte de sua vida. Ela também chora.

O texto lido pela mulher era o seguinte:

Nós temos histórias, segredos e medos. De nos perdermos um do outro o maior deles. Poemas que tu me escrevestes temos, onde sou tema, sem rima, puro sentimento, com a cadência desusada do bater do teu coração.

Nós, entretanto, gostamos da chuva, e palavras temos que inventamos para nós. E jeitos e formas que criamos, e nossas mãos que reconhecem o contorno dos nossos rostos, ainda que cegos estejamos. Mundo que construímos para nós temos sem alicerces visíveis, mas firme. Há um lugar em que plenamente vivemos, nos temos.

De nós há uma parte maior que fica sempre em poder do outro, em secreto depósito, tal como protegido numerário suíço, que carregamos sem sentir o peso.

Há um imaginário chá de jasmim que juntos tomamos, há as histórias de nós que nos contamos, há o que juntos comemos, há o alimento que nos damos na boca da alma. Há o que mutuamente sabemos, que só nós sabemos sobre nós, que antes não sabíamos.

Amigos, parceiros, amantes, namorados loucos, somos tudo. Há os passeios aéreos noturnos que fazíamos de mãos dadas. Voávamos, porque também podemos voar, sempre pudemos, embora disso não soubéssemos.

Um velho, um jagunço, uma mulher enleada nas primitivas cores dos panos, ladridos de cães nos protegendo, uma expressão arcaica que se refere ao tempo, um criado negro fiel e perigoso. Um cavalo, uma janela a ser saltada, um encontro em um elevador, em um conquistador barato, um amor fugidio em um corredor deserto, um encontro em uma estrada, um beijo na avenida movimentada de domingo.

Na rua andamos lado a lado, levando os livros que escolhemos juntos, medindo cada passo para não nos abraçarmos, a vontade de enlaçar teu ombro, vontade de furtar um beijo.

Rimos.

Há uma mistura de realidade e sonho que já não mais distinguimos, e nem queremos.

Há um pacto que subscrevemos.

Há a alegria de nos vermos. Há uma saudade que não passa, que ultrapassa tudo o que de razoável entendemos. Por conta disso inventamos o eterno abraço de quinze segundos, a efêmera fotografia no espelho, o beijo com a porta do carro aberta, o telefonema, o bilhete eletrônico, a troca de pequenas coisas, símbolos que nos identificam. Estradas que percorremos em comboio. As frases que extraímos dos livros. A nossa posterior avaliação de desempenho, na qual analisamos itemizadamente os nossos sentimentos, sensação por sensação, cada contração de fibras, e nos descobrimos mais e mais.

E nos surpreendemos mais e mais com a nossa imensa capacidade de amar, antes duvidosa.

De toda forma nos amamos, com cem por cento de risco de ser para sempre.

Instruções gerais

- É necessário que você use todos os elementos da cena que leu para construir as duas personagens, o enredo, o cenário e o tempo de sua narrativa.
- O foco narrativo deverá ser em **3ª pessoa** e o narrador deve, dada a natureza da cena, ser **onisciente**.
- O desenvolvimento do enredo, a partir da cena escolhida por você, deverá levar em consideração a citação do escritor José Saramago e estar atentamente ligado ao texto que a mulher leu.
- Não será preciso que você utilize todos os elementos do texto escrito pelo homem.

Aprendendo a planejar

Quando um texto narrativo é pedido no vestibular, vem acrescido de uma série de exigências para que seja desenvolvido. Por isso, é necessário que aprendamos a planejá-lo. Veja o caminho, passo a passo.

1. Em primeiro lugar, leia atentamente o enunciado. Sublinhe um a um os eixos de exigência e, antes de começar a escrever, releia o enunciado e verifique novamente cada item. Não se esqueça de verificar qual é o foco narrativo que se exige.
2. O tema anuncia que você deverá escrever sobre o entrelaçamento de duas vidas.
3. Na citação de Saramago, preste atenção: *as vidas principiam mais tarde, quantas vezes tarde demais, para não falar naquelas que, mal tendo começado já se acabaram.*

[...] Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? Aqui, você encontrará também uma espécie de norteador do texto que escreverá: anuncia-se uma história que *poderia ter sido*. Será você a escrever essa história...

4. Preste muita atenção e não perca nenhum dos aspectos que terá de utilizar: um homem, uma mulher, ambos tristes, perdidos um do outro. Ela lê um texto que ele escreveu para ela; ele olha, nos arquivos do computador, uma foto. Especule, imagine. A foto é de outra mulher que os afastou? Ou a foto é dessa mulher que chora?
5. Ambos não sabem mais um do outro, perderam-se. Por que motivo isso aconteceu? Você seria capaz de escrever em que circunstâncias isso teria ocorrido?
6. O homem está envelhecido, o que escreveu a ela é texto antigo; portanto, a mulher também está envelhecendo, não se esqueça dos detalhes.
7. O texto que você leu, escrito por ele, tem características peculiares: é uma espécie de inventário do que eles são um para o outro (são, porque, por ocasião da escritura, estavam juntos).
8. Releia o texto, tire dele os componentes para sua história: tente imaginar por que ele inicia dizendo que têm histórias, segredos e medos.
9. Veja isso: "De nos perdermos um do outro o maior deles". Observe que isso aconteceu de verdade, perderam-se um do outro.
10. E mais: você terá que escrever em terceira pessoa, como narrador onisciente, o que permitirá que entre na intimidade das personagens, que revele o que cada um deles pensa, sente e sofre.

Só depois de vasculhar tudo isso, estar atento a todos esses componentes, é que poderá planejar passo a passo o seu texto.

Devagar, passo a passo...

Em seu livro *O Enredo*, a professora Samira Nahid de Mesquita nos adverte:

Constituir um enredo é começar um jogo. O narrador é um jogador, e forma, com o leitor e o próprio texto, o que se pode chamar uma comunidade lúdica.

Tecer um enredo é como se fosse começar um jogo do qual o narrador participa como se fosse um jogador. Mais adiante, no mesmo livro, encontra-se a passagem: *Contar, narrar passam a ser formas de ordenar a desordem, de dominar o desconhecido, de repensar o caos. Uma frase de um ensaísta contemporâneo, Roland Barthes, sintetiza bem essa ideia: "O mundo deixa de ser inexplicável quando se narra o mundo". Ao organizarem-se frases, organizam-se sentidos, articula-se uma ordem, cria-se um mundo logicamente estruturado.*

Para começar a tecer seu jogo, é preciso usar a imaginação. Pegue um papel e escreva o que o auxiliará a construir a sua história.

1. Quem são essas personagens?
2. Você dará nome a elas ou preferirá metaforizá-las, negando-lhes uma identidade para que passem a simbolizar todos os homens e mulheres na mesma situação?
3. Qual a história que viveram? Você pode observar que ela é forte, intensa, de extrema ligação de afeto entre dois seres. Então, qual a circunstância que os separou?
4. Deixe sua imaginação correr solta: que história é essa que poderia ter sido e que não foi?
5. O que teria impedido que os dois continuassem juntos e fossem felizes?
6. Qual o espaço que ocupam no momento em que nos são mostrados? Descreva-os, mas não os detalhe a ponto de dedicar parágrafos inteiros com eles.
7. Qual o tempo que você focalizará? Voltar o tempo da narrativa a um início que você não conhece, mas presume, pode ser um bom começo.
8. Por que ambos estão sozinhos?
9. Associe a chuva de que ele fala à chuva do espaço que a mulher habita.
10. Observe: quando a mulher dobra o papel e tenta reconstituir a história que viveu, você poderia, como narrador onisciente, tomar uma carona nessas lembranças.

E agora, imagine como começar.

Você pode ter em mente uma história mais ou menos simples com relação à cronologia e tecê-la diacronicamente: começo, meio e fim. Contudo, pode também preferir começar pelo clímax, o ponto mais alto da narrativa, e depois, em *flashback* ou digressão, oferecer toda a história.

Cuide da linguagem, da coerência entre as partes; isso também é muito importante.

Quanto ao tamanho de sua narrativa no vestibular, seja conciso. Preferira não se estender muito, a fim de que seu texto não se perca em um emaranhado de situações que, posteriormente, tornem-se incontroláveis.

O texto abaixo é um modelo que se produziu a partir dos dados. Leia-o com atenção.

Texto 2

Livros, esbarrões e o dilúvio

Impossível esquecer como tinham se conhecido: num desses esbarrões do destino ela o vira numa feira de livros, sorrira sem jeito quando ambos levaram a mão direita para apanhar o mesmo livro na estante; e balançara os cabelos de um lado para o outro: cabelos fogaréu, como teria dito Mário de Andrade...

Mais tarde, uma outra estante e o mesmo gesto:

– Não há mesmo jeito, – disse-lhe ela sorrindo e mostrando os dentes grandes e brancos – é melhor que eu convide você para um café.

Ele aceitou encabulado, silencioso, os cabelos começando a embranquecer nas têmporas, e diante da xícara enorme e do dia quase frio lá fora – ah, como chovera naquele dia! – contou-lhe que pesquisava sobre literatura existencialista. Era professor numa universidade. Era professora numa universidade. Era setembro no mundo.

Pois ela tinha acabado de defender uma tese sobre literatura existencialista e quase gritara de alegria diante dele, gostava da conversa amena, simples, tantas coisas em comum.

No fim da tarde, correram debaixo da chuva, cada um para o seu carro, os telefones trocados, os e-mails também.

E passaram a se falar todos os dias, por telefone ou e-mails, trocavam textos, informações sobre livros. Até que ele lhe telefonara em pleno domingo, ela com o marido e filhos esperando, ele com mulher e filhos esperando, e disse:

– Preciso ver você, ou você aparece aqui – deu-lhe o nome do shopping – ou eu atravesso o carro na 23 de Maio, espero você passar. Endoideci...

Ela riu, mas foi.

E se beijaram em plena avenida, ao sol do domingo pleno de fim de setembro.

A descoberta do amor maduro, fora de época, tornou-os quase meninos, outra vez meninos: namoravam nos parques, nos sebos e nas bibliotecas. Mandavam-se cartas apaixonadas; ele ria, fora tão duro a vida inteira e agora, dizendo assim eu te amo?

E ela se afligia, tão desesperada, sem saber como agir e que rumo tomar. Ah, onde é que você estava escondido, meu amor?

Foi aí que a mulher dele soube de tudo, a net aberta, um e-mail aparecendo na tela. E exigiu que ele deixasse a outra, ah, eu aposto que é uma mulher vulgar, você não se envergonha, não? Um homem da sua idade, com filhos adolescentes, belo exemplo de pai!

Aos poucos, afastara-se dela. Aos poucos apagara-se nela o sorriso: mensagens poucas, telefonemas suspensos. Ele se protegendo, sem querer criar impasses.

Ruiva, sozinha, estivera em outras feiras de livros, mas ele já não estava lá. Tinha ido à Europa, numa espécie de viagem de lua de mel com a mulher. Ela chorara quando soubera.

Mas, se apertava a saudade, lia a mensagem de que mais gostava: "Nós temos histórias, segredos e medos. De nos perdermos um do outro o maior deles..."

Ele, o homem, aparecia de vez em quando, fugindo da desconfiança da mulher que agora o cercava, vigiava. A filha não falava com ele, o filho tinha ido estudar fora... Ele, refém das duas que o vigiavam no escritório, passava dias sem mandar mensagens.

Até que ela explodiu num acesso de raiva:

– O que sou pra você?

Ele abaixara a cabeça, envergonhado, infeliz, covarde. Nada respondera.

E, por fim, debaixo de uma chuva torrencial, depois de um café, tinham se afastado. Não saberiam nunca, mas qual amor não é para sempre?

Ela mudara o e-mail, de trabalho, deixara o marido. Os filhos tinham crescido tão de repente e foram estudar fora. Voltaram casados, vivendo suas próprias vidas.

Pensava nele todos os dias, via um e outro artigo publicado nos jornais e fora a um lançamento de um livro. Não a vira, não se aproximara. Apenas percebeu que os cabelos dele tinham ficado mais brancos.

Chuvas e anos se passaram.

Tinha ouvido dizer que a mulher o abandonara. Pensara: "De nos perdermos um do outro o maior medo...". Perderam-se.

Ele teve vergonha de procurá-la. Mas de vez em quando abria os arquivos do computador e dava com ela lá, ruiva, os dentes brancos, o sorriso mais que perfeito. Já não se reconhecia no espelho, e, ao vê-la, ali sorrindo, soluçava muitas vezes. Por que haviam se perdido?

Tinha chovido o dia inteiro, ela ficara ali, em casa, era um sábado sem visitas. Lera quantas vezes hoje a mensagem dele? Enovelara-se no sofá, pensando em coisas que ambos viveram juntos, por que haviam se perdido? Ele ainda ali, dentro do coração dela, ela ainda ali, inteira, no coração dele...

Deu um salto, enxugou os olhos, calçou os sapatos, penteou os cabelos. Na garagem, já se sentia aliviada, nem deu pela chuva, pelo trânsito.

Entrou na feira de livros, levou a mão à estante e... duas mãos, juntas, esbarraram docemente contra a capa colorida do livro sobre literatura existencialista.

Ela agitou os cabelos de um lado para o outro, ainda tinha os cabelos fogaréu. Riu. Ele, tímido, os cabelos agora mais brancos, convidou-a para um café.

Sentados ali, quase sem falar, nem viram que a chuva era quase um dilúvio naquele fim de tarde. Só se deram conta, vagamente, que, no mundo, era setembro outra vez.

Esther Rosado.

TEXTO COMPLEMENTAR

Um trecho de Os *Sertões* (1902), de Euclides da Cunha:

... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos...

É desconhecida a sua existência durante tão largo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-me algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-o nos sertões de

anacoreta: religioso ou penitente que vive na solidão, em vida contemplativa.

FLÁVIO DE BARROS/WIKIPEDIA

Antonio Conselheiro, de Flávio de Barros, 1897.

Pernambuco, um ou dois anos depois da partida do Crato. Das palavras desta testemunha, concluí que Antônio Maciel, ainda moço, já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos. Aparecia por aqueles lugares sem destino fixo, errante. Nada referia sobre o passado. Praticava em frases breves e raros monossílabos. Andava sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...

Tornou-se logo alguma coisa de fantástico ou mal-assombrado para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas.

Era natural. Ele surgia – esquálido e macerado – dentro do hábito escorrido, sem relevos, mudo, como uma sombra, das chapadas povoadas de duendes...

Passava, buscando outros lugares, deixando absortos os matutos supersticiosos.

Dominava-os, por fim, sem o querer.

No seio de uma sociedade primitiva, que pelas qualidades étnicas e influxo das santas missões malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-se logo de não vulgar prestígio, agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante. A pouco e pouco todo o domínio que, sem cálculo, derramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjeturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o ambiente propício ao germinar do próprio desvario. A sua insânia estava, ali, exteriorizada. Espelhavam-lha a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões. A multidão poupara-lhe o indagar torturante acerca do próprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa intuspecção delirante, entre os quais envolve a loucura nos cérebros abalados. Remodelava-o à sua imagem. Criava-o. Ampliava-lhe, desmesuradamente, a vida, lançando-lhe dentro os erros de 2 mil anos.

Precisava de alguém que lhe traduzisse a idealização indefinida, e a guiasse nas trilhas misteriosas para os céus...

O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato.

Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças.

E cresceu tanto que se projetou na História...

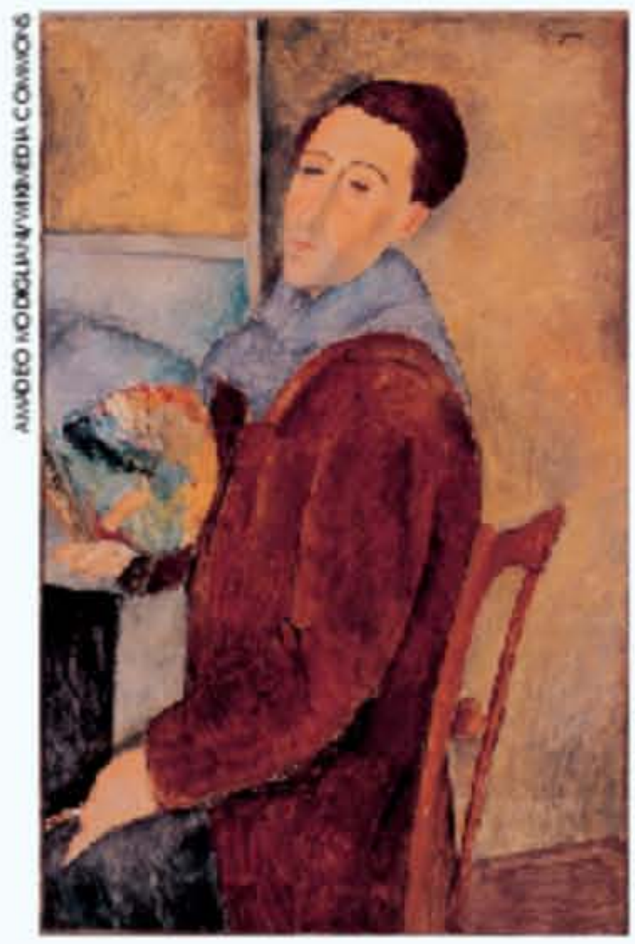
Euclides da Cunha. *Os Sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

macerado: mortificado, abatido, macilento;
insânia: falta de juízo; loucura, demência;
intuspecção: observação interna do próprio observador; conhecimento de si mesmo;
títere: boneco articulado, de madeira, pano ou outro material, suspenso por fios fixados em uma trave e presos na cabeça, mãos, joelhos e pés, pelos quais o operador o movimenta; fantoche, marionete.

Proposta de Redação

Imagine a seguinte cena:

Você se encontra no Museu de Arte Contemporânea, na USP, em São Paulo, em visita e está se deliciando em frente a um quadro.



Amadeo Modigliani. *Autorretrato*, 1919. Óleo sobre tela. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

O guia do museu informa a você que Amadeo Modigliani é um pintor judeu-italiano, nascido em Livorno, na Itália. Aos 22 anos, mudou-se para Paris e conviveu com Picasso, Guillaume Apolinaire, André Derain, Diego Rivera [...].

As explicações são tragicamente interrompidas quando um sorridente jovem ruivo saca uma arma e anuncia um assalto, apossando-se do quadro e saindo em disparada em direção à porta central.

Você deve contar essa história, acrescentando os seguintes fatos.

- Você já viu, em algum lugar, aquele jovem ruivo; mas não sabe ao certo de onde o conhece.
- Seguranças, guias e visitantes estão perplexos: uma das mais importantes obras daquele museu foi levada.
- Todos são convidados a depor.
- Você continua em estado de confusão mental, mas, subitamente, lembra-se de que o rapaz foi seu colega de um curso de inglês, em uma famosa escola de idiomas.

Sua narrativa deverá ter uma conclusão digna de credibilidade (verossimilhança) e ser escrita em primeira pessoa.

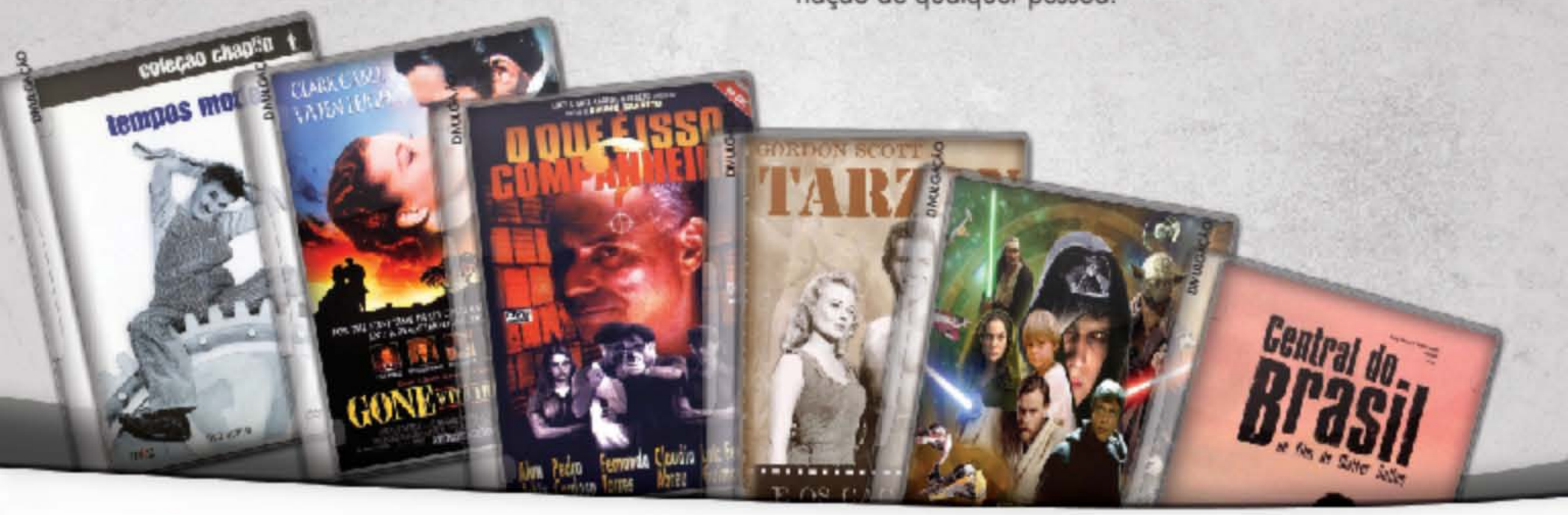
Se julgar necessário, crie outras personagens.

8 A verossimilhança narrativa

Quando escrevemos, somos criadores de um universo que imita o mundo real: criamos seres, ações e os integramos no espaço e no tempo.

A esse esforço de aproximá-los do que é real chamamos "verossimilhança", a qual dá credibilidade aos textos que inventamos e reinventamos.

Um bom exemplo são os roteiros de filmes, que contam as mais variadas histórias de acordo com o gênero que pretendem abordar. A verossimilhança faz com que essas histórias sejam admissíveis para os expectadores porque relatam vidas, universos paralelos, revolta, amor, ou seja, itens que fazem parte da trajetória e da imaginação de qualquer pessoa.



Introdução

Preste atenção aos dois textos que você lerá a seguir. Diferentes entre si, eles guardam circunstâncias, fatos, atitudes e acontecimentos que os farão verossímeis ou não. Traduza "verossímil" como "digno de crédito se comparado ao universo que habitamos", ou seja, o mais próximo do real.

Texto 1

Eloquência Singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor Presidente: eu não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ...embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de Português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ...daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

Daqueles que o quê? Qualquer coisa, contanto que atravessasse de uma vez essa traiçoeira pinguela gramatical em que sua oratória lamentavelmente se havia metido de saída. Mas a concordância? Qualquer verbo servia, desde que conjugado corretamente, no singular. Ou no plural:

– Não sou daqueles que – dizia eu – e é bom que se repita sempre, senhor Presidente, para que possamos ser dignos da confiança em nós depositada...

Intercalava orações e mais orações, voltando sempre ao ponto de partida, incapaz de se definir por esta ou aquela concordância. Ambas com aparência castiça. Ambas legítimas. Ambas gramaticalmente lídimas, segundo o vernáculo:

– Neste momento tão grave para os destinos da nossa nacionalidade.

Ambas legítimas? Não, não podia ser. Sabia bem que a expressão "daqueles que" era coisa já estudada e decidida por tudo quanto é gramaticoide por aí, qualquer um sabia que levava sempre o verbo ao plural:

– ...não sou daqueles que, conforme afirmava...

Ou ao singular? Há exceções, e aquela bem podia ser uma delas. Daqueles que. Não sou UM daqueles que. Um que recusa, daqueles que recusam. Ah! o verbo era recusar:

– Senhor Presidente. Meus nobres colegas.

A concordância que fosse para o diabo. Intercalou mais uma oração e foi em frente com bravura, disposto a tudo, afirmando não ser daqueles que...

– Como?

Acolheu a interrupção com um suspiro de alívio:

– Não ouvi bem o aparte do nobre deputado.

Silêncio. Ninguém dera aparte nenhum.

– Vossa Excelência, por obséquio, queira falar mais alto, que não ouvi bem – e apontava, agoniado, um dos deputados mais próximos.

– Eu? Mas eu não disse nada...

– Terei o maior prazer em responder ao aparte do nobre colega. Qualquer aparte.

O silêncio continuava. Interessados, os demais deputados se agrupavam em torno do orador, aguardando o desfecho daquela agonia, que agora já era, como no verso de Bilac, a agonia do herói e a agonia da tarde.

– Que é que você acha? – cochichou um.

– Acho que vai para o singular.

– Pois eu não: para o plural, é lógico.

O orador seguia na sua luta:

– Como afirmava no começo de meu discurso, senhor Presidente...

Tirou o lenço do bolso e enxugou o suor da testa. Vontade de aproveitar-se do gesto e pedir ajuda ao próprio Presidente da mesa: por favor, apura aí pra mim, como é que é, me tira desta...

– Quero comunicar ao nobre orador que o seu tempo se acha esgotado.

– Apenas algumas palavras, senhor Presidente, para terminar o meu discurso: e antes de terminar, quero deixar bem claro que, a esta altura de minha existência, depois de mais de vinte anos de vida pública...

E entrava por novos desvios:

– Muito embora... sabendo perfeitamente... os imperativos de minha consciência cívica... senhor Presidente... e o declaro peremptoriamente... não sou daqueles que...

O Presidente voltou a adverti-lo que seu tempo se esgotara. Não havia mais por que fugir:

– Senhor Presidente, meus nobres colegas!

Resolveu arrematar de qualquer maneira. Encheu o peito e desfechou:

– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.

Houve um suspiro de alívio em todo o plenário, as palmas romperam. Muito bem! Muito bem! O orador foi vivamente cumprimentado.

Fernando Sabino. *In: A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Record, 1965.

budoar (fr): cabana modesta.

Você acabou de ler um pequeno conto do escritor Fernando Sabino.

Parece um acontecimento real? Sim, fosse isso uma notícia de jornal, todos acreditaríamos nela: há personagens, tempo e espaço definidos e ações que se encadeiam e são plausíveis. Há uma ordem interna e uma semelhança com os fatos do mundo que todos habitamos.

Mas nem sempre os textos são assim. Leia, agora, este outro texto:

Texto 2

Piorar para melhorar

Fig. 1 Millôr Fernandes.

Era uma vez, um camponês que rimava ez com nês. Mas essa sua simples vocação poética era atrapalhada pelo barulho imenso que faziam as pessoas que moravam com ele. Pois, na cabaninha modesta de apenas um quarto-sala conjugado, moravam a mulher do camponês, a amante do camponês, três filhos do camponês, um filho adotivo da amante do camponês, uma vó do camponês, um cobrador de seguros parente afastado do camponês e um corcunda que ninguém sabia como tinha conseguido penetrar no enredo do camponês. E, como todos falavam e gritavam e brigavam e berravam, o camponês não tinha vez nem de mês em mês de exercer com altivez seu hábito burguês de poetês. Assim, um dia, foi procurar o conselho do eremita mais próximo, cujo eremita, tirando o traje de califa com que estava vestido – o eremita era meio chegadão a um travesti – lhe disse:

– Quantas pessoas ao todo moram no seu budoar?

– Citando minha sogra como pessoa, dezoito - disse o camponês.

– E cabeças de gado, quantas tem? - indagou o eremita enquanto tirava o batom dos lábios.

– Três bois, uma vaca, seis cabritos, um burro, uma égua, uma mula, quatro porcos. Contando tudo isso como gado e não contando minha sogra como tal: dezessete cabeças.

– Põe tudo dentro da casa e volte para nova consulta daqui a um mês – disse o eremita ao camponês, que assim fez, sem pensar mais uma vez.

Claro que sua vida se transformou num inferno: ao cheiro da sogra juntou-se o odor da vaca, ao gemido de mulher juntou-se o grunhido de porca, ao empurrão da tia juntou-se o coice do cavalo. De modo que, antes do prazo aprazado, o eremita foi de novo procurado para resolver o piorado. Mas o eremita, sem se perturbar, disse apenas, enquanto experimentava um brinco de esmeraldas:

– Agora põe todos os animais pra fora de casa que você vai se sentir num paraíso.

O camponês, percebendo imediatamente a tremenda sabedoria do eremita, correu para casa, abriu a porta, pôs toda a família na rua e foi feliz para sempre vivendo em absoluta promiscuidade com os animais.

Moral:

Até um poeta campestre pode melhorar um mestre.

Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.

Percebeu a diferença?

No texto de Millôr Fernandes, há uma coerência interna, os fatos, dentro da história, sucedem-se de maneira verossímil, mas em nada poderiam ser comparados aos fatos do mundo real. Deste ponto de vista, seriam impossíveis de acontecer. E é aqui que começa a nossa conversa.

O mundo reinventado das narrativas

Quando um escritor se dispõe a narrar, dispõe-se também a reinventar o mundo, a vida. Ou seja: o que escreve, não é mais realidade, é **ficção**. E nela cabem todas as coisas; o espírito imaginativo do escritor criando um universo de circunstâncias, seres e acontecimentos que estão dentro dele: lugares jamais vistos, criaturas inventadas a partir de sensações, animais que podem falar, tapetes voadores, sentimentos extremos, explicações sobrenaturais, paixões grandiosas, ações impossíveis. Muito desse mundo criado tem de estar o mais próximo possível da verdade, do cotidiano, do dia a dia.

No entanto, ninguém cria a partir do nada. Quando escrevemos, aproximamo-nos da realidade ou, metaforicamente, afastamos-nos dela.

O que dá, então, "credibilidade" a um texto?

É o que, em teoria literária, chama-se "verossimilhança".

A verossimilhança nas narrativas acontece quando podemos aproximar o que escrevemos do que é verdade no mundo real. Acresça algo a isso: mesmo que não seja verdadeiro, há que ter semelhança com o universo que habitamos.

Nos dois textos que acabamos de ler, pudemos encontrar duas situações diferentes: no primeiro, "Eloquência singular", o texto construído por Fernando Sabino parece-nos mais próximo do cotidiano e todos os seus ingredientes aparecem lá, inclusive a dificuldade de se completar um raciocínio. No segundo, a verossimilhança é interna: os dados são absolutamente possíveis apenas no eixo interno da narrativa. Do ponto de vista do mundo que habitamos, impossível imaginar que trinta e cinco habitantes (entre animais e pessoas) viviam em uma casa de dois cômodos.

Há, portanto, quando escrevemos narrativas, uma preocupação constante em manter o andamento da verossimilhança externa ou interna no texto.

A verossimilhança externa

É tudo quanto, na criação, aproxime o texto do plausível, do que realmente pode acontecer no mundo real. A verossimilhança externa dá respeitabilidade à narrativa. Quem a ler associa os fatos, personagens, tempo e espaço ao real-real.

Para que isso ocorra, use fatos ou elementos que se possam admitir com reais. Ao descrever um ser qualquer, por exemplo, faça de uma forma com que seja possível identificá-lo rapidamente.

Óbvio que você poderá também, e se quiser, criar uma personagem não familiar, em um universo de ficção científica: um marciano verde, que fala com o som de um grilo cantando, tem cabelos verdes, duas antenas cor de laranja, mede 2 metros e 50 centímetros e os olhos são duas microtelas de computador. Mas há de compreender que isso é inverossímil.

A verossimilhança interna

A verossimilhança interna está relacionada ao segundo texto que lemos. Embora aquilo não seja possível no cotidiano, é bom lembrar que, internamente, as ações se encadeiam de modo que formem um todo. Dentro do enredo de Millôr cabe até um corcunda saído não se sabe de onde, uma sogra que é meio bicho e meio gente e uma amante que, vindo morar junto com a mulher e os filhos do camponês, ainda traz como companhia um filho adotivo!

Ainda que isso, externamente, com relação ao mundo habitado por nós, seja louco demais, com relação à ordenação interna da obra é perfeitamente plausível.

Além disso, é bom lembrar que a verossimilhança existe no contexto da história que se está criando. Por exemplo: se você estiver contando um fato como no texto 1 e, no meio da história, arriscar-se a colocar um marciano que salva o deputado e o leva em um disco voador para Júpiter, corre o risco de quebrar a verossimilhança interna da redação e fazer seu texto despencar na credibilidade que pudesse ter.

Fatos "estranhos" podem ocorrer nas narrativas, quebrar-lhes o fluxo de continuidade; a isso, chamamos "**estranhamento**" ou "**novidade**" e é o que ocorre naquilo que denominamos realismo fantástico. Para exemplificar isso, observe o que acontece em *Jangada de Pedra*, de José Saramago: um dia, ao riscar o chão com uma vara de negrilho, Joana Carda abre no chão uma fenda que, a partir daquele momento, crescerá tanto a ponto de afastar a Península Ibérica de toda a Europa. Portugal e Espanha transformar-se-ão em uma grande "jangada de pedra" e flutuarão, livres, no oceano. É o realismo mágico ou fantástico.

Um outro exemplo de estranhamento é o que Erico Verissimo conta em seu *Incidente em Antares*: uma cidade pacata tem sete mortos em um dia, em plena greve geral, da qual também participam os coveiros. Não são enterrados e, deixados pela família e amigos diante do portão do cemitério, à espera de que acabe a greve no outro dia, os mortos levantam-se no meio da noite e se dirigem a Antares, onde, no coreto da praça, "lavarão a roupa suja" de toda a comunidade.

TEXTO COMPLEMENTAR

As personagens em pintura, escultura e escritura

Muitas vezes, imaginamos que apenas nas narrativas aparecem o que denominamos "personagens". No entanto, elas também surgem em outras artes: na pintura, na escultura, por exemplo. Vamos observar como se comportam pintores e escultores e compará-los à construção de personagens na literatura?

1. Toulouse-Lautrec, pós-impressionista francês, trazia para os seus quadros as personagens do mundo boêmio de Montmartre, bairro frequentado pelos intelectuais de Paris no fim do século XIX. Elas faziam parte, sobretudo, do universo do Moulin Rouge, casa de espetáculos famosa (e maldita) da época. As personagens retratadas são bailarinas, prostitutas, gigolôs, artistas que compõem o universo de seus quadros. Têm nomes e funções definidas. Elas estavam na vida antes de fazer parte da tela.

Observe o quadro a seguir.
São duas prostitutas da rua do Moulin Rouge: personagens da vida que o olho de Lautrec captou e eternizou em um quadro.

HENRI DE TOULOUSE-LAUTREC/WIKIMEDIA COMMONS

Henri de Toulouse-Lautrec. *Rue des Moullins*, 1894. Óleo em cartão sobre madeira. Galeria Nacional de Arte, Washington, Estados Unidos.

2. Observe as personagens que compõem a mais famosa escultura de Michelangelo, *Pietá*, que se encontra na Basílica de São Pedro, na Itália. O escultor criou o Cristo e sua mãe, Maria, a partir de modelos que posaram para ele. Deu às suas personagens de mármore um quê de humanos, representando um momento de dor profunda.

STANISLAV TRAYKOV, HERCOC/WIKIPEDIA

Michelangelo Buonarroti. *Pietá*, 1497-1500. Escultura em mármore. Basílica de São Pedro, Roma, Itália.

3. Guimarães Rosa, escritor da terceira fase modernista, trouxe para os seus contos e livros o universo dos caboclos mineiros, com seus falares e particularidades regionalistas. No entanto, aquele sertão de homens rudes representa o mundo. Impossível imaginar que Diadorim, personagem principal de *Grande Sertão: Veredas* (1956), travestido de homem, arregimentando um bando de jagunços a fim de vingar a morte do pai, não estivesse sofrendo como qualquer outra mulher ao se apaixonar pelo chefe do bando: Riobaldo Tatarana, e dele tendo de esconder sua condição feminina. Captar os sentimentos de nós todos, humanos, ainda que sob o discurso e aspecto de personagens acaboclados, foi o caminho escolhido por Guimarães Rosa, para quem "O sertão é o mundo" e "Viver é muito perigoso".

Proposta de Redação

O trecho que você encontra logo abaixo deve ser cuidadosamente lido, uma vez que nele se apoiará a redação a ser feita:

[...]

Leonardo deu pouca atenção a isso; há muito tempo que ouvia falar da tal sobrinha; sentou-se a um canto, e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dois, d. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de d. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixa, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava malpenteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas frases ininteligíveis com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre, desapareceu sem olhar para ninguém. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiraram, riu-se ele pelo caminho à sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua hilaridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

– Então lembras-te dela muito a miúdo, porque muito a miúdo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes falou na sobrinha da d. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por quê, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

Saíram e encaminharam-se para o seu destino.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. Biografia e introdução por Afrânio Coutinho, 2 ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2005. (Col. Super Prestígio).

Instruções:

Depois de ler atentamente o texto do romancista Manuel Antônio de Almeida:

a) Considere um a um os elementos nele constantes.
b) Use o foco narrativo de terceira pessoa, com narrador onisciente.
c) Um adolescente e uma adolescente (feia e desengonçada) encontram-se e apaixonam-se a partir desse encontro.
d) Considere que ele é um bonito rapaz, mas que ela é, no mínimo, "estranha".
e) Lembre-se da verossimilhança e adapte o texto para o tempo presente.
f) Introduza em seu texto discursos diretos e indiretos.
g) Crie um conflito em sua narrativa, mas resolva-o antes que chegue ao final.
h) Comece seu texto por uma pequena cena.
i) Dê um bom título ao seu texto; que ele seja significativo e resuma o que foi escrito.

9 A narração e o uso dos clichês

É fácil reconhecer os chamados clichês: eles são formados a partir de expressões muito desgastadas, ouvidas cotidianamente ou lidas em textos cujo valor é pequeno. Se as aceitamos ou, pior, passamos a fazer uso delas, corremos o risco de fazer de nosso texto um amontoado de palavras distantes de qualquer intensidade maior.

Talvez pela ausência da banalidade, mesmo que distantes séculos de nós, é que os grandes escritores, como Shakespeare, continuem vivos. É que eles criaram histórias distanciadas do convencionalismo barato.

Clichês: um perigo para as narrativas

... nunca me esforço nem me obrigo: invento.

Jean-Paul Sartre. *As palavras.*

Tomadas as palavras de Sartre, é preciso reinventar o mundo para estar vivo. Aliás, Cecília Meireles também disse isso mais explicitamente: "A vida só é possível reinventada.". Já aprendemos, nos capítulos anteriores, que escrever é reinventar o mundo. Mas de que jeito?

Um dos perigos de todo texto narrativo é o uso reiterado do clichê. Ele o empobrece, tornando-o escasso em valor literário, fazendo com que o leitor encontre no que foi escrito o lugar-comum obtido de maneira fácil, muitas vezes resvalando – outro perigo! – em um pieguismo frouxo. Examine os dois fragmentos a seguir:

1. *A ninguém queria. Além do pai. Uma intransigência de cactus, deserto era a zona aflita do seu corpo. Buscou no início compreender. A dificuldade de amar fácil, como planta aceita delicada o crescimento. Mas as plantas terminaram amor proibido, embora as quisesse. Colaborava com seu vicejar, para que cumprissem a perfeição da forma. Marta assoprava e dizia: onde está o teu capricho, planta? E parecia-lhe que também, como ela, a planta crescia frondosa, de segredos intangíveis. Comovia-a o crescer sem deformações excedentes. Se ao menos fosse pássaro, proclamou perto do rio.*

Nélida Piñon. *A casa da paixão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.17.

2. *Ela não amava ninguém, só amava o pai. O corpo era seco como um deserto, um corpo que não compreendia. E cultivava plantas lindas e viçosas, aguando-as sempre para que se tornassem maravilhosas. Perguntava a elas por que eram tão bonitas. Ela também fora sempre bela como um pôr do sol ou como o nascer da alvorada. Não tinha defeitos físicos, esperava um príncipe encantado que a tomasse nos braços e a fizesse feliz. As maçãs de seu rosto eram delicadas e seu perfume era suave como o de uma rosa recém-aberta.*

Recriação do texto anterior.

Entendeu agora o que é clichê?

É o lugar-comum, imagem desgastada de tanto ser usada ("bela como um pôr do sol"/ "nascer da alvorada"/ "príncipe encantado que a tomasse nos braços e a fizesse feliz"). Há um outro nome com o qual designamos o lugar-comum: **estereótipo**.

É mais fácil encontrar os tais estereótipos em letras de música. Veja aqui um exemplo de uma canção de Chico Buarque.

O Casamento dos Pequenos Burgueses

Ele faz o noivo correto
E ela faz que quase desmaia
Vão viver sob o mesmo teto
Até que a casa caia
Até que a casa caia

Ele é o empregado discreto
Ela engoma o seu colarinho
Vão viver sob o mesmo teto
Até explodir o ninho
Até explodir o ninho

Ele faz o macho irrequieto
E ela faz crianças de monte
Vão viver sob o mesmo teto
Até secar a fonte
Até secar a fonte

Ele é o funcionário completo
E ela aprende a fazer suspiros
Vão viver sob o mesmo teto
Até trocarem tiros
Até trocarem tiros

Ele tem um caso secreto
Ela diz que não sai dos trilhos
Vão viver sob o mesmo teto
Até casarem os filhos
Até casarem os filhos

Ele fala de cianureto
E ela sonha com formicida
Vão viver sob o mesmo teto
Até que alguém decida
Até que alguém decida

Ele tem um velho projeto
Ela tem um monte de estrias
Vão viver sob o mesmo teto
Até o fim dos dias
Até o fim dos dias

Ele às vezes cede um afeto
Ela só se despe no escuro
Vão viver sob o mesmo teto
Até um breve futuro
Até um breve futuro

Ela esquenta a papa do neto
E ele quase que fez fortuna
Vão viver sob o mesmo teto
Até que a morte os una
Até que a morte os una

Chico Buarque. *Ópera do malandro*. Brasil: Polygram. Lado B, faixa 3. 1977. © Marola Edições Musicais.

Baseada em clichês, a letra de Chico Buarque estereotipa o casamento desde a cerimônia (o desmaio da noiva, a postura do noivo), passando pelos lugares-comuns da vida em matrimônio (ele, bom trabalhador; ela, boa dona de casa e tendo muitos filhos) até, enfim, a decadência da relação: ele, infiel, pouco carinhoso; ela, sem desejo, envelhecida. O clichê, quando recurso literário, produz diversos efeitos de sentido, entre eles, o da ironia ou da crítica aos valores tradicionais, como é o caso de "O casamento dos Pequenos Burgueses". No entanto, em uma redação, pode tornar o texto fraco, caracterizando o autor como reprodutor do discurso de massa, sem posição crítica perante o mundo.

Mas, não se engane. Se no texto narrativo escrito o estereótipo é um grande mal, observe que, muitas vezes, em uma tirinha de HQ ele é adequado porque sugere banalidade e, por isso mesmo, faz rir quando a reconhecemos.

Na tirinha a seguir, o terceiro quadrinho indica perfeitamente isso. Nele, o cartunista Laerte mostra que o óbvio foi usado com um objetivo claro. Mas não deixa de ser lugar-comum: "doce ternura e o calor de minha mãe".

Fig. 1 Texto narrativo.

Mas o que fazer para fugir?

Aí está uma pergunta muito importante. O que fazer para fugir ao que, no seu texto, pode ser considerado – pelo corretor – como lugar-comum?

Em primeiro lugar, é preciso saber distinguir entre o que acrescenta algo à narrativa e o que, certamente, a banalizará. Para que isso ocorra, é preciso alimentar o gosto estético, ler bastante – jornais, revistas, romances, contos, crônicas. Sem ler, como é possível encontrar competência para saber o que é bom ou ruim?

É impossível escrever bem **sem antes ter sido um bom leitor**.

A palavra tem um poder especial, encantatório, humano. Com ela, podemos criar e recriar.

TEXTO COMPLEMENTAR

A História e os historiadores também se encarregam, tal como quando escrevemos narrativas, de compor tipos humanos. Na redação escolar ou na literatura, é preciso construir a verossimilhança e, sobretudo, fugir ao uso sistemático dos clichês. A carta a seguir é de Pero Vaz de Caminha. Observe a riqueza de detalhes:

[...]

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, benfeitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beiço de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobrepente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia míngua mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem-vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

[...]

Pero Vaz de Caminha. *Carta a el rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Olhe bem para este rosto. Observe os cabelos que revelam uma certa época (Qual?), a testa larga, os olhos interrogativos, meio entristecidos, o nariz resoluto, do tipo clássico.

Que atributos você daria à boca? Está quase sorrindo ou faz-nos pressentir más palavras?

Nossa personagem veste-se de maneira sofisticada.

Olhe bem, investigue o caráter desse homem: quem poderia ter sido? Que importância teve ele para a humanidade?

É um político, um legislador, um rei, um pastor anglicano, um músico, um inventor, um cientista?

Sem saber de quem se trata, escreva uma pequena história sobre esse homem:

a) A narrativa deverá ser feita em terceira pessoa, com narrador onisciente.
b) Escolha o tempo, o espaço, dê-lhe uma profissão e descreva o que faz.
c) Evite o uso dos clichês e lugares-comuns na sua narrativa.
d) Por fim: lembre-se de dar um nome à personagem.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

ERRATAS

Na página a seguir, considere como correto o seguinte trecho:

*[...] Não é necessário considerar em sua redação o fato de a mulher da foto ser uma pedinte, **mas** é bom que você conheça esse dado[...].*

Pena: Prisão simples, de 10 dias a um mês, ou multa.

Há mais de 30 anos, a Unesco proclamou a Declaração dos Direitos dos Animais. Apesar disso, cenas como a que você pode ver na foto acontecem: quem menos possui parece exercer com mais consciência a compaixão pelos ditos "animais irracionais".

Não é necessário considerar em sua redação o fato de a mulher da foto ser uma pedinte, mas é bom que você conheça esse dado. Lembre-se que todas as pessoas deste mundo têm perspectivas, sonhos e desejos. Qual a história vivida por ela e pelos animais?

Você deverá obrigatoriamente usar discursos diretos e indiretos em sua narrativa que será levada a efeito em 3ª pessoa.

Exercícios propostos

1 **Fuvest** Leia:

Tentei rir, para mostrar que não tinha nada. Nem por isso permitiu adiar a confidência, pegou em mim, levou-me ao quarto dela, acendeu vela, e ordenou-me que lhe dissesse tudo. Então eu perguntei-lhe, para principiar, quando é que ia para o seminário.

– Agora só para o ano, depois das férias.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*.

Neste excerto, que narra um fato ocorrido entre Bentinho e sua mãe, observa-se o emprego do discurso direto e do discurso indireto.

a) Transcreva os trechos em que é empregado o discurso indireto.
b) Transponha esses trechos para discurso direto, efetuando as necessárias adaptações.

2 **Fuvest** Leia:

De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, cada um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Rubem Braga. "Tuim criado no dedo".

Neste excerto de "Tuim criado no dedo":

(a) o narrador em terceira pessoa emprega o discurso indireto para assimilar o ponto de vista do menino.
(b) repetições, diminutivos, simplicidade sintática introduzem no discurso a perspectiva do menino.
(c) a escassez de adjetivos torna concreta a visão substantiva, própria da infância.
(d) o narrador em primeira pessoa utiliza o discurso direto para recriar a visão infantil.
(e) diminutivos, predomínio da subordinação e sinestesias recriam o registro da percepção geral infantil.

3 Leia:

1 *– Mas pra você não é uma pouca vergonha, é? – ela disse, secando as lágrimas. Voltava ao desafio.*
2 *– Eu sou homem, ou você não entende isto?*
3 *– Não entendo.*
4 *O Dr. Paranhos quedou-se quieto por um tempo marcado em séculos no relógio da agonia. Seus olhos baixaram para a mesa e assim ficaram, enquanto sua inteligência buscava uma forma clara de ilustrar a madrinha. Por fim, suspirou e disse:*
5 *– Eu tenho um argumento que você vai entender.*
6 *Levantou-se com certa dificuldade e ausentou-se da cozinha, onde ficamos suspensos por um fio em pleno abismo. Logo, porém, ele retornou com o argumento na mão. Girou o tambor do argumento. Depois, com um gesto calmo, solene, botou o argumento na cintura. Sentou-se novamente e disse, pausadamente:*
7 *– Tem uma coisinha, Dirce: ou este tal de feminismo acaba hoje, ou o que acaba é a tua mesada, se não acabar minha paciência antes. Certo? Agora vamos jantar.*

Ernani Issó. *O Sempre lembrado*. Porto Alegre: IGEL/IEL, 1989. p.136-7.

Para substituir no texto o discurso direto pelo indireto, foram elaboradas as três reescritas seguintes, uma para cada passagem do texto indicada entre parênteses.

I. Secando as lágrimas, ela perguntou que para ele não era uma pouca vergonha. (1º parágrafo)
II. Ele disse que tinha um argumento que ela iria entender. (5º parágrafo)
III. O Dr. Paranhos disse a Dirce uma coisinha: ou este tal de feminismo acabava neste dia, ou o que acabava era a mesada dela, se não tivesse acabado a paciência dele antes. (7º parágrafo)

Quais são corretas?

(a) Apenas I.
(b) Apenas II.
(c) Apenas I e III.
(d) Apenas II e III.
(e) Todas.